



ISCTE - IUL | Mestrado Integrado em Arquitectura | Ano Lectivo 2010-2011 | Projecto Final de Arquitectura

PROJECTO FINAL DE ARQUITECTURA

ISCTE - IUL | Mestrado Integrado em Arquitectura | Ano Lectivo 2010-2011 | Vanessa Marques Ribeiro

A ARQUEOLOGIA E O TURISMO | O Caso da Península de Tróia

IDENTIFICAÇÃO DOS ORIENTADORES

VERTENTE PROJECTUAL

Paulo Tormenta Pinto (Coordenador),
Professor Auxiliar do ISCTE-IUL

Ana Lúcia Barbosa,
Assistente Convidada do ISCTE-IUL

VERTENTE TEÓRICA

Ana Vaz Milheiro,
Professora Auxiliar do ISCTE-IUL

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	5
-------------------------	---

PARTE I

1.1. Workshop.....	14
--------------------	----

Tarefa 1, Imagem de Mistério com cadeira, livro e janela;

Tarefa 2, Torre ou Ponte com objectos comuns.

1.2. Tema II.....	23
-------------------	----

Reconhecimento do território e estratégia proposta.

1.3. Tema I.....	41
------------------	----

Intervenção nas Ruínas + Centro de Interpretação.

1.4. Tema III.....	52
--------------------	----

Hotel de Charme.

PARTE II

2.1. Trabalho Teórico.....	70
----------------------------	----

Construções sobre palafitas:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade.

1. Apresentação

1.1. Organização de Objectivos e Conteúdos	73
--	----

1.2. Enquadramento	74
--------------------------	----

2. Exemplos de Arquitectura de Palafitas em Portugal descritas no *Inquérito À Arquitectura Regional*

2.1. Denominação.....	79
-----------------------	----

2.2. Enquadramento Histórico e Geográfico	81
---	----

2.2.1. Palheiros do Litoral	86
-----------------------------------	----

2.2.2. Palheiros do Rio	89
-------------------------------	----

2.3. Caracterização Formal	91
----------------------------------	----

2.3.1. Implantação.....	91
-------------------------	----

2.3.2. Tipologia.....	94
-----------------------	----

2.3.3. Materiais.....	104
-----------------------	-----

2.3.4. Sistema Construtivo	109
----------------------------------	-----

3. 50 anos depois do *Inquérito*

3.1. Índice dos Locais Visitados e Casos de Estudo	117
3.2. Palheiros do Litoral	119
3.2.1. Enquadramento e Situação Actual	120
3.2.2. Caso de Estudo	123
3.3. Palheiros do Rio	132
3.3.1. Enquadramento e Situação Actual	133
3.3.2. Caso de Estudo I	135
3.3.3. Caso de Estudo II	140

4. Considerações Finais

4.1. Conclusão.....	144
---------------------	-----

5. Apêndice

5.1. Palafita Reinterpretada	148
5.1.1. Antecedentes	148
5.1.2. Contemporaneidade	152
5.1.3. Dois exemplos em Portugal	154

6. Anexo

6.1. Fotografias presentes no <i>Inquérito</i>	159
6.2. Registos Fotográficos dos Locais Visitados - Litoral.....	166
6.3. Registos Fotográficos dos Locais Visitados - Rio	170
6.4. Entrevista ao Arquitecto Carlos Castanheira	175

PARTE III

3.1. Fontes	177
-------------------	-----

Bibliografia Geral e Bibliografia Específica.

ANEXOS

4.1. Ficha de Unidade Curricular	187
4.2. Enunciados dos Temas I,II e III e Workshop	196
4.3. Enunciado do Laboratório.....	206

INTRODUÇÃO

Este ano, o tema central abordado na cadeira de projecto foi a relação entre Arqueologia e o Turismo. Estas áreas, apesar de distintas, complementam-se. Os sítios arqueológicos se valorizados de forma funcional, incluindo a criação de percursos de visita, tornam-se importantes pontos de interesse turístico.

Foi proposto como local de estudo para trabalhar os temas mencionados, a Península de Tróia, no concelho de Grândola. Nestes últimos anos Tróia tem sido alvo de diversos planos urbanísticos, relacionados na sua maioria com programas turísticos. Esta península encontra-se dividida em vários núcleos denominados “UNOP’s” consoante o Plano de Ordenamento do Território previsto. A área escolhida para intervenção e valorização dá pelo nome de “UNOP 4” e compreende o núcleo científico e ambiental da península. A “UNOP 4” é uma zona classificada como Reserva Ecológica Nacional e por conseguinte ainda pouco explorada. Este núcleo situa-se no lado nascente da península é banhado pela bacia do Sado e “encerra” uma caldeira. Esta Caldeira é uma lagoa que forma uma reentrância na península, com um comprimento de 2,5 km e largura com cerca de 300 metros. Sendo uma lagoa que comunica com o estuário do Sado está sujeita à influência das marés, tornando-se um espaço praticamente seco na *baixa-mar* e formando um imenso espelho de água na *praia-mar*. Os fundos da lagoa são compostos de areia e lodosos à medida que nos aproximamos do interior da península dando origem a manchas de sapal. Toda a envolvente é composta por dunas com tipos de vegetação distintos desde as zonas de sapal, mais húmidas, até às zonas compostas de pinhais e áreas de zimbral. Aqui, é possível observar inúmeras aves, sendo uma zona muito produtiva e de elevada importância para a conservação da biodiversidade. A Caldeira tem, de facto, significativa importância na paisagem e na natureza deste local.

O tema Arqueologia foi abordado durante o primeiro semestre. As ruínas romanas de Tróia situadas numa língua de areia entre o Estuário do Sado e a Caldeira descrita anteriormente, estão classificadas como Monumento Nacional desde 1910. O acesso a estas é feito através de um caminho de terra batida com cerca de 2,5 quilómetros, a partir da via principal que percorre toda a península de norte a sul. No referido Plano de Ordenamento está previsto a edificação de um Centro de Interpretação e um Hotel de Charme, assim como, a valorização paisagística das Ruínas Romanas agregando a estas um percurso de visita. Com o objectivo de estudar e valorizar este local, a turma foi organizada em grupos de forma a conseguir um processo de trabalho com troca de ideias e diferentes opiniões, que fosse resultar num projecto coerente no seu todo. Foi-nos pedido um Centro de Interpretação Arqueológico, e um percurso que permitisse a visita às ruínas. A área

de intervenção nas ruínas foi dividida em cinco parcelas, que foram depois distribuídas por cada membro do grupo. A parcela 1 correspondia ao Núcleo Industrial e ao Templo Paleocristão; a parcela 2 correspondia às Sepulturas de mesa, sistema hidráulico e Unidade Fabril; a parcela 3, ao Balneário; Núcleo fabril e Mausoléu; a parcela 4, à Rua da Princesa; e a parcela 5 às Cetárias da orla costeira.

ESTRATÉGIA

Ao fazer parte de um grupo que integrava três pessoas ao todo e nesse sentido, dividimos as ruínas em três parcelas: a primeira, abrangendo o Núcleo Industrial, o *Templo Paleocristão*, as *Sepulturas de Mesa* e *Sistema Hidráulico* e a *Unidade Fabril*; a segunda, correspondente às *Termas*, *Núcleo Fabril* e *Mausoléu*; a terceira, parcela que me foi atribuída trabalhar individualmente, abrangendo a *Rua da Princesa* e as *Cetárias* da orla costeira.

As propostas individuais de percurso foram desenvolvidas procurando em conjunto, uma resposta ao problema que tivesse um fio condutor e um conceito geral, que estivesse presente em cada uma delas. A ideia de um percurso circular com pontos de visualização e de paragem, mas que também permitisse a possibilidade de um contacto mais directo com as ruínas foi a base para a consolidação do projecto.

Para além desta intervenção no sítio arqueológico, foi importante a sua relação com uma outra intervenção, mais conceptual e a uma escala mais abrangente, que incluísse a Caldeira, os acessos principais de Tróia, e os acessos ao sítio arqueológico e ao respectivo Centro Interpretativo em particular. Como explicitado na primeira apresentação de grupo, começámos por fazer a comparação entre a Península de Tróia e uma folha de árvore: tal como na folha, a Península de Tróia tem apenas uma “nervura” principal ou uma coluna vertebral que interliga e conduz aos diferentes núcleos existentes ao longo desta. Este eixo distribuidor divide a península de Tróia em duas partes: o lado nascente correspondente ao rio Sado e à Caldeira; e o lado poente correspondente ao oceano Atlântico. Este eixo culmina no núcleo central de Tróia, a norte. Pensámos existir uma separação entre estas duas frentes de Tróia, e pretendemos criar maior permeabilidade e comunicação entre elas através de percursos e áreas de observação que permitam o conhecimento de toda a zona da Caldeira incluindo nestes percursos, o acesso ao centro arqueológico.

Com esta proposta faz-se o aproveitamento dos elementos, entre eles, os percursos pedonais existentes, renovando-os, criando uma unidade que os torne identificáveis para quem os percorre, e da morfologia existente, articulando os diferentes

usos susceptíveis de serem introduzidos no lugar, tais como áreas de ócio, contemplação e reflexão devidamente conectadas e relacionadas através dos percursos já mencionados, em redor da Caldeira. Por meio de elementos pontuais procura-se abordar novas perspectivas do lugar.

Outra ideia, abordada de forma mais conceptual, foi a de criar atravessamentos entre as duas margens da Caldeira, aproveitando a *baixa-mar*. Surgiam assim, à medida que o nível de água diminuísse blocos de betão implantados estrategicamente, que iriam permitir a passagem de uma margem à outra.

VALORIZAÇÃO DAS RUÍNAS

O Centro de Interpretação Arqueológico foi trabalhado individualmente sempre tendo em conta a intervenção nas ruínas e o percurso geral de visita. Cada elemento pensou em locais de implantação do edifício diferentes não deixando de existir uma articulação entre este e as ruínas ou entre este e a sua relação com o percurso pensado para as ruínas.

Fazendo agora uma abordagem ao trabalho que desenvolvi individualmente, a relação física e visual com o local é, sem dúvida, elemento estruturante na concepção do projecto para o centro de interpretação e circuito de visita. Na área correspondente às ruínas romanas, o relevo acentua-se pela presença das dunas na face Nordeste, voltada para o Estuário do Sado. A cota do terreno vai diminuindo com a aproximação da Caldeira, localizada a Sudoeste.

As ruínas implantam-se nas zonas de menor cota, como é o exemplo do núcleo da *Rua da Princesa*, e do conjunto do *Mausoléu*, *Termas* e *Oficinas de Salga*. Com esta realidade física, o aproveitamento da morfologia do terreno tornou-se indispensável, na forma como passadiços e o próprio centro de interpretação são implantados. Pretendi criar uma interligação entre estes dois elementos – o circuito de visita e o edifício -, através de um sistema de eixos. Sendo assim, um eixo é traçado, apresentando-se á mesma cota desde a *Rua da Princesa*, sendo este constituído por uma passagem a cota inferior entre muros de contenção de betão, forrados com *aço-corten*. Esta passagem é parte integrante do centro de interpretação que surge à mesma cota. Desta passagem que dá origem ao percurso de visita, chegamos então, à *Rua da Princesa*, depois de termos passado pelo Centro, através deste eixo que continua sempre à mesma cota tornando-se um passadiço superior à medida que se aproxima da orla costeira, e que em seguida, continua para o lado esquerdo sempre paralelo à costa e sempre à mesma cota, de modo a permitir a visita das ruínas localizadas na orla costeira. O pavimento onde assentam as ruínas da *Rua da Princesa* é constituído pelo mesmo material utilizado nos pavimentos do *Núcleo Fabril*,

Mausoléu e Termas, para uma leitura uniforme em todo o campo arqueológico. Os passadiços referidos anteriormente têm estrutura e guardas em *aço-corten* e pavimento em madeira, seguindo a mesma materialidade presente na passagem que dá acesso ao centro de interpretação.

O Centro de Interpretação reúne a utilização do betão à vista, madeira e *aço-corten*. O seu piso principal encontra-se “enterrado” no seguimento do eixo principal já referido. É caracterizado por um sistema de rampas e escadas que dão acesso a patamares superiores de alturas diferentes na cobertura do edifício e que permitem uma visualização geral do campo arqueológico assim como de toda a natureza envolvente a este lugar. Este edifício alberga o programa proposto preparando os visitantes para a posterior visita às ruínas romanas constituindo espaços que têm como função proporcionar bases necessárias ao conhecimento da história das mesmas, através de espaços expositivos permanentes e temporários, salas destinadas a conferências ou apresentações, que completam as visitas guiadas, e também espaços de lazer, como o bar que oferece uma vista privilegiada para a Caldeira. Outra função importante deste edifício é, o facto, de servir igualmente os arqueólogos que aqui trabalham e fazem as suas escavações e estudos arqueológicos, estando assim lado a lado, o trabalho de campo e o trabalho de laboratório.

HOTEL – SPA

O tema Turismo é abordado no segundo semestre onde se propõe a elaboração de um Hotel e SPA. Em primeiro lugar, comecei por estudar as diferentes possibilidades de implantação deste Hotel. A estratégia de grupo e o exercício anterior foram condicionantes. Considerei importantes as vias de circulação pedonais existentes em redor da Caldeira, assim como a intenção de grupo de criar ligações pedonais entre o lado nascente e poente da mesma fazendo, ao mesmo tempo, o aproveitamento do que a morfologia do território nos oferece. O contacto visual com o local de implantação dos centros interpretativos Arqueológico e Ambiental (este último também proposto no P.R.O.T) teve importância, assim como, a interligação entre estes e o Hotel através dos percursos pedonais propostos. O local escolhido para a implantação do Hotel está protegido da via principal de Tróia devido à topografia do terreno, no entanto, está também bastante perto desta, daí uma maior facilidade de acesso.

O edifício encontra-se na margem oposta da Caldeira relativamente ao núcleo arqueológico, permitindo o contacto visual e tem uma relação perpendicular com a margem da água. A contemplação da paisagem próxima a partir do edifício e a sua relação directa com o caminho pedonal que envolve a Caldeira tem importância relevante na sua forma. A forma proposta é

bastante ortogonal e regular, estabelecendo desde logo uma divisão volumétrica entre as três zonas principais: zonas comuns, zona do Spa e zona de quartos. Essa divisão é perceptível nos três volumes que constituem o todo. Um deles, térreo, corresponde aos espaços comuns e áreas públicas e está disposto *paralelamente* à linha de água; os outros dois elevados sobre pilares e perpendiculares à linha de água, correspondem, um deles ao Spa e o outro aos quartos.

WORKSHOP

A meio do ano lectivo, logo no início do segundo semestre, foi-nos proposta a realização de um exercício complementar composto por duas tarefas a desenvolver em grupo. A primeira, denominada “Imagem mistério, com livro, cadeira e janela”, tinha como objectivo a composição de uma imagem com os objectos descritos no título, que sugerisse interrogação acompanhada por uma narrativa. Essa narrativa deveria ampliar o mistério apresentado na imagem, sendo esta, parte integrante de uma sequência de dez imagens.

O trabalho efectuado apresenta uma série de imagem que contam uma história, em que o livro – um álbum de fotografias – é sempre o mesmo, variando, no entanto, os locais onde este se encontra, sendo estes locais sempre compostos por uma janela e uma cadeira ou objectos que os representem. As imagens que se encontram no álbum de fotografias são da autoria de Robert Doisneau (1912-1994), fascinado pelas fotografias de rua que retratam a vida social dos parisienses. Buscando uma ideia de memória e nostalgia, o eventual dono deste álbum procura na cidade de Lisboa imagens que remetam para aquelas que guarda no seu álbum de fotografias, resultando daí uma série de dez imagens que buscam uma realidade paralela e que de alguma forma contam uma história.

A segunda proposta, denominada “Torre ou ponte construída com objectos comuns”, tinha como objectivo a instalação de uma torre ou ponte com uma extensão de um metro de comprimento que deveria ser realizada apenas com um mesmo objecto repetido em assemblagem. Esse objecto deveria ser de uso quotidiano.

Foi construída uma torre, tendo sido escolhido como objecto, ferragens para dossier. Este objecto permitia um encaixe resistente e a possibilidade de edificar uma torre com a utilização de um sistema modular de treliças triangulares dando origem a uma torre sólida, resultado de uma estrutura metálica resistente.

TRABALHO TEÓRICO

Para além, desta vertente projectual, foi desenvolvida em simultâneo, a vertente teórica incluída na Unidade Curricular de Projecto Final de Arquitectura, onde foi escolhido um laboratório de investigação. Neste caso o de História e Teoria da Arquitectura e Urbanismo. O programa de investigação especificado e delineado pela docente foi o estudo e análise do “Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa”, publicado com o título “Arquitectura Popular em Portugal”. O Inquérito à Arquitectura Regional em Portugal, como primeiramente foi designado, realizou-se entre 1955 e 1960, por um grupo de arquitectos divididos em seis equipas, cada qual constituída por três elementos (dois jovens e um mais experiente), estando cada uma destas, responsável por efectuar o levantamento fotográfico e tipológico de uma zona do país, tendo sido ao todo estudadas seis zonas. Coordenado por Francisco Keil do Amaral, presidente do então Sindicato Nacional dos Arquitectos, e subsidiado pelo Ministério das Obras Públicas, o levantamento teve uma primeira publicação em dois volumes, no ano de 1961. Pretende-se assim, promover os 50 anos desta obra muito importante e de grande influência na arquitectura no nosso país até aos dias de hoje.

Os dezoito arquitectos escolhidos para realizar o inquérito à nossa arquitectura popular, três por zona, tiveram inicialmente de definir as directrizes para confirmar uma unidade de elementos de recolha. Com efeito, este estudo revelou as condições de vida do mundo rural português e constituiu uma ambiciosa iniciativa de racionalização daquilo que era intuitivo na arquitectura popular e a sua sistematização como forma operativa para as novas gerações de arquitectos. A arquitectura popular caracteriza-se pela sua originalidade e autenticidade na relação com as condições do lugar e pelos métodos construtivos. Relaciona-se com as condições naturais do “habitat” em que se implanta, a natureza do solo e o clima.

Após uma análise e estudo, esta obra foi dividida pelas zonas geográficas do Inquérito. O meu grupo de trabalho ficou de estudar e analisar a Zona 3, que abrange as Beiras e a Zona 4, que abrange a Estremadura, o Ribatejo e a Beira Litoral. Fizemos uma recolha idêntica para cada zona onde identificámos, os tipos de clima, morfologia do terreno, modos de subsistência e tipologias arquitectónicas, verificando que todos estes elementos se interligam: os modos de vida, a economia, e a natureza envolvente influenciam directamente as tipologias arquitectónicas, os materiais utilizados e as formas de implantação. Em consonância com esta análise ainda fizemos entrevistas a dois arquitectos participantes na obra, directa ou indirectamente, como foi o caso dos arquitectos Francisco Silva Dias e Manuel Tainha. Depois desta

análise rigorosa realizada em grupo, passámos à escolha de um tema individual de investigação. O tema escolhido relaciona-se com uma das tipologias de arquitectura popular presentes no Inquérito, particularmente na zona 4, estudada por Nuno Teotónio Pereira, António Pinto de Freitas e Francisco Silva Dias. Esta tipologia de carácter palafítico, é caracterizada pela elevação dos edifícios sobre estacas e é encontrada no litoral central português mas também nas margens do rio Tejo.

O objectivo do trabalho teórico fixou-se no estudo desta arquitectura de origem popular (zonas de implantação, técnicas e materiais construtivos), e também com a pesquisa de alguns exemplos que se mantêm nos dias de hoje, incluindo as povoações mostradas no Inquérito. Este trabalho propôs igualmente traçar um paralelismo entre o uso da palafita no contexto popular e a sua utilização na arquitectura moderna e contemporânea procurando as potencialidades desta tipologia.

Pretende-se que os trabalhos teóricos possam assumir-se como instrumentos de aprofundamento dos conteúdos programáticos traçados em Projecto. Este tema pode relacionar-se com o trabalho projectual de projecto na medida em que a implantação situa-se numa área de sapal em redor da Caldeira de Tróia idêntica às áreas de sapal encontradas igualmente nas margens do rio Tejo. As soluções encontradas pelas populações para vencer as variações do nível das águas podem e devem ser utilizadas na contemporaneidade adaptando-as às novas tecnologias e novos materiais.

CONTRIBUTOS FUNDAMENTAIS

As visitas de estudo efectuadas ao longo do ano lectivo foram essenciais para a consolidação de conhecimentos. No início, foi importante o contacto directo com o conjunto arqueológico de Tróia assim como a disponibilidade da arqueóloga Inês Vaz Pinto, não só no local como nas conferências que realizou no ISCTE-IUL com o objectivo de informar mas também atender às nossas questões.

No segundo semestre aquando da realização do projecto do Hotel, foram realizadas visitas de estudo a diversos hotéis que nos deram uma perspectiva realista do que é o funcionamento e as necessidades nestes espaços. Entre eles, o *Tróia*

Design Hotel e o *Inspira Santa Marta Hotel*, ambos do atelier Promontório Arquitectos; o *Hotel Aqualuz* em Tróia; e o *Hotel Britania*, antigo *Hotel Império* projectado pelo arquitecto Cassiano Branco e remodelado em 2005, pelo atelier Promontório Arquitectos.

Igualmente importante foi a conferência dada pelo arquitecto Paulo Martins Barata (Promontório Arquitectos) onde fez uma apresentação de projectos de hotéis da sua autoria.

As aulas dadas pelo Professor Gonçalo Byrne foram auxílio fundamental para resolução dos exercícios propostos, não esquecendo o contributo e a disponibilidade dos professores que nos acompanharam ao longo de todo o ano lectivo, o Professor Paulo Tormenta Pinto, a Professora Ana Lúcia Barbosa e a Professora Ana Vaz Milheiro.

PARTE I

1.1. WORKSHOP

TAREFA 1: Imagem Mistério com cadeira, livro e janela.

Trabalho realizado em grupo: Céline Vicente, nº 23435 | Tatiana Cheong, nº 24812 | Vanessa Ribeiro, nº26966

“AS JANELAS DO MEU QUARTO”

Tenho quarenta janelas
nas paredes do meu quarto,
Sem vidros nem bambinelas
posso ver através delas
o mundo em que me reparto.

Por uma entra a luz do Sol,
por outra a luz do luar,
por outra a luz das estrelas
que andam no céu a rolar.

Por esta entra a Via Láctea
como um vapor de algodão,
por aquela a luz dos homens,
pela outra a escuridão.

Pela maior entra o espanto,
pela menor a certeza,
pela da frente a beleza
que inunda de canto a canto.

Pela quadrada entra a esperança
de quatro lados iguais,
quatro arestas, quatro vértices,
quatro pontos cardeais.

Pela redonda entra o sonho,
que as vigias são redondas,
e o sonho afaga e embala,
à semelhança das ondas.

Por além entra a tristeza,
por aquela entra a saudade,

e o desejo, e a humildade,
e o silêncio, e a surpresa,

e o amor dos homens, e o tédio,
e o medo, e a melancolia,
e essa fome sem remédio
a que se chama poesia,

e a inocência, e a bondade,
e a dor própria, e a dor alheia,
e a paixão que se incendeia,
e a viuvez, e a piedade,

e o grande pássaro branco,
e o grande pássaro negro
que se olham obliquamente,
arrepiados de medo,

todos os risos e choros,
todas as fomes e sedes,
tudo alonga a sua sombra
nas minhas quatro paredes.

Oh janelas do meu quarto,
que vos pudesse rasgar!
Com tanta janela aberta
falta-me a luz e o ar.

António Gedeão

"Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora;
E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
Que nunca é o que se vê quando se abre a janela."

Alberto Caeiro, *Janela Fechada*





Robert Doisneau. Renault.



Robert Doisneau. Pelas grades Ao redor dos jardins do Luxemburgo. 1953.





Robert Doisneau. *Coco*. 1952.



M. Barre's Carousel. Robert Doisneau. 1955.





Robert Doisneau. Paris. 1936.



Robert Doisneau. Homem entrega cadeira a mulher do quiosque nos Champs - Elysees. 1951.





O carro *Foundue*. Robert Doisneau. 1944.



Robert Doisneau. Os tabliers da rua de Rivoli. Paris, 1978.





“Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei-de pensar?”

Álvaro de Campos, *Tabacaria*

PROCESSO

Os três elementos constantes que compõem as várias imagens apresentadas são símbolos de mistério: uma janela que projecta algo, um livro que conta uma história e uma cadeira por alguém ocupada. Em conjunto completam um quadro enigmático, e numa sequência de dez imagens exploramos uma história de uma pessoa qualquer, pois a subjectividade de quem olha transporta-nos para realidades intrínsecas às próprias vivências.

A janela é o elemento essencial que compõe todas as imagens, esta sugere um conflito de realidades, o contacto entre dois mundos diferentes, o interior e o exterior. Uma janela fechada quer seja vista através do interior, como do exterior oculta algo que nos permite “ver” além daquilo que de facto existe: “Aquele que olha de fora através de uma janela aberta, não vê nunca tantas coisas quanto aquele que olha uma janela fechada” (Charles Baudelaire, *As Janelas*).

O “livro de recordações” expõe várias fotografias e é o único objecto imutável na sequência das várias imagens, é o fio condutor da história que é contada, sendo uma alegoria ao pensamento que flui. Este diário fotográfico selecciona determinados detalhes da realidade (uma forma, um gesto, um quase nada...) a partir do qual reaviva memórias que poderiam estar associadas a qualquer pessoa e envolvidas pela infância, pelos amores, pelo espaço que reconhecemos e que nos é íntimo. Estas memórias transpõem desta forma a janela que simboliza o limiar entre a realidade e o mundo do pensamento.

A cadeira que surge no mundo real ou nas imagens que retratam o pensamento (aqui assumindo, por vezes, somente a forma de algo em que nos podemos sentar) sugere-nos uma presença, mesmo não tendo uma forma física.

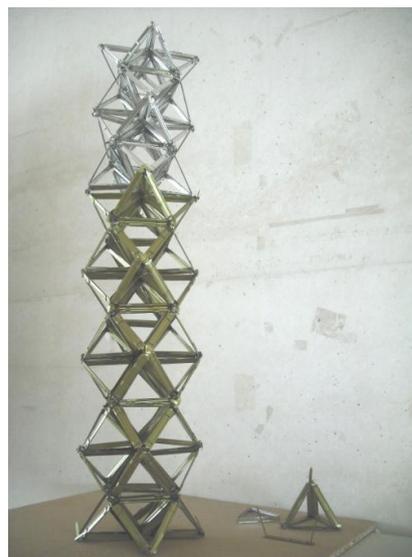
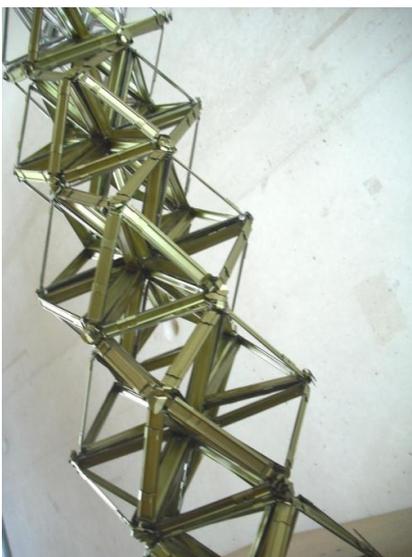
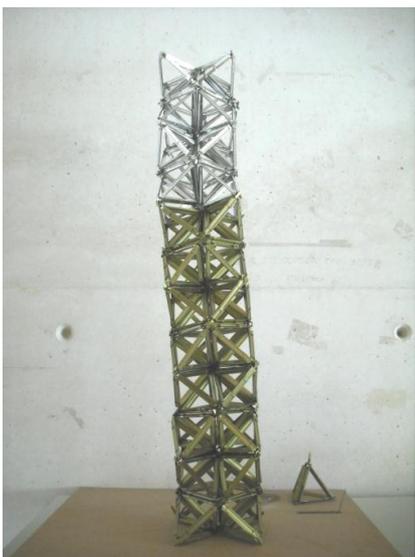
A primeira imagem marca o início de uma história que começa entre quatro paredes, num quarto que nos mostra uma janela fechada, pouco precisa no que revela para além do seu limite. Este vazio sem identidade permite olhar para o nosso íntimo, para um mundo interior, muito mais amplo, onde podemos recordar. E é a partir do diário fotográfico entreaberto que pousa sobre a cadeira afastada dessa janela, que se vai desenvolver um pensamento.

A sequência de fotografias que surge após a imagem que é apresentada inicialmente representa as memórias associadas a um sentimento que é sugerido pelas imagens do diário fotográfico. Nestas emergem sempre os elementos janela e cadeira que tomam formas diferentes da realidade e o livro que mostra a imagem real a partir do qual se exteriorizou uma lembrança inerente. As imagens que compõem o diário são de Robert Doisneau um dos mais populares fotógrafos franceses e pioneiro da arte do fotojornalismo capturou das ruas de Paris imagens comuns das suas pessoas, principalmente as crianças, o humor, a sátira, o cómico e o amor. Nas imagens captadas consegue sempre mostrar o melhor de cada situação: "Eu não fotografo a vida como ela é, mas a vida como eu gostaria que fosse."

A imagem final mostra novamente o quarto com que se iniciou a sequência das imagens, contudo aqui, pretende-se demonstrar como forma de oposição à janela fechada, uma janela que se abre para o exterior e ao qual se junta a cadeira com o livro cerrado. O mundo interior do quarto dá assim lugar à realidade exterior.

TAREFA 2: Torre ou Ponte com objectos comuns.

Trabalho realizado em grupo: Céline Vicente, nº 23435 | Tatiana Cheong, nº 24812 | Vanessa Ribeiro, nº26966



1.2. TEMA II

Trabalho realizado em grupo: Céline Vicente, nº 23435 | Tatiana Cheong, nº 24812 | Vanessa Ribeiro, nº26966

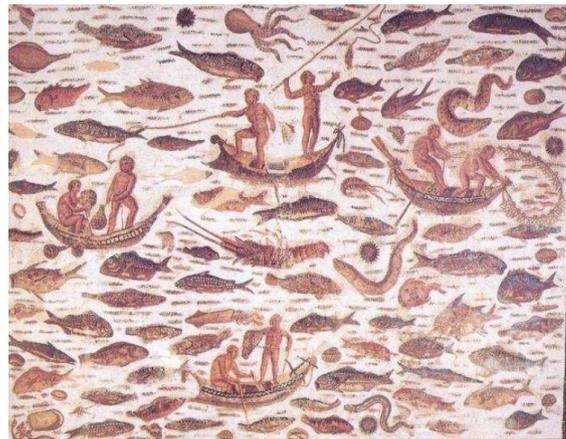
RECONHECIMENTO DO TERRITÓRIO

Evolução Histórica



A origem do nome "Tróia" ainda hoje permanece um mistério, defendendo alguns arqueólogos a possibilidade deste topónimo estar associado à Tróia homérica, dado o seu desaparecimento misterioso e a sucessiva invasão das areias sobre as Ruínas, embora de latitude, cronologia e natureza bem diferentes.

Localizada na margem esquerda da foz do estuário do Sado, a Sul de Setúbal e integrada no arco litoral *Tróia – Sines* da costa ocidental portuguesa, a península de Tróia, dispõe de um conjunto de características excepcionais para as práticas relacionadas com a pesca e a produção de sal, criando condições óptimas à fixação dos romanos neste território.



Imagens cedidas pela arqueóloga Inês Vaz Pinto.

Na época romana Tróia seria uma ilha. Pensa-se que seria a ilha de Ácala referida por Avieno, escritor latino do século IV, na sua obra *Orla Marítima*, mas não há dados arqueológicos que o comprovem. Situava-se no território da cidade de Salácia (Alcácer do Sal) e durante vários séculos foi confundida com a cidade de Cetóbriga, que se sabe hoje ser a cidade de Setúbal.

A estação das Ruínas de Tróia é conhecida desde o séc. XVI, figurando nos textos de Andrade Resende, que as toma erradamente pela cidade de cetóbriga. As primeiras escavações foram ordenadas pela então futura D. Maria I e em 1850 surge a Sociedade Arqueológica Lusitana, com o intuito de escavar Tróia, estes trabalhos incidem essencialmente no núcleo habitacional da rua da princesa e nas termas.

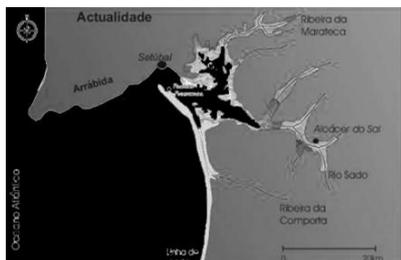
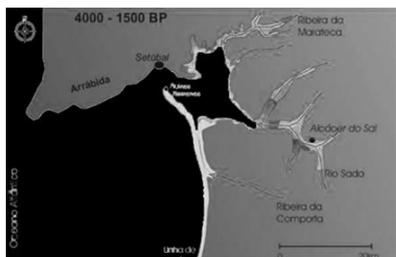
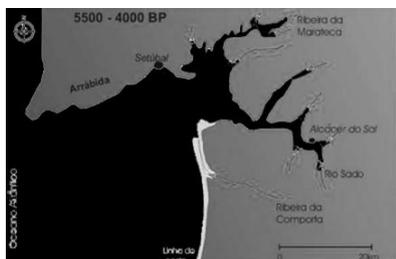
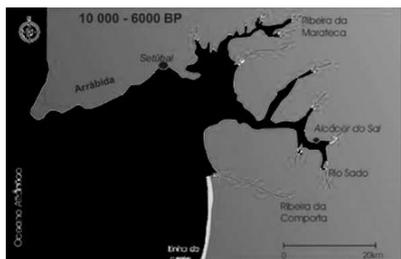
Tróia não foi um caso isolado no Ocidente europeu, na verdade, este centro conserveiro fazia parte de uma complexa cadeia comercial que, centrada no Mar Mediterrâneo (Mare Nostrum), garantiu o abastecimento de produtos e iguarias do mar a todos os grandes núcleos populacionais do Império, incluindo a própria cidade de Roma.

Este grande complexo de produção de salga de peixe terá começado a laborar na primeira metade do século I, e ocupado provavelmente até ao século VI, devido à grande produtividade do lugar.

Entre 1898 e 1933 são efectuados estudos por Inácio Marques da Costa, sendo estes os primeiros publicados sobre as ruínas de Tróia.

Entre 1948 e 1966, começa uma longa serie de escavações dirigidas por Manuel Heleno, seguindo-lhe Fernando de Almeida de 1967 até 1976 tendo o primeiro centrado os seus trabalhos na basílica paleocristã, oficinas de salga que lhe são adjacentes, necrópole das sepulturas de mesa e parte da oficina de salga sudeste de esta. Enquanto o segundo acompanhou a escavação da necrópole da caldeira, das termas (já parcialmente escavadas) e da grande oficina de salga a nordeste de esta.

Actualmente os objectivos são a salvaguarda, a recuperação, o restauro e a valorização das Ruínas, tendo o Tróia resort uma equipa de Arqueologia responsável no sítio desde 2006.



Este grande complexo de produção de salga de peixe terá começado a laborar na primeira metade do século I, e ocupado provavelmente até ao século VI, devido à grande produtividade do lugar.

Tendo-se desenvolvido num povoado desta importância, as ruínas de Tróia são constituídas por diversos núcleos. Além das oficinas de salga, estão a descoberto umas termas com as habituais salas e tanques para banhos quentes e frios, um núcleo habitacional com casas com rés-do-chão e primeiro andar, designado por Rua da Princesa, uma rota aquaria, um mausoléu, necrópoles com diferentes tipos de sepulturas e uma basílica paleocristã com paredes pintadas a fresco.



As **oficinas de salga** eram formadas por tanques (cetárias), de diferentes dimensões (sendo que os de maior dimensão se destinavam ao fabrico da salsamenta enquanto os de dimensão média e pequena serviam o fabrico dos molhos), dispostos à volta de um pátio.



As fábricas eram cobertas e tinham muros que as delimitavam, podendo encontrar-se os tanques ao longo das quatro paredes, em rectângulo, ou ao longo de três paredes, em U.



O maior complexo fabril a descoberto integrava, nos séculos I e II, duas oficinas interligadas e um armazém, não se conhecendo ainda todas as suas dependências e a sua extensão total.

O **conjunto termal** partilha as paredes da maior oficina de salga e ocupa uma área com cerca de 450 m². Eram abastecidas de água por um poço que a conduzia por um pequeno aqueduto a um reservatório de água donde era distribuída para os tanques.

Este complexo é constituído por uma sala de entrada (*palaestra*), um vestiário (*apodyterium*), uma zona fria (*frigidarium*) com dois pequenos tanques para banhos de água fria, uma sala de transição com temperatura morna (*tepidarium*) e uma zona quente (*caldarium*) com um sistema de aquecimento subterrâneo e pequenos tanques para banhos de vapor e de água quente. O que não difere da compartimentação recorrente em complexos romanos com a mesma função.

A sua considerável dimensão e a sua grande sala de convívio e exercício, a *palaestra*, sugerem uma clientela numerosa, que excedia certamente a família proprietária do conjunto fabril e os seus trabalhadores.





Um bairro de casas alinhadas ao longo de uma rua, com vista para o estuário, ficou conhecido como ***Rua da Princesa***.



Nos diários das escavações da Sociedade Arqueológica Lusitana, efectuadas no século XIX, estas casas com rés-do-chão e primeiro andar são descritas como tendo no primeiro andar, no momento da sua descoberta, pavimentos em mosaico e paredes decoradas com pintura mural, hoje desaparecidos.



Não é ainda claro se estas construções eram comparáveis a *insulae*, prédios de habitação social habituais em cidades romanas, ou antes parte de *domus*, casas de pessoas com posses, geralmente com pátio interior.

Inserida num complexo religioso e funerário composto por vários compartimentos, a **basílica paleocristã** apresenta no compartimento a sudoeste paredes com pinturas geométricas que sugerem ter pertencido a uma casa dos séculos II-III enquanto o compartimento a sudeste, foi transformado em necrópole possivelmente no século IV.



Esta assenta, a nordeste, sobre uma oficina de salga desactivada, aproveitando paredes de construções prévias. Tinha três arcadas que dividiam o espaço em quatro naveas transversais e as suas paredes e arcadas foram profusamente pintadas com motivos geométricos, vegetalistas e imitação de mármore em tons de vermelho, cinzento, amarelo e verde azeitona sobre o fundo creme do estuque. Um crísmo, símbolo cristão da época de Constantino, e um cântaro de cuja boca sobe um jorro de água permitem identificar este espaço como cristão. Numa segunda fase, a cabeceira da igreja foi sobrelevada e duas das suas portas foram entaipadas. A grande quantidade de sepulturas na cabeceira e no corpo da igreja sugerem que o espaço se tornou uma basílica funerária.



A basílica terá sido datada de finais do século IV ou inícios do V por Justino Maciel pelo estilo das pinturas, a orientação da igreja e a ausência de inscrições nas sepulturas.

A grande diversidade de **sepulturas** encontradas em Tróia é um reflexo da continuidade da ocupação do sítio ao longo de vários séculos. Mostra ainda um forte contacto com o exterior em que lhes foi permitindo receber novos usos e costumes que se iam propagando pelo Império, mostrando assim, uma evolução das práticas de enterramento e a sua posição perante a morte.

O primeiro momento incide na necrópole da Caldeira, encontrada na margem da laguna da Caldeira. O seu espólio foi integralmente retirado do local original e armazenado no Museu Nacional de Arqueologia. Um recente estudo à cerca desse espólio permitiu reconstituir 150 sepulturas de tipos diversos, de incineração e inumação, datáveis de meados do século I a meados do séc. V.



Também com sepulturas de diversos tipos, a necrópole da basílica é datada dos séc. III-V.

Sobressaem aqui as sepulturas com cobertura em argamassa com cerâmica moída (*opus signinum*) com placas de mármore embutidas e sepulturas cobertas com a mesma argamassa mas de grande dimensão, certamente colectivas. Actualmente encontram-se protegidas por areia.



Possivelmente, como continuação desta necrópole, a sudeste da basílica, encontramos um conjunto de sepulturas de formas variadas feitas na mesma argamassa rosada com cerâmica moída, a necrópole das sepulturas de mesa. Deste conjunto, Sobressaem as de forma semi-circular com depressão central que recriam um leito que se destinava às refeições feitas pelos vivos sobre os sepulcros dos mortos como forma da partilha dos alimentos com estes. Este tipo de sepultura era muito comum na África romana mas, por agora, em Portugal apenas se conhece em Tróia.



Possivelmente dos inícios do século III, construído junto a uma oficina de salga, sobre um armazém de ânforas da primeira fase de produção de salgas, temos o **Mausoléu**.

É um edifício de planta rectangular, com paredes compostas por pedras intercaladas com tijolo e reforçada com contrafortes nas laterais. O telhado actual não é de origem, e a parede acima do lintel da porta terá sido reconstruída nos anos 70 do séc. XX. Não se sabe qual era a altura original das paredes nem se era um edifício com cobertura ou um recinto a céu aberto.

Tem o pavimento completamente preenchido por sepulturas de inumação e nichos nas paredes onde seriam depositadas as urnas.

Ao grande conjunto de sepulturas encontradas à volta do Mausoléu, e sobretudo nas suas traseiras, construídas provavelmente no século V, dá-se o nome de necrópole do mausoléu. Esta necrópole terá sido construída numa fase em que o complexo febril já estaria ao abandono, chegando a apropriar-se do seu espaço.



PLANO DE PORMENOR DO NÚCLEO CIENTÍFICO E CULTURAL - UNOP 4

- área: 266 hectares
- domínio público hídrico
- sítio PTCO0011 - estuário do Sado da rede natura 2000
- reserva ecológica nacional (REN)
- zona exterior de influência da reserva natural do estuário do Sado (RNES)
- servidão da estação arqueológica de Tróia
- rede de distribuição de energia eléctrica
- rede de distribuição de água e rede de drenagem de águas residuais
- rede rodoviária
- servidão militar das instalações da marinha

Objectivos

- protecção e valorização do património natural

Concepção do Espaço

- área de intervenção do plano de pormenor é classificada como solo rural
- divisão em parcelas:

P1 – centro de interpretação + ruínas romanas + palácio Sottomayor

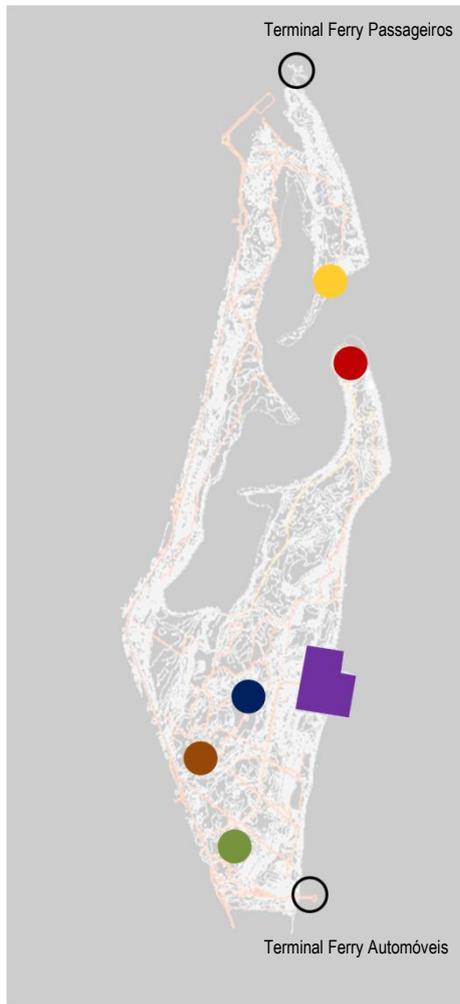
P2 – aldeamento turístico (Ecoresort)

P3 – centro desportivo (Ecoresort)

P4 – serviços

P5 – centro de interpretação ambiental

- rede de percursos pedonais que envolvem a zona da caldeira (observação das aves)
- caminhos existentes delimitados e passadiços
- não há abertura de novas vias, acessos em função do que já existe
- Ecoresort: sistema de lagoas artificiais (garantir reservas de água para regas noutros locais)
- edifício de escritórios de apoio ao complexo turístico e restantes equipamentos
- unidades de alojamento: 125 camas (número máximo de camas – 700 camas).



PLANOS URBANÍSTICOS CONDICIONANTES

UNOP 4 - núcleo científico e cultural

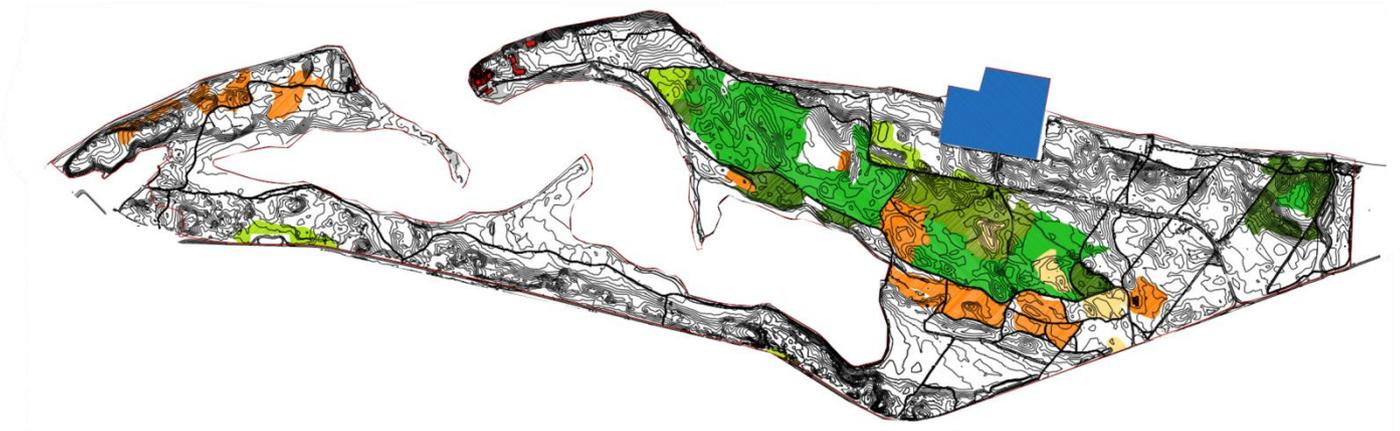
DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

O quadro regulamentar do PU de Tróia define dois tipos de ocupação:

- Área de comércio e de serviços
- Aldeamento turístico com 435 camas

- RUÍNAS ROMANAS E CENTRO ARQUEOLÓGICO + HOTEL PALÁCIO SOTTOMAYOR
- CENTRO CIENTÍFICO E AMBIENTAL
- ALDEAMENTO TURÍSTICO - ECORESORT
- CENTRO DESPORTIVO E ÁREA DE SERVIÇOS
- CENTRO EQUESTRE
- INSTALAÇÕES MILITARES

UNOP 4 – Núcleo Científico e Cultural.

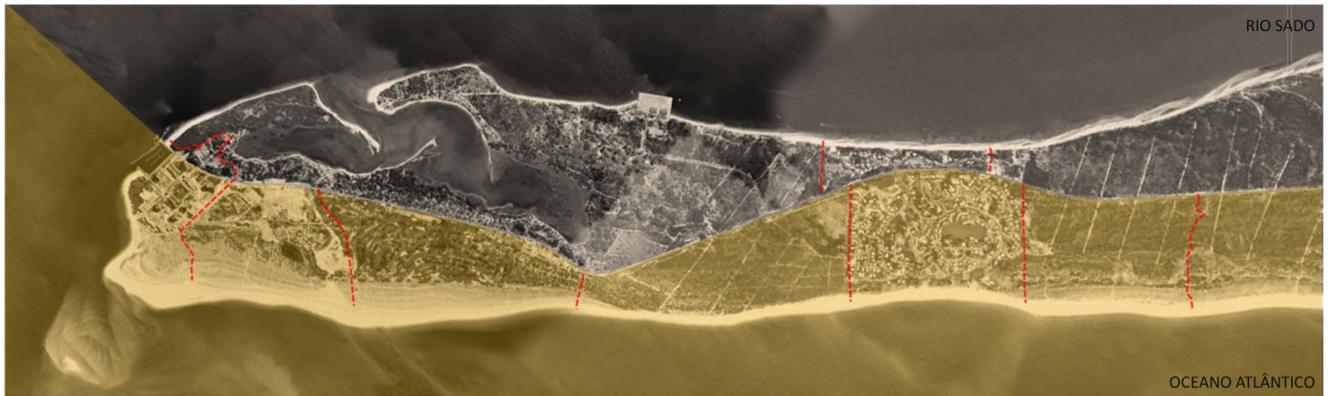


Coberto Vegetal

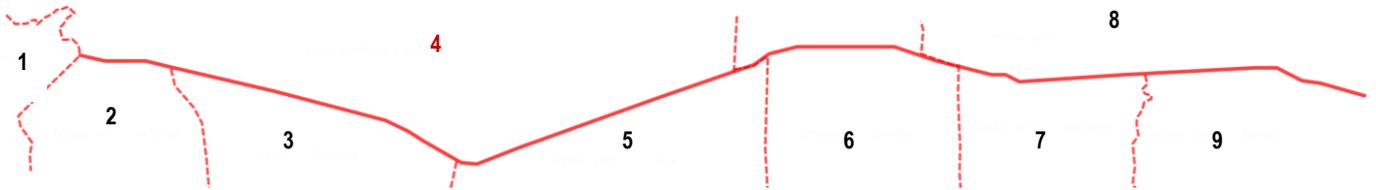
-  Acacia
-  Eucaliptal
-  Eucaliptal + Acacia
-  Eucaliptal / Matos
-  Eucaliptal / Pinhal

Áreas Intervencionadas

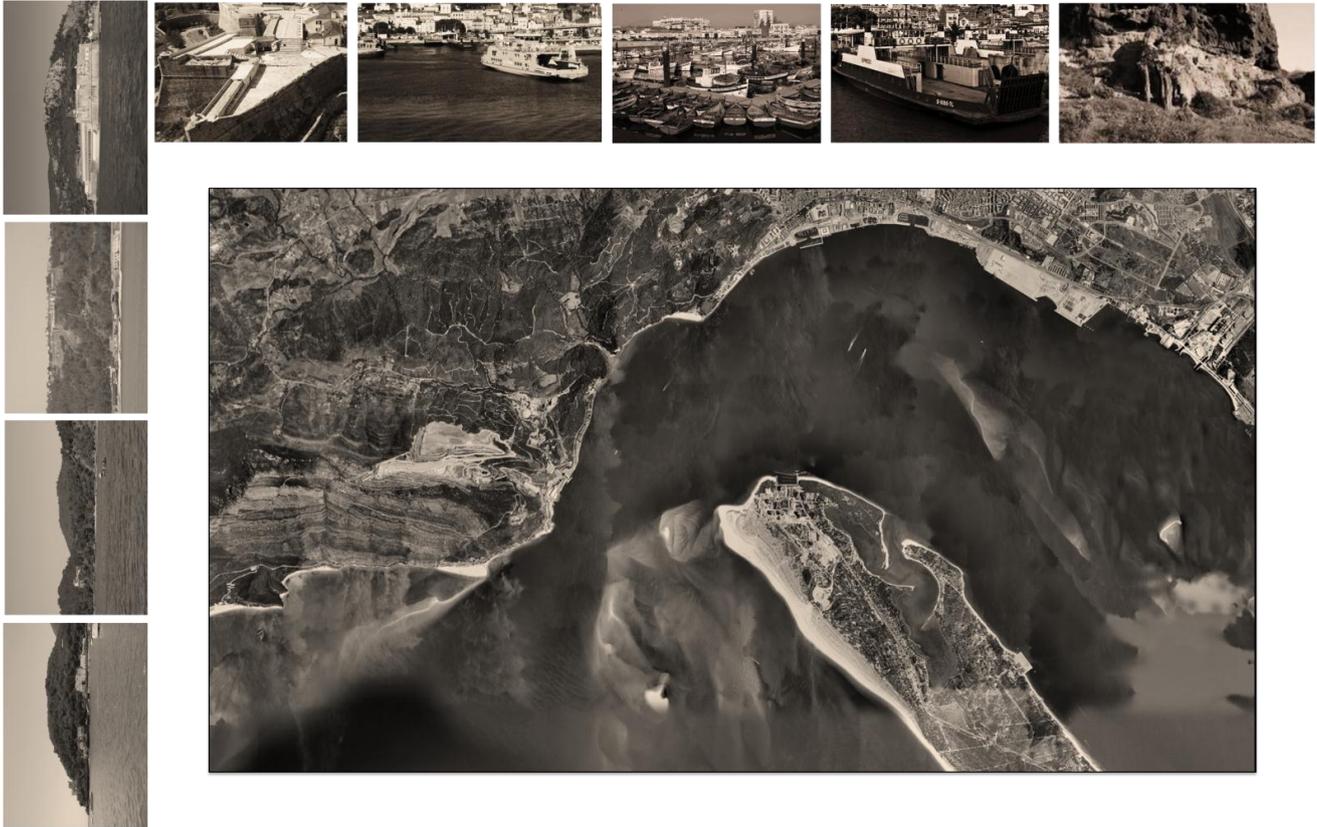
-  Área Agrícola Abandonada
-  Área Humanizada



Relação Oceano-Rio.



1. Núcleo Urbano
2. Núcleo Urbano-Turístico
3. Núcleo Golfe-Hotel
- 4. Núcleo Científico e Cultural**
5. Núcleo Turístico Central
6. Loteamento Sol-Tróia
7. Núcleo Turístico Sol-Norte
8. Núcleo Golfe
9. Núcleo Turístico Sol-Sul



Paisagem Envovente.

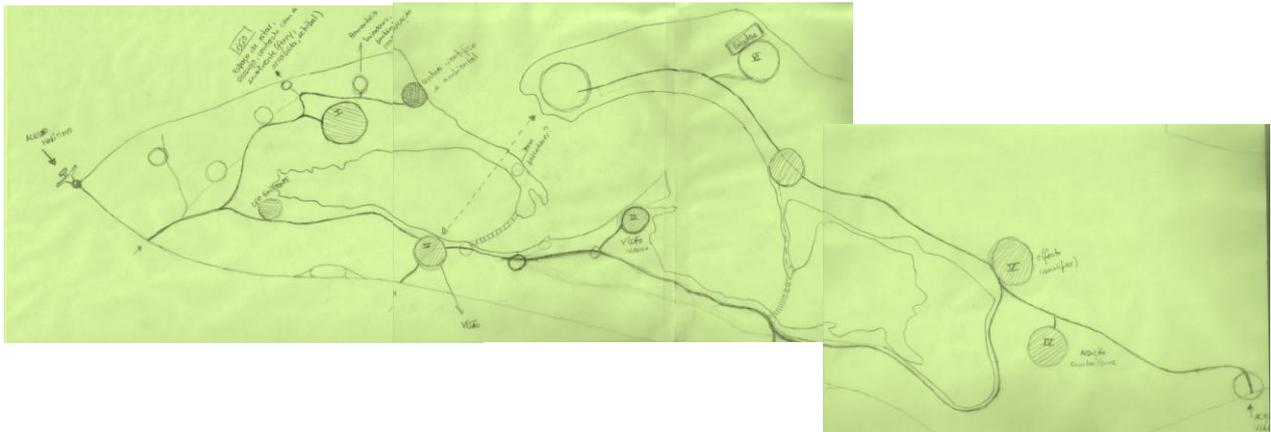
ESTRATÉGIA PROPOSTA

Fizemos a comparação entre uma folha de árvore e a península de Tróia.

Tal como na folha, a península de Tróia apenas tem uma “nervura” principal: uma coluna vertebral que interliga e conduz aos diferentes núcleos existentes ao longo desta. Este eixo distribuidor divide a península de Tróia em duas partes: o lado nascente correspondente ao rio Sado e à caldeira; e o lado poente correspondente ao oceano Atlântico. Este eixo culmina no núcleo central de Tróia, a norte. Pensamos existir uma separação entre estas duas “faces de Tróia, e pretendemos criar maior permeabilidade e comunicação entre elas através de percursos e áreas de observação que permitam o conhecimento de toda a zona da caldeira e o possível acesso ao centro arqueológico.



Conceito geral:



Influências:

Atelier Mob. Concurso internacional para a dinamização das margens do rio Tejo.





Atelier Rua. Concurso internacional para a dinamização das margens do rio Tejo.



Miguel Saavedra Pérez, Félix Juan Bordes Caballero. Intervenção no porto da Neves, Agaete, Gran Canaria.



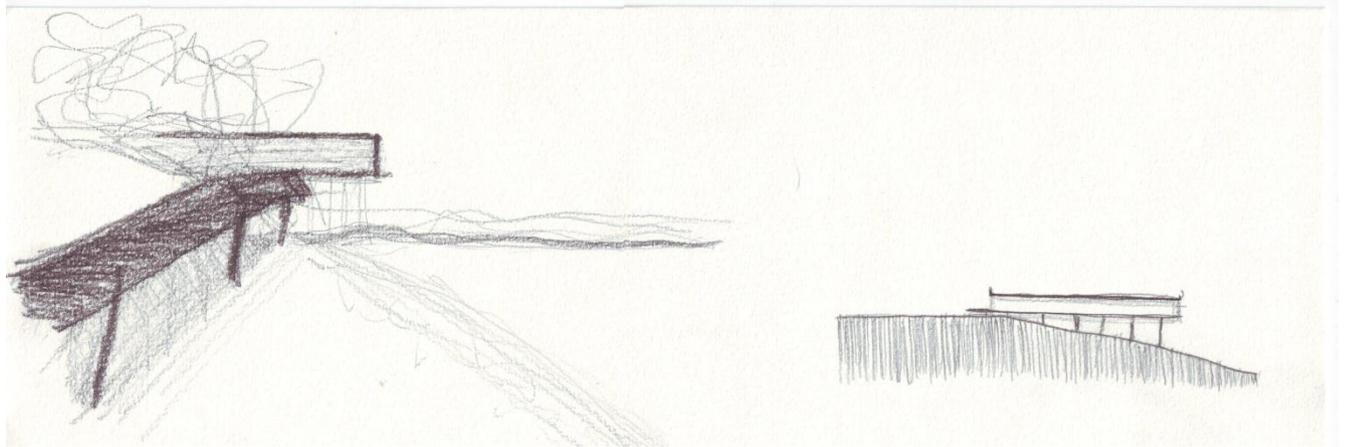
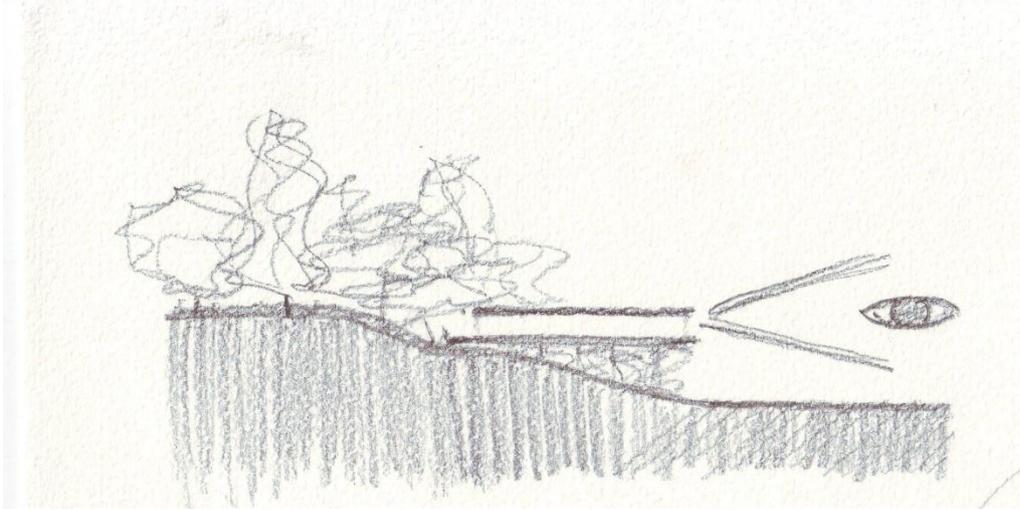
Gigon & Gruver. Parque do Museu Arqueológico de Kalkriese.

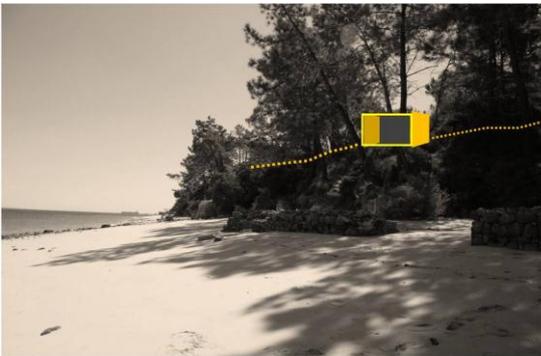
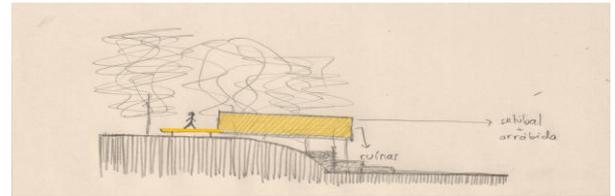
1.3. TEMA I

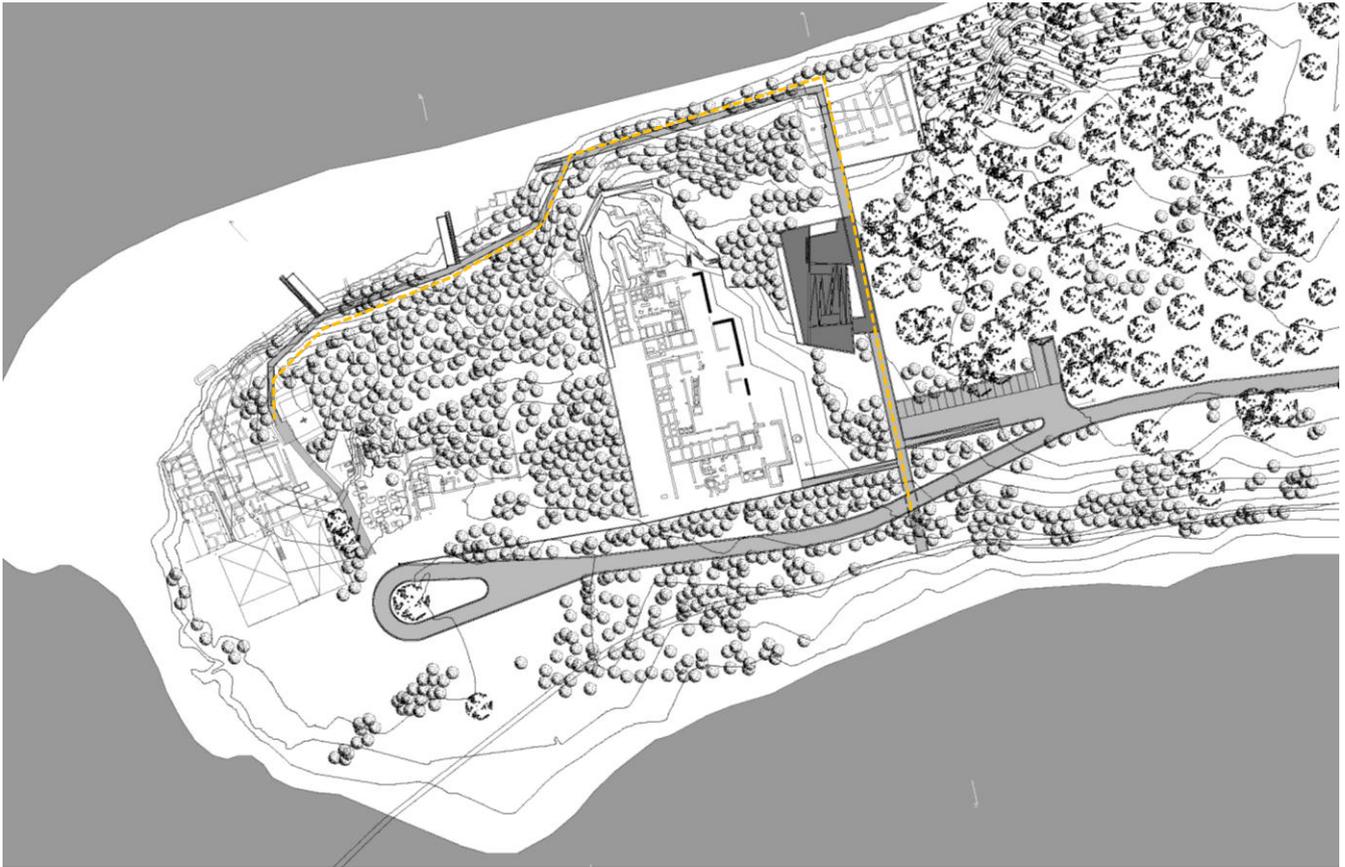
INTERVENÇÃO NAS RUÍNAS

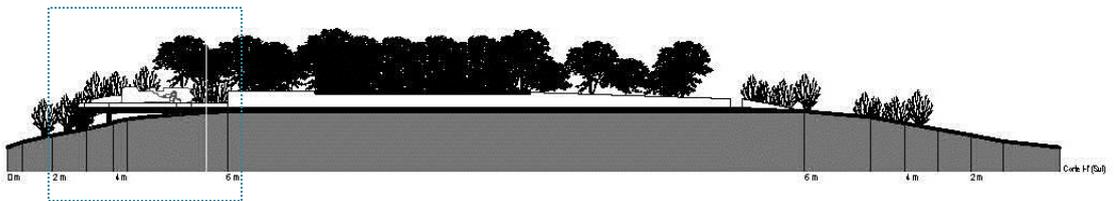
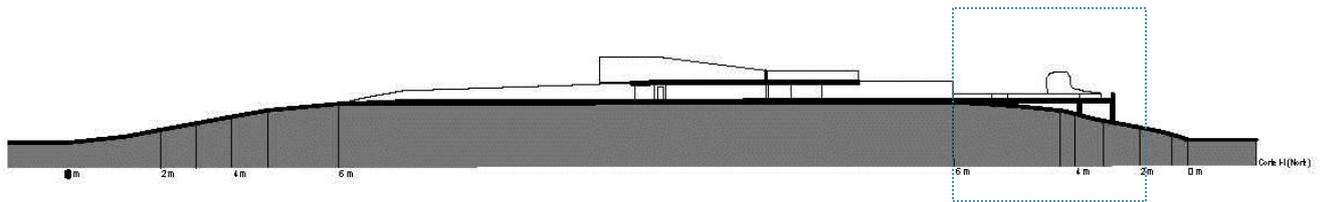


Rua da Princesa + Cetárias da Orla Costeira.

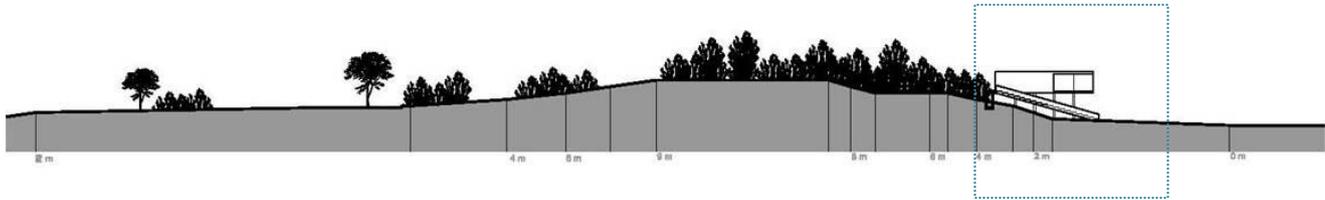
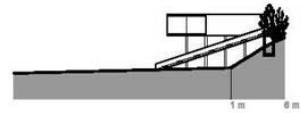




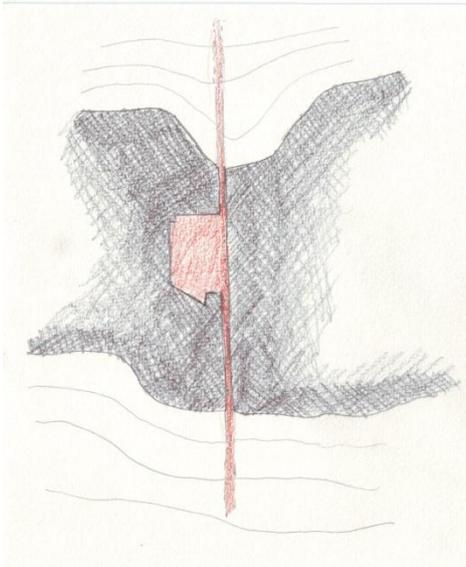
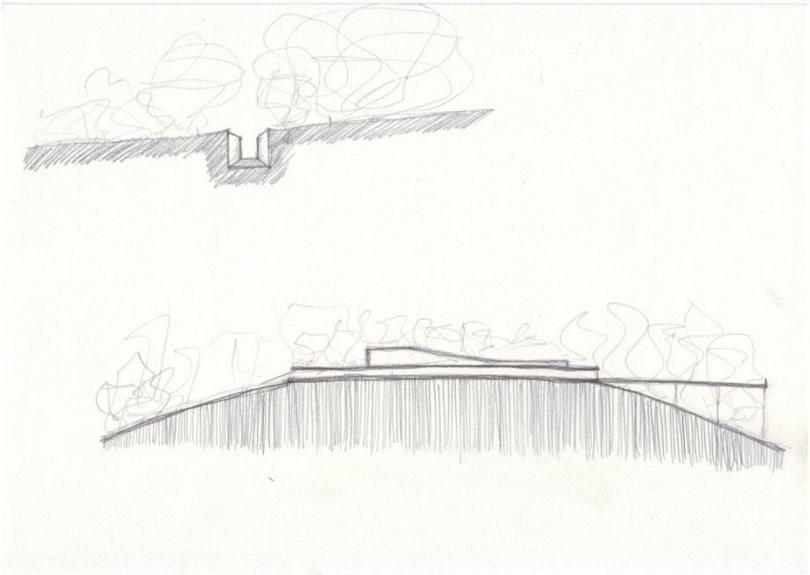




Rua da Princesa. Passadiço.



CENTRO DE INTERPRETAÇÃO ARQUEOLÓGICO



Bar / Cafeteria

Átrio de entrada (recepção e informação)

Sala Polivalente

Zona de exposição permanente

Sala de reserva

Oficina

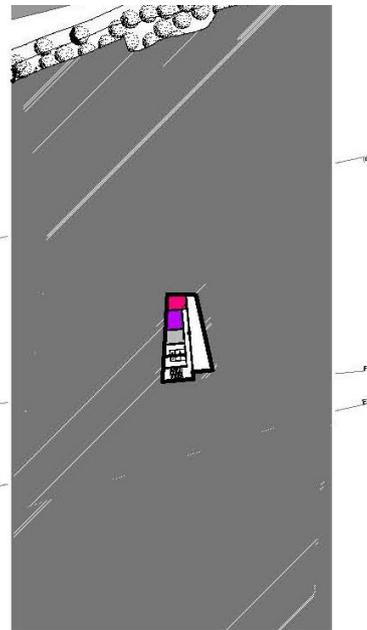
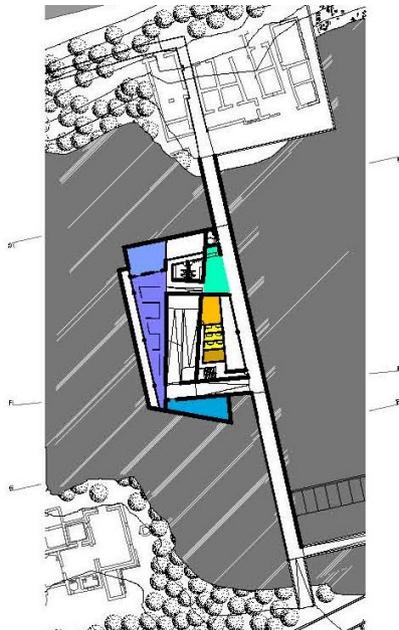
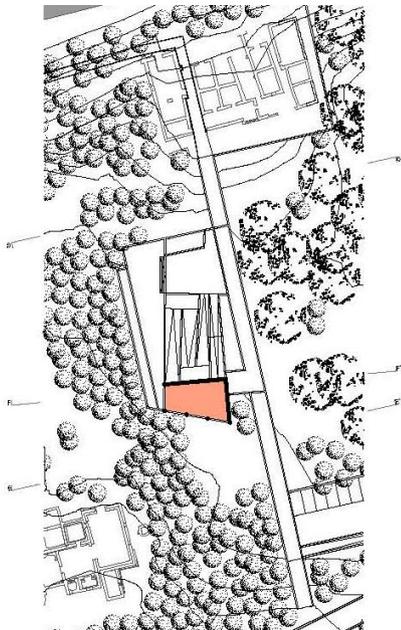
Gabinetes

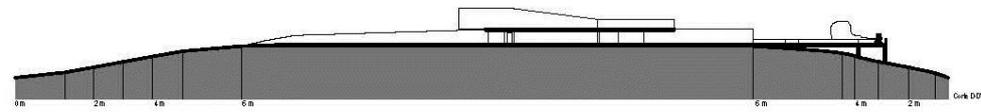
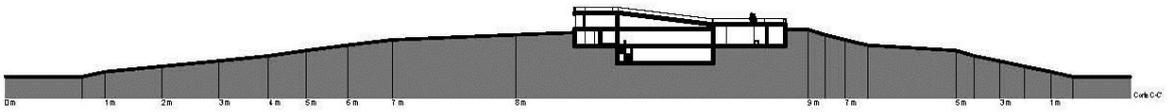
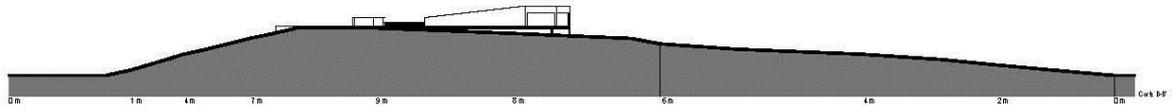
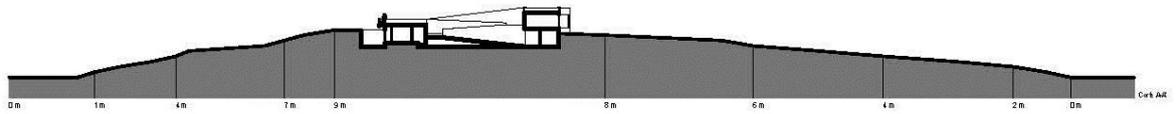
Laboratório

Arquivo

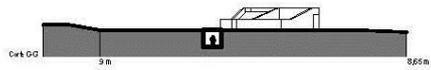
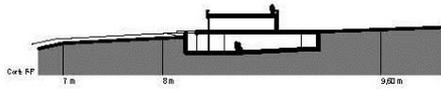
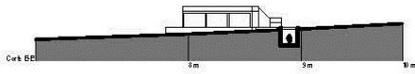
Área Técnica

Arrumos

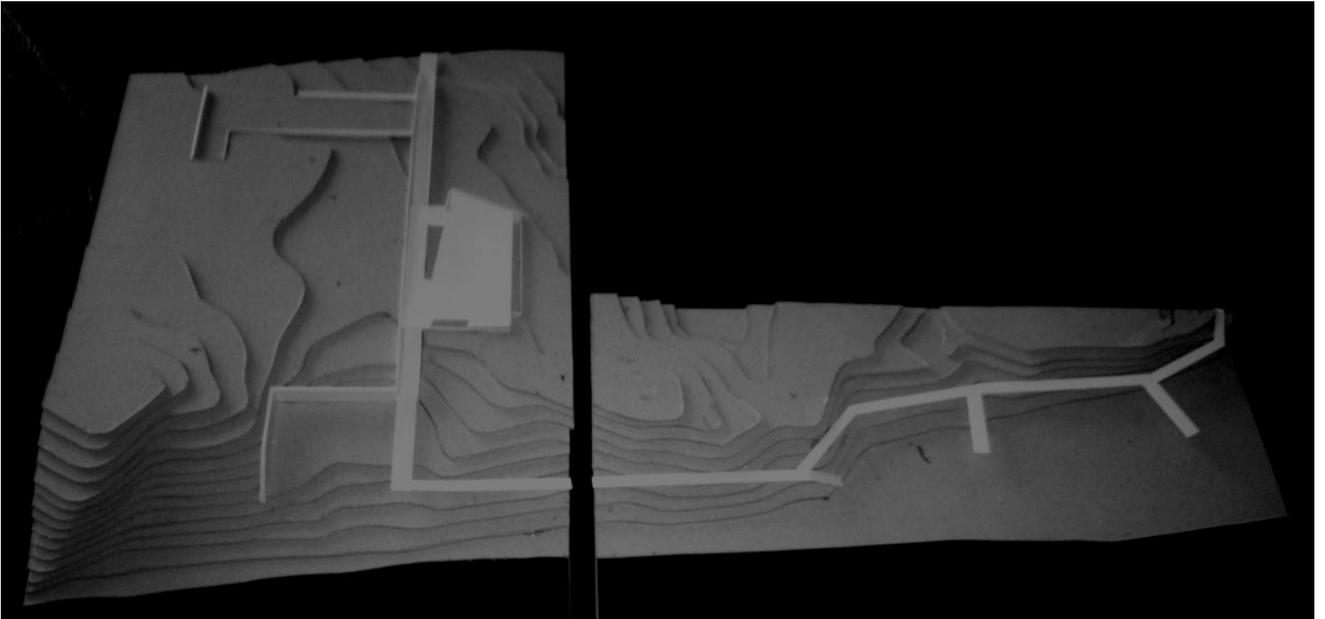
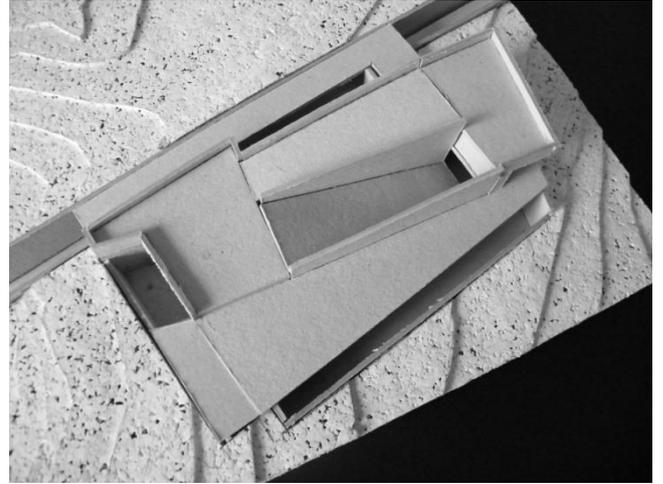
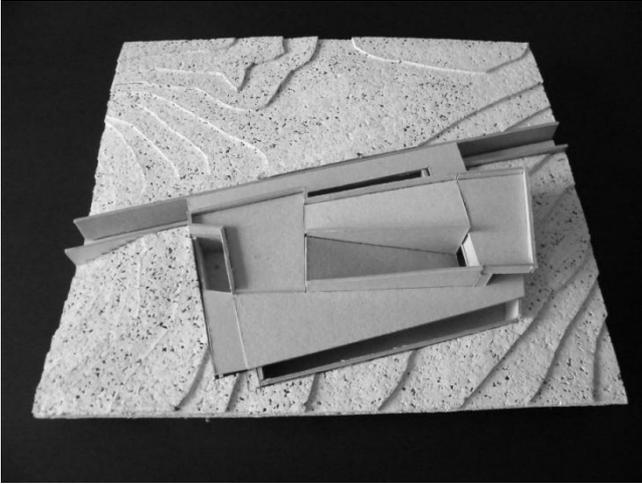




Perfis.



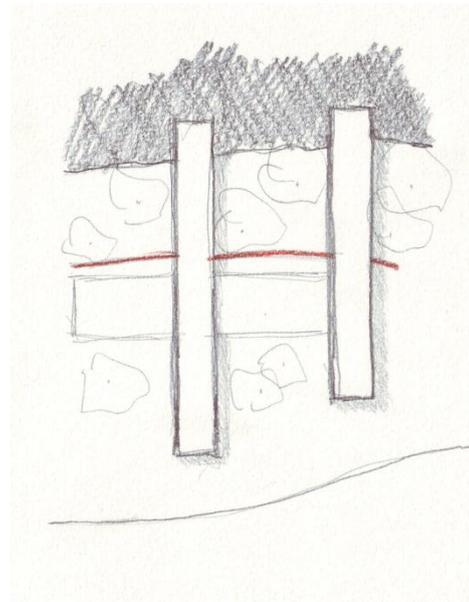
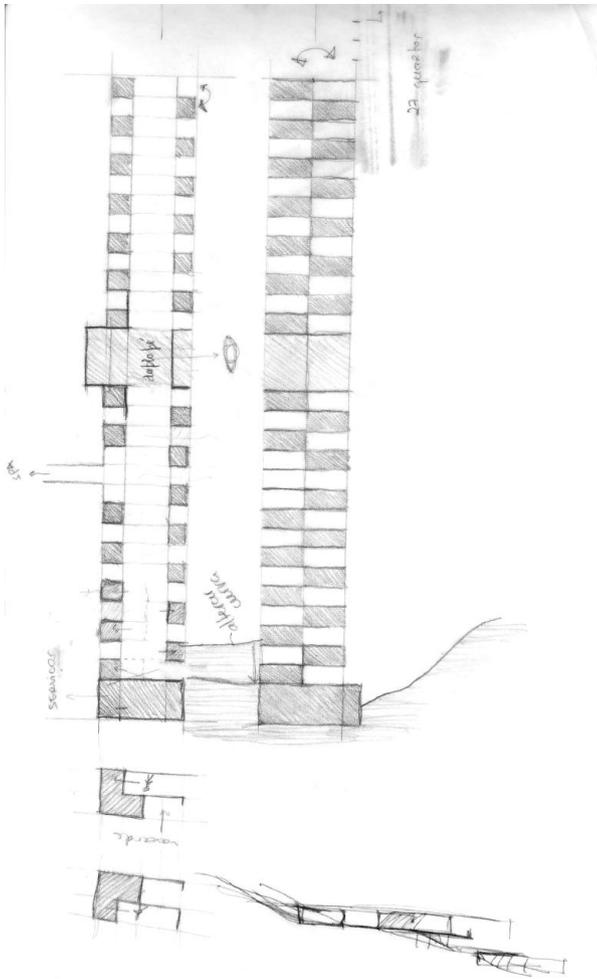
Perfis.

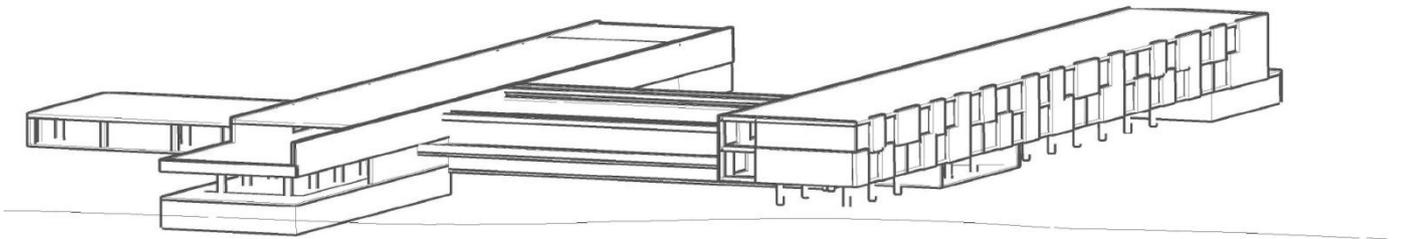
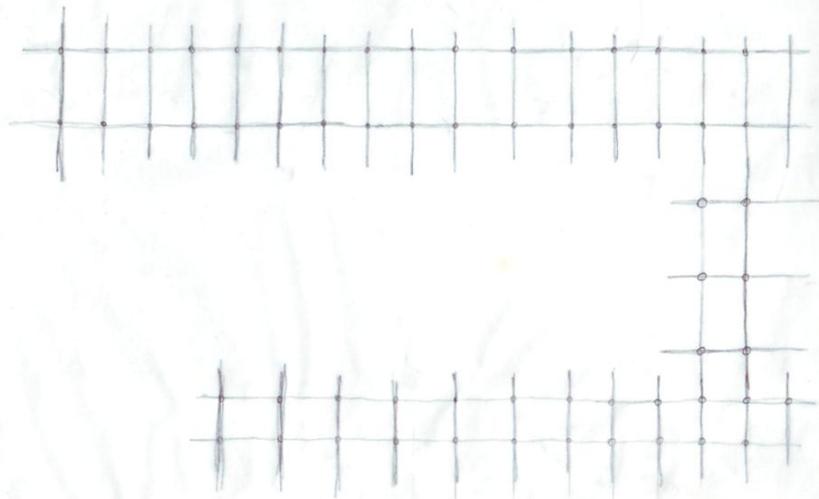
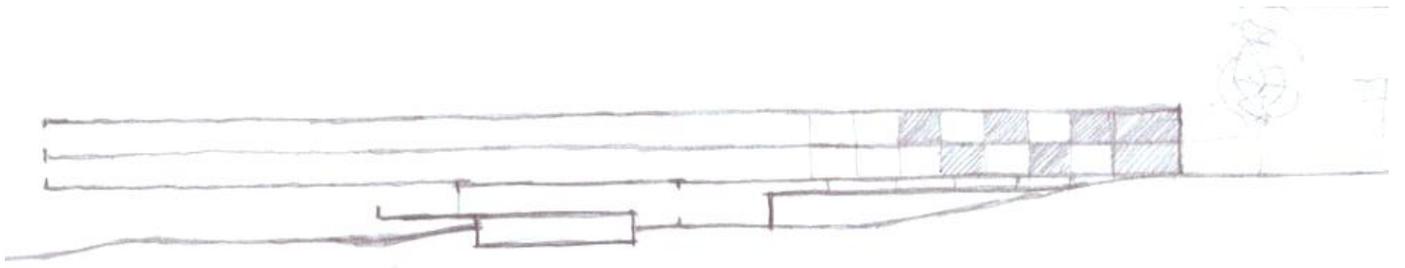


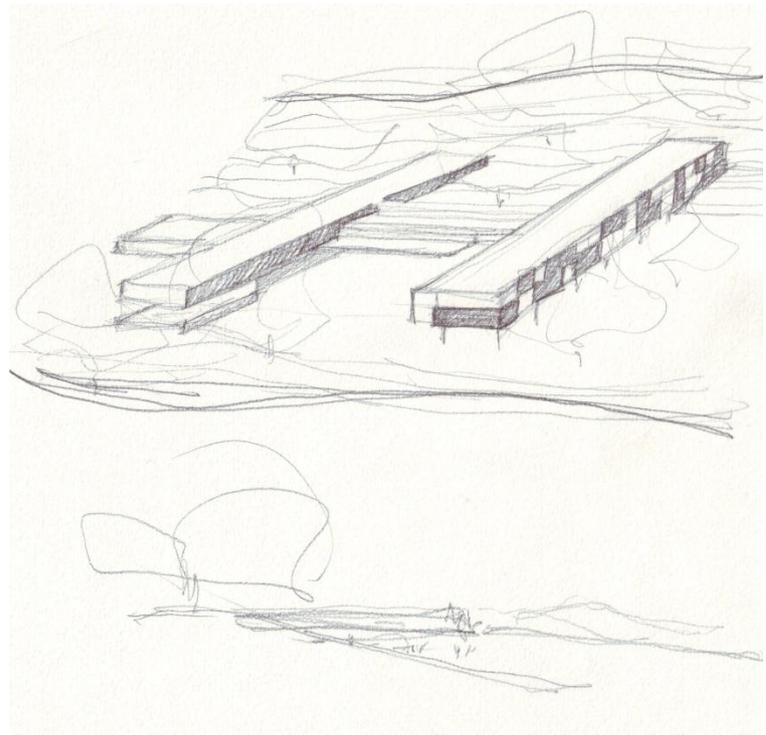
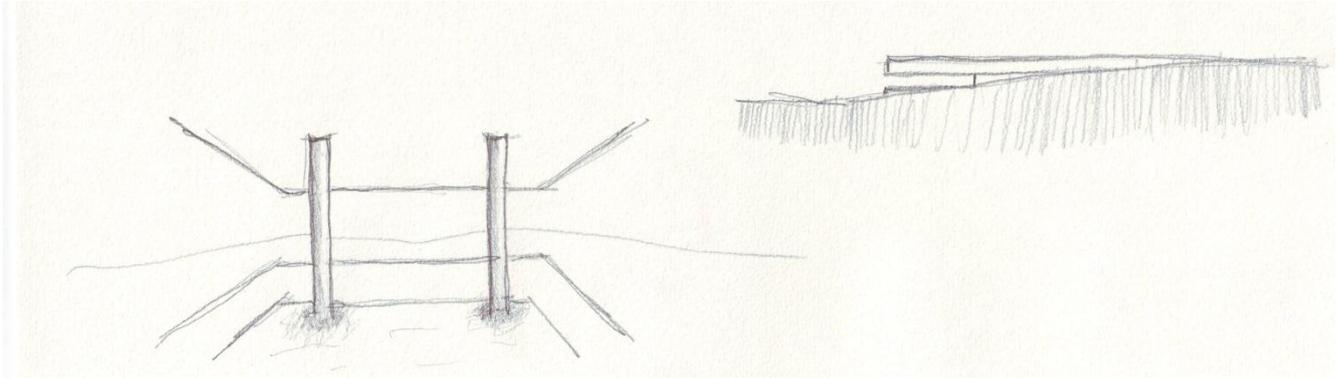
Maquetes.

1.4. TEMA III

HOTEL DE CHARME



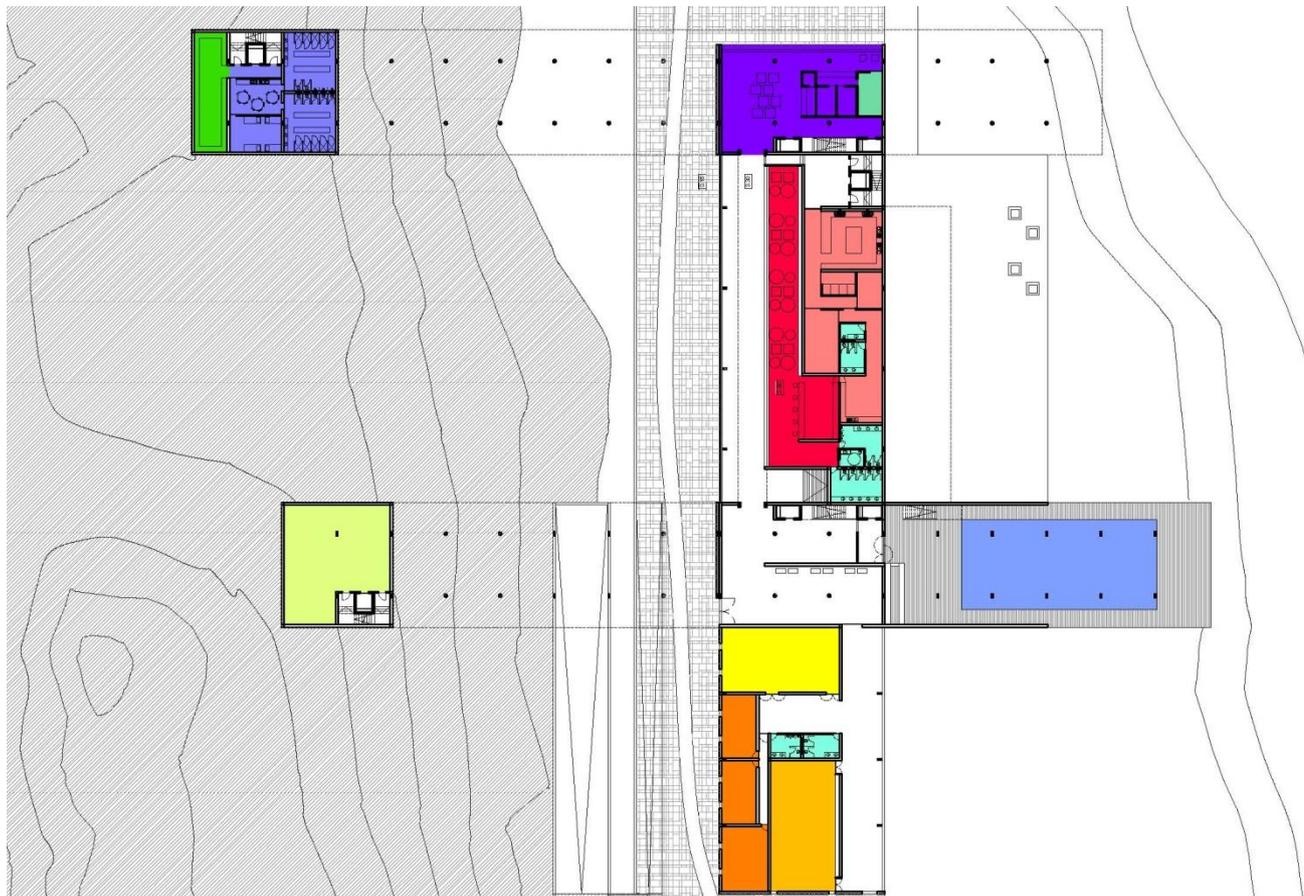






Implantação. Hotel + Centro de Interpretação + Circuito em redor da Caldeira.

- Programa de Espaços. Piso Térreo.



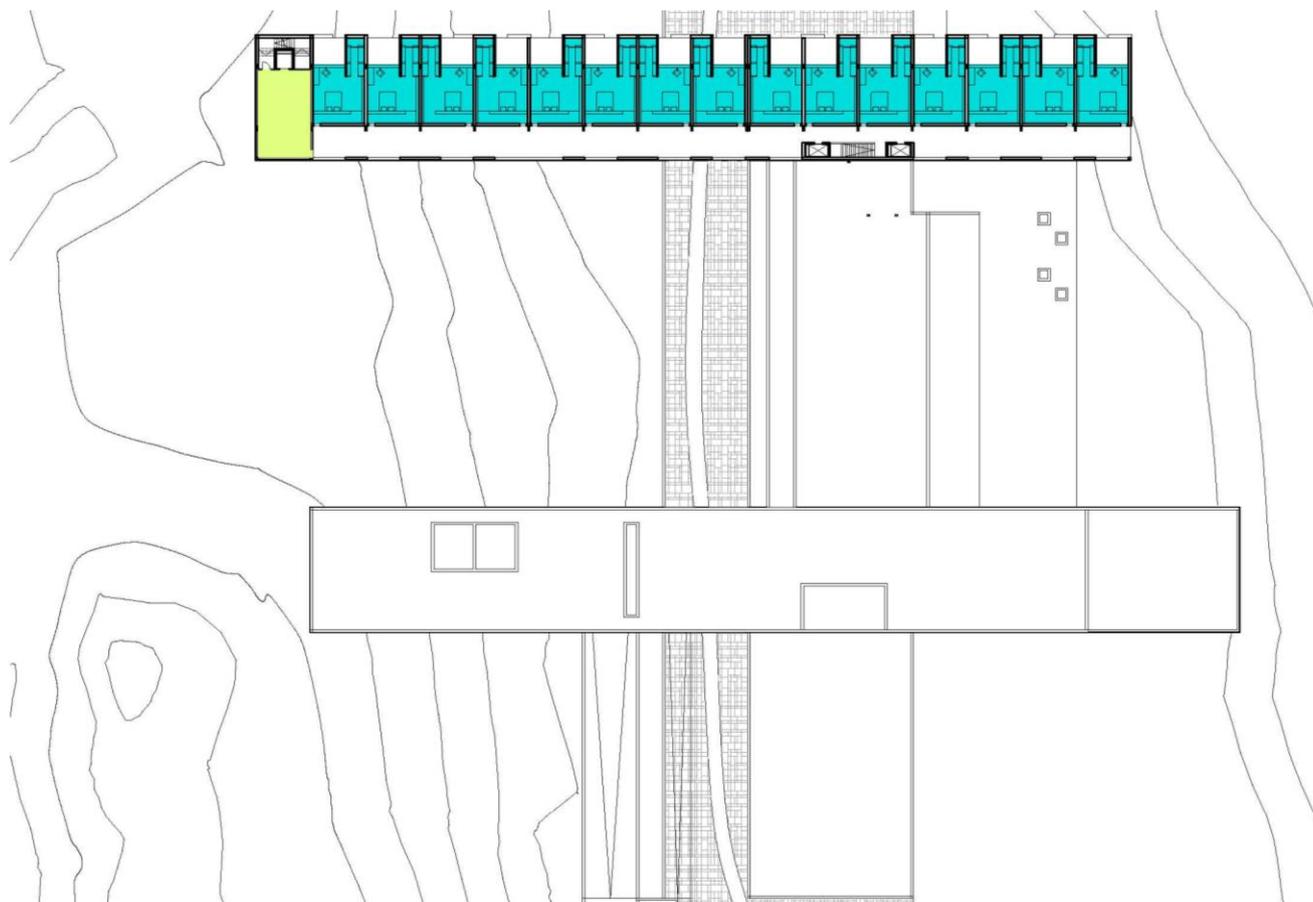
- | | | |
|---------------------|---------------------|-----------------------|
| Recepção | Sala Polivalente | SPA - piscina |
| Bar / Zona de Estar | Sala Conferências | Espaços funcionários |
| Cozinha | Salas para reuniões | Lavandaria / Rouparia |
| Administração | I. S. | Arrumos |

- Programa de Espaços. Piso 1.



- SPA
- Restaurante
- Cozinha
- Quartos
- Arrumos / Copa de Piso / Limpeza

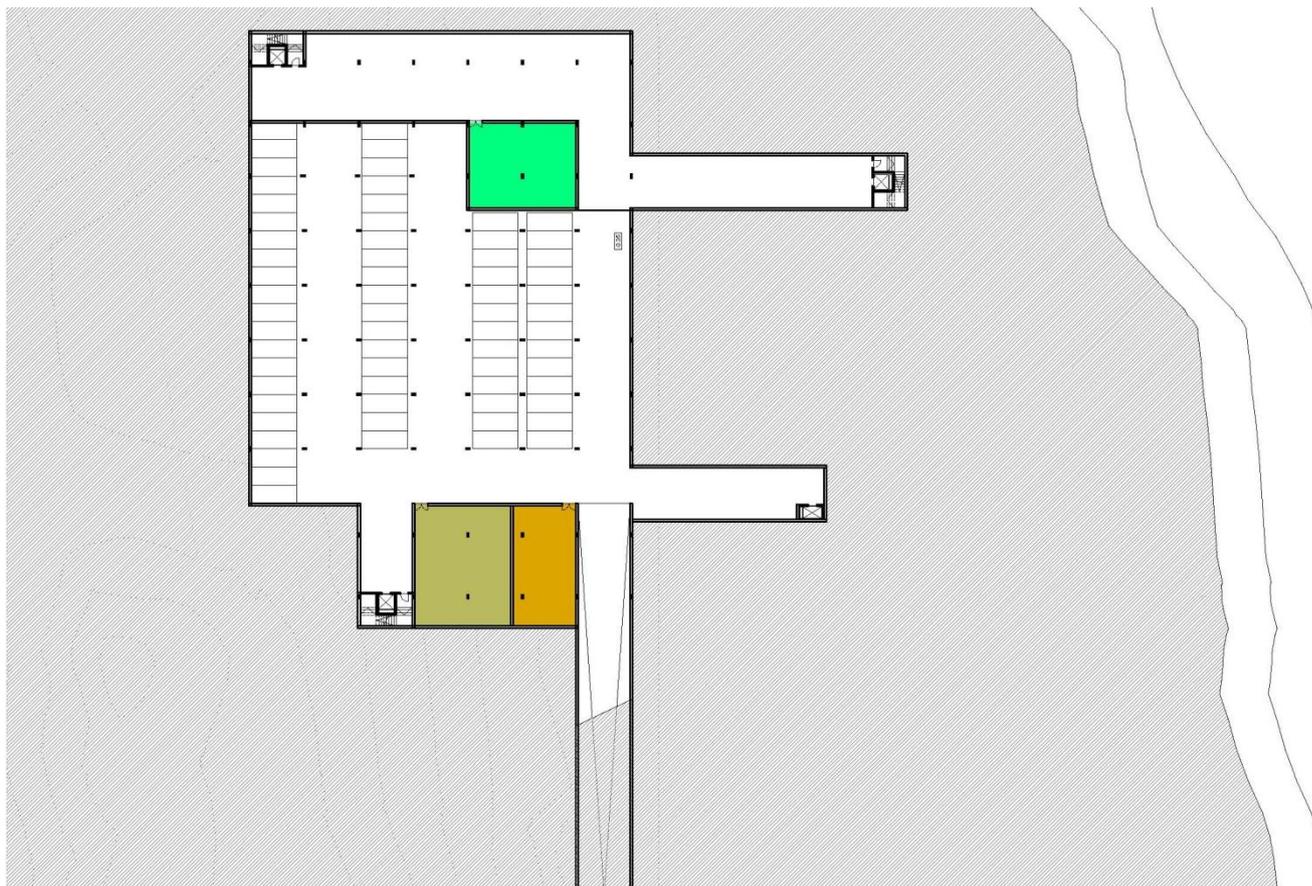
- Programa de Espaços. Piso 2.



Quartos

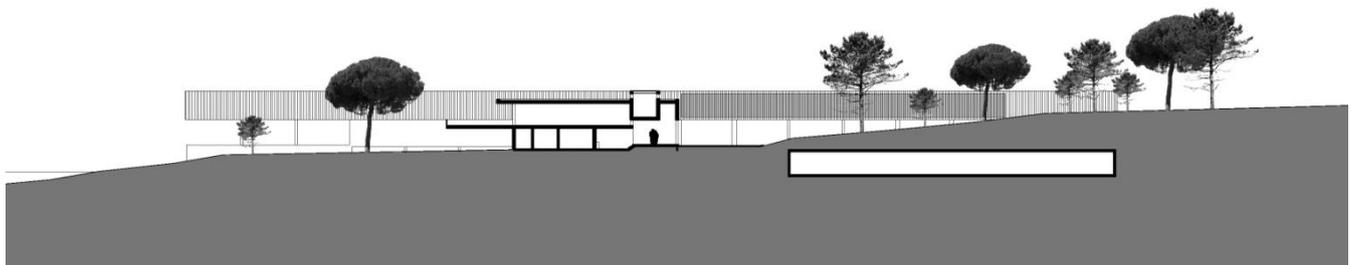
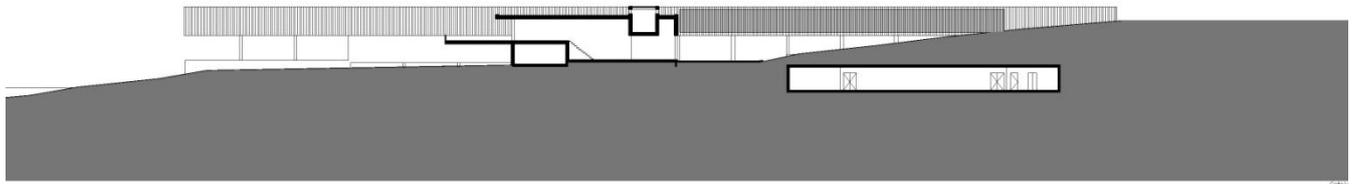
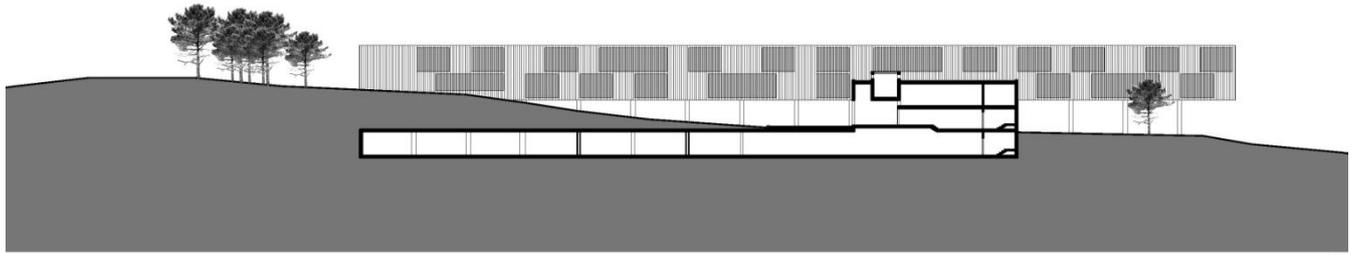
Arrumos / Copa de Piso / Limpeza

- Programa de Espaços. Piso -1.

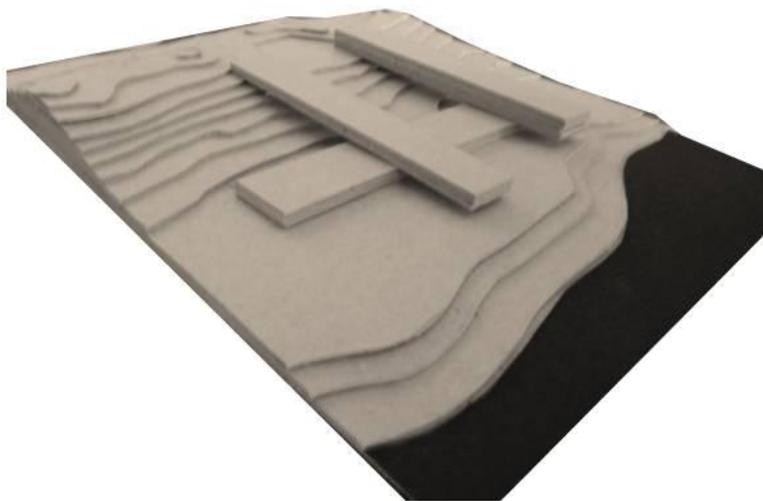


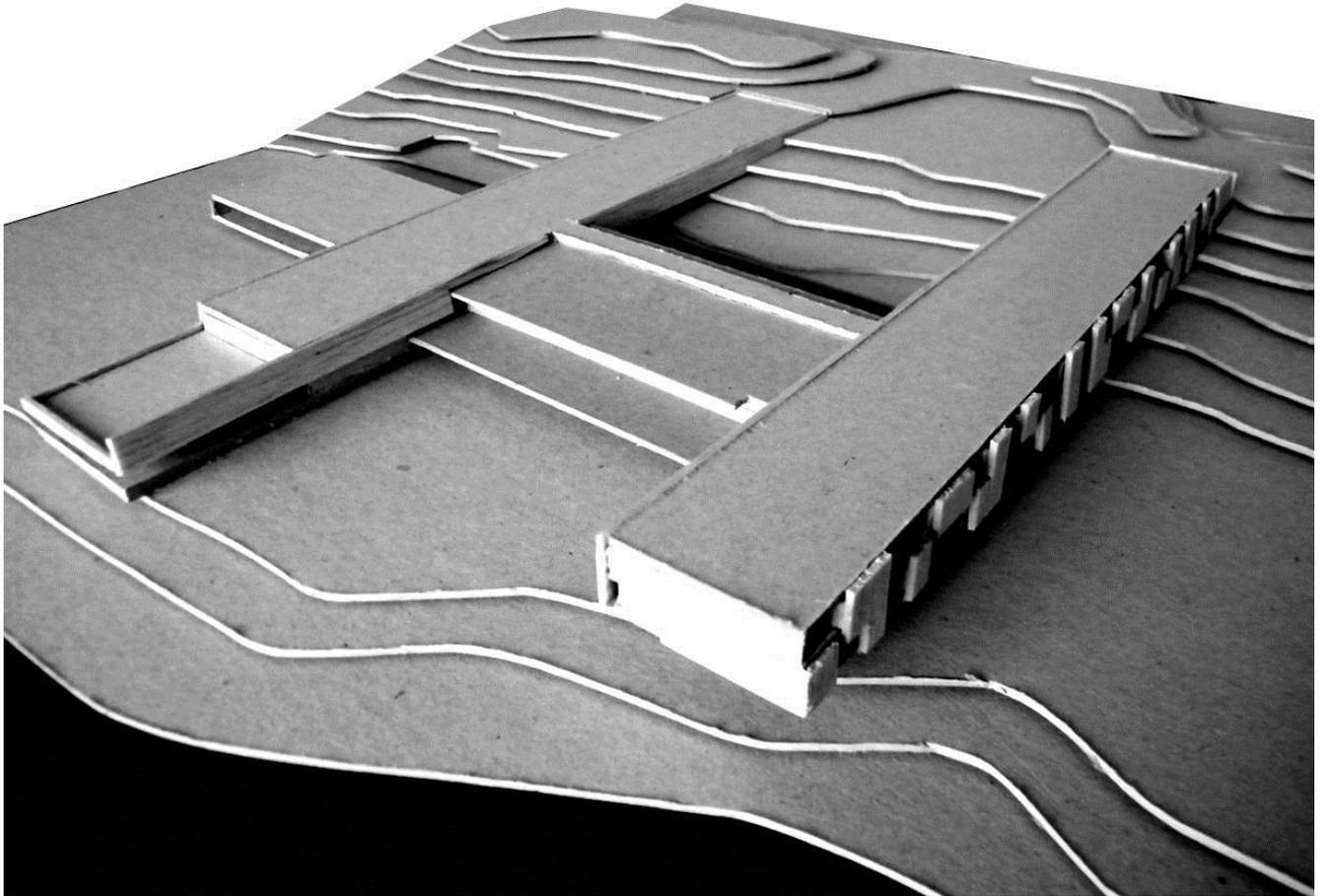
-  Armazém Geral
-  Zonas Técnicas
-  Armazém de Lixos

- Perfis

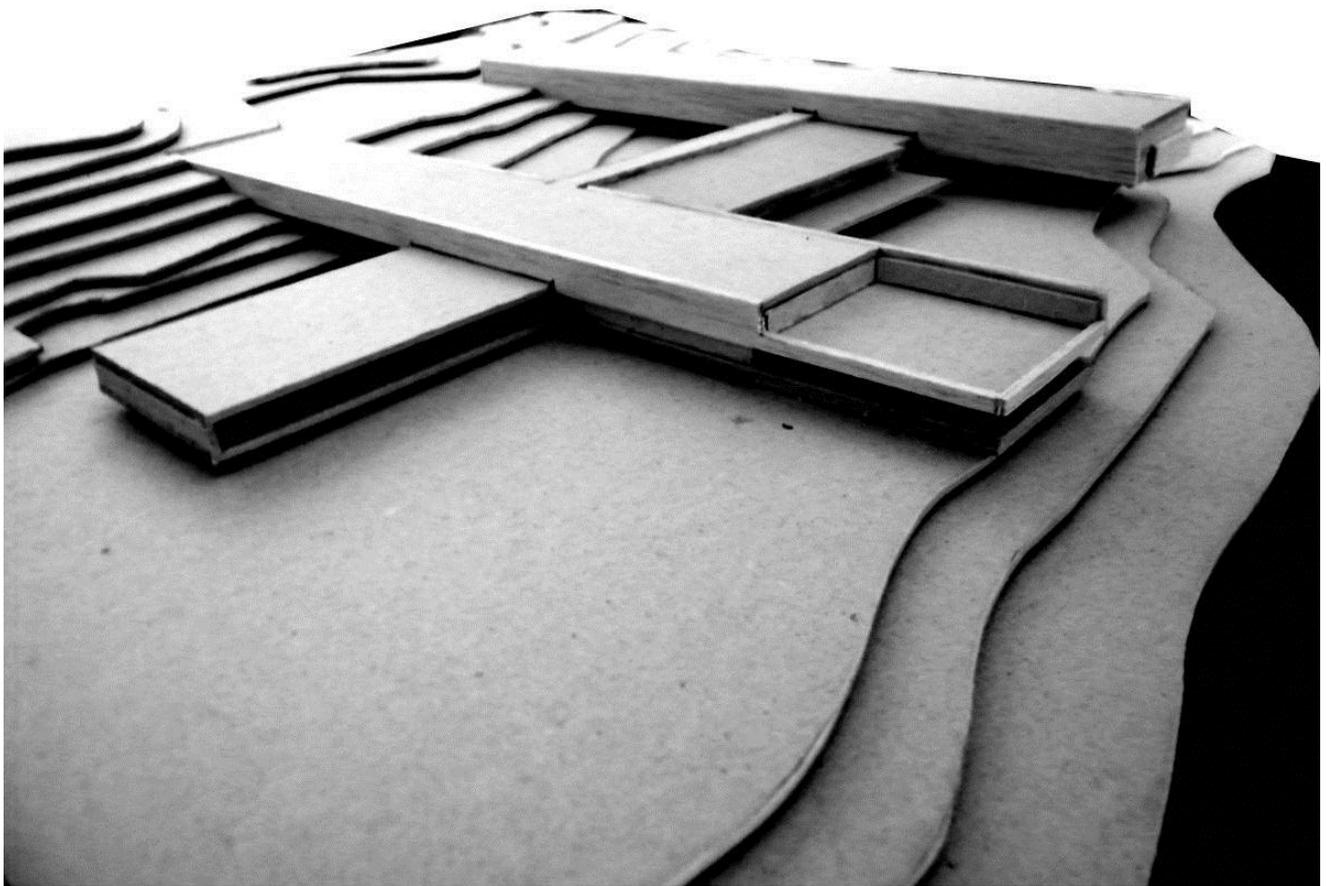


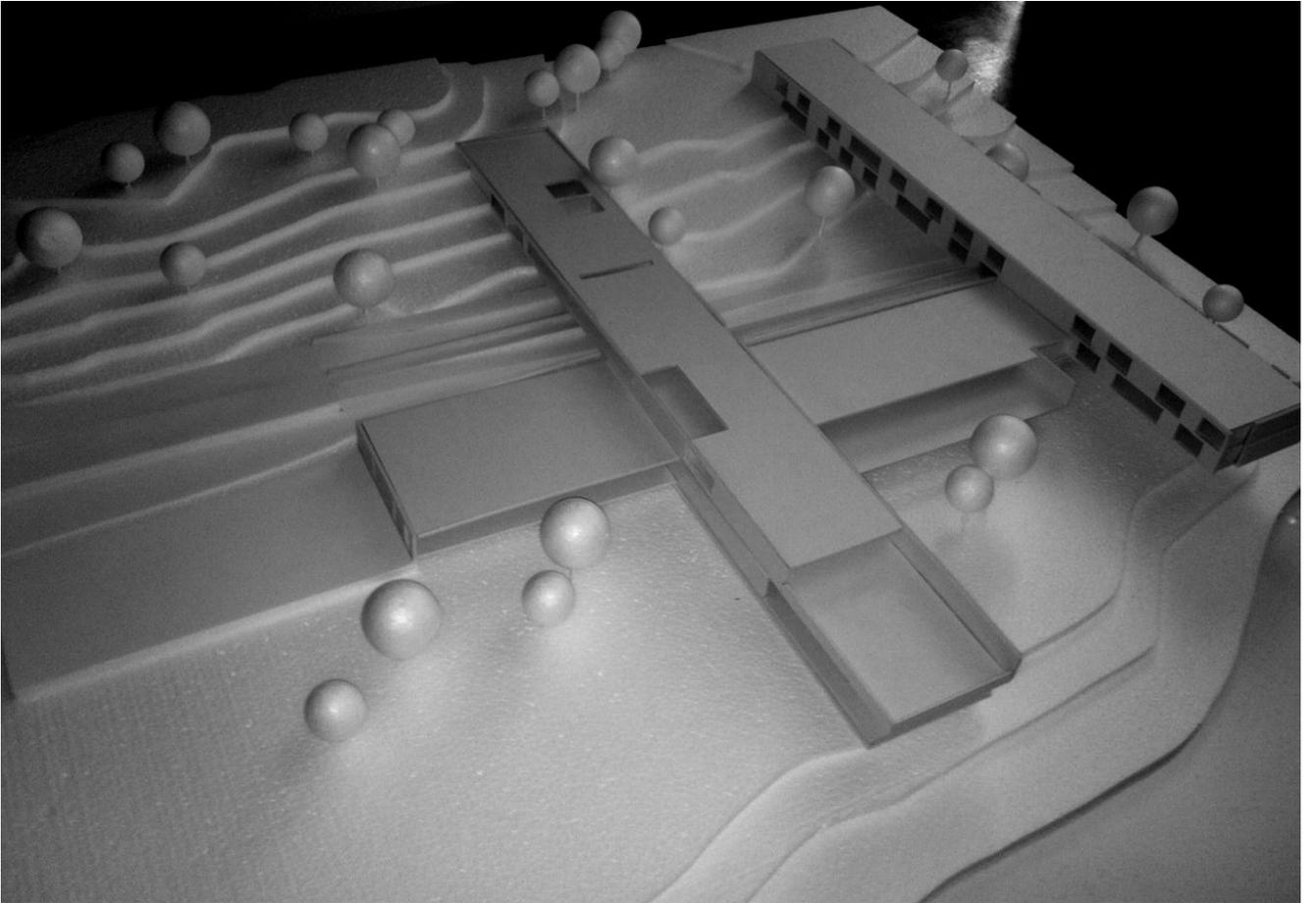
- Maquetes

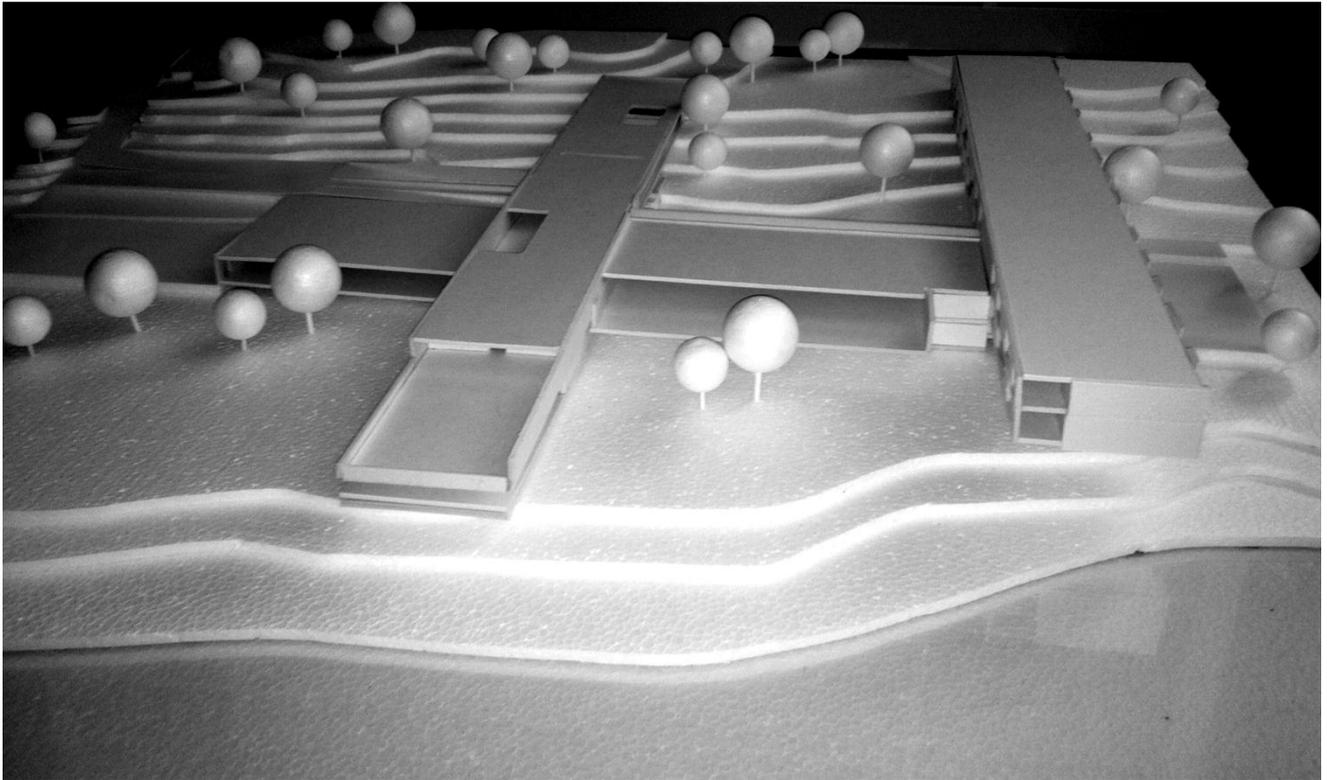


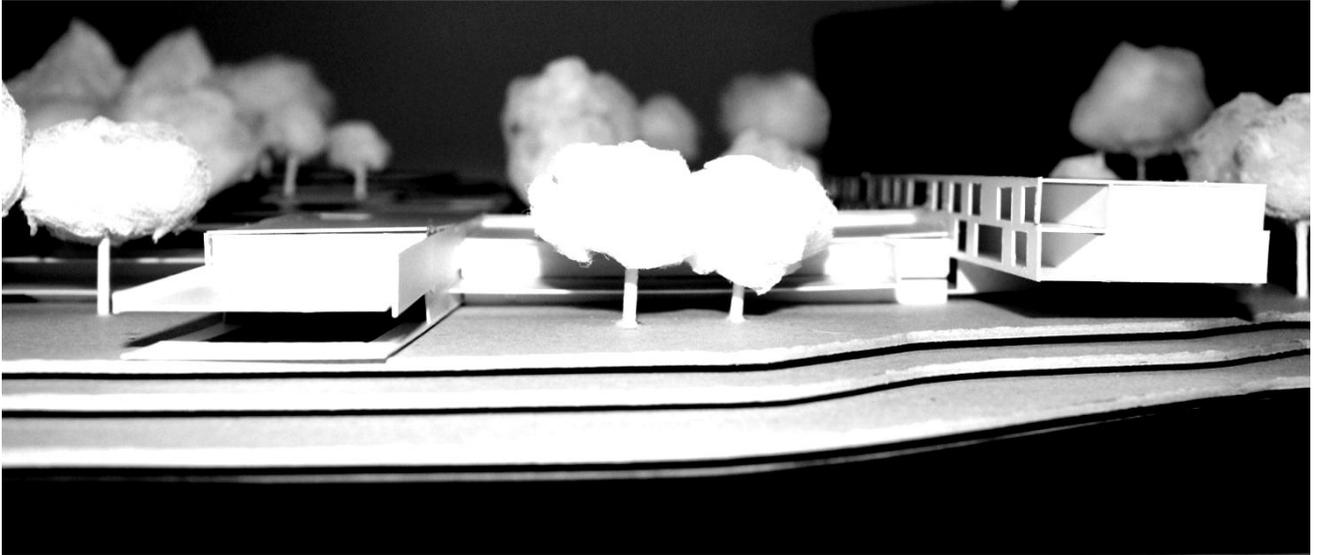
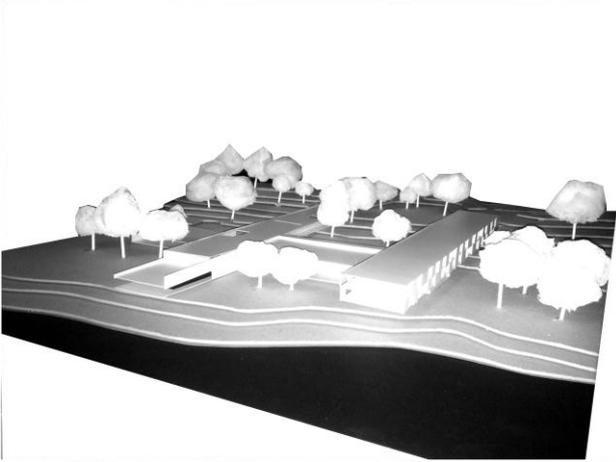












PARTE II

2.1. TRABALHO TEÓRICO

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS: Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

RESUMO

O Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa publicado com o título *Arquitectura Popular em Portugal*, em 1961, dá-nos a conhecer as diversas tradições arquitectónicas existentes há data no país. Um dos temas abordados e estudado pelos arquitectos Nuno Teotónio Pereira, António Pinto de Freitas e Francisco Silva Dias, é o das povoações de *Avieiros*, que se implantaram ao longo das bacias do rio Tejo e do rio Sado, constituídas por casas de madeira construídas sobre estacas que as protegiam da subida das águas. As populações que aqui residem dedicam-se à pesca e têm origem no litoral centro português, onde já eram elevadas estas construções de carácter palafítico. A utilização da palafita prende-se com razões de carácter funcional e ainda hoje é possível encontrar exemplos destas construções, tanto à beira-mar, como à beira-rio, erguidas com técnicas e materiais rudimentares, em estado de degradação ou renovação.

Numa primeira parte do trabalho, estudou-se esta arquitectura de origem popular (zonas de implantação, técnicas e materiais construtivos) e fez-se um levantamento de alguns exemplos que ainda se mantêm, incluindo as povoações mostradas no Inquérito. Numa fase seguinte, através da descrição de três casos de estudo, ficamos a conhecer mais pormenorizadamente as particularidades de cada um. Por fim, estabelece-se um paralelismo entre o seu uso na arquitectura moderna e contemporânea relacionando depois com a sua aplicação ou reinterpretação nos últimos anos e nos próximos.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitectura Popular Portuguesa; Palheiro; Palafita; Construção sobre estacas.

**BUILDINGS ON STILTS:
From Survey on Regional Architecture to Contemporaneity.**

ABSTRACT

The Portuguese Survey on Regional Architecture published in 1961, with the title “Arquitectura Popular em Portugal”, was a study of architectural traditions existing in the country at the date. One of the themes studied by the architects Nuno Teotónio Pereira, António Pinto de Freitas and Francisco Silva Dias was the *Avieiros* settlements. These settlements were implanted along the margins of Tagus and Sado rivers and consist on wooded houses built on stilts that protect them from the rising waters. They had origins in the Portuguese central coast where these constructions of stilt character were first built.

Using the stilt relates to reasons of functional character and we can still find examples of this constructions nowadays, either by the sea, as by the river, erected with rudimentary materials and techniques, in state of degradation or renewal.

The first part of the work consists on studying this architecture of popular genesis (implantation zones, techniques and materials) as well as some of the examples that still remain, including the settlements showed in the Survey. As the next step, we get to know more details and peculiarities of which example studied, by the description of three study cases. At last, is established a relation between the use of stilts on modern and contemporary architecture, and the application and reinterpretation of it on the last few years and on the next ones.

KEY-WORDS: Portuguese Popular Architecture; *Palheiro*; Stilts; Building on stilts.

[Do it. *Palafitta*, 'paus fixados'.] S.f. 1. Estacaria que sustenta as
habitações lacustres.
2. Designação comum a essas habitações.

1. APRESENTAÇÃO

1.1. ORGANIZAÇÃO DE OBJECTIVOS E CONTEÚDOS

O trabalho é distribuído por quatro capítulos organizados da seguinte forma:

- o primeiro, pretende ser uma breve apresentação do trabalho, onde se começa por fazer um enquadramento geral do tema escolhido, com base no seu carácter universal, e no estudo prévio do *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*¹, publicado em 1961. Após o enquadramento, segue-se uma descrição dos objectivos que se pretendem alcançar com a elaboração deste trabalho.

- o segundo, é a parte em que o elemento arquitectónico em estudo constitui o foco principal. Começamos por assumir a denominação dada às construções visadas, de modo a possibilitar uma maior compreensão dos capítulos e subcapítulos seguintes. Posteriormente, é feito um enquadramento histórico e geográfico dos exemplos nomeados, acompanhado pelas imagens presentes no *Inquérito* que se relacionam com a descrição efectuada. O enquadramento histórico baseia-se em toda a informação recolhida na bibliografia que faz essa abordagem. O enquadramento geográfico baseia-se nos mapas tipológicos e de delimitação de zona (Zona 4, descrita no 2º. Volume²), que estão presentes no *Inquérito*. Finalizando o capítulo, faz-se a identificação das características físicas das edificações em estudo, entre elas, as tipologias e sistema construtivo, de modo a compreender, posteriormente, quais as mudanças ocorridas até ao presente.

¹ AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961).

² AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961).

- no terceiro capítulo, analisa-se um dos temas principais deste trabalho: a evolução das palafitas até à actualidade, tendo em conta as imagens e textos obtidos no *Inquérito* e noutros títulos presentes na bibliografia. Do mesmo, consta o mapeamento dos locais abordados e visitados na sequência da elaboração deste trabalho, seguindo-se um enquadramento da situação actual, tratado de forma mais detalhada nos casos de estudo escolhidos e identificados onde são apresentados levantamentos fotográficos que expõem as alterações ocorridas.

- no quarto, dedicado às considerações finais, realizamos uma correspondência entre o popular e o erudito, realçando a necessidade por parte da arquitectura erudita em recorrer à mesma linguagem intrínseca a esta tipologia de origem popular, referenciando a palafita como “espaço de habitar”, elevado do solo ou elevado sobre a água devido às circunstâncias físicas do lugar onde se implanta. Daremos realce às eventuais potencialidades na utilização desta tipologia construtiva na prática da arquitectura contemporânea.

- o quinto capítulo, aborda a palafita e sua utilização ou reinterpretação desde o século XX até à actualidade, dando ênfase às obras internacionais que marcaram o século anterior e a alguns dos projectos contemporâneos realizados nos últimos anos.



1. Palafita no Barrio Kennedy, Colômbia.



2. Palafita na Aldeia Avieira de Escaroupim. Salvaterra de Magos, Portugal.

1.2. ENQUADRAMENTO

As palafitas³ são edificações erguidas sobre estacas que surgem devido à necessidade das populações construírem sobre a água. Há indícios de tais construções desde os tempos neolíticos. No lago de Zurique, em Meilen, na Suíça, foram descobertas partes de um povoado cujas

³ A palavra *palafita* é empregue para designar construções sobre estacaria ou pilares, elevadas do solo.

construções pareciam assentar sobre estacaria constituída por troncos de árvores dispostos na vertical⁴. Estes são os primeiros vestígios de palafitas⁵. Foram descobertos no ano de 1854 e datam do período que oscila entre os anos 5000 a 1800 a.C.⁶. Estas povoações eram construídas sobre plataformas sustentadas por palafitas e interligadas por pontes e passadiços. O vale do Danúbio, rio europeu, também é rico em povoações lacustres de carácter palafítico⁷.

Podemos encontrar exemplos deste tipo de arquitectura vernácula pelos vários continentes. O seu carácter é sobretudo funcional: surge como protecção da subida das marés, mas também pelo facto de as suas populações utilizarem a água como meio de subsistência.

Na Europa encontraram-se exemplos, principalmente nas margens dos lagos e zonas marítimas. Entre eles temos o caso da Suíça já mencionado, mas também exemplos na Escócia, França, Áustria, Hungria, Irlanda, Alemanha (século XIII)⁸ e Itália, onde encontramos Veneza, exemplo de cidade palafítica que subsistiu ao longo dos anos. Começou por ser constituída por construções frágeis, mas ao longo do tempo foi-se consolidando, até ser hoje composta por edificações sólidas, assentes sobre estacaria colocada directamente dentro de água.⁹



3. Veneza, Itália.

⁴ PEIXOTO, Rocha, *Palheiros do Litoral*, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899). P. 80.

⁵ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana María, *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 7.

⁶ "Swissinfo"; especiais; património da Unesco na suíça; actualidade; Povoações lacustres, candidatas à chancela da UNESCO. (Publicado em 4 de Maio de 2010). Disponível HTTP: <http://www.swissinfo.ch/por/Especiais/Patrimonio_da_Unesco_na_Suica/Atualidade/Povoacoes_lacustr_es_candidatas_a_chancela_da_UNESCO.html?cid=8670684> (Maio 2011).

⁷ PEIXOTO, Rocha, *Palheiros do Litoral*, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899). P. 82.

⁸ PEIXOTO, Rocha, *Palheiros do Litoral*, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899). P. 83.

⁹ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana María, *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 10.



4. Ganvié, região oeste africana.



5. Colômbia.

Na Península Ibérica, onde temos o exemplo dos *hórreos*, em Espanha, e dos *espigueiros*, em Portugal. São pequenos celeiros, que se caracterizam pela sua construção em pedra ou madeira, assentes sobre densas colunas.

Cultural ties between northern Portugal and the rest of the country have never been as strong as with the neighboring Spanish province of Galicia. Not surprisingly, horreos have their perfect counterpart in the Portuguese espigueiros. In the rural community of Lindoso, where harvesting is a collective task, these granaries are the dominant feature.

They have been placed in a privileged position to take advantage of the winds (for ventilation) and to facilitate transferring the grain to the castle in case of invasion.¹⁰

Muitos dos exemplos são encontrados na zona intertropical do planeta (Trópico de Cancêr e Trópico de Capricórnio); pequenas aldeias nas Caraíbas; cidades no Pacífico asiático e povoações isoladas no oeste de África.

Na Ásia, temos exemplos de casas palafíticas na Malásia, Indonésia, Tailândia, Filipinas, sul da Índia¹¹, e ainda Nova Guiné e Cambodja¹².

No continente Africano, encontram-se menos exemplos desta tipologia, mas no Malawi, zona sul do continente, existem vestígios no lago *Pamalombe*. Foram também encontrados indícios nas ilhas do rio *Kubango*, em Angola. A título de curiosidade, é interessante saber que, em África, na zona oeste, existe uma cidade palafítica considerada uma espécie de Veneza africana, chamada *Ganvié*¹³.

No continente americano existem evidências de construção sobre palafitas desde 1550. Foram encontrados exemplos na Venezuela, na

¹⁰ RUDOSVKY, Bernard, *Architecture Without Architects: A Short Introduction to Non-pedigreed Architecture*. Albuquerque : University of New Mexico Press, 2003. P. 94.

¹¹ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria, *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 10.

¹² PEIXOTO, Rocha, *Palheiros do Litoral*, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899). P. 83.

¹³ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria, *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 11.

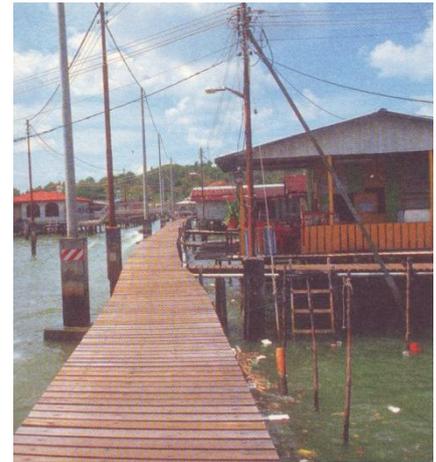
Colômbia ocidental, no Chile, na Argentina, no México, no Brasil, no Panamá e em Porto Rico¹⁴.

A similaridade construtiva e os lugares eleitos para implantação sugerem uma unidade étnica¹⁵. Estas comunidades de palafitas conservam factores culturais semelhantes, tanto nos materiais utilizados, como na importância da proximidade da água, fonte de alimento e meio de comunicação¹⁶.

Podemos, portanto, falar de certa universalidade no que diz respeito ao exercício desta arquitectura vernacular, adaptada a meios e situações especiais, seja o helvético a defender-se de um mamífero feroz, o habitante da *terramara* da Alta Itália evitando as inundações do pântano, o pescador do litoral português protegendo-se do movimento das areias das dunas¹⁷ ou o pescador do Tejo, na lezíria ribatejana, a defender-se das cheias sazonais do rio.

*Que as habitações sobre estacarias não são devidas ao génio próprio de um povo vê-se facilmente quando se atende à distribuição delas pelas paragens mais afastadas onde residem homens das mais diversas raças. Mas imaginá-las formas universais da casa e correspondentes a fases que atravessou a humanidade, desconhecendo ou negando a influência das circunstâncias locais, eis uma deplorável leviandade.*¹⁸

O processo construtivo destas tipologias populares ganhou forma de duas maneiras distintas por todo o mundo: umas, em que as estacas levantam os edifícios estabelecendo a sua própria estrutura; outras, em que as estacas levantam uma plataforma, onde depois irá ser erguido um edifício de forma independente. Ou seja, na primeira situação, a



6. Aldeia Kampung Ayer, ilha de Bornéu.

¹⁴ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria, *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 12-15.

¹⁵ PEIXOTO, Rocha, *Palheiros do Litoral*, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899). P. 83.

¹⁶ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria, *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 8.

¹⁷ PEIXOTO, Rocha, *Palheiros do Litoral*, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899). P. 84.

¹⁸ PEIXOTO, Rocha, *Palheiros do Litoral*, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899). P. 84.

estrutura em estacaria sustenta o chão e as paredes da casa (exemplo: casas palafíticas da Malásia). No segundo caso, a estrutura em estacaria sustenta apenas as plataformas onde depois são construídas as casas (exemplo: palafitas da Indonésia, Tailândia, Filipinas e sul da Índia). Este último sistema, é utilizado nas grandes aldeias, todas elas assentes sobre estacas, inclusive os espaços e zonas de circulação de carácter público. É disso exemplo a aldeia palafítica *Kampung Ayer*, onde residem cerca de 30 000 habitantes. Situa-se na ilha de Bornéu, na capital *Bandar Seri Begawan*, sultanato do Brunei, e concentra cerca de quatro mil edifícios, constituídos por habitações, mercados, mesquitas, centros médicos e escolas.¹⁹

A obra *Arquitectura Popular em Portugal* (1961), publicada há cinquenta anos após o processo denominado *Inquérito à Arquitectura Regional*, faz uma descrição do que era a arquitectura de génese popular e as suas diferentes tipologias, influenciadas pelas características do local onde se encontram. Após análise do *Inquérito*, mais precisamente, a Zona 4, correspondente à Estremadura e Beira Litoral, foi comum encontrar um tipo de construção particular, que tem como principal material a madeira e que apresenta as características das construções palafíticas descritas anteriormente. Assim, as palafitas descritas no *Inquérito* são a base de estudo deste trabalho.

¹⁹ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria, *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 10.

2. EXEMPLOS DE ARQUITECTURA DE PALAFITAS EM PORTUGAL DESCRITOS NO INQUÉRITO À ARQUITECTURA POPULAR

2.1. DENOMINAÇÃO

O termo *palheiro* é a designação dada às construções de madeira de carácter palafítico encontradas no litoral português. Não se conhece a origem deste nome, mas poderá estar relacionado com a palha, material em tempos usado na sua construção²⁰. Rocha Peixoto, no seu artigo “Palheiros do Litoral”, refere-se a construções de madeira sobre estacas no litoral, como palheiros²¹. Também, Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano publicam em 1964, o seu estudo sobre estas construções com o título “Palheiros do Litoral Central Português” (1964)²², assim como no artigo “Palheiros e Barracos do Litoral”²³, publicado no ano seguinte. Na obra “Construções Primitivas em Portugal” (1988), é feita uma referência aos *palheiros de tabuado* como sendo uma barraca elevada sobre estacas, que teriam sido trazidos para as praias da Costa de Caparica pelos pescadores de Ílhavo, Murtosa e Ovar²⁴. Mário Moutinho referia-se a estas construções como *casas de madeira* ou *casas de madeira assentes em pilares*²⁵, não chegando a utilizar o termo *palheiros*.

²⁰ MOUTINHO, Daniel Fernando Oliveira (2007) - *Edifícios de construção tradicional em madeira, o exemplo dos palheiros do litoral central português*. Prova Final para obtenção de licenciatura em Arquitectura, FAUP, [ano lectivo 2006/2007]. P. 7.

²¹ PEIXOTO, Rocha - *Palheiros do Litoral*, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899).

²² OLIVEIRA Ernesto; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964.

²³ OLIVEIRA, Ernesto - *Palheiros e Barracos do Litoral*, in *Geographica – Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa*, ano I, n.º 3, Julho de 1965.

²⁴ OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim - *Construções Primitivas em Portugal*. Edições D.Quixote, Lisboa, 1988. P. 247.

²⁵ MOUTINHO, Mário - *A Arquitectura Popular Portuguesa*. Editorial Estampa, Lisboa, 1979. P. 89.

No nosso estudo, optámos pelo nome *palheiros* para designar as construções palafíticas, devido ao consenso encontrado nas várias obras lidas. No entanto, não estamos a estudar exemplos presentes apenas no litoral, mas também as palafitas encontradas nas margens do rio Tejo, designadas por Mário Moutinho *casas de avieiros*²⁶, por Maria Salvado *casa Avieira*²⁷, ou somente *Avieiros*. O topónimo *Avieiros* estará relacionado com o facto de estas populações serem provenientes da Praia de Vieira de Leiria.²⁸ A casa Avieira, como iremos perceber nos próximos capítulos, é uma derivação do palheiro do litoral. Mário Moutinho faz essa referência:

*A “Casa de Madeira” que se encontra junto à costa, é de um só piso e de planta rectangular. Estas casas são construídas sobre estacaria (...) e aparece nas margens do rio Tejo sob o nome de “casa de avieiros”.*²⁹

Assim, na análise que iremos fazer dos *palheiros* como elemento arquitectónico, usaremos o mesmo topónimo, alterando apenas a denominação em função do local onde se inserem: *palheiros do rio* (margens ribeirinhas do rio Tejo) ou *palheiros do litoral* (orlas costeiras).

²⁶ Idem.

²⁷ SALVADO, Maria Adelaide Neto - *Os Avieiros nos finais da década de 50*. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P.34.

²⁸ GASPAR, Pedro Manuel dos Santos Lima ; PALLA, João - *Construções palafíticas da bacia do Tejo : levantamento e diagnóstico do património construído da cultura avieira*. Artitextos. Lisboa : CEFA ; CIAUD, 2009.

²⁹ MOUTINHO, Mário - *A Arquitectura Popular Portuguesa*. Editorial Estampa, Lisboa, 1979. P. 89.

2.2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

A localização das construções com origem popular e de carácter palafítico está representada no *Inquérito*, por um mapa tipológico da Zona 4. Esta zona corresponde às regiões da Estremadura, Ribatejo e Beira Litoral, e é delimitada pela costa e por uma linha quebrada com limites em Setúbal, Abrantes, Coimbra e Praia de Mira³⁰ (ver imagem 7). Os primeiros exemplos de palheiros no litoral, datam do século XIII³¹, mas as primeiras migrações para as margens do Tejo, das populações aqui residentes, iniciam-se no século XVIII³². Eram originárias da zona de Aveiro (mais precisamente de Ovar, Ílhavo e Murtosa) e faziam a sua actividade nas praias do litoral, desde Espinho até Vieira de Leiria, construindo ali os seus aglomerados³³. Tal deveu-se ao facto de as condições para a prática da pesca na ria de Aveiro se terem degradado, migrando os pescadores para o litoral.

Mais tarde, a utilização da *arte xávega*, técnica de pesca por arrasto, introduzida a partir do século XVIII pela chegada de galegos e catalães, veio impulsionar o desenvolvimento económico dos pescadores que residiam no litoral centro³⁴, potenciando a edificação de palheiros em madeira sobre estacaria, oferecendo sob os mesmos, locais de arrumos que serviam de apoio às exigências desta prática.



7. Inquérito. Mapa representando a delimitação da zona 4.

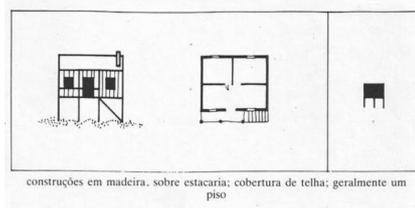
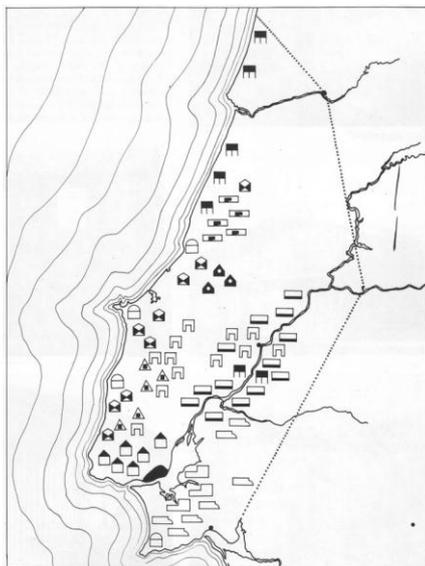
³⁰ AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 123.

³¹ MOUTINHO, Daniel Fernando Oliveira (2007) - *Edifícios de construção tradicional em madeira, o exemplo dos palheiros do litoral central português*. Prova Final para obtenção de licenciatura em Arquitectura, FAUP, [ano lectivo 2006/2007]. P. 23.

³² GASPAR, Pedro Manuel dos Santos Lima; PALLA, João - *Construções palafíticas da bacia do Tejo : levantamento e diagnóstico do património construído da cultura avieira*. Artitextos. Lisboa : CEFA ; CIAUD, 2009.

³³ MOUTINHO, Daniel Fernando Oliveira (2007) - *Edifícios de construção tradicional em madeira, o exemplo dos palheiros do litoral central português*. Prova Final para obtenção de licenciatura em Arquitectura, FAUP, [ano lectivo 2006/2007]. P. 27.

³⁴ MOUTINHO, Daniel Fernando Oliveira (2007) - *Edifícios de construção tradicional em madeira, o exemplo dos palheiros do litoral central português*. Prova Final para obtenção de licenciatura em Arquitectura, FAUP, [ano lectivo 2006/2007]. P. 27.



8. Mapa tipológico da zona 4 (Estremadura e Beira Litoral) e legenda respectiva às construções em estudo.

A utilização de estacas tinha como objectivo a protecção destes aglomerados do movimento das areias e das águas revoltas do mar. A escolha da madeira como material de eleição, estará relacionada com a proximidade do Pinhal de Leiria, facilitando a sua aquisição.

A actividade piscatória desenvolvia-se nos meses de Verão, quando o mar permitia. Nos meses de Inverno, as condições tornavam-se muito difíceis, principalmente devido às condições do mar. Nessas alturas tudo mudava. Os locais deixavam de ser frequentados por banhistas ou outros, não se fazendo negócios, tão importantes para a subsistência das famílias³⁵. Ao se confrontarem com esta realidade, os pescadores passaram a procurar noutros locais, diferentes géneros de pesca, conjugando esta com a agricultura. Deslocaram-se então, até às margens do rio Tejo e do rio Sado, trabalhando na pesca e nos arrozais. A bacia do Tejo começou a receber o primeiro fluxo de migrações, em meados do século XVIII, originárias de Ovar³⁶. Esta migração deu origem a uma nova população a que se deu o nome de *Varinos*. Instalaram-se nas margens do rio Tejo, dedicando-se à pesca do sável³⁷ e influenciando outros a seguirem os seus passos. Instalaram-se nestas margens os originários de Murtosa, conhecidos por *Murtoseiros* e em meados do século XIX, os naturais de Vieira de Leiria (Praia da Vieira), denominados *Avieiros*³⁸. O que começou por ser uma actividade sazonal, transformou-se para alguns em situação definitiva. Assim, surgiu a necessidade de habitação permanente e quando as condições económicas o permitiram, compraram madeira construindo aos poucos as suas casas, à imagem daquelas onde sempre viveram. A construção

³⁵ Os banhistas que passam aqui o Verão em palheiros alugados pelos pescadores.

³⁶ GASPAR, Pedro Manuel dos Santos Lima; PALLA, João - *Construções palafíticas da bacia do Tejo : levantamento e diagnóstico do património construído da cultura avieira*. Artitextos. Lisboa : CEFA ; CIAUD, 2009.

³⁷ Peixe que sobe o rio sazonalmente para aí desovar.

³⁸ GASPAR, Pedro Manuel dos Santos Lima; PALLA, João - *Construções palafíticas da bacia do Tejo : levantamento e diagnóstico do património construído da cultura avieira*. Artitextos. Lisboa : CEFA ; CIAUD, 2009.

em madeira sobre estacaria parecia estar deslocada da lezíria onde as árvores eram raras. Esta construção não era usada no Ribatejo. As casas sempre térreas, em nada se assemelhavam às casas dos Avieiros, mesmo nos locais onde a estacaria poderia ser útil. Eram constituídas com telhados de duas águas, paredes muito caiadas e lareira erguida do solo. Contudo, as casas do litoral centro do país, em madeira e sobre estacas, com a mesma escada exterior e varanda, pareciam ser úteis e necessárias devido às cheias sazonais do rio. Eram estas as casas onde sempre tinham vivido e por isso erguê-las nas margens do Tejo, parecia natural³⁹.

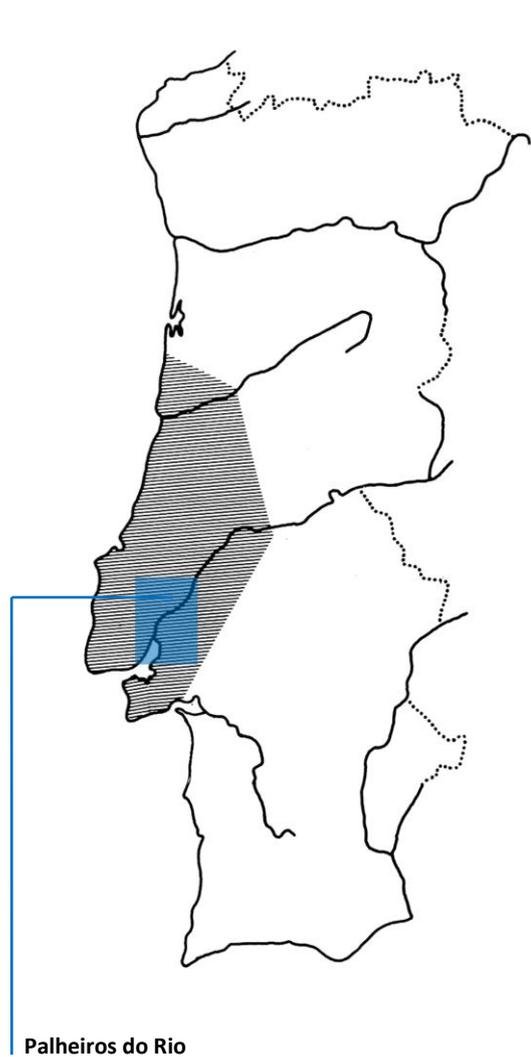
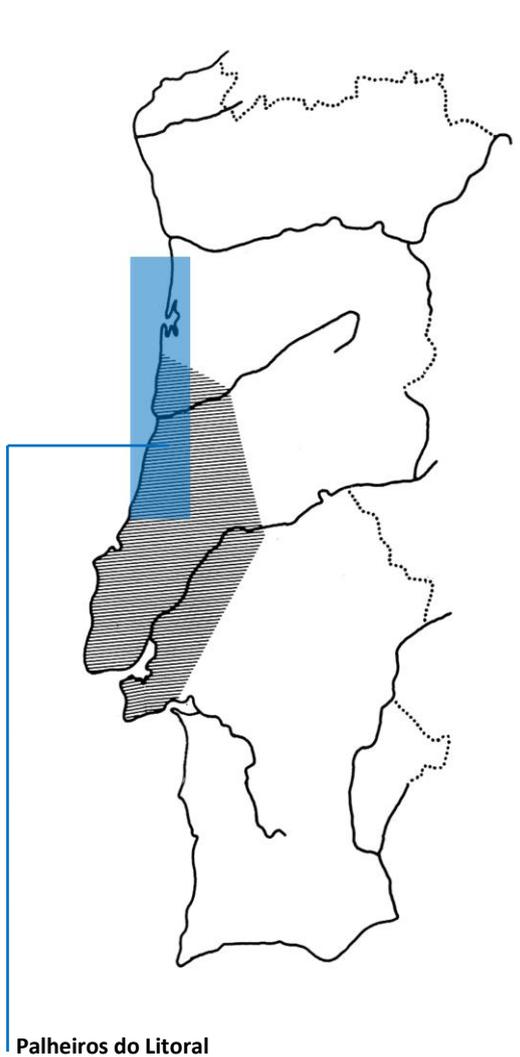
*Não foi portanto a Borda-d'água que imprimiu qualquer característica à casa dos avieiros, antes parece terem sido estes que inseriram na região do Tejo um cunho muito particular, trazendo da sua praia distante um tipo de casa que se integra perfeitamente no meio natural e se adapta às condições de vida na Borda-d'água.*⁴⁰

³⁹ SALVADO, Maria Adelaide Neto - *Os Avieiros nos finais da década de 50*. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P.37-39.

⁴⁰ SALVADO, Maria Adelaide Neto - *Os Avieiros nos finais da década de 50*. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P.39.

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

[mapa base retirado do *Inquérito*, que representa a delimitação da Zona 4]





9. Inquérito: Palheiro em Vieira de Leiria.

2.2.1. PALHEIROS DO LITORAL

*Como vive esta gente? Vive com simplicidade nos Palheiros, casa ideal para pescadores... É construída sobre espeques na areia, com tábuas de pinho e um forro por dentro aplainado (...) cheiram que consolam, quando novas, a resina, a árvore descascada e a monte; ressoam como um velho búzio e são leves, agasalhadas, transparentes (...) por dentro conservam uma frescura extraordinária, e quando se abre uma janela, abre-se para o infinito...*⁴¹

Os palheiros de base em palafita referidos no *Inquérito*, encontram-se no litoral central português, desde Espinho até à Praia de Vieira de Leiria numa extensão com cerca de cem quilómetros. Esta zona costeira caracteriza-se por ser uma faixa linear de areias quaternárias, sem acidentes geográficos, baías ou qualquer tipo de reentrâncias que pudessem servir de abrigo aos pescadores e suas embarcações, face vagas violentas que rebentam nestas areias⁴². Esta paisagem estende-se para o interior, constituindo uma zona de dunas estéreis, fixadas com a plantação de pinheiros (Pinhal de Leiria), e é caracterizada pelo uso da madeira como material de eleição.

*(...) essencial e muitas vezes único de construção das casas, que são chamadas palheiros, e que na maioria dos casos, têm aspecto de características construções palafíticas, assim apetrechadas contra a invasão das areias que o vento arrasta.*⁴³



10. Mapa do litoral central português

⁴¹ BRANDÃO, Raul - *Os Pescadores*. Porto Editora. Porto, 2004.

⁴² OLIVEIRA Ernesto; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P.9.

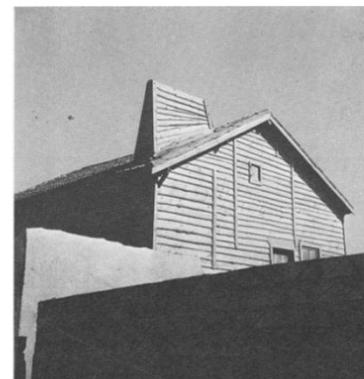
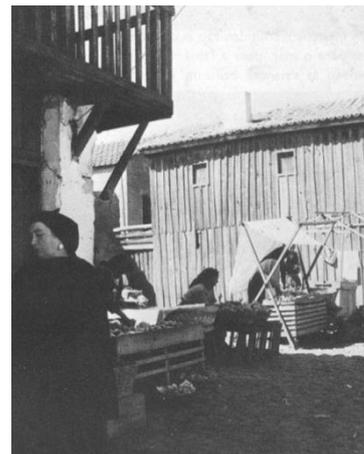
⁴³ OLIVEIRA Ernesto; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P.10.

As povoações que aqui viviam dedicavam-se à *arte xávega* e edificavam as suas habitações em madeira que possuíam uma estreita relação com esta actividade. Entre lanços de areia completamente desertos surgiram pequenos aglomerados de casario escuro, os palheiros de madeira. Estas construções implantaram-se no areal de forma dispersa ou linear originando arruamentos mais ou menos regulares⁴⁴. As casas erguiam-se geralmente no alto de uma duna que acompanhava a orla costeira.

Diante do mar, só uma construção transitória, uma barraca, é que fica bem.

Raul Brandão⁴⁵

Ainda hoje encontramos exemplos destes palheiros, uns em degradação e devolutos, outros mantidos e habitados. No entanto, com o passar dos anos, toda a envolvente física se alterou e o seu aspecto primitivo⁴⁶ também, mas não perdendo, na maior parte dos casos, os elementos e traços que os diferencia.



11. Inquérito: Praia da Vieira, Vieira de Leiria.

⁴⁴ OLIVEIRA Ernesto; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P. 10.

⁴⁵ Idem. P. 9.

⁴⁶ Primitivo quer designar original, de origem, sem alterações.



12. Uma das imagens dos palheiros de Mira presentes em “Autobiografia Científica” de Rossi.

É importante referir a alusão do arquitecto Aldo Rossi (1931-1997) a estas construções portuguesas, em particular os palheiros da Praia de Mira, mencionados na sua obra *Autobiografia Científica* (1981).

Rossi refere-se aos palheiros como “pequenas casas inocentes” produto de gestos repetidos, antigos e familiares, comportando-se como pequenos hangares para barcos⁴⁷. A sua visão é de efemeridade, associada às alterações resultantes da sua manutenção, adaptabilidade e envelhecimento, visíveis no material de que são feitos, a madeira, o que lhes dava um carácter transitório. O autor refere-se à cor destas edificações dizendo ser aquela que resulta de corpos abandonados pelo mar depois de anos, séculos, sobre a praia: uma madeira de tons cinzentos devido ao contacto com o sal marinho.

⁴⁷ ROSSI, Aldo - *Autobiographie Scientifique*. Trad. de l'italien par Catherine Peyre. Paris: Parenthèses, 1988. (1ª ed.: 1981). P. 48.



14. Quinta do Alqueidão, Porto da Palha, Azambuja. Imagem de um palheiro do rio. *Arquitetura Popular em Portugal* (1961)

Dedicavam-se, à pesca nas margens do Tejo, recorrendo à agricultura, como recurso complementar.

Quando chegados a estas novas zonas, instalavam-se em barcos, ancorados na margem do rio e, na Primavera, regressavam aos locais de origem, no litoral. Entretanto, com o correr dos tempos e talvez devido às dificuldades que implicavam as constantes mudanças de local, foram-se fixando nas margens do rio, construindo, quando as suas economias o permitiam, estruturas palafíticas, idênticas às que habitavam na terra de origem. Estes palheiros foram sendo implantados ao longo do Tejo, surgindo núcleos populacionais. As famílias com melhores condições económicas, construíam as suas casas ao “rés-do-solo”, em caniço e quando podiam compravam madeira para, aos poucos, construírem as suas casas à imagem das que habitavam no litoral.

Havia, ainda, os que por ainda não terem economias, continuaram a viver, por mais algum tempo, nos seus barcos, denominados bateiras, agrupados em pequenos núcleos mesmo à beira da água. Estes barcos utilizados na pesca, eram também utilizados como casa de família. Muitos destes agregados familiares possuíam duas bateiras, uma para habitação, outra para navegar. A bateira “habitação” ia à água apenas quando a família se deslocava, devido ao carácter migratório dos pescadores.

Por necessidade, os barcos velhos e inúteis para navegar, eram utilizados como habitação. Para tal, eram mantidos direitos através de estacas espetadas contra o casco⁴⁹.

⁴⁹ OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim - *Construções Primitivas em Portugal*. Edições D.Quixote, Lisboa, 1988. P. 284.

2.3. CARACTERIZAÇÃO FORMAL

2.3.1. IMPLANTAÇÃO

A construção em madeira possui uma estratégia estrutural e uma organização formal simples. Apesar de (...) adoptar particularidades inerentes ao local, às necessidades ou aos hábitos.⁵⁰

Palheiros do Litoral

O aparecimento destas construções em madeira não foi espontâneo, uma vez que existiam no interior do país, exemplares idênticos.

(...) a cabana, o cabanal, a choça, o sequeiro, o canastro/espigueiro, a palhoça, a casota, o saleiro e o próprio palheiro que já existia como habitação ou com outras funções previamente à ocupação do litoral.⁵¹

No entanto, as construções do litoral não eram tão “avançadas” como as do interior, devido à ocupação de carácter efémero, à dureza ambiental, às dificuldades de transporte e à pobreza destas populações.

A ocupação inicial tinha um carácter predominantemente precário, efémero e distante relativamente à povoação base. Inicialmente era determinado o local tendo em conta o acesso ao mar, a rebentação e as correntes marítimas⁵².

A costa do litoral central português é marcada por grandes dunas de areia. Encontramos no Inquérito uma descrição detalhada:

⁵⁰ AA.VV. - *As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea*. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2010. Catálogos FIA. P. 53.

⁵¹ Idem. P. 49.

⁵² Idem. P. 49-50.

As areias, que o vento sopra da costa baixa setentrional, invadem uma área que penetra quilómetros para o interior. Onde esta invasão não se dá, a natureza do solo uniformiza-se com ela. O burgau⁵³ e a terra arenosa consentem uma vegetação rasteira e odorosa de urzes⁵⁴, rosmaninho ou flores de S. João, entre as grandes manchas do pinhal verde-negro que imprimem carácter à região.⁵⁵

Na praia, não existe demarcação de propriedade e sendo assim, a sua implantação é aleatória e isolada, evoluindo nos assentamentos dunares. No século XIX, estes assentamentos passam a estabelecer-se de forma linear, alinhando-se nas dunas, paralelos à orla costeira, possivelmente por necessidade de protecção dos ventos e areia, ou mesmo, utilizando organização idêntica à dos aglomerados populacionais de origem⁵⁶.

⁵³ Cascalho, misturado com areia grossa.

⁵⁴ Nome de várias plantas arbustivas ericáceas.

⁵⁵ AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 125.

⁵⁶ AA.VV. - *As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea*. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2010. Catálogos FIA. P. 53.

Palheiros do Rio

A fixação definitiva destas populações só aconteceu anos depois das sucessivas migrações entre o litoral e as zonas ribeirinhas. Os *Avieiros* começaram a construir com carácter definitivo nas partes altas das margens do rio Tejo, fixando-se de forma permanente⁵⁷. Estas construções bastante precárias, serviam para arrumar os utensílios de pesca, mas também como espaço de abrigo para toda a família e tinham o mesmo aspecto dos palheiros do litoral português. As palafitas começaram por ser erguidas utilizando apenas o caniço, material que crescia em abundância nesta zona. Quando a situação económica o permitia, adquiriam madeira e, aos poucos, iam erguendo as suas casas, tábua por tábua⁵⁸.

⁵⁷ GASPAR, Pedro Manuel dos Santos Lima; PALLA, João - *Construções palafíticas da bacia do Tejo : levantamento e diagnóstico do património construído da cultura avieira*. Artitextos. Lisboa : CEFA ; CIAUD, 2009.

⁵⁸ SALVADO, Maria Adelaide Neto - *Os Avieiros nos finais da década de 50*. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P. 33.

2.3.2. TIPOLOGIAS

*A planimetria destas construções é invariavelmente rectangular – nas mais pequenas, quase quadrangular – adaptada à habitação de uma pessoa ou de uma família, ou a uma função específica ou conjunto de funções correlacionadas economicamente.*⁵⁹

Cobertura

As coberturas eram de duas águas formando beirais, com empenas triangulares. Quando o alinhamento era assumido através destas, a implantação deixava sempre uma viela entre as construções. Esta viela garantia o escoamento das águas pluviais e possibilitava a iluminação e ventilação no interior. Quando o alinhamento era assumido pelo beiral, por vezes partilhavam-se as paredes laterais, uniformizando beiral, cumeeira e declive da cobertura⁶⁰.

Alçado

O alçado era simples, com os vãos imprescindíveis, ou mesmo sem vãos num dos alçados. Numa fase inicial, a disposição era aleatória, mas numa fase posterior, os vãos eram dispostos alternadamente num sistema ternário (janela, porta, janela), quaternário (porta, janela, porta, janela), ou simplesmente aleatório. Nos casos em que os beirais estão virados para a rua, o alçado torna-se mais complexo, com alpendre, beiral saliente e varanda com acesso exterior⁶¹.

⁵⁹ AA.VV. - *As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitetura contemporânea*. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2010. Catálogos FIA. P. 53.

⁶⁰ Idem. P. 54.

⁶¹ AA.VV. - *As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitetura contemporânea*. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2010. Catálogos FIA. P. 54.

Fundações

Quando o terreno era firme, as estacas eram de mera fundação, não se evidenciando acima do solo, mas é difícil ter certezas, porque devido ao assoreamento, encontram-se hoje ao nível do solo, quando podia não ser essa a situação original. Se o local apresentava a possibilidade de ser invadido por água ou areia, estas estacas elevavam-se, subindo o primeiro pavimento⁶².

Nas zonas ribeirinhas, estas construções adoptavam o carácter de palafita, mesmo não estando dentro de água, abrigando-se da eventual subida do nível das águas, o que podia acontecer nas mudanças de estação (Março e Setembro). Actualmente, esta subida do nível da água não acontece devido à existência de barragens.

Nas zonas dunares do litoral, a altura das estacas era maior, chegando a atingir três metros de altura (Tocha) ou mesmo seis metros (Vieira de Leiria). Esta elevação evitava o soterramento provocado pelas areias movidas pelo vento e também a possibilidade de as vagas do mar invernosos afectarem os palheiros⁶³.

Quando livre da água ou do vento, devido às alterações na morfologia do território, o espaço sob o pavimento, onde se encontravam as estacas, deixava de ter a sua função, sendo fechado e passando a ser utilizado para arrumação dos utensílios de pesca⁶⁴. O encerramento deste espaço é a alteração mais significativa neste sistema construtivo. Com esta alteração, começam a ser usados outros materiais que não a madeira. A madeira foi o material escolhido de início, mas logo que possível,

⁶² AA.VV. - *As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea*. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2010. Catálogos FIA. P. 54.

⁶³ Idem.

⁶⁴ Idem.

recorrem às alvenarias de tijolo ou de betão. O sistema passa a ser misto, madeira e alvenaria, e afasta-se cada vez mais do seu carácter inicial⁶⁵.

⁶⁵ AA.VV. - *As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitetura contemporânea*. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2010. Catálogos FIA. P. 54.

TIPOLOGIAS Palheiros do Litoral

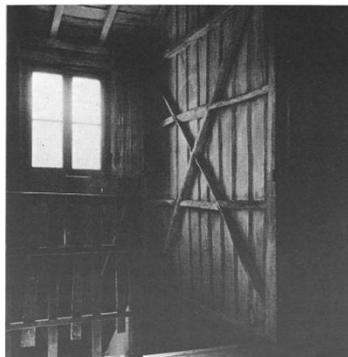
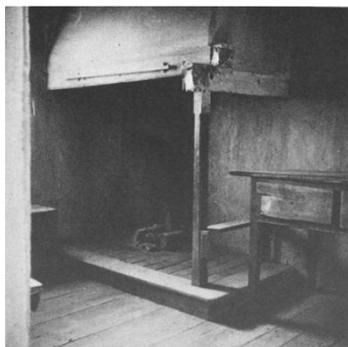
Na obra de E. Veiga Oliveira e F. Galhano, encontramos um estudo bastante completo destas edificações e sua tipologia. Grande parte da descrição tipológica que se segue tem por base a investigação realizada por estes autores, publicada em 1964, com a denominação “Palheiros do Litoral Central Português” e em 1992 em “Arquitectura Tradicional Portuguesa”.

A norte do Douro, temos exemplos de construção em madeira, denominados “barracos”, que serviam de abrigo e habitação temporária a pescadores, cabaneiros e sargaceiros e que mais tarde foram substituídos por casas de pedra, com carácter definitivo. A sul do Douro, surge o palheiro de tabuado, de planta rectangular, assente sob pilares de pedra (exemplo de Esmoriz), ou sob estacaria de madeira, nos casos onde existia movimentação das dunas. Estes palheiros caracterizavam-se pela utilização de telhados de duas águas, com uma das empenas sobre a rua. A cobertura começou por ser feita em colmo, passando mais tarde a telha. O tabuado de madeira, disposto na vertical ou na horizontal, é normalmente pintado de vermelho. As juntas são pintadas de branco ou outra cor, assim como as caixilharias e molduras, pintadas de branco ou azul, contrastando com o fundo escuro. Alguns exemplos tinham dois ou mais pisos acima da estacaria, exibindo na fachada uma varanda corrida onde se situava a porta que dava acesso a uma escada exterior. O espaço térreo, constituído apenas pela estacaria, era por vezes aproveitado para arrumação de objectos ligados à vida marítima.

No palheiro, a zona habitável encontrava-se no primeiro piso, com acesso por uma escada ou rampa exterior (habitualmente os palheiros eram apenas compostos por um piso, no entanto encontramos casos com mais pisos, por exemplo, na praia de Mira, em Aveiro). A área de



15. Inquérito: vista exterior e interior de um palheiro. Praia de Pedrogão. Leiria.



16. Inquérito: vista interior de um palheiro. Praia de Pedrogão. Leiria.

entrada albergava a cozinha e a sala comum, sem qualquer tipo de separação física. Deste espaço comum acedia-se às alcovas, espaços para dormir, de reduzida dimensão. O lume era feito na cozinha, numa caixa de barro ou de areia, normalmente encostada à parede, com telhas a proteger a madeira. Quando existia, a latrina situava-se entre a estacaria, ao nível do rés-do-chão, onde se localizava o espaço de arrumação.

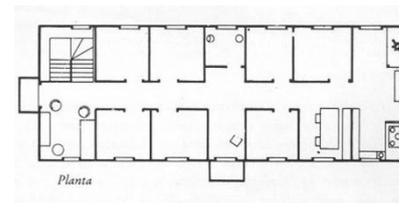
Nesta região, o litoral, era bastante desprotegido, pelo que, as dunas varridas por ventos vindos do mar, arrastavam para o interior massas consideráveis de areia, às vezes por diversos quilómetros. Para contrariar este efeito, foram plantados pinheiros bravos e arbustos que fixaram tais dunas. Isto fez com que a tipologia dos palheiros sofresse algumas alterações, uma vez já não se justificava uma construção elevada do solo, devido à movimentação de areias. O crescimento dos aglomerados populacionais, também contribuiu para as alterações referidas, pois as casas protegiam-se umas às outras das intempéries, tornando dispensável a estacaria aberta e permitindo o seu revestimento até ao solo para efeitos de aproveitamento de espaço. Assim, surgiram modelos fechados até ao nível do rés-do-chão, que serviam como zona de arrumação e mais recentemente, como garagem.

Com o passar dos tempos, a vinda de veraneantes para estes locais, trouxe outras realidades. Estes, recusando a madeira como material de construção, edificaram as suas casas em alvenaria, cuja aquisição foi facilitada pela abertura de novas vias de comunicação, que permitiram a entrada de materiais de construção, mais baratos que a madeira.

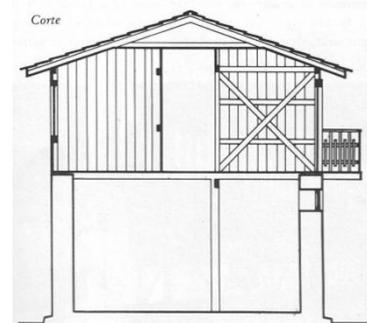
Estas mudanças sociais e económicas contribuíram para a degradação e desaparecimento de muitos dos palheiros do litoral.

Os camponeses do interior que, no Verão, vêm a banhos a Pedrógão, à Praia da Vieira, aos Palheiros da Tocha ou de Mira, encontram para os alojar pequenas casas unifamiliares de madeira ou modestas pensões. (...) Os quartos abrem-se

para um e outro lado do corredor que uma pequena sala quebra a meio, frente às rudimentares instalações sanitárias. No fundo, ocupando a parte poente de um módulo, abre-se a sala de refeições que uma cantareira separa da cozinha, (...) as chaminés, o pequeno alçapão por onde se lança o lixo para o piso inferior, que serve de arrecadação, (...).⁶⁶



Planta



Corte

17. Inquérito: Planta e corte de um palheiro. Praia de Pedrógão.

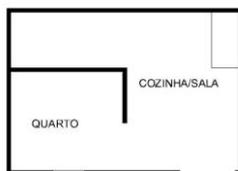
⁶⁶ AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 185.

Plantas-Tipo

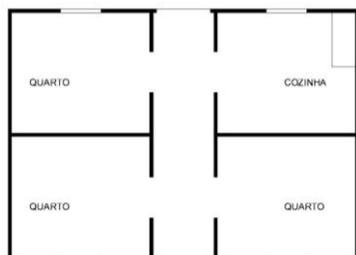


"A traça mantém-se simples, alinhando-se as saletas da frente ao fundo, bipartindo-se uma ou outra do interior, comunicando-se por vezes mutuamente e dando todas, dum lado, ao corredor comum, de fora a fora."⁶⁷

EXEMPLO I. Planta de um Palheiro em Buarcos, Figueira da Foz. Desenhado a partir dos registos do autor Rocha Peixoto em *Palheiros do Litoral* (1899).



"Nos pequenos, parece haver geralmente uma divisória formando dois compartimentos, dispostos de modo variável."⁶⁸



"Nos palheiros de dimensões medianas, a divisão hoje mais vulgar mostra um corredor que atravessa a casa a meio do seu comprimento, com dois compartimentos para cada lado, sendo um deles a cozinha virada para o lado da terra."⁶⁹

EXEMPLO II. Plantas de dois exemplos de Palheiros na Tocha, Cantanhede. Desenhado a partir dos registos dos autores E. V. Oliveira e F. Galhano em *Palheiros do Litoral Central Português* (1964).

⁶⁷ PEIXOTO, Rocha - *Palheiros do Litoral*, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899). P.79.

⁶⁸ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P. 68.

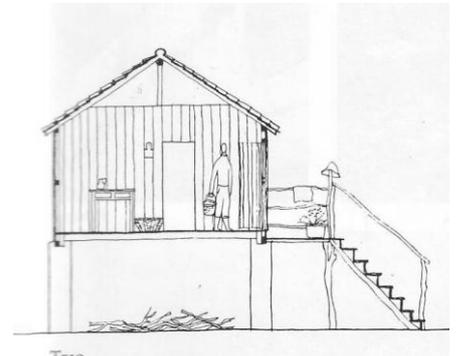
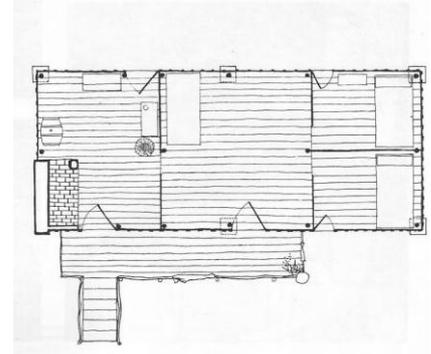
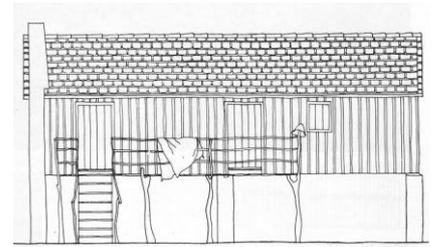
⁶⁹ Idem.

TIPOLOGIAS Palheiros do Rio

A descrição que se segue tem por base uma investigação sobre as aldeias avieiras e suas tipologias, realizada por Maria Salvado, autora do livro “Os Avieiros nos Finais da Década de 50”.

A tipologia era, de uma forma geral, de pequenas dimensões, pintada com cores vivas (azul, vermelho, verde). Como já referido, as suas formas estão relacionadas com a zona de origem destas populações, pelo que eram idênticas aos palheiros encontrados no litoral.

As casas são de construção muito simples, de pequenas dimensões e assentes sobre uma estacaria de troncos de árvores, pilares de cimento ou de tijolo com reboco. A cobertura de duas águas, é de telha ou de caniço. As janelas são habitualmente duas na fachada principal, com a porta a meio. A porta conduz a uma varanda de madeira que, como a casa, assenta sobre estacas. O acesso é feito por um lanço de escadas exterior, também em madeira, que se liga à varanda. O interior é composto por três divisões. A mais ampla, onde se situa a lareira, muito baixa e feita de tijolos, rodeada por um pequeno estrado de madeira – o *banco*. As restantes divisões são quartos muito reduzidos. A divisão entre os quartos é feita com tabiques que não chegam a tocar no tecto. Na maior parte das casas, os tabiques são forrados com papéis coloridos. O acesso à sala não tem qualquer tipo de porta, apenas uma cortina de ramagens de cores vivas. Por vezes, os tabiques servem de divisão entre os quartos, sendo a divisão entre estes e a sala feita por cortinas. Em alguns casos, os tabiques são forrados, surgindo na parte superior o sótão, utilizado para arrumar as redes de pesca. A lareira é muitas vezes dispensada, fazendo-se as refeições no exterior, junto à casa, num anexo em madeira e coberto de telha, zinco ou caniço.



18. Inquérito: Planta, Corte e Alçado de um palheiro na Quinta de Alqueidão, Azambuja.

Plantas-Tipo

"O acesso faz-se por escadas exteriores também de madeira, de degraus desconjuntados, que se ligam às varandas para onde se abrem as portas.

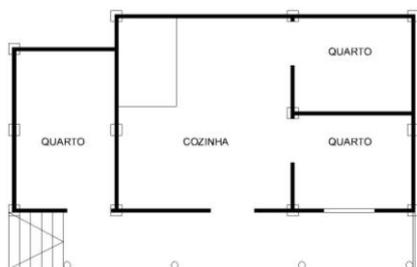
Pelo interior, seja uma família numerosa ou pequena, há sempre três divisões: uma mais espaçosa, onde a um canto se vê uma lareira muito baixa a poucos centímetros do chão (...) e outras duas divisões, muito mais pequenas, que fazem de quarto (...)."⁷⁰



EXEMPLO I. Planta de um Palheiro em Caneiras, Santarém. Desenhado a partir dos registos da autora Maria Salvado em *Os Avieiros nos finais da*



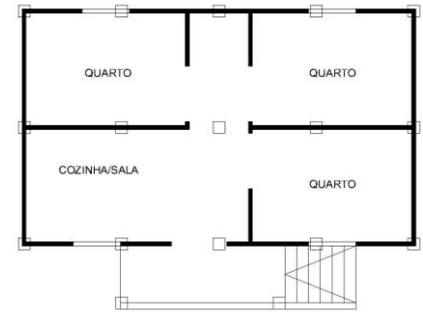
19. Palheiro em Caneiras correspondente à planta ao lado.



II. Planta de um Palheiro, com marcação da estacaria, em Caneiras, Santarém. Desenhado a partir dos registos do autor Mário Moutinho em *A Arquitectura Popular Portuguesa* (1979).

⁷⁰ SALVADO, Maria Adelaide Neto - *Os Avieiros nos finais da década de 50*. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P. 52.

III. Planta de um Palheiro, com marcação da estacaria, na povoação de Faias, Benfica do Ribatejo. Desenhado depois de visita ao local.



"Faias: conjunto de duas casas em palafita, uma delas em ruínas; os antigos habitantes deste assentamento foram habitar para Benfica do Ribatejo e para Azeitada; existem testemunhos de que havia mais barracas, mas das quais não se encontram actualmente quaisquer vestígios (...)."⁷¹

20. Palheiro na Povoação de Faias, Benfica do Ribatejo.

⁷¹ GASPAR, Pedro Manuel dos Santos Lima; PALLA, João - *Construções palafíticas da bacia do Tejo: levantamento e diagnóstico do património construído da cultura avieira*. Artitextos. Lisboa : CEFA ; CIAUD, 2009.

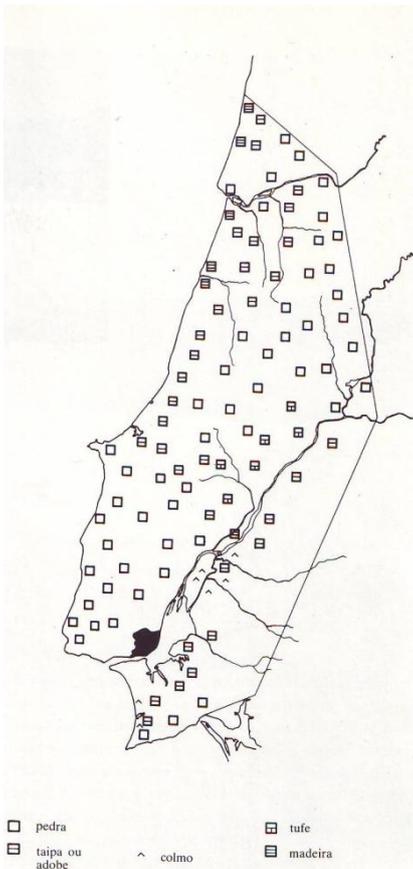
2.3.3. MATERIAIS

A construção de madeira, além de ser imposta pela presença do pinhal, está certa para as condições naturais da região – funciona de maneira correcta em relação ao chão arenoso e à humidade que o ar do mar traz consigo.⁷²

MATERIAIS Palheiros do Litoral

A falta de pedra e de barros para adobes nesta região aliada à dificuldade de transporte nos areais, foi a principal razão para a utilização da madeira, que requer uma quantidade menor e é mais leve do que a pedra⁷³. Além disso, os palheiros encontravam-se implantados nas dunas, tendo muito perto enormes extensões de pinheiros, que forneciam a madeira. O pinho, em contacto com o ar salino, torna-se mais resistente. As casas, mesmo quando tinham mais de um piso, eram construídas, na sua totalidade, com madeira desde as estacas, paredes e até a cobertura (por curiosidade, de notar que desde finais do século XIX, que se substituiu a madeira por telha, único material que vinha de fora). A facilidade em obter madeira e o seu baixo custo, relacionado com a proximidade para a obtenção, levou à sua generalização.

Para o recurso à madeira como material construtivo, existem também razões culturais: o prolongamento de tradições anteriores. A pedra e o adobe, estáveis e sólidos para o lavrador; a madeira, extensão do barco para o pescador.



21. Inquérito: mapeamento dos materiais.

⁷² AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 181.

⁷³ OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P. 12.

Os sistemas construtivos em madeira⁷⁴, já eram bastante utilizados em Portugal, predominantes em aglomerados e conjuntos de edifícios ou de forma pontual.

O revestimento exterior destas construções era feito com tabuado de madeira aparelhado ou não. A madeira era *trincada* quando colocada em posição horizontal e aplicada com sobreposição das peças ou *justaposta* quando colocada em posição vertical. O remate era feito exteriormente por uma ripa, tanto na posição trincada como na justaposta. De referir que, na posição *trincada* tal remate só era utilizado quando os edifícios eram de maior dimensão ou quando as tábuas tinham menor comprimento. Uma junta vertical cobria os topos das tábuas em posição horizontal. Quanto à posição *justaposta*, a colocação das tábuas em posição vertical, implicava o uso de um forro, com uma ligeira sobreposição lateral de peças idênticas, onde uma tábua mais saliente era pregada sobre duas peças já colocadas. Este processo requeria peças de melhor qualidade.

O tabuado de madeira era pintado de preto (*negro-de-fumo*⁷⁵) ou de vermelho (*roxo-rei*⁷⁶), cujos materiais colorantes eram diluídos em óleo, geralmente de peixe. Durante a aplicação juntava-se a areia batida pelo vento. Estas cores nunca ficavam uniformes devido às diferentes diluições que geravam cambiantes de cinza e de vermelho acastanhado. As peças de remate podiam ser pintadas de cores contrastantes.

Este tipo de pintura é mais tarde abandonado, passando as tábuas a ser pintadas, de forma alternada, com duas cores (preto e vermelho). Já no século XX, surgem cores e combinações de cores mais arrojadas: verde e amarelo, azul e creme. No entanto, estas cores eram bastante ténues. Com a introdução do branco, já no final do primeiro quartel do século XX, introduziu-se o uso de tonalidades mais vivas como o vermelho, o



22. Palheiro na Tocha. Exemplo com os dois tipos de revestimento mostrados em baixo.



23. Revestimentos.

⁷⁴ Único material utilizado (fundações, alçados e cobertura).

⁷⁵ Espécie de fuligem produzida por resinas queimadas, e que serve para diversos usos nas artes.

⁷⁶ Pó com que se prepara uma cor vermelho-escura.



24. Palheiros na Tocha. Esquemas de cores.

azul e o verde, ainda hoje utilizadas, mesmo no sistema misto de madeira e alvenaria.

Na cobertura era utilizado o método de tabuado trincado tal como no revestimento exterior das paredes. Estes materiais eram alvo de constante manutenção e, quando necessário, substituídos. A substituição do tabuado de madeira por telha cerâmica de *meia-cana* e mais tarde *marselha*, ocorria sempre que havia condições económicas para o efeito.

Nalgumas povoações das proximidades do pinhal de Leiria a construção de casas de madeira, ou mesmo a reparação das já existentes, está proibida. (...) Proibida a reparação com madeira, a casa arruína-se, mesmo que lá continue a viver gente, ou começa a substituição do paramento que se vira à rua por outro de blocos de cimento ou de adobe, embora muitas vezes as construções primitivas se conservem por trás dessa falsa fachada de influência citadina. É errado supor que os materiais tradicionais são incompatíveis com a habilidade das construções. Uma casa bem construída, de taipa ou madeira, pode satisfazer, se possuir equipamento e se não lhe for negada a conservação.⁷⁷

Em alguns casos, as estacas em madeira foram substituídas por estacas em pedra, muretes, ou socos em alvenaria, estes últimos utilizados mais recentemente quando se fazia a passagem do sistema puro em madeira para o sistema misto em madeira e alvenaria. No entanto, a utilização da madeira (estável em atmosfera húmida e salina), era a mais adequada ao tipo de solo dunar, muito mole nos estratos superficiais, pelo que a cravação de estacas tornava-se mais fácil do que em alvenaria⁷⁸.

⁷⁷ AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 186.

⁷⁸ AA.VV. - *As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea*. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2010. Catálogos FIA. P. 52.

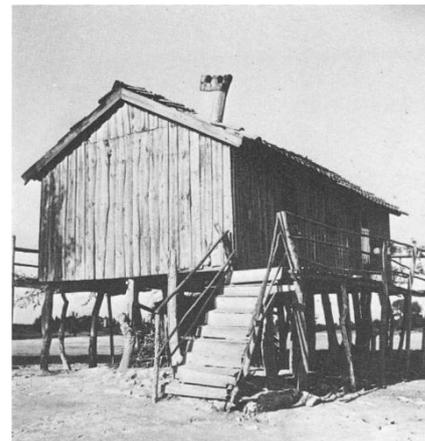
MATERIAIS Palheiros do Rio

Tinham grande semelhança com os palheiros do centro litoral, por serem também o seu local de origem, as casas onde estas populações sempre tinham vivido.

No entanto, para além de ser o material mais barato, existe uma outra razão para a construção ser em madeira: nem a Capitania do Porto de Lisboa, nem a Hidráulica⁷⁹, permitiam a construção com outro tipo de material. A adaptação ao novo contexto geográfico é bem ilustrada pela edificação na Palhota, onde os troncos de oliveira eram utilizados como suporte da edificação⁸⁰.

A estacaria alta era constituída por troncos toscos de árvores, pilares de cimento ou tijolos com reboco, estes numa fase posterior. Os telhados, numa primeira fase, eram de caniço passando mais tarde a telha. Tal como a casa, a varanda e escadas que lhe davam acesso eram de madeira. Também as casas eram de diferentes materiais: paredes de madeira, zinco e folha⁸¹. No interior as divisões eram separadas por paredes de tabique.

Nos palheiros do rio, a construção em madeira, tão característica no litoral, vai dando lugar a outros materiais, que começaram a estar disponíveis com mais facilidade, devido, principalmente, à evolução dos meios de comunicação, já referido. Estas alterações seriam já habituais na década de 50 do século XX (altura em que é elaborado o *Inquérito*).



25. Inquérito: Quinta do Alqueidão, Porto da Palha, Azambuja. Exemplo de estacaria de troncos de árvore e exemplo de estacaria de tijolo com reboco.

⁷⁹ Antiga D.S.H.T. (Direcção de Serviços de Hidráulica do Tejo). Actualmente os mesmos serviços competem ao PCCRL (Projecto de Controlo de Cheias da Região de Lisboa), departamento do Instituto da Água. O P.C.C.R.L. veio substituir não só a D.S.H.T. mas também a D.G.R.N. (Direcção Geral de Recursos Naturais)

⁸⁰ CALOR, Inês Alhandra - *Técnicas Construtivas Avieiras. Tradição e inovação no sistema palafítico*. Architectos sem Fronteiras Portugal. Disponível HTTP: <<http://revistas.ulusofona.pt/>> (Agosto 2011).

⁸¹ SALVADO, Maria Adelaide Neto - *Os Avieiros nos finais da década de 50*. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P. 33.



26. Escarpim. Contraplacado de madeira.



27. Aldeia do Lezirão. Chapa ondulada que deixa à vista os pilares de betão.



28. Escarpim. Pilares em alvenaria de tijolo.

Quanto aos revestimentos, embora ainda se encontrem muitos exemplos em tabuado de madeira, existia uma grande variedade de materiais que continuavam a ser de carácter pobre. É recorrente ver-se, nos exemplos que ainda prevalecem, uma mistura de diferentes materiais no revestimento da mesma casa. Uma das opções habituais que, não sendo tão característica como o tabuado de madeira, mas que conseguia, ainda assim, uma homogeneidade formal, era o contraplacado de madeira, por vezes aplicado numa espécie de “patch work”⁸².

Nas construções palafíticas do Tejo, tal como acabou por acontecer no litoral e salvo raras excepções, as estacas de madeira foram substituídas por pilares de betão armado ou de alvenaria de tijolo. No entanto, a estrutura do corpo do edifício continuava a ser, na sua maioria, de madeira.

⁸² CALOR, Inês Alhandra - *Técnicas Construtivas Avieiras. Tradição e inovação no sistema palafítico*. Arquitectos sem Fronteiras Portugal. Disponível HTTP: <<http://revistas.ulusofona.pt/>> (Agosto 2011).

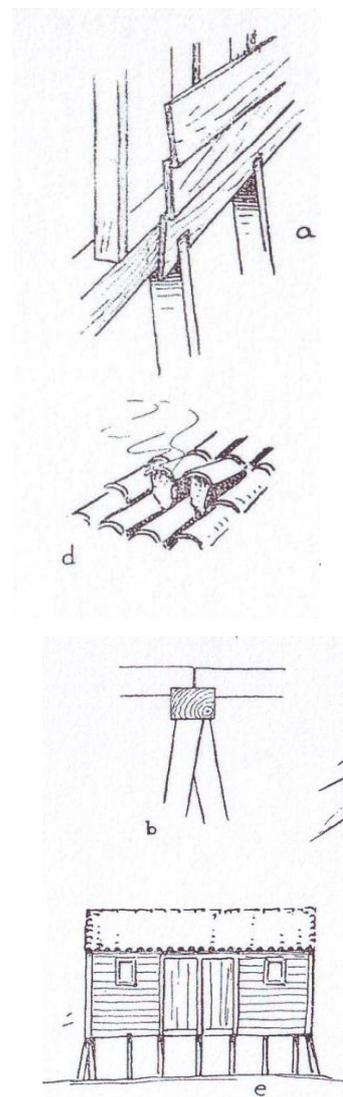
2.3.4. SISTEMA CONSTRUTIVO

SISTEMA CONSTRUTIVO Palheiros do Litoral

As peças de elevação ou estacas, eram bastante compridas e tinham uma secção circular que davam um carácter palafítico à construção. Nos casos mais evoluídos construtivamente, a secção das estacas era rectangular, uniformizando-se com a própria construção.

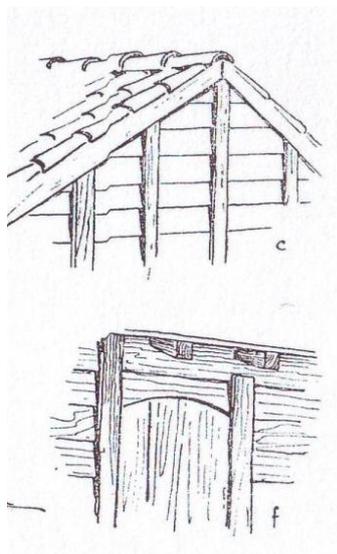
Neste sistema, a evolução da fundação era diferente da evolução da elevação. A fundação apresentava sub-sistemas de *pau-a-pique* e *independente*⁸³.

“Pau-a-pique”: os elementos de elevação vertical eram cravados fortemente no solo, recorrendo-se a uma escavação e posterior aterro. A uma altura considerada adequada, as peças verticais eram tornadas solidárias com o recurso a um conjunto de vigas onde iria assentar o pavimento elevado em relação ao solo. Mais acima, as peças eram ligadas, da mesma forma, por um conjunto de vigas superiores. Nas edificações de menor dimensão, as tábuas de madeira do revestimento exterior, eram pregadas em todas as estacas verticais fortalecendo o sistema, mas nos de maior dimensão, as tábuas eram pregadas apenas entre duas estacas, formando um remate, que seria depois colmatado com uma junta exterior em posição vertical.



29. Pormenores palheiros da Tocha.

⁸³ AAVV, *As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea*. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2010. Catálogos FIA. P. 58.



30. Pormenores palheiros da Tocha.



31. Palheiro degradado na Costa de Lavos. Sistema entramado sobre sistema enfunecado.

“Independente”: a fundação é individualizada. Após a escavação do poço de fundação são colocadas estacas que posteriormente são aterradas e unificadas superiormente por uma peça horizontal formando linha (união das estacas colineares), quatro peças formando um perímetro ou várias peças ortogonais formando uma grade.

Relativamente à elevação das paredes são considerados quatro sistemas diferentes. No *sistema simples*, a elevação é feita sem qualquer reforço, aparelhamento ou encaixamento, evoluindo para a utilização de frechal⁸⁴ inferior e superior; no *sistema tarugado*, além dos frechais inferior e superior, são colocadas peças horizontais entre as peças de elevação vertical, simplesmente entaladas e pregadas; no *sistema enfunecado*⁸⁵, são aplicadas sistematicamente pequenas escoras oblíquas em todas as paredes; no *sistema entramado*, são colocadas peças horizontais pregadas às peças verticais de elevação, tornando a parede bastante rígida.

⁸⁴Viga de madeira que corre sobre a última fiada de uma parede e na qual assentam as pontas dos vigamentos, os barrotes de um telhado ou as linhas de uma asna. In *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura*, 1996.

⁸⁵ O funeco é uma pequena escora pregada a um frechal e a um dos postes formando um pequeno triângulo que estabiliza a estrutura da parede. In *As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea*, 2010.

E. Veiga de Oliveira e F. Galhano e os cinco tipos de fundações⁸⁶

E. Veiga de Oliveira e F. Galhano, fizeram um estudo aprofundado dos palheiros, localizados entre Espinho e Vieira de Leiria, na obra “Palheiros do Litoral Central Português” de 1964. Estes autores, encontraram características particulares em determinadas localidades, apesar da uniformidade existente entre elas. Sendo assim, realizaram uma classificação dos diferentes tipos de fundações, tendo em conta os aspectos formais e construtivos.

1. “Tipo Furadouro”

Entre a Praia de Espinho e São Jacinto:

- Sistema construtivo *pau-a-pique*, com tabuado até ao solo;
- Estacaria em troncos de pinho, mais tarde de carvalho, enterrada directamente na areia;
- Planta quadrangular.

2. “Tipo Mira”

Entre a Costa Nova e Leirosa:

- Sistema de estacaria *independente*, com caixilho ou grade⁸⁷: estrutura de barrotes⁸⁸ que se ergue sobre uma grade de linhas⁸⁹, que por sua vez assenta em estacas enterradas no solo;
- Revestimento exterior em tabuado de madeira disposto na horizontal.



32. Tipo Mira. Palheiros na Tocha.



33. Inquérito: Tipo Vieira. Palheiro na Praia da Vieira.

⁸⁶ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964.

⁸⁷ Conjunto de barras ou ripas dispostas com uma certa sistematização, definindo espaços regulares. In *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura*, 1996. Neste caso, formam a base do palheiro assente sobre estacas.

⁸⁸ Viga ou trave de madeira, grossa, que sustenta as tábuas do soalho, ripado ou tecto. In *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura*, 1996.

⁸⁹ Elemento horizontal de uma asna. In *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura*, 1996. Neste caso corresponde também à trave horizontal constituinte do caixilho, no qual assenta o soalho.



3. “Tipo Vieira”

Em Pedrógão e Praia da Vieira:

- Sistema construtivo *pau-a-pique*, com exemplos de tabuado até ao solo ou exemplos de cariz palafítico com as estacas visíveis;
- Estrutura semelhante ao “Tipo Furadouro”, mas diferente no sistema de prumos, que existiam apenas nos cantos, um a meio de cada lado e um no canto inferior;
- A estrutura era reforçada por barrotes na horizontal;
- Revestimento exterior, em tabuado de madeira disposto na vertical e pregado sobre os barrotes;
- Linha pelo exterior;
- O aspecto palafítico devia-se à interrupção do revestimento exterior na linha distanciada do solo.



4. “Tipo Esmoriz”

Em Esmoriz e Cortegaça;

- Aspecto palafítico, sobre estacaria, e sistema de vigas;
- Assentava sobre uma dupla grade (a primeira composta por duas ou três vigas assentes em moirões⁹⁰; a segunda, assentava na primeira, recebendo o soalho e toda a estrutura do edifício);
- Revestimento exterior com tabuado na vertical com mata-juntas;
- O “Tipo Esmoriz”, segundo os autores, surgiu em finais do século XIX, inventado por um carpinteiro local.

34. Tipo Esmoriz. Palheiro em Esmoriz.

5. “Palheiros sobre muros”

Evolução tipológica das fundações em todo o litoral central;

- Fundações constituídas por muros de betão ou tijolo com reboco;
- A alvenaria era utilizada para fechar o espaço entre as estacas, utilizado como arrumação.

⁹⁰ Estacas em granito, numa fase inicial, e em betão armado, numa fase posterior, onde assentam as vigas que recebem a grade de linhas. Moirão é uma designação local, utilizada pelos autores E. Veiga Oliveira e F. Galhano para definir os palheiros de Esmoriz e Cortegaça “Palheiros assentes sobre moirões”.

As três fases evolutivas

Daniel Moutinho⁹¹ documenta as soluções construtivas encontradas em mais de uma centena de palheiros, ainda existentes à data do inventário, nas povoações da *Zona da Xávega* e propõe uma categorização de todos os elementos construtivos dos palheiros. No que diz respeito ao embasamento, distinguem-se três estádios, baseados na evolução temporal: *Estádio Primitivo*, *Estádio Intermédio* e *Estádio Final*.

1. “Estádio Primitivo”

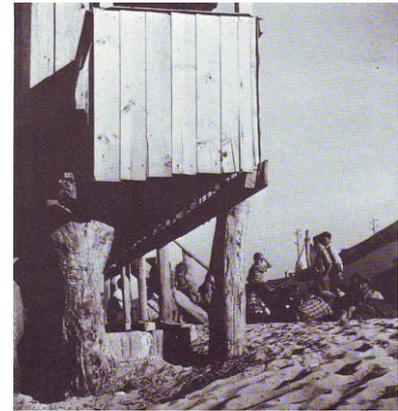
Entre os finais do século XVI e finais do século XIX, estes palheiros foram edificados directamente em cima do solo e provocando a acumulação de areias que arrastadas pelo vento, se depositavam nas paredes exteriores.

2. “Estádio Intermédio”

Entre os finais do século XIX e meados do século XX, estes palheiros, já com aspecto palafítico, foram edificados com elevação em relação ao solo, resolvendo o problema da acumulação de areias arrastadas pelo vento. As estacas tinham dimensões variáveis entre o solo e o piso (de um metro até à altura de um piso) possibilitando o abrigo dos barcos.

3. “Estádio Final”

Consiste, numa fase posterior, em alterações nas fundações dos palheiros do *Estádio Intermédio*, em que a zona de estacaria é completamente fechada.



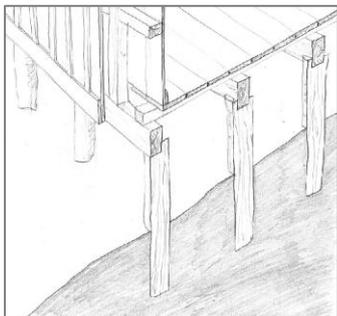
35. Inquérito. Estádio intermédio.



36. Estádio final. Tocha.

⁹¹ MOUTINHO, Daniel Fernando Oliveira (2007). *Edifícios de construção tradicional em madeira, o exemplo dos palheiros do litoral central português*. Prova Final para obtenção de licenciatura em Arquitectura, FAUP, [ano lectivo 2006/2007]. P. 43.

Palheiro sobre estacas

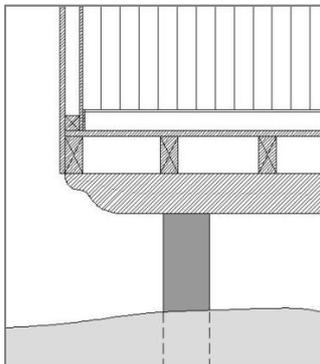


Desenho de Daniel Moutinho a partir dos registos de E. Veiga Oliveira e F. Galhano.



37. Exemplo na Praia da Tocha. Estrutura em madeira igual à do desenho supra, no entanto, as fundações terão sido alteradas para alvenaria.

Palheiro sobre moirões

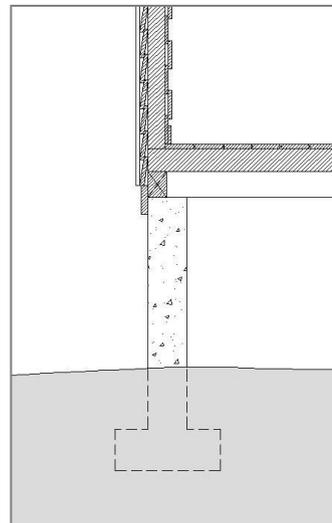


Desenho realizado a partir dos registos de Daniel Moutinho.



38. Palheiros em Esmoriz sobre moirões.

Palheiro sobre pilares



Desenho realizado a partir dos registos de Daniel Moutinho.



39. Três exemplos na Praia da Tocha.

SISTEMA CONSTRUTIVO Palheiros do Rio

Originalmente constituídos por paredes e coberturas feitas de caniço disposto de forma entrelaçada, formavam uma estrutura autoportante, que depois assentava sobre uma base em estrado de madeira, estando esta assente sobre estacas de madeira enterradas no lodo. Com o passar dos anos, estas características foram-se perdendo, devido à necessidade de maior conforto e durabilidade, dando lugar a construções que mantinham a mesma matriz, mas diferente materialidade: paredes e cobertura em madeira e telha, e estacas em alvenaria ou betão.

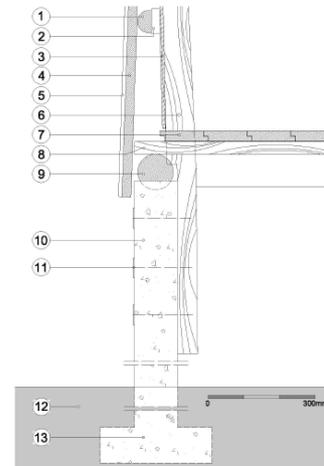
Inês Alhandra Calor refere, na sua dissertação, a existência de algumas particularidades encontradas nas casas dos Avieiros, que não encontramos no litoral. Numa análise pormenorizada feita pela autora, encontramos o seguinte exemplo, com características idênticas à dos palheiros do litoral: a sobreposição dos elementos estruturais nos pilares em que a viga perimetral do sobrado assenta sobre o pilar, a viga de soalho assenta sobre a viga perimetral e, por sua vez, o prumo assenta sobre a viga de soalho. Tal disposição permite uma independência estrutural entre os pilares e a estrutura da barraca, representando uma mais-valia se for necessário proceder à sua deslocação⁹².

Outros dois exemplos (imagens 40 e 41) analisados pela autora, apresentam a particularidade de o prumo (barrote) vertical ser paralelo ao pilar, situação da qual não se encontra qualquer referência, pelo que se pressupõe ser uma inovação dos pescadores Avieiros⁹³.



Pormenor tipo n.º 2
Legenda:

1. Travessanho
2. Calço
3. Forro interior contraplacado
4. Tabuado Vertical Exterior
5. Ripa Mata-Juntas
6. Prumo
7. Soalho macheado
8. Viga de Soalho
9. Viga perimetral do sobrado
10. Pilar de betão armado
11. Grampos de fixação metálicos



40. Palheiro na Povoação de Cucos e respectivo pormenor construtivo.

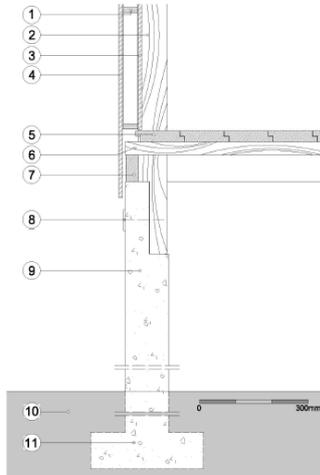
⁹² CALOR, Inês Alhandra - *Técnicas Construtivas Avieiras. Tradição e inovação no sistema palafítico*. Architectos sem Fronteiras Portugal. Disponível HTTP: <<http://revistas.ulusofona.pt/>> (Agosto 2011).

⁹³ CALOR, Inês Alhandra - *Técnicas Construtivas Avieiras. Tradição e inovação no sistema palafítico*. Architectos sem Fronteiras Portugal. Disponível HTTP: <<http://revistas.ulusofona.pt/>> (Agosto 2011).



Pormenor tipo n.º 3
Legenda:

1. Estrutura de suporte do contraplacado
2. Prumo
3. Revestimento exterior contraplacado
4. Revestimento exterior contraplacado
5. Soalho machedado
6. Viga de soalho
7. Viga perimetral de soalho
8. Grampos de fixação metálicos
9. Pilar de betão armado
10. Solo
11. Sapata



41. Palheiro na Povoação de Faias e respectivo pormenor construtivo.



3. 50 ANOS DEPOIS DO INQUÉRITO

3.1. ÍNDICE DOS LOCAIS VISITADOS E CASOS DE ESTUDO

Palheiros do Litoral

EXEMPLOS PRESENTES NO INQUÉRITO:

[por ordem de aparência]

PRAIA DE MIRA, Mira, Coimbra

PRAIA DA TOCHA, Cantanhede, Coimbra

ARMAZÉNS NA FOZ DO RIO MONDEGO, Figueira da Foz, Coimbra

PRAIA DE VIEIRA, Vieira de Leiria, Leiria

PRAIA DA COSTA DE LAVOS, Figueira da Foz, Coimbra

PRAIA DE PEDROGÃO, Pedrógão, Coimbra

LOCAIS VISITADOS:

[de Norte para Sul]

PRAIA DE ESMORIZ, Esmoriz, Ovar, Aveiro

PRAIA DA TOCHA, Tocha, Cantanhede, Coimbra

PRAIA DE QUIAIOS, Quiaios, Figueira da Foz, Coimbra

ARMAZÉNS NA FOZ DO RIO MONDEGO, Figueira da Foz, Coimbra

PRAIA DA COSTA DE LAVOS, Figueira da Foz, Coimbra

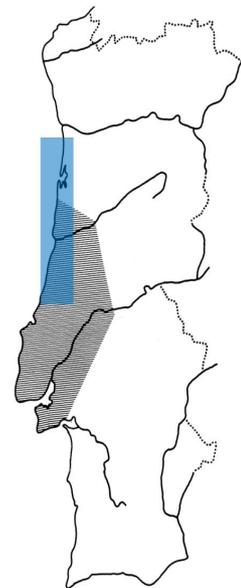
PRAIA DE PEDROGÃO, Pedrógão, Coimbra

PRAIA DE VIEIRA, Vieira de Leiria, Leiria

CASOS DE ESTUDO:

I. **PRAIA DA TOCHA**, Tocha, Cantanhede, Coimbra

II. **PRAIA DE ESMORIZ**, Esmoriz, Ovar, Aveiro



Palheiros do Rio

EXEMPLOS PRESENTES NO INQUÉRITO:

[por ordem de aparência]

QUINTA DO ALQUEIDÃO, Azambuja, Lisboa

ALDEIA DA PALHOTA, Valada, Cartaxo, Santarém

LOCAIS VISITADOS:

[de Norte para Sul]

CUCOS E FAIAS, Benfica do Ribatejo, Almeirim, Santarém

ALDEIA DA PALHOTA, Valada, Cartaxo, Santarém

ALDEIA DE ESCAROUPIM, Salvaterra de Magos, Santarém

ALDEIA DO PEIXE, Benavente, Santarém

ALDEIA DO LEZIRÃO, Azambuja, Lisboa

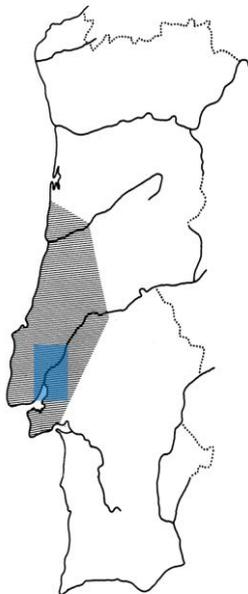
CAIS PALAFITICO DA PÓVOA DE SANTA IRIA, Vila Franca de Xira, Lisboa

CASOS DE ESTUDO:

I. **ALDEIA DA PALHOTA**, Valada, Cartaxo, Santarém

II. **ALDEIA DE ESCAROUPIM**, Salvaterra de Magos, Santarém

III. **CUCOS E FAIAS**, Benfica do Ribatejo, Almeirim, Santarém



3.2. PALHEIROS DO LITORAL

Locais visitados:



3.2.1. ENQUADRAMENTO E SITUAÇÃO ACTUAL

Há cinquenta anos, altura em que é publicado a *Arquitectura Popular em Portugal* (1961), o litoral central português era habitado na sua grande maioria por pescadores desenvolvendo ali a sua actividade. No *Inquérito* encontramos a descrição desta realidade:

Na parte setentrional da Zona, os aglomerados de casas de madeira dos pescadores opõem-se ao carácter fechado e branco das povoações do Sul. A cal é incapaz de adoçar as arestas vivas da madeira, os balanços e os espaços recolhidos são mais fáceis de conseguir e a vida da população exige um vaivém contínuo de casa para a rua, para o mar, para a faina, à partida e à chegada das embarcações. A vida passa-se em frente da casa.⁹⁴

As praias, caracterizadas pelas suas dunas de areia e vastos pinhais nas proximidades, eram pontuadas por aglomerados mais ou menos densos de palheiros que serviam, também, como habitação dos pescadores.

Cinquenta anos passados, ainda encontramos exemplos destas edificações de origem popular. Muitas das populações mostram preocupação em mantê-los, talvez pela história que consigo transportam, mas também pelo seu carácter cultural e turístico. Uns habitados, na sua maioria de forma sazonal, outros encontram-se devolutos ou abandonados. Na verdade, a nossa pesquisa de campo ofereceu-nos as mais variadas situações no que respeita à conservação dos mesmos. Uns apresentam-se em ruínas, outros degradados e outros em fase de reconstrução ou já reconstruídos, o que muito nos agradou. É importante referir que, quando falamos de reconstrução, não estamos a falar de um restauro do edifício procurando a sua pureza original, mas sim uma preocupação em manter o seu aspecto inicial,

⁹⁴ AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 147.

mas utilizando métodos construtivos que permitem maior conforto face às necessidades que a vida moderna impõe.

A utilização da madeira obriga a manutenções periódicas, e traz consigo uma ideia de material efémero, pelo que, muitos dos palheiros reconstruídos têm agora estacaria noutra material, que não requer tanta manutenção. Em alguns casos observados, foi possível perceber a colocação de novo tabuado de madeira nas fachadas, mantendo o seu aspecto original, o que não deixamos de felicitar.

A maior alteração que terá ocorrido nestas praias terá sido a sua urbanização. Onde antes apenas existia areal, encontramos o alcatrão e o empedrado dos arruamentos. Em alguns casos, as estacas estão lá mas estão menos visíveis, devido à regularização dos terrenos.

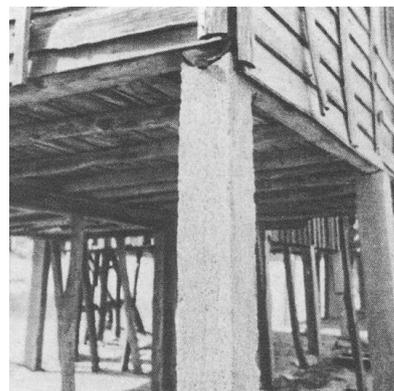
Para além disto, surge um novo edificado e uma matriz urbana que coabita com os palheiros. Em algumas das praias, as novas construções são na sua maioria de carácter unifamiliar, noutros casos (aquele em que se dá o desaparecimento dos palheiros), os edifícios são de carácter colectivo, implantados de forma regular e formando arruamentos perpendiculares e paralelos à grande avenida que dá acesso à praia. Os palheiros tornam-se assim, parte integrante da “nova” malha urbana. Torna-se interessante perceber a tentativa em recriar a imagem de Palheiro em construções recentes, com alterações relativamente aos originais, mas denotando o desejo de manter a história desta arquitectura de origem popular. A estacaria em madeira praticamente desapareceu, dando origem a palheiros com estacaria em pedra, betão ou alvenaria de tijolo. É evidente o contraste de cores e materiais presentes nos remanescentes, com estacaria em tons de cinzento ou com reboco branco. Onde anteriormente se encontrava a estacaria, passou a existir zona térrea fechada, com os mesmos tons (aproveitamento para arrumos e garagem).

Visualmente a diferença de materiais e cores é bastante forte, entre o que é a casa forrada a tabuado de madeira e as suas fundações em branco, bastante marcadas.

3.2.2. CASO DE ESTUDO: PALHEIROS DA TOCHA, PRAIA DA TOCHA, CANTANHEDE

O conjunto dos Palheiros da Tocha está situado na Praia da Tocha, em Cantanhede, na região centro, entre as praias de Mira e Quiaios. Por volta do século XVIII, início do século XIX, apareceram os primeiros povoadores, verdadeiros colonos, pescadores oriundos do litoral Norte (Ovar, Murtosa e Ílhavo) que, na procura de novas praias para a prática da pesca, aqui terão permanecido, trazendo consigo a tradição e o saber da construção em madeira, incluindo a construção palafítica. Estas edificações não eram só de estrutura palafítica, com grade assente sobre estacas independentes. Estas estacas encontravam-se à vista, ao contrário, por exemplo, do que acontecia em Mira, onde a estacaria era revestida até ao solo, criando um piso térreo fechado. Por todo o litoral, os palheiros de aspecto palafítico acabaram por desaparecer (a estacaria é fechada com tabuado e mais tarde com outros materiais), mas a Tocha pode ser encarada como uma exceção, existindo a vontade de manter esse carácter palafítico.

Aqui as casas eram de tamanho diminuto – as mais pequenas chegavam a ter cerca de cinco metros quadrados de área - e o pé direito, desde o soalho ao frechal, era normalmente de dois metros de altura. Encontravam-se alinhadas em arruamentos largos de areia, paralelos ao mar, em níveis consecutivos da duna. Isoladas umas das outras, voltavam as empenas, geralmente sem janelas, para as casas vizinhas. As aberturas eram feitas na fachada que correspondia à frente da casa, à face da rua, sob o beiral. A porta situava-se a meio da fachada, com uma janela de cada lado, mas nos exemplos de dimensão mais reduzida, podíamos encontrar uma porta e uma janela ou apenas uma porta. Na encosta da duna virada para o



42. Inquérito: Palheiros da Tocha.



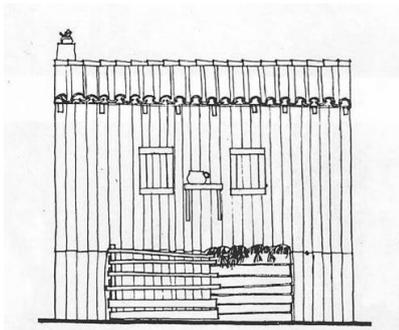
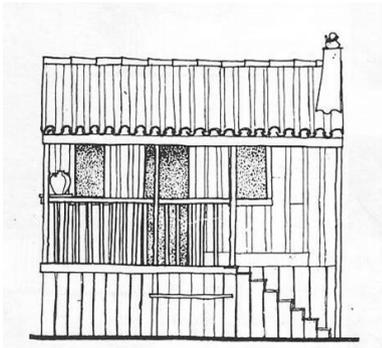
43. Inquérito: Palheiro na Praia da Tocha.

mar, era frequente verem-se aberturas nas duas fachadas opostas. As janelas muitas das vezes reduziam-se a postigos muito diminutos, colados à porta. Em algumas situações, normalmente resultantes de uma partilha entre herdeiros, os palheiros eram/são divididos ao meio, constituindo duas habitações com as respectivas portas coladas uma à outra.

Os únicos motivos decorativos existentes nos palheiros localizavam-se no pormenor da porta, por vezes arqueada no topo – a tábuia horizontal de revestimento acima da porta é serrada em arco - e a pintura, utilizando-se duas cores, geralmente negro, com as guarnições em branco. Os palheiros eram tradicionalmente pintados com óleo queimado, bastante eficiente como protector da madeira. Este óleo dava uma tonalidade negra à madeira, o que sempre distinguiu os palheiros da Tocha dos restantes. De notar que os palheiros de dimensões mais reduzidas não eram pintados.



44. Inquérito: Palheiros da Tocha.



45. Inquérito: Alçados registados pelos autores.

A estacaria de madeira na Tocha era disposta de forma inclinada para o exterior, dando maior estabilidade ao palheiro. Este pormenor requereu a abertura, na primeira tábuia horizontal de revestimento que recobre a trave, de rasgos para saída das estacas.

Já no passado século, durante a década de sessenta, são visíveis alterações ao nível dos materiais e tecnologia:

Agora muitas estacas são de adobes e principalmente de cimento. Também as traves a meio do palheiro, nas quais se apoiam as vigas do soalho, são sustentadas por estacas inclinadas, uma num sentido, outra no outro. O emprego de pilares de cimento está agora muito em Vouga mantendo a tradicional inclinação.⁹⁵

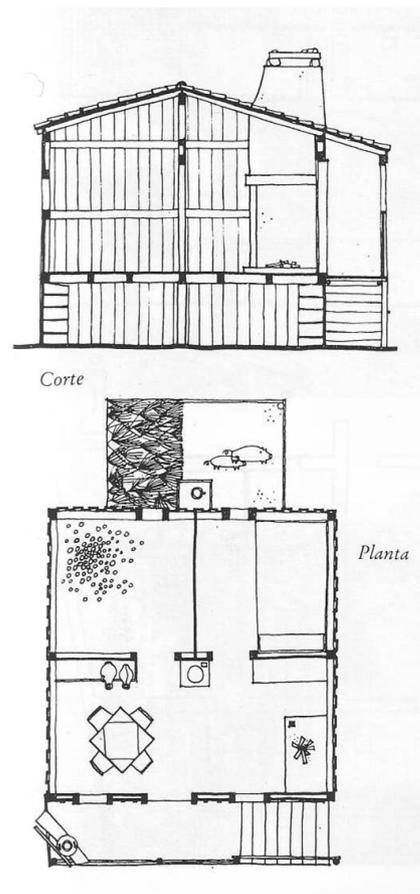
Nos casos mais antigos, o revestimento é de tabuado de madeira disposto na horizontal de forma sobreposta (trincado), com tábuas na vertical, onde é necessário vedar o encontro com o tabuado horizontal. Estas tábuas verticais são geralmente afastadas sessenta centímetros umas das outras, segurando melhor o revestimento, tanto nas empenas como nas fachadas. Mais tarde, o sistema de tabuado passa a ser disposto na vertical com mata-juntas (justaposto). Neste caso, as juntas eram colmatadas por ripas, pintadas, muitas das vezes, com cores diferentes. As coberturas dos Palheiros da Tocha são de duas águas, pouco inclinadas, de telha caleira, em que o remate nas empenas não tem qualquer tipo de saliência.

⁹⁵ OLIVEIRA Ernesto; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P. 67.

Relativamente ao seu interior, os palheiros maiores possuíam um corredor que atravessava a casa e a partir desse corredor tinha-se acesso a quatro compartimentos – dois para cada lado – sendo um deles a cozinha virada para terra. Nos palheiros mais pequenos, era feita uma divisória permitindo dois espaços, divisória essa que não tinha uma disposição tipo, diferindo de exemplo para exemplo. No seu interior não existia qualquer tipo de forro, excepto nalguns casos em que os quartos eram forrados, para evitar que o vento entrasse pelas frestas do tabuado. A telha da cobertura era, por regra, vista do interior. Na cozinha havia o *borralho*, uma caixa de madeira assente no chão, cheia de barro, situada a um canto da divisão e que correspondia à esquina da casa. Não existia chaminé, apenas duas telhas levantadas e só em alguns casos. Os sanitários, tal como os conhecemos, não existiam. Resumiam-se a um pequeno cubículo, na varanda ou no interior, com um cano de tábuas que mergulhava no areal.

O acesso às portas dependia do nível das dunas, por vezes de grande amplitude. Era feito através de rampas ou escadas, em ambos os casos com inclinação, tendo em conta a altura da duna. As varandas eram frequentes nas fachadas viradas para o mar ou duna, umas com acesso à porta de entrada utilizando uma escada exterior, outras com acesso apenas do interior.

Nas casas construídas na ladeira da duna, a entrada é geralmente pelo lado de cima, onde o soalho menos se eleva da areia. No outro lado, virado ao mar, a porta ou abre para uma varanda comprida com ou sem escada de acesso exterior, ou fica mesmo sem qualquer guarda ou varandim a resguardá-la.⁹⁶



46. Inquérito: Corte e planta registados pelos autores.

⁹⁶ OLIVEIRA Ernesto; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P. 69.

Os Palheiros da Tocha tinham um carácter palafítico, que não se encontrava noutros palheiros do litoral, principalmente porque o espaço onde se encontrava a estacaria estava aberto e eram as estacas, umas mais baixas, outras tão altas que podiam atingir os dois metros, que davam a estas edificações o seu cariz singular.

Nos meses de Verão os palheiros passavam para a mão dos banhistas, sem qualquer alteração no aspecto do aglomerado.

(...) por outro lado, ainda em 1960 assistimos à edificação, no alto da duna, de um novo palheiro sobre estacaria, atestando a fidelidade do povo à sua forma tradicional de construir.⁹⁷

Nos anos mais ou menos recentes, tem-se verificado o interesse na aquisição de palheiros pertencentes a pescadores e a sua adaptação a casas de veraneio, tendo os novos locatários o cuidado de conservar as características palafíticas, alterando, quando da realização de obras, a escolha de materiais, principalmente nas fundações, conforme referido anteriormente. Seguem-se três exemplos encontrados nesta localidade, que representam as diferentes tipologias.

⁹⁷ OLIVEIRA Ernesto; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P. 70.

Actualidade EXEMPLOS-TIPO 1



FUNDAÇÕES:
SOBRE PILARES EM BETÃO

PAREDES EXTERIORES:
TABUADO DE MADEIRA DISPOSTO NA VERTICAL COM MATAJUNTAS

COBERTURA:
DUAS ÁGUAS. TELHA *LUSA*

ESTADO DE CONSERVAÇÃO:
HABITADO. RECONSTRUÍDO.

Actualidade EXEMPLOS-TIPO 2



FUNDAÇÕES:
SOBRE MUROS DE ALVENARIA DE TIJOLO REBOCADO

PAREDES EXTERIORES:
**SISTEMA JUSTAPOSTO.TABUADO DE MADEIRA DISPOSTO NA VERTICAL
COM MATA-JUNTAS.**

COBERTURA:
DUAS ÁGUAS. TELHA MARSELHA

ESTADO DE CONSERVAÇÃO:
HABITADO. NECESSITA MANUTENÇÃO.

Actualidade EXEMPLOS-TIPO 3



**FUNDAÇÕES:
SOBRE PILARES EM BETÃO**

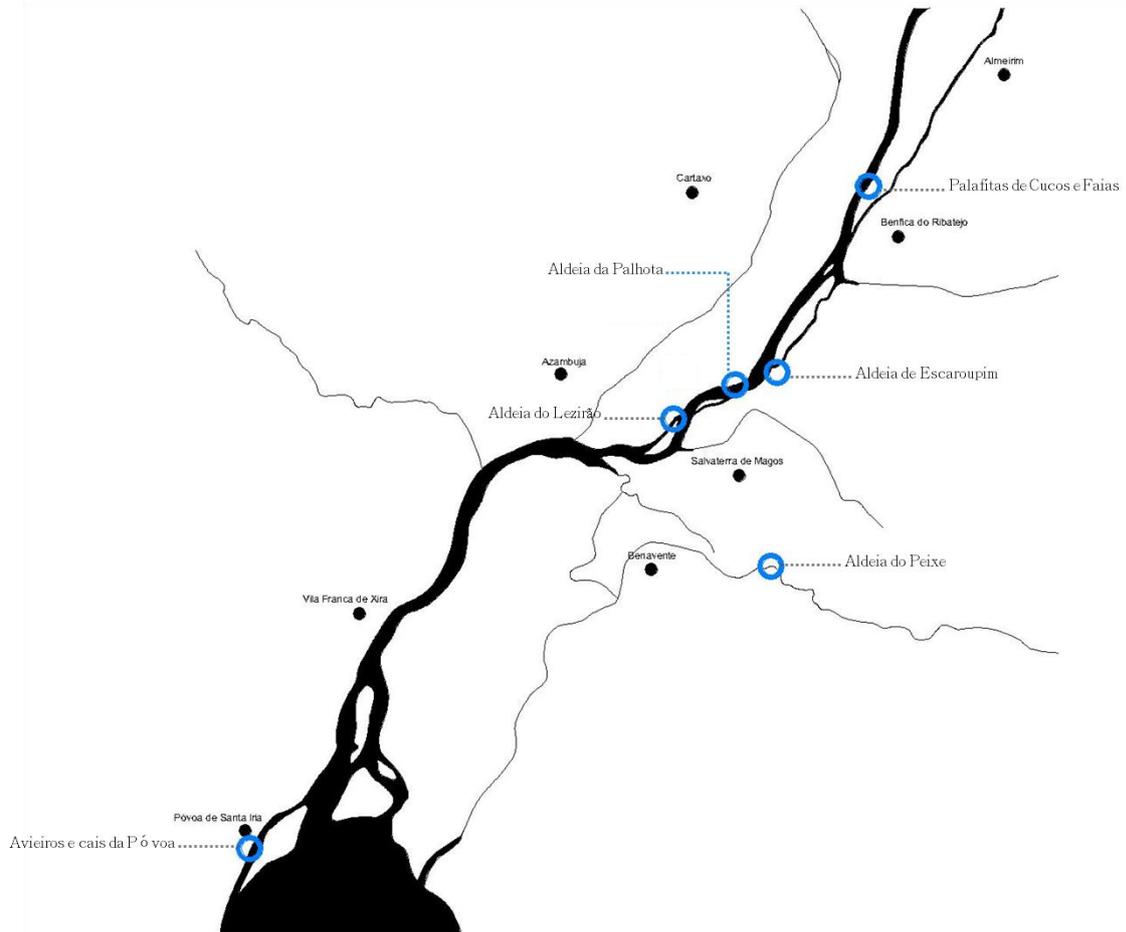
**PAREDES EXTERIORES:
1º EXEMPLO EM TABUADO TRINCADO (HORIZONTAL)
2º EXEMPLO EM TABUADO JUSTAPOSTO (VERTICAL)**

**COBERTURA:
DUAS ÁGUAS. TELHA LUSA.**

**ESTADO DE CONSERVAÇÃO:
HABITADO. RECONSTRUÍDO E COM MANUTENÇÃO REGULAR.**

3.3. PALHEIROS DO RIO

Locais visitados:



3.3.1. ENQUADRAMENTO E SITUAÇÃO ACTUAL

A grande diferença relativamente aos palheiros do litoral prende-se como o contexto físico que, neste caso, não sofreu tantas alterações.

Os exemplos que sobreviveram até hoje foram, na sua maioria, remodelados ou reconstruídos, tanto os do litoral como os das zonas ribeirinhas. As alterações mais visíveis prendem-se com a utilização de novos materiais, principalmente na cobertura, com a colocação de telha, e nas fundações, com a utilização de alvenaria de betão ou tijolo. Tal como aconteceu no litoral, as comunidades *Avieiras* do Tejo fizeram o aproveitamento da zona térrea. Onde antes havia um espaço aberto ocupado por estacas, passou a ser uma zona fechada destinada à arrumação, antes localizada no sótão sendo agora reaproveitado, fazendo novas divisões e destinando-as a zonas de dormir.

Actualmente existem uma série de programas com vista a manter o património dos *Avieiros* do Tejo. Um deles, o projecto “Palhota Viva”, criado em 1988, pela Associação de Defesa do Ambiente, tem como objectivo a recuperação e preservação do património construído e ambiental da Palhota, no concelho do Cartaxo, onde existe a única aldeia *Avieira* que ainda mantém as suas características. Em 1988, esta aldeia foi classificada como “Património de Interesse Regional”. Nessa altura foi adquirida a casa de um pescador, com a intenção de a transformar na “Casa do Avieiro”, para funcionar como centro de acolhimento ou casa-abrigo.

A Palhota é considerada a aldeia palafítica mais bem conservada de todas as que foram construídas pelos pescadores oriundos de Vieira de Leiria e que ainda existem nas margens do Tejo, desde a Chamusca até à Vala do Carregado⁹⁸. Existe, por isso, uma série de actividades



47. Aldeia da Palhota: vista geral da zona ribeirinha e “Casa do Avieiro” do projecto “Palhota Viva” onde chegou a viver Alves Redol.

⁹⁸ “Projecto Palhota Viva”; Associação de Defesa do Ambiente; Distrito de Santarém, Concelho de Cartaxo. Disponível HTTP: <<http://museu.marinha.pt/NR/rdonlyres/645C0481-C099-4AC9-A901-237036969537/0/gammamuseucartaxo.pdf>> (Agosto 2011).



48. Aldeia de Escaroupim: Casa – Museu Típica Avieira e novas instalações de apoio aos pescadores.

turísticas: visitas à aldeia; alojamento na “Casa do Avieiro”; passeios de canoa, bicicleta e barco; safaris fotográficos e oficinas de arte⁹⁹.

Também a Aldeia de Escaroupim tem apostado no turismo, com um parque de campismo à beira-rio, actividades na água, uma “Casa-Museu Típica Avieira” e novas instalações de apoio aos pescadores que tentam recriar a tipologia da casa *Avieira*, verificando-se o interesse em manter a tradição.

Um dos autores do *Inquérito* que estudou particularmente a Zona 4 (Estremadura, Ribatejo e Beira Litoral), o arquitecto Nuno Teotónio Pereira, fez uma pequena alusão aos *Avieiros* na actualidade, num artigo que redigiu, em 2008, para a publicação “Pedra & Cal”¹⁰⁰. Denominado “Recuperação do edificado rural. Aldeias do Xisto e do Vale do Lima. E também dos Avieiros”, o artigo refere duas experiências, no âmbito da reabilitação e revitalização do edificado em meio rural, que têm sido desenvolvidas ao longo dos últimos anos nas Aldeias do Xisto e Vale do Lima. O mesmo programa ou idêntico estava, nessa altura, a ser pensado para futura aplicação em 14 Aldeias Avieiras do Tejo e do Sado. A metodologia utilizada nestas aldeias e que poderia, eventualmente, vir a ser utilizada nas *Aldeias Avieiras*, obedeceria a critérios rigorosos: o diagnóstico de anomalias construtivas, a execução de levantamentos e o estudo de soluções a adoptar para cada caso¹⁰¹. O mesmo programa também visava a requalificação dos espaços públicos envolventes, a valorização de itinerários de interesse histórico-turístico e outras iniciativas de carácter social e económico¹⁰².

⁹⁹ “Palhota Viva”; Actividades. Disponível HTTP: < <http://palhotaviva.blogspot.com/> > (Agosto 2011).

¹⁰⁰ Revista da Conservação do Património Arquitectónico e da Reabilitação do Edificado.

¹⁰¹ PEREIRA, Nuno Teotónio – *Recuperação do edificado rural. Aldeias do Xisto e do Vale do Lima. E também dos Avieiros*. Revista Pedra & Cal. Lisboa: GECORPA. ISSN: 1645-4863. Ano X, nº 39, 2008.

¹⁰² PEREIRA, Nuno Teotónio – *Recuperação do edificado rural. Aldeias do Xisto e do Vale do Lima. E também dos Avieiros*. Revista Pedra & Cal. Lisboa: GECORPA. ISSN: 1645-4863. Ano X, nº 39, 2008.

3.3.2. CASO DE ESTUDO I: ALDEIA DA PALHOTA, VALADA, CARTAXO

Esta aldeia, que é fugazmente referida no *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa* através de uma simples fotografia, é considerada um dos melhores exemplos no que respeita aos assentamentos avieiros. O povoado da Palhota, situado na freguesia de Valada, concelho do Cartaxo, tem um carácter tipicamente piscatório. Chegou a ali viver, durante alguns meses, Alves Redol, escritor neo-realista (1911-1969), vivência que se traduz na sua obra «Avieiros», publicada em 1942.

Era uma aldeia palafítica por razões funcionais: na época das cheias, o leito do rio Tejo aumentava inundando os terrenos em redor, daí a necessidade de elevar as casas.

Os pescadores que para aqui vieram, nos finais do século XIX, início do século XX, procuravam melhores condições de vida e eram, na sua maioria, oriundos da Praia da Vieira, no concelho da Marinha Grande. Vinham, como já foi referido, na altura do Inverno, devido às más condições ali existentes para a faina da pesca. Na Palhota, as condições para a prática da pesca eram as ideais. Assim, passaram a efectuar deslocações sazonais. No Inverno, iam para o rio Tejo e no Verão regressavam ao mar. No entanto, com o passar dos anos, foram-se instalando com as famílias definitivamente. Primeiro vivendo nos seus barcos e depois, autorizada a construção de casas, começaram a fixar-se nas margens do rio Tejo, iniciando a edificação de casas de madeira sobre estacaria, à imagem das existentes na Praia da Vieira. As estacas que no litoral serviam de protecção ao movimento das areias das dunas seriam a protecção contra as cheias do rio.



49. Inquérito: Aldeia da Palhota.



50. Aldeia da Palhota 50 anos depois.



*Em frente do Reguengo, para lá da lezíria imensa, junto ao Tejo que se adivinha por uma mancha azul, erguem-se as casas dos pescadores da Palhota. (...) a aldeia avieira tipo.*¹⁰³

A Palhota, aldeia de pequenas dimensões, é constituída por vinte e duas casas. Dezanove delas são de origem palafítica, dispostas, na sua maioria, de frente para o Tejo de forma alinhada.

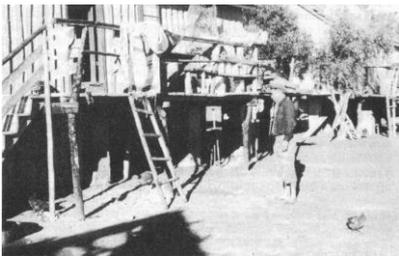


51. Aldeia da Palhota 50 anos depois.

¹⁰³ SALVADO, Maria Adelaide Neto - *Os Avieiros nos finais da década de 50*. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P. 46.



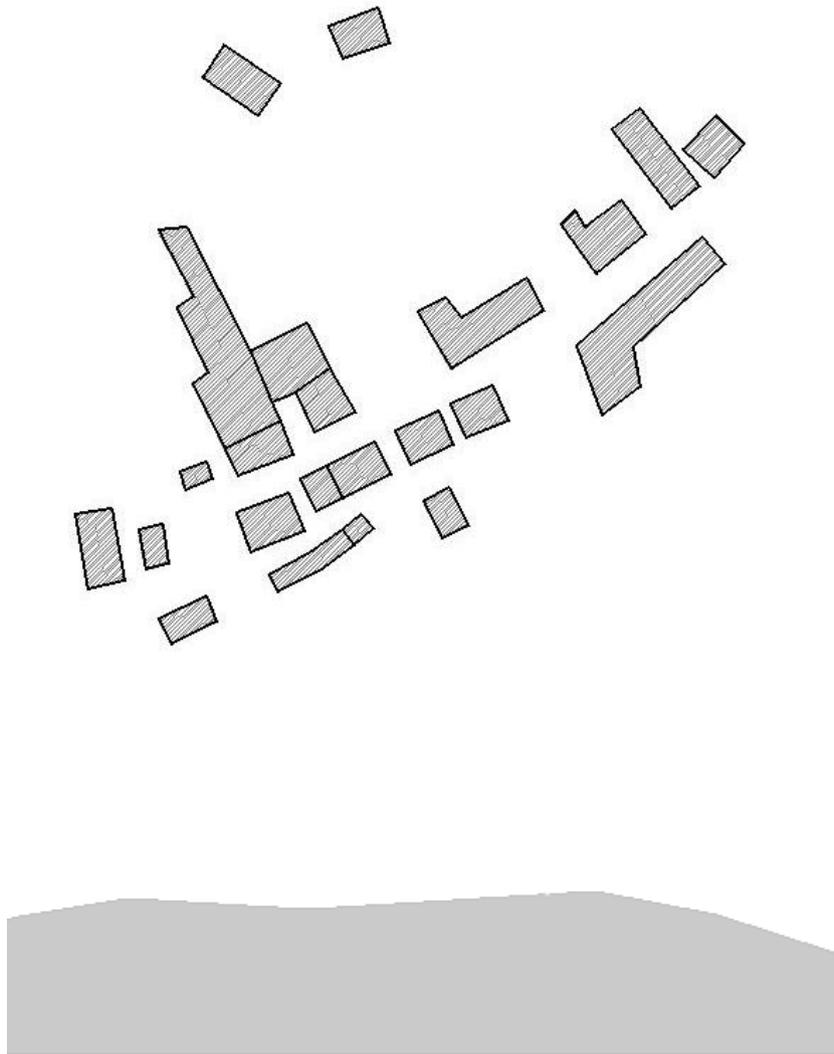
52. Aldeia Avieira da Palhota. Ortofoto.



53. Aldeia da Palhota, nos finais da década de 50.

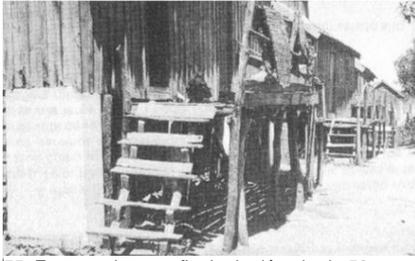
Todas as casas são cobertas de telha e todas têm chaminés de alvenaria (originalmente não teriam). Não existem cozinhas exteriores, sendo as refeições preparadas no interior. Na maioria dos casos, a zona de estacaria é forrada por tapumes de madeira, aproveitando este espaço como zona de arrumação, como acontece em praticamente todas as aldeias.

É visível a alteração da estacaria. Inicialmente em madeira passa a pilares de tijolo rebocado ou betão, visíveis mesmo quando este espaço é fechado.



54. Planta de Localização. Aldeia da Palhota. Escala 1:1000.

3.3.3. CASO DE ESTUDO II: ESCAROUPIM, SALVATERRA DE MAGOS



55. Escarpoum, nos finais da década de 50.



56. Escarpoum. Ortofoto.

Na margem oposta do rio Tejo, em frente à Aldeia da Palhota (segundo mapa à esquerda) encontra-se a Aldeia de Escarpoum, no concelho de Salvaterra de Magos. Não tendo sido publicada no *Inquérito* é, no entanto, um interessante caso de estudo, não só por manter a maioria das suas casas e características de origem, mas também pelos seus habitantes construírem as casas sobre estacaria por razões estéticas. Aqui, devido à morfologia do terreno, apenas algumas construções corriam o risco de serem inundadas pelas cheias, mas na sua maioria, isso não era problema, por se encontrarem a cotas mais altas. Daí, é interessante perceber que existe a preocupação de manter uma imagem uniforme em toda a aldeia, utilizando a palafita, mesmo quando não existe essa necessidade.

A aldeia fica junto ao Tejo, num terreno que se eleva subtilmente desde a margem até ao local onde se encontram as casas. A estrada que nos conduz até aqui, praticamente perpendicular à margem ribeirinha (como acontece em praticamente todos os assentamentos *Avieiros*), termina a meio de um arruamento disposto perpendicularmente a esta, paralelo à margem ribeirinha. É ao longo deste arruamento que se erguem as casas palafíticas dos avieiros. Na obra “Os Avieiros nos finais da década de cinquenta” (1985), são descritas duas unidades distintas, divididas pela via de acesso à aldeia:

Do lado de Salvaterra, em terrenos que pertencem à Hidráulica, ficam sete casas formando uma única fila, todas de madeira sobre estacas, com varandas e escadas exteriores. Aqui chegam as águas das cheias em invernos rigorosos e a construção sobre estacas é pois útil e vantajosa.

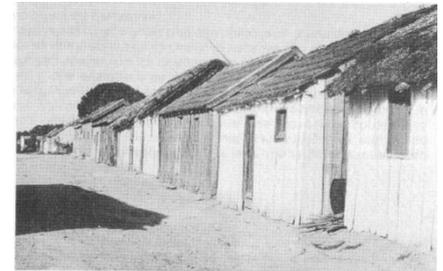
Do outro lado, separadas por uma rua larga (...) erguem-se trinta e duas casas também de madeira (...). Apenas oito se levantam sobre estacas, a maior parte das vezes muito baixas, que sugerem uma simples preocupação decorativa. (...)

*deste lado da aldeia, ao contrário do que acontece no outro, não chegam nunca as águas das cheias (...).*¹⁰⁴

Neste aglomerado, é possível verificar um carácter quase urbano, principalmente no lado norte, onde se erguem a maior parte das casas, separadas por uma rua larga, como descrito anteriormente. Outra característica desta aldeia é o de estas edificações não se encontrarem viradas para o rio, mas sim para o interior, de forma alinhada e viradas para a rua.

Aqui, a madeira era o material mais utilizado na estrutura e nas fachadas, como é típico nestas construções, apresentando as fachadas das casas o tabuado disposto na vertical. As coberturas de duas águas, antes forradas a caniço, deram lugar às telhas. As chaminés são raras e quando existem apresentam-se em alvenaria de tijolo.

O carácter palafítico é encontrado no lado sul da aldeia, onde chegam as águas na altura das cheias. No lado norte, esse carácter foi mantido apenas num dos lados da rua, o lado que se encontra mais perto do rio. Aqui a estacaria terá entre vinte a sessenta centímetros, bastante mais baixa em comparação com outros casos já descritos.



57. Escaroupim, nos finais da década de 50.



58. Escaroupim, 50 anos depois.

¹⁰⁴ SALVADO, Maria Adelaide Neto - *Os Avieiros nos finais da década de 50*. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P. 40-41.



59. Escaroupim, 50 anos depois.



60. Planta de Localização. Aldeia de Escaroupim. Escala 1:2000.

Verificou-se que, quando existia estacaria, o acesso às casas era feito por escadas em madeira, dando acesso a um patamar exterior, no mesmo material. As casas não se encontravam “coladas” umas às outras, existia sempre uma pequena ruela que as separava e que dava acesso a logradouros que correspondiam às traseiras destas. Foi este o cenário encontrado em visita ao local, por sinal muito aprazível.



61. Escarpim, 50 anos depois.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1. Conclusão

Os palheiros representam uma relação ímpar entre a arquitectura e o lugar. Na sua génese, foi factor importante a satisfação de necessidades que, nos dias de hoje, se encontram ultrapassadas, face ao desenvolvimento e modernização dos estilos de vida das populações. No entanto, estas edificações transportam consigo uma história cheia de tradições, com uma materialidade e uma forma de construir próprias, que devem ser analisadas, mantidas, e porque não, serem factores de influência na prática da arquitectura erudita como já verificámos nos exemplos descritos antes. O entendimento da arquitectura popular pode ser uma base importante na prática da arquitectura formal. As obras de origem popular conservam um valor intuitivo, e têm como principal objectivo, a solvência das necessidades de determinadas povoações, retratando valores locais ou regionais, e evidenciando práticas típicas de uma cultura ou povoação. Esta arquitectura representa um elevado valor técnico e estético, surgindo intimamente ligada ao território e às populações que a edificam e lá vivem transmitindo conhecimentos de geração em geração, prolongando identidades, que não devem ser descuradas na realização da arquitectura de génese erudita, mantendo assim o cariz próprio de cada lugar. As construções vernáculas parecem ser parte da paisagem, muito pela escolha de materiais locais que se confundem com a envolvente, contudo, a tipologia palafítica aqui estudada não apresenta essa característica, contrastando com a envolvente. Será útil continuar a aprender com a arquitectura vernácula no sentido de resolver problemas relacionados com a integração de uma obra na paisagem. As soluções encontradas pelas povoações são

importantes fontes de conhecimento face às dificuldades encontradas na resolução de um projecto, servindo de base para futuras interpretações.

Pergunta: porque não adaptar a tipologia palafítica de origem vernácula, às necessidades, tecnologias e conceitos actuais, pelas muitas soluções que oferece?

São várias as potencialidades encontradas nas palafitas. Resolvem necessidades práticas inerentes ao contexto físico, como as variações do nível do mar ou possíveis inundações; reflectem também uma tradição, integrando-se na arquitectura contemporânea. Têm um carácter ecológico, podendo ser utilizadas em zonas com terrenos delicados, protegendo a natureza existente, não sendo necessária a impermeabilização do solo. As palafitas conferem facilidade de construção sobre terrenos pouco estáveis (palheiros do litoral sobre areia), húmidos (os palheiros do rio sobre lodo), ou em locais sinuosos onde o solo é irregular e inclinado (“Casa na Arrábida” – 1960 - , Eduardo Anahory). Quando implantadas sobre a água, transmitem um carácter flutuante.

As palafitas utilizadas em programas de habitação oferecem a sensação de viver no limite, entre três ambientes normalmente separados: terra, água e céu.

É também um regresso às origens, no que diz respeito ao material de fundação escolhido nos projectos contemporâneos, a madeira. Podemos por isso, referir a adaptabilidade das construções palafíticas aos novos tempos, dominando aqui o seu carácter intemporal.

É importante a reinterpretação formal nos locais onde esta tipologia foi tradição, perpetuando e fortalecendo costumes, adaptando-a, de acordo com novos conceitos, à imagem dos nossos dias, evitando a estagnação.

Pelas suas características funcionais, as palafitas continuarão a ser fontes de inspiração na arquitectura contemporânea. Hoje em dia, muitas

obras recorrem a este tipo de tipologia, seja numa construção sobre água, num terreno rochoso e acidentado ou mesmo num espaço urbano compacto, empregando novos tipos de materiais e respeitando o lugar, aplicando critérios de projecto que visem a redução do impacto ambiental das construções, através da aplicação de novas soluções construtivas com formas arquitectónicas inovadoras.



62. Casa Farnsworth, 1951. Mies van der Rohe

5. APÊNDICE

5.1. PALAFITA REINTERPRETADA

Pelas suas características funcionais, as palafitas foram, directa ou indirectamente, fontes de inspiração na arquitectura do século XX, na actualidade, e eventualmente continuarão a sê-lo no futuro. Hoje em dia, muitos projectos de arquitectura contemporânea recorrem a este tipo de tipologia, seja numa construção sobre água, num terreno rochoso e acidentado ou mesmo num espaço urbano compacto, empregando diferentes tipos de materiais e respeitando o lugar.

5.1.1. Antecedentes

O uso da palafita tem evoluído ao longo dos tempos e os exemplos de arquitectura vernácula influenciaram a arquitectura do século XX. A. Bahamón e A. M. Alvarez¹⁰⁵ consideram ser necessário mencionar duas obras importantes do século XX, como herdeiras parciais desta arquitectura popular que conta com um grande número de exemplos em todo mundo, como referido no primeiro capítulo. A primeira, a “Casa Farnsworth” construída entre 1945 e 1951 em Illinois, nos Estados Unidos da América, foi desenhada por Mies van der Rohe e está implantada sobre o terreno por meio de *pilotis* elevando-se sobre este. O motivo porque isto acontece não difere daquele que encontramos nos palheiros do rio Tejo: deve-se ao facto de a zona ficar coberta de água todas as primaveras devido à subida das águas do rio Fox.

¹⁰⁵ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria - *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 21.

Alvo de restauros, de modo a manter o seu aspecto original, o primeiro em 1972 e o segundo realizado em 1996, após uma inundação ter destruído o interior - mesmo construída de forma a evitá-lo, a urbanização dos espaços envolventes provocaram níveis de cheia mais elevados nas últimas décadas¹⁰⁶. A “Casa Farnsworth” assenta em alicerces de aço, a 1,60 metros do solo, tanto para evitar possíveis inundações, como para ser perceptível o seu pavimento completamente horizontal, a partir do exterior.¹⁰⁷

É interessante verificar que, no espaço temporal em que se descobriam em Portugal, através do *Inquérito*, as palafitas de génese vernacular – entre 1955 e 1961 –, Mies van der Rohe já tinha usado a mesma tipologia na sua obra – entre 1945 e 1951 – que constituiu um grande marco da arquitectura moderna.

Outra obra que os mesmos autores referem, como herdeira da arquitectura informal sobre palafitas, é a “Tallon House”, situada na Irlanda e construída em 1970. Esta casa desenhada por Ronnie Tallon, para si próprio, assenta no terreno elevada sobre pilares, também pela necessidade de protecção de uma possível inundação¹⁰⁸.

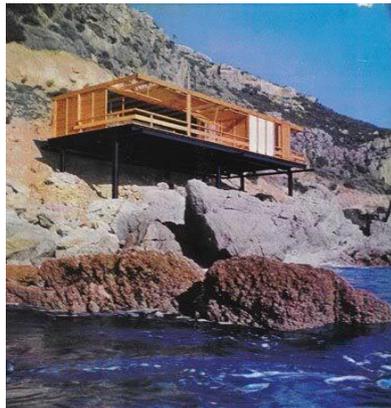


63. Tallon House, 1970. Ronald Tallon.

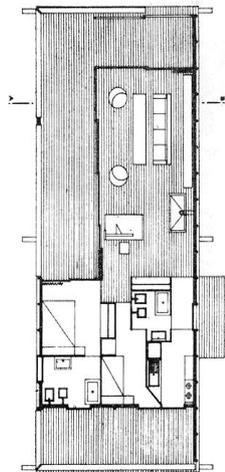
¹⁰⁶ “Farnsworth House”; History. Disponível HTTP: <<http://www.farnsworthhouse.org/history.htm>> (Agosto 2011).

¹⁰⁷ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria - *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 22.

¹⁰⁸ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria - *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 23.



64. Casa-Abrigo na Arrábida, 1960.
Eduardo Anahory.



65. Casa-Abrigo
na Arrábida, 1960.
Eduardo Anahory.
Planta.

Em Portugal, temos o exemplo da “Casa de Fim de Semana”, desenhada pelo arquitecto Eduardo Anahory e terminada no ano de 1960. Localizada em Alportuche, na Serra da Arrábida, encontra-se sobre um terreno rochoso e sinuoso em declive. A proposta que realizou adaptou-se ao local através de uma tipologia em palafita, não afectando a natureza do mesmo e assumindo o seu carácter irregular. O arquitecto Pedro Tabor da realizou um artigo¹⁰⁹ sobre a obra de Anahory, editado em 2007 no blog “Infohabitar” do Grupo Habitar. A Casa-Abrigo na Arrábida é um dos temas abordados:

O processo de edificação foi executado em 90 dias, por um sistema estrutural leve em perfis de ferro que suportam a edificação de um estrado de madeira. Acima deste plano horizontal, ergue-se a construção em sistema de painéis de aglomerado de cortiça revestidos a contraplacado de “mutene”, nas áreas habitáveis e a plástico nas casas de banho, aparafusados em porticados de pilares e vigas de madeira; a cobertura é igualmente executada com painéis de aglomerado de cortiça (10 cm de espessura) isolada com pintura betuminosa. O sistema de caixilharias é em madeira de casquinha, de correr, abrindo o espaço interno para a magnífica varanda; as persianas, em madeira de casquinha, são projectantes, comandadas pelo interior, formando brise-soleil orientáveis graças ao engenho simples de cabos e roldanas de barco, permitindo o fecho da casa.¹¹⁰

¹⁰⁹ TABORDA, Pedro - *Reposição da Casa-abrigo Eduardo Anahory: Arrábida, 1960*. Disponível HTTP: <<http://infohabitar.blogspot.com/2007/11/reposio-da-casa-abrigo-eduardo-anahory.html>> (Agosto 2011).

¹¹⁰ Idem.

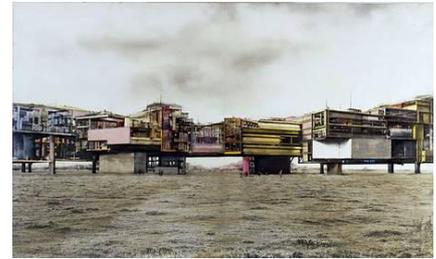
Megaestruturas

Os movimentos megaestruturalistas (décadas de 50 e 60), não parecem ter qualquer relação directa com a arquitectura vernacular, pretendem antes romper com tudo o que os precede. No entanto, alguns dos seus autores, entre eles, Constant e Yona Friedman, propõem espaços urbanos, que de alguma forma nos levam ao imaginário vernacular das cidades ou aldeias palafíticas.

Constant publica os primeiros estudos sobre a Cidade Situacionista, designada “Nova Babilónia” (1957-1970), onde descreve a ideia de um novo urbanismo sobre pilares:

*(...) lançamos a imagem da cidade coberta, onde o traçado urbano das vias expressas e dos prédios separados foi substituído por uma construção espacial contínua, alteada do solo, (...)*¹¹¹

Nesta cidade, a sua produção e transportes por meios mecânicos encontram-se ao nível do terreno, no entanto, toda a vida social desenvolve-se sem impedimentos, dentro de uma vasta construção que se levanta sobre *pilotis*¹¹².



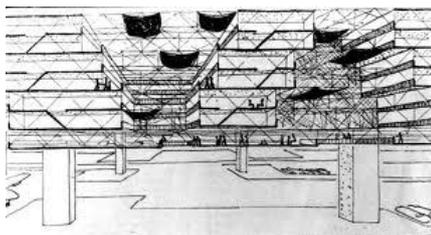
66. “Nova Babilónia”, Constant.



67. Yona Friedman, “La Ville Spatiale”, 1960.

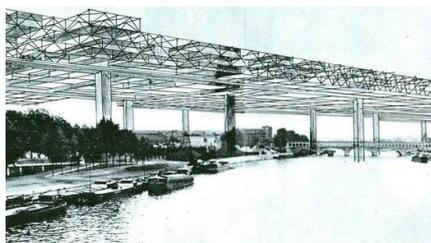
¹¹¹ CONSTANT –“Outra cidade para outra vida”. IS (Internacional Situacionista), nº 3, Dezembro de 1959. Disponível HTTP: <<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbetes=357>> (Agosto 2011).

¹¹² COLQUHOUN, Alan - *La Arquitectura Moderna: Una Historia Desapasionada*. Tradução de Jorge Sainz. Editorial Gustavo Gili. Barcelona, 2005. P. 228.



Yona Friedman, no seu projecto “O Urbanismo Espacial” (1960-1962) propõe uma estrutura tridimensional, metálica e de vários pisos, suspensa sobre de grandes pilares, por cima de Paris ou Manhattan, onde o nível do solo é reservado aos transportes e parques¹¹³.

5.1.2. Contemporaneidade



68 e 69. Yona Friedman, “La Ville Spatiale”, 1960.

Os edifícios palafíticos contemporâneos, mantêm o cunho dos exemplos vernáculos no que respeita à construção, utilizando materiais que respeitam o ambiente, à posição das estruturas sobre a água e a disposição das edificações em aglomerados urbanos¹¹⁴.

A. Bahamón e A. M. Álvarez fazem um apanhado de vários exemplos contemporâneos de carácter palafítico. Decidimos mencionar, a seguir, aqueles que, de alguma forma, se identificam com as palafitas de origem popular, pela relação com o contexto envolvente, mas também pelos materiais usados, identificando os motivos pelos quais se elevam sobre pilares.

¹¹³ COLQUHOUN, Alan - *La Arquitectura Moderna: Una Historia Desapasionada*. Tradução de Jorge Sainz. Editorial Gustavo Gili. Barcelona, 2005. P. 227.

¹¹⁴ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria - *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 23.

1. Equipamento na Praia dos Caneiros, 2004

Caneiros, Portugal
Cooptar Arquitectos

Fundações: pilares, vigas e montantes em madeira

- A altura do piso em relação ao nível do solo, corresponde às linhas de orientação do Plano de Ordenamento da Orla Costeira para o Oeste algarvio, assim como ao estudo geotécnico do terreno;
- Ergue-se sobre estacas, criando uma ligação visual e física entre a cota superior da falésia e a cota inferior da praia;
- A utilização da madeira sobrepõe-se aos restantes materiais.



70.

2. Centro Cultural da Costa da Noruega, 2004

Rørvik, Noruega
Gudmundur Jonsson Arkitektkontor

Fundações: pilares de betão armado reforçado, que erguem o edifício entre 1,5 e 3 m acima do nível do mar

- O método construtivo das palafitas tradicionais foi fonte de inspiração;
- Construído com o objectivo de realçar o passado de uma população, estreitamente ligada ao mar.



71.

3. Casa do Lago, 2004

Çanakkale, Turquia
Boran Ekinci Architects

Fundações: pilares de aço

- Situada nas margens de um lago artificial, é autónoma, sustentável e amiga do ambiente;
- Estrutura em aço, e poucos pontos de contacto com o terreno;
- Independente do contexto, mas perfeitamente integrado nele;
- Os pilares erguem a construção para preservar a natureza envolvente.



72.



73.

4. **Octospider**, 2003

Banguecoque, Tailândia
Exposure Architects

Fundações: pilares de betão armado (cozinha e refeitórios);
pilares de aço (rampa)

- Estrutura de vias pedonais – rampa - e de edifícios – cozinha e refeitórios -, que se interligam, sobre pilares, acima da água;
- Ergue-se oito metros acima do nível do mar.

NOTA: É interessante fazer um paralelismo entre este exemplo e os cais palafíticos das aldeias avieiras.



74.

5. **Museu Nórdico da Aquarela**, 2000

Skärhamn, Suécia
Niels Bruun & Henrik Corfitsen Arkitekter

Fundações: pilares de secção quadrada em betão armado
(museu); **tubos de aço com betão armado** (estúdios)

- Um museu e cinco estúdios para artistas;
- Estrutura de pilares, permitindo a livre circulação das correntes de água sob o edifício;
- Prudente, ao encaixar uma nova construção num ambiente natural, mas exigente.

5.1.3. Dois exemplos em Portugal

Não é frequente em Portugal a opção por esta tipologia. No entanto, na tentativa de identificar projectos contemporâneos portugueses que recorressem às palafitas, para além do exemplo já abordado (Praia dos Caneiros) e após alguma pesquisa, são aqui descritos exemplos interessantes que, de alguma forma, nos remetem para um novo pensamento e uma nova interpretação das tipologias palafíticas.

1. Casa Adpropeixe, 2005-2008

Vilar da Veiga, Terras de Bouro, Gerês, Portugal
Carlos Castanheira e Clara Bastai, Arquitectos, Lda.

Fundações: pilares de madeira

A ideia, óbvia, estava ali.

A chegada por cima, a elevação do volume da habitação da cota da plataforma de modo que o prazer de alcance de vista estivesse sempre presente, utilização da área, plana, da plataforma, para apoio e circulação.

A casa, ou o volume habitável, está elevado do solo por cinquenta e dois pilares de madeira, num emaranhado ordenado e construtivo.

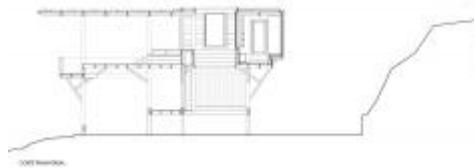
A Casa de Adpropeixe é um mirante habitável, elevado do solo mas ligado ao local e neste inserido.

Carlos Castanheira in

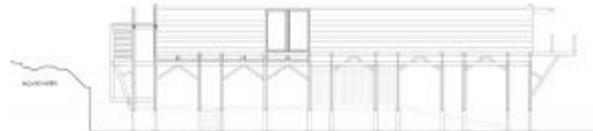
<http://www.carloscastanheira.pt/pt/arquitectura/projectos/c-asa-a-dpropeixe>



75.



76.





2. **Cocoon Eco Design Lodges**, 2010

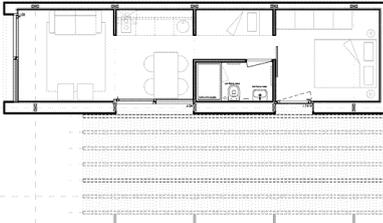
Comporta, Alçácer do Sal, Portugal

Arquitecto: Alexandre Teixeira da Silva + Miguel Ribeiro de Sousa

Fundações: pilares de madeira



Empreendimento com preocupações ecológicas, o Cocoon Eco Design Lodges é constituído por 30 casas de madeira, de carácter modular¹¹⁵ (empresa Modular System). Diferente dos habituais empreendimentos turísticos, principalmente pela utilização da madeira e pelo assentamento em estacaria do mesmo material, relaciona-se com o lago, como espaço central.



77.



¹¹⁵ “Cocoon Eco Design Lodges”; Cocoon Lodges. Disponível HTTP: <<http://www.cocoonlodges.com/>> (Agosto 2011).

ANEXO

6. ANEXO

6.1. FOTOGRAFIAS – INQUÉRITO À ARQUITECTURA REGIONAL (1961)



Palheiros da Tocha. Página 125.



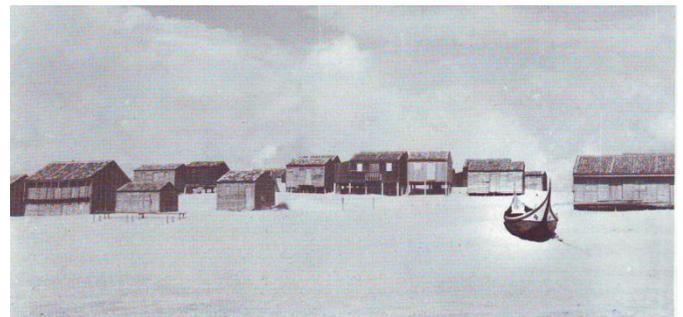
Praia de Vieira. Página 147.



Armazéns na Foz do Mondego. Página 139.



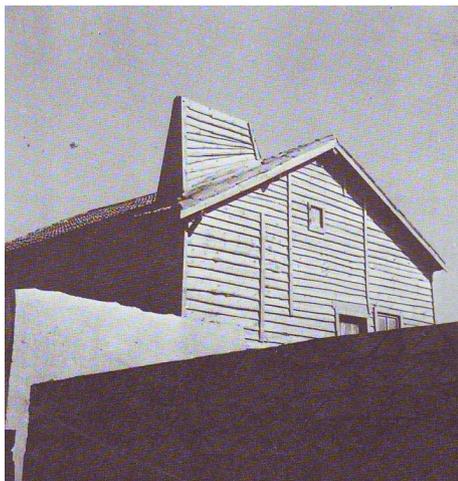
Palheiros da Tocha. Página 141.



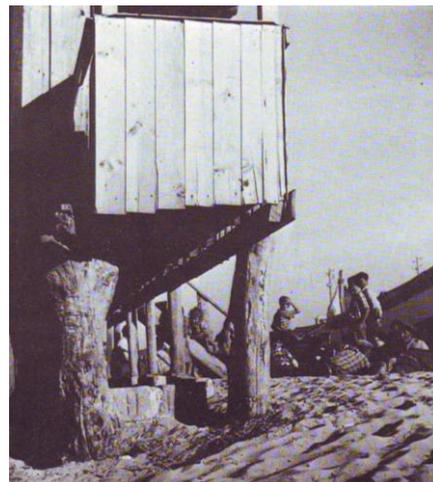
Palheiros da Tocha. Página 215.



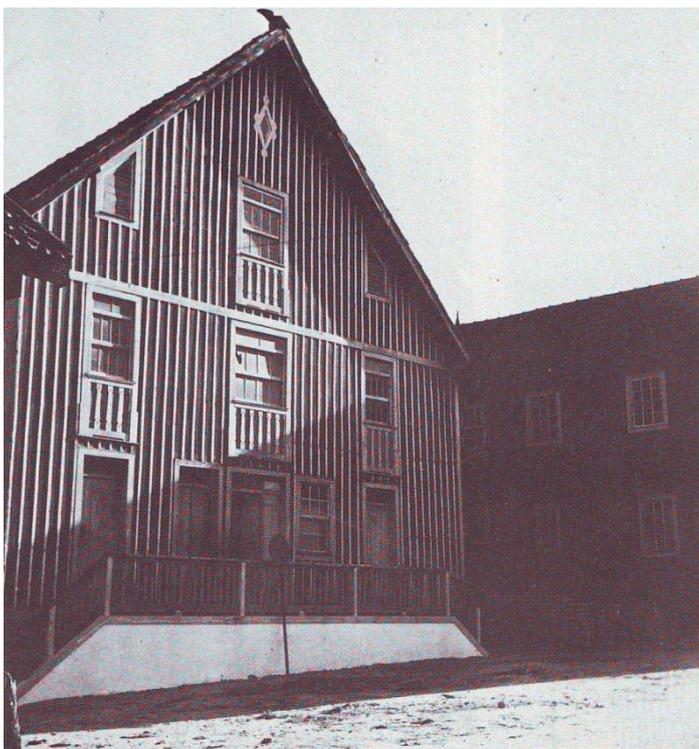
Praia de Vieira. Página 148.



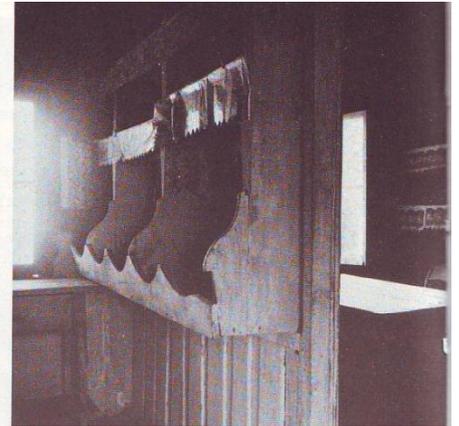
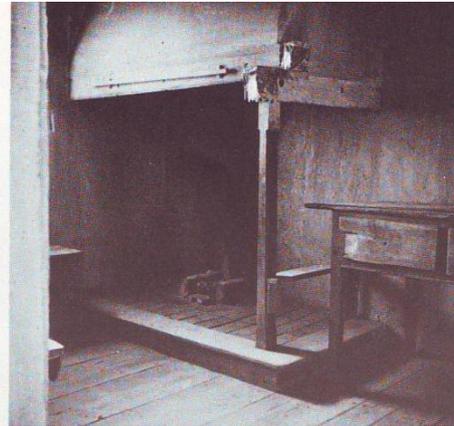
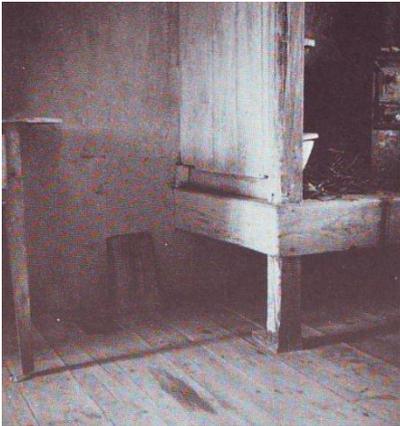
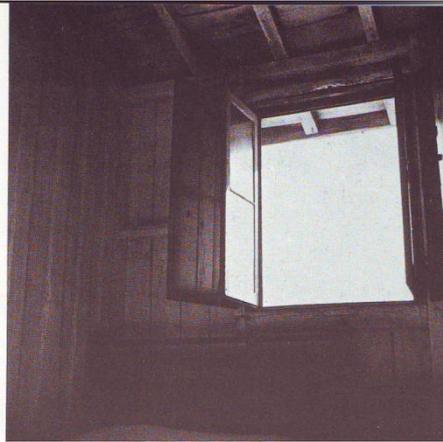
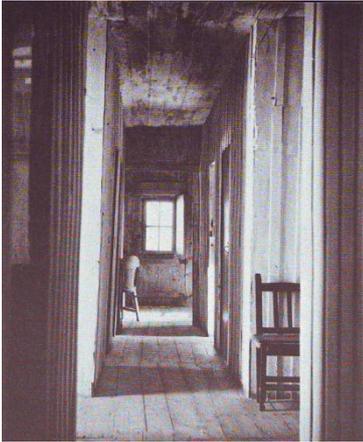
Costa dos Lavos. Página 183.



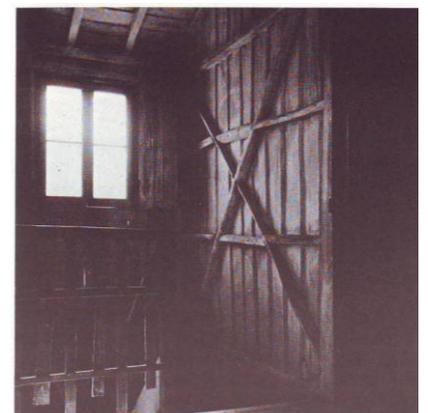
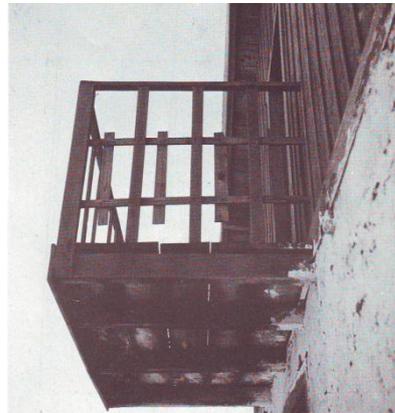
Praia de Vieira. Página 183.



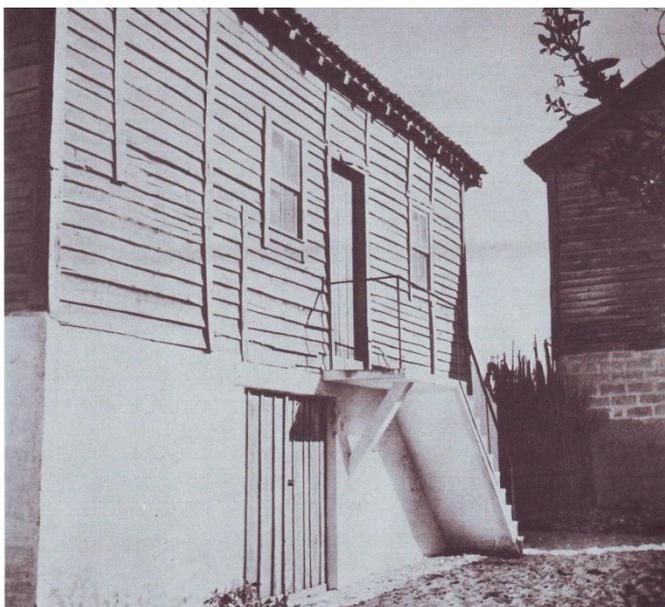
Praia de Mira. Página 186.



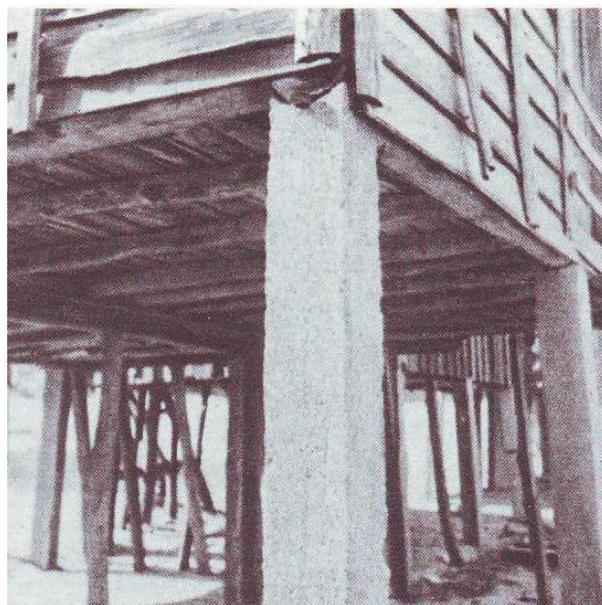
Praia de Pedrógão. Página 184.



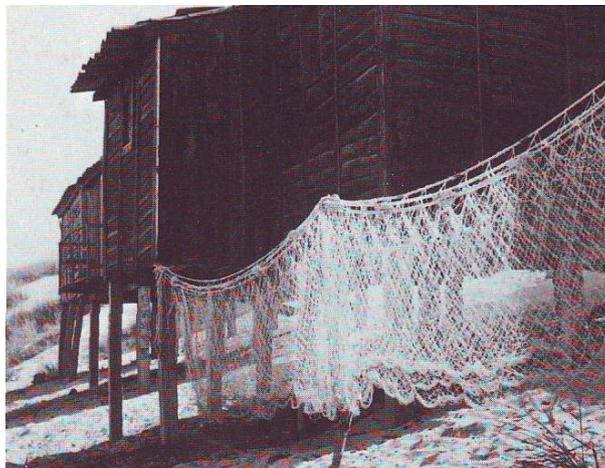
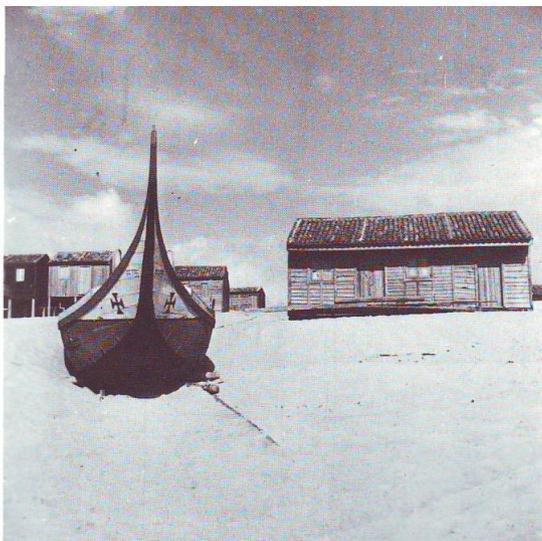
Praia de Pedrógão. Página 185.



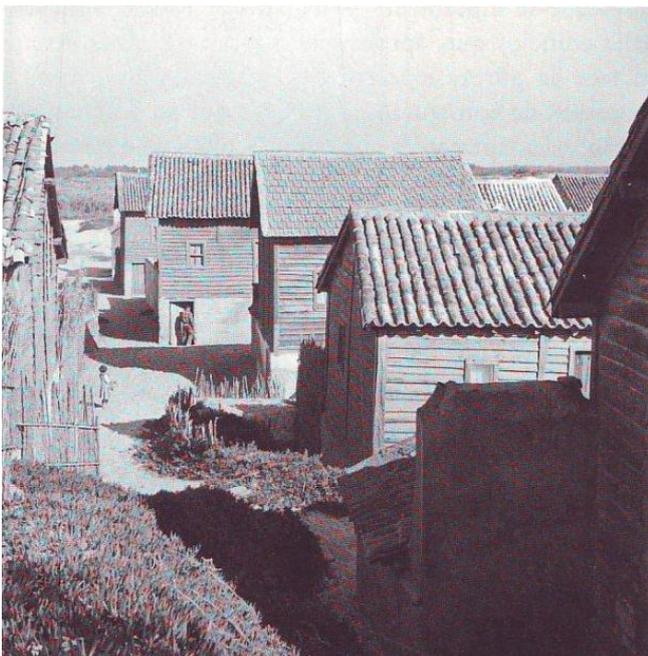
Praia de Pedrógão. Página 193.



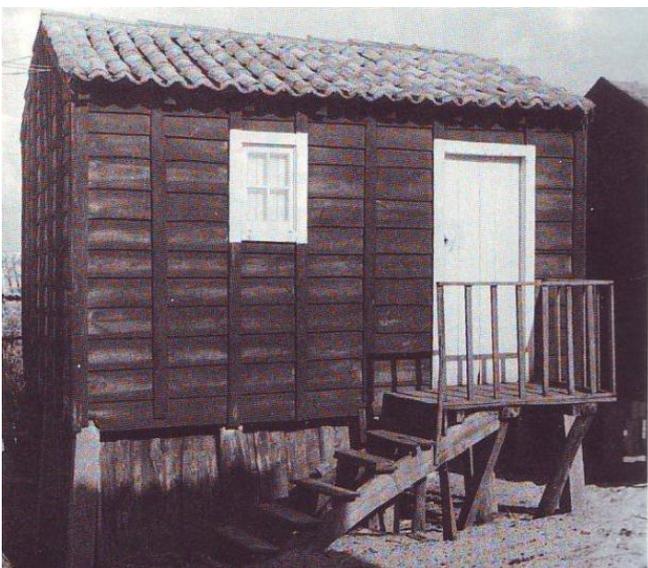
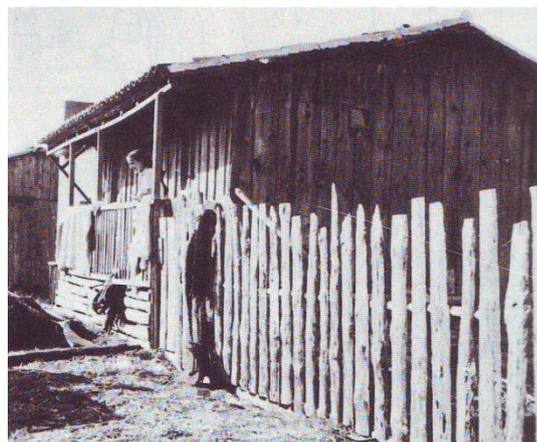
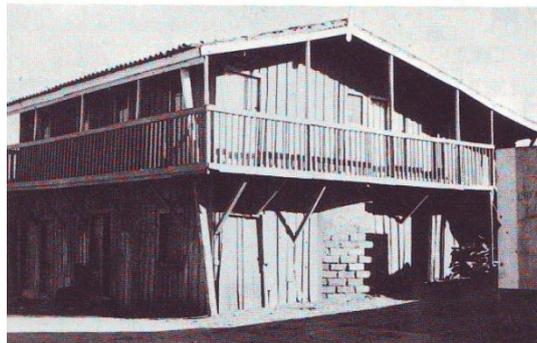
Palheiros da Tocha. Página 193.



Palheiros da Tocha. Página 207.



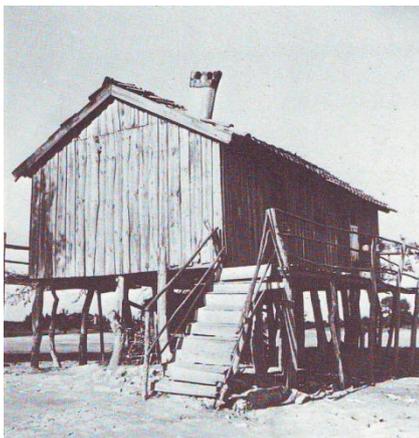
Costa dos Lavos. Página 214.



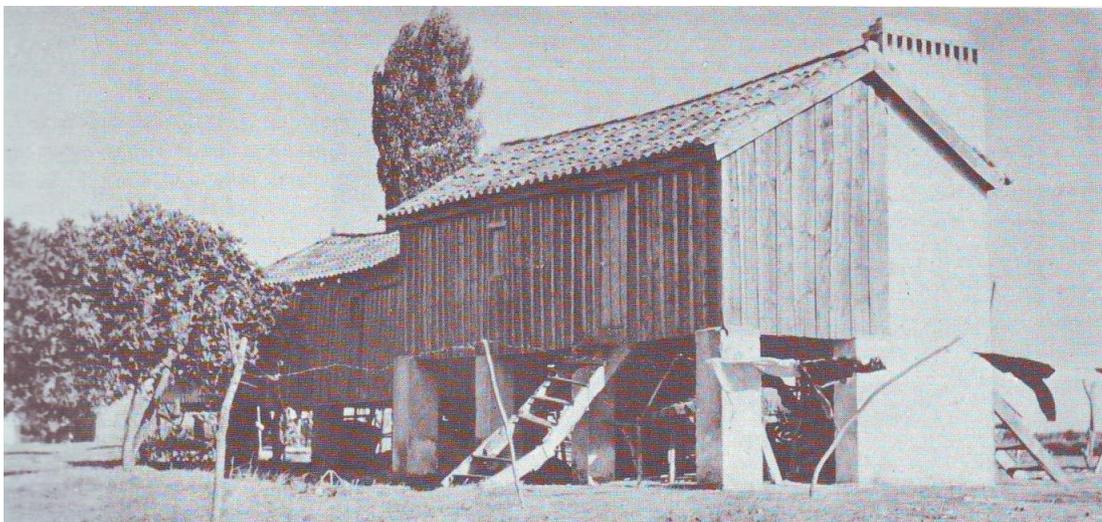
Palheiros da Tocha. Página 214.



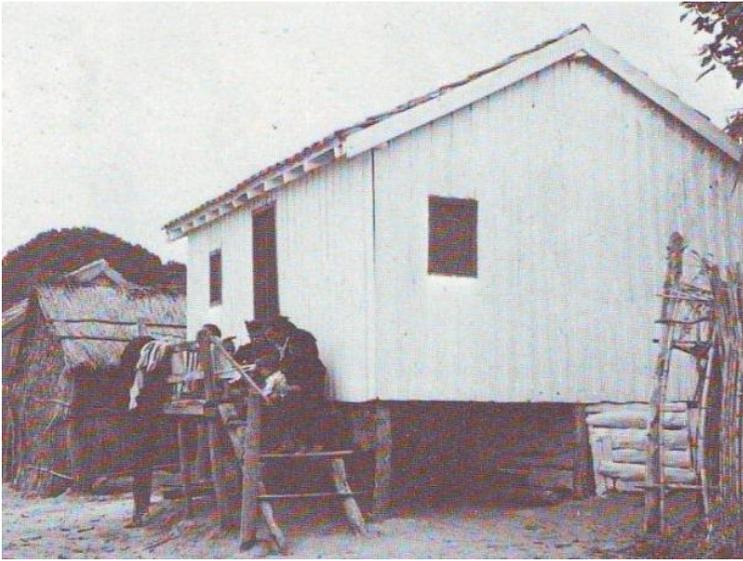
Praia de Vieira. Página 214.



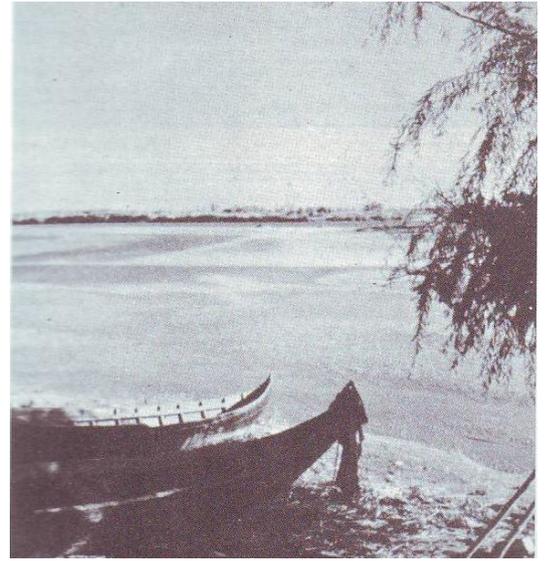
Quinta de Alqueidão - Tejo. Página 166.



Quinta de Alqueidão - Tejo. Página 167.



Palhota - Tejo. Página 166.



Tejo. Página 167.

6.2. LOCAIS VISITADOS - Litoral

Esmoriz



Praia da Tocha



Foz do Mondego



Costa de Lavos



Praia de Pedrógão



6.3. LOCAIS VISITADOS - Tejo

Povoação de Cucos



Povoação de Faias



Aldeia de Escaroupim



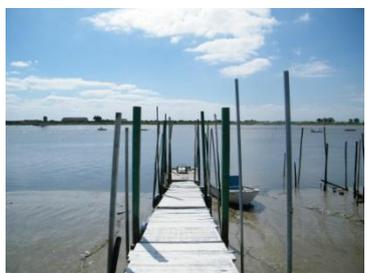
Aldeia da Palhota



Aldeia do Lezirão



Avieiros e Cais da Póvoa



6.4. ENTREVISTA – Arquitecto Carlos Castanheira

Seguem-se algumas questões relativas ao projecto no Gerês, a "Casa Adropeixe", que têm como tema principal a relação entre o uso da palafita e a arquitectura contemporânea.

1. As palafitas foram fonte de inspiração para este projecto? Se não, é possível fazer uma analogia entre o seu projecto e as palafitas?

É óbvio que conheço bem projectos que usaram e usam palafitas como suporte. Em quase todos os casos estas palafitas encontram-se em âmbito mais ou menos aquático.

No caso da Casa de Adropeixe o uso de "palafitas" também surgiu de uma necessidade. Não porque o meio aquático era muito presente mas pela simples razão de que da cota do terreno existente não era possível ver o "ambiente aquático" na albufeira da Caniçada. A razão principal da vontade do cliente em fazer casa naquele lugar era a presença e o usufruto da água. Não projecto utilizando imagens ou modelos de uso directo. Preocupo-me em saber e conhecer muito de modo que com essas ferramentas me seja possível construir algo que não necessita de ser original.

2. Considera importante o estudo da arquitectura popular como fonte de inspiração?

Como referi anteriormente, preocupo-me em conhecer. Como me interessa muito as construções que utilizam e sobretudo utilizaram madeira, automaticamente tenho que analisar a arquitectura vernacular sobretudo porque usam tecnologias de grande qualidade onde não há lugar a excessos, onde há um grande conhecimento e respeito pelos materiais. Nos últimos anos a madeira teve um descrédito relativamente a outros materiais ditos perenes e solução para todos os problemas da construção. A História diz que não é assim.

3. Quais os motivos que levaram à elevação da casa sobre pilares?

Como já referi o terreno onde poderíamos construir, um velho campo de ténis, tinha/tem uma implantação que não permite a vista sobre o espelho de água. O acesso faz-se subindo o monte, desde a estrada do Gerês, voltando a descer até perto do velho campo de ténis. A diferença de cota entre o velho campo de ténis e o pequeno largo onde termina o caminho era muito grande. A minha proposta foi de elevar o volume da casa de modo que este ficasse entre as duas cotas que condicionavam o projecto. O cliente gostou e aprovou.

4. Encontra potencialidades na utilização de palafitas?

Todas as construções deveriam ser sobre "palafitas"! A elevação da construção é fundamental para a garantia de uma boa ventilação e logo a garantia de uma construção saudável e com reduzidos problemas patológicos. Obviamente estas "palafitas" podem ser reduzidas a uma dimensão quase imperceptível, mas que deveriam ser elevadas deveriam. Para além disso e no caso da Casa de Adropeixe o volume está definido e sem que seja esse o desejo ou necessidade do proprietário, é sempre possível uma ampliação sem que muito fique alterado.

PARTE III

3.1. FONTES

TEMA II

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES

Keil do Amaral: arquitecto, 1910-1975 / Associação dos Arquitectos Portugueses; coord. Francisco Pires Keil do Amaral; textos José Antunes da Silva, Raul Hestnes Ferreira. - Lisboa: AAP-SRS, 1992. - 116 p. : il., color ; 25 cm

A ANÁLISE SEDIMENTAR E O CONHECIMENTOS DOS SISTEMAS MARINHOS (versão preliminar) J. Alveirinho Dias (2004)

Internet:

<http://www.google.pt>

<http://www.panoramio.com>

<http://evolutiontroia.blogspot.com/2008/08/dos-projectos-realidade-complexo.html>

<http://evolutiontroia.blogspot.com/2008/08/piscinas-bico-das-lulas-e-gal.html>

<http://evolutiontroia.blogspot.com/2008/08/dos-projectos-realidade-apartamentos.html>

Revista Electrónica de Ciências da Terra

GEOTIC – Sociedade Geológica de Portugal

VIII Congresso Nacional de Geologia

e -Terra

<http://e-terra.geopor.pt>

ISSN 1645-0388

Volume 12 – nº 3

2010

<http://www.lneg.pt>

http://www.fotolog.com/poucas_palavras/59975343

<http://www.troiaresort.com>

<http://fotoarchaeology.blogspot.com/2009/03/troia-de-setubal.html>

<http://www.troiaresort.net>

TRABALHO TEÓRICO

CRÉDITOS DE IMAGENS E FOTOGRAFIAS

NOTA: As imagens cuja numeração não é apresentada são da minha autoria e foram registadas durante os meses de Junho, Julho e Agosto de 2011.

1. “Panoramio”; Mapa do Mundo; Colombia; Chocó; Quibdo; Casa palafítica en el Barrio Kennedy. Disponível HTTP: <<http://www.panoramio.com/photo/8679408>> (Maio 2011).
3. “Mega Arquivo”; Cidades; A Cidade de Veneza, na Itália. Disponível HTTP: <<http://megaarquivo.files.wordpress.com/2011/03/veneza-canal.jpg>> (Agosto 2011).
4. BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria - **Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea**. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 11.
5. BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria - **Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea**. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 21.
6. BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria - **Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea**. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 11.
7. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 123.
8. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 212-213.
9. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 147.
10. OLIVEIRA Ernesto; GALHANO, Fernando - **Palheiros do Litoral Central Português**. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P. 10.
11. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 148; 183.
12. ROSSI, Aldo - **Autobiographie Scientifique**. Trad. de l’italien par Catherine Peyre. Paris: Parenthèses, 1988. P. 48.
13. SALVADO, Maria Adelaide Neto - **Os Avieiros nos finais da década de 50**. Castelo Branco: [s. n.], 1985. (Mapa em anexo).

14. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 166.
15. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 184.
16. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 184.
17. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 185.
18. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 167.
19. MOUTINHO, Mário - **A Arquitectura Popular Portuguesa**. Editorial Estampa, Lisboa, 1979. P. 97.
21. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 172.
25. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 166-167.
29. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - **Palheiros do Litoral Central Português**. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P. 67.
30. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - **Palheiros do Litoral Central Português**. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P. 67.
33. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 214.
35. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 183.
40. CALOR, Inês Alhandra - **Técnicas Construtivas Avieiras. Tradição e inovação no sistema palafítico**. Arquitectos sem Fronteiras Portugal. Disponível HTTP: <<http://revistas.ulusofona.pt/>> (Agosto 2011).
41. CALOR, Inês Alhandra - **Técnicas Construtivas Avieiras. Tradição e inovação no sistema palafítico**. Arquitectos sem Fronteiras Portugal. Disponível HTTP: <<http://revistas.ulusofona.pt/>> (Agosto 2011).

42. AA.VV. – **ArquitECTURA Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 193; 207.
43. AA.VV. – **ArquitECTURA Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 214.
44. AA.VV. – **ArquitECTURA Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 141; 215.
45. AA.VV. – **ArquitECTURA Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 215.
46. AA.VV. – **ArquitECTURA Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 215.
49. AA.VV. – **ArquitECTURA Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 166.
52. “Google Maps”; Aldeia da Palhota, Valada, Cartaxo. Disponível HTTP: <<http://maps.google.pt/>> (Julho 2011).
53. SALVADO, Maria Adelaide Neto - **Os Avieiros nos finais da década de 50**. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P. 37.
54. “Câmara Municipal do Cartaxo”; Serviços Online; Mapas Online; Plantas de Localização. Disponível HTTP: <<http://websig.cm-cartaxo.pt/index.php?module=plantas>> (Agosto 2011)
55. SALVADO, Maria Adelaide Neto - **Os Avieiros nos finais da década de 50**. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P. 41-42.
56. “Google Maps”; Escaroupim, Salvaterra de Magos. Disponível HTTP: <<http://maps.google.pt/>> (Julho 2011).
57. SALVADO, Maria Adelaide Neto - **Os Avieiros nos finais da década de 50**. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P. 42-43.
60. “Câmara Municipal de Salvaterra de Magos”; Serviços Online; Mapas Online; Plantas de Localização. Disponível HTTP: <<http://websig.cmsalvaterrademagos.pt/index.php?module=plantas>> (Agosto 2011).
62. “Farnsworth House”; History. Disponível HTTP: <<http://www.farnsworthhouse.org/history.htm>> (Agosto 2011).
63. DAVIES, Colin - **Key Houses of the Twentieth Century: Plans, Sections and Elevations**. Laurence King, 2006. P. 152.
64. TABORDA, Pedro - **Reposição da Casa-abrigo Eduardo Anahory: Arrábida, 1960**. Disponível HTTP: <<http://infohabitar.blogspot.com/2007/11/reposio-da-casa-abrigo-eduardo-anahory.html>> (Agosto 2011).

65. TABORDA, Pedro - **Reposição da Casa-abrigo Eduardo Anahory: Arrábida, 1960**. Disponível HTTP: <<http://infohabitar.blogspot.com/2007/11/reposio-da-casa-abrigo-eduardo-anahory.html>> (Agosto 2011).
66. COLQUHOUN, Alan - **La Arquitectura Moderna: Una Historia Desapasionada**. Tradução de Jorge Sainz. Editorial Gustavo Gili. Barcelona, 2005. P. 228.
67. “Megastructure Reloaded”; Architects+Artists; Yona Friedman. Disponível HTTP: <<http://www.megastructure-reloaded.org/yona-friedman/>> (Agosto 2011).
68. COLQUHOUN, Alan - **La Arquitectura Moderna: Una Historia Desapasionada**. Tradução de Jorge Sainz. Editorial Gustavo Gili. Barcelona, 2005. P. 227.
69. “Utopies et avant-gardes”, Histoire des utopies et des avant-gardes en architecture et urbanisme de 1770 à 1970: réalités et impostures. Yona Friedman: ville spatiale pour Paris. Disponível HTTP: <<http://utopies.skynetblogs.be/archive/2009/01/17/yona-friedman-ville-spatiale-pour-paris.html>> (Agosto 2011).
70. “DARCO Magazine”; DARCO Magazine 16; COOPTAR, Edifícios Praia dos Caneiros, 2006, Algarve, Portugal. Disponível HTTP: <<http://d-arco.blogspot.com/2009/01/cooptaredifcios-praia-dos.html>> (Agosto 2011).
71. “Gudmundur Jonsson Arkitektkontor”; Projects; Building assignments; Norveg coast, cultural-center. Disponível HTTP: <<http://www.gudmundurjonsson.no/>> (Agosto 2011).
72. “Boran Ekinci Architects”; Projects. Disponível HTTP: <<http://www.boranekincimimarlik.com/>> (Agosto 2011).
73. “ Exposure Architects”; Projects; Facilities; Octospider. Disponível HTTP: <http://www.exposurearchitects.com/10projects/10projects_dett.asp?t=1&nodo=30&nodo2=&tipo=5&id=2#> (Agosto 2011).
74. “Architonic”; Projects; Architecture; Museums; Niels Bruun, Nordis Watercolour Museum. Disponível HTTP: <<http://www.architonic.com/aisht/nordic-watercolour-museum-niels-bruun/5100112>> (Agosto 2011).
75. “Castanheira & Bastai”; Arquitectura; Projectos; Casa Adpropeixe. Disponível HTTP: <<http://www.carloscastanheira.pt/pt/arquitectura/projectos/c-asa-a-dpropeixe>> (Agosto 2011).
76. “Urbarama, Atlas of Architecture”; Arquitectura del Mundo; Portugal; Braga; Gerez; Casa Adpropeixe. Disponível HTTP: <<http://es.urbarama.com/project/casa-adpropeixe>> (Agosto 2011).
77. “Cocoon Eco Design Lodges”; Cocoon Lodges. Disponível HTTP: <<http://www.cocoonlodges.com/>> (Agosto 2011).

BIBLIOGRAFIA

AA.VV. - **Arquitectura Popular em Portugal**, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961).

AA.VV. - **As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea**. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2010. Catálogos FIA.

BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria - **Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea**. Argumentum, Lisboa, 2009.

BRANDÃO, Raul - **Os Pescadores**. Porto Editora. Porto, 2004.

CALOR, Inês Alhandra - **Técnicas Construtivas Avieiras. Tradição e inovação no sistema palafítico**. Arquitectos sem Fronteiras Portugal. Disponível HTTP: <<http://revistas.ulusofona.pt/>> (Agosto 2011).

COLQUHOUN, Alan - **La Arquitectura Moderna: Una Historia Desapasionada**. Tradução de Jorge Sainz. Editorial Gustavo Gili. Barcelona, 2005.

DAVIES, Colin - **Key Houses of the Twentieth Century: Plans, Sections and Elevations**. Laurence King, 2006.

GASPAR, Pedro Manuel dos Santos Lima; PALLA, João - **Construções palafíticas da bacia do Tejo: levantamento e diagnóstico do património construído da cultura avieira**. Artitextos. Lisboa : CEFA ; CIAUD, 2009.

LEAL, João - **Etnografias portuguesas (1870-1970): cultura popular e identidade nacional**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

MOUTINHO, Daniel Fernando Oliveira (2007) - **Edifícios de construção tradicional em madeira, o exemplo dos palheiros do litoral central português**. Prova Final para obtenção de licenciatura em Arquitectura, FAUP, [ano lectivo 2006/2007].

MOUTINHO, Mário - **A Arquitectura Popular Portuguesa**. Editorial Estampa, Lisboa, 1979.

OLIVEIRA Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. Publicações D. Quixote, Lisboa, 1998.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de - **Palheiros e Barracos do Litoral**, in *Geographica – Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa*, ano I, n.º 3, Julho de 1965.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - **Palheiros do Litoral Central Português**. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim - **Construções Primitivas em Portugal**. Edições D.Quixote, Lisboa, 1988.

PEIXOTO, Rocha - **Palheiros do Litoral**, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899).

REDOL, Alves - **Avieiros**. Lisboa, 1942.

RODRIGUES, Maria João Madeira, SOUSA, Pedro Fialho de, BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira - **Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura**. Quimera Editores, 1996.

ROSSI, Aldo - **Autobiographie Scientifique**. Trad. de l'italien par Catherine Peyre. Paris: Parenthèses, 1988.

RUDOSVKY, Bernard - **Architecture Without Architects: A Short Introduction to Non-pedigreed Architecture**. Albuquerque : University of New Mexico Press, 2003.

SALVADO, Maria Adelaide Neto - **Os Avieiros nos finais da década de 50**. Castelo Branco: [s. n.], 1985.

VASCONCELOS, Humberto, MARTINS, Jorge - **Avieiros: os últimos pescadores do Tejo**. Cartaxo: Palhota Viva, 1997.

DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS

“Architonic”; Projects; Architecture; Museums; Niels Bruun, Nordis Watercolour Museum. Disponível HTTP: <<http://www.architonic.com/aisht/nordic-watercolour-museum-niels-bruun/5100112>> (Agosto 2011).

“Boran Ekinci Architects”; Projects. Disponível HTTP: <<http://www.boranekincimimarlik.com/>> (Agosto 2011).

CALOR, Inês Alhandra - **Técnicas Construtivas Avieiras. Tradição e inovação no sistema palafítico**. Arquitectos sem Fronteiras Portugal. Disponível HTTP: <<http://revistas.ulusofona.pt/>> (Agosto 2011).

“Câmara Municipal de Salvaterra de Magos”; Serviços Online; Mapas Online; Plantas de Localização. Disponível HTTP: <<http://websig.cmsalvaterrademagos.pt/index.php?module=plantas>> (Agosto 2011).

“Castanheira & Bastai”; Arquitectura; Projectos; Casa Adpropeixe. Disponível HTTP: <<http://www.carloscastanheira.pt/pt/arquitectura/projectos/c-asa-a-dpropeixe>> (Agosto 2011).

“Câmara Municipal do Cartaxo”; Serviços Online; Mapas Online; Plantas de Localização. Disponível HTTP: <<http://websig.cm-cartaxo.pt/index.php?module=plantas>> (Agosto 2011).

“Cocoon Eco Design Lodges”; Cocoon Lodges. Disponível HTTP: <<http://www.cocoonlodges.com/>> (Agosto 2011).

CONSTANT – “Outra cidade para outra vida”. IS (Internacional Situacionista), nº 3, Dezembro de 1959. Disponível HTTP: <<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbetes=357>> (Agosto 2011).

“DARCO Magazine”; DARCO Magazine 16; COOPTAR, Edifícios Praia dos Caneiros, 2006, Algarve, Portugal. Disponível HTTP: <<http://d-arco.blogspot.com/2009/01/cooptaredifcios-praia-dos.html>> (Agosto 2011).

“Exposure Architects”; Projects; Facilities; Octospider. Disponível HTTP: <http://www.exposurearchitects.com/10projects/10projects_dett.asp?t=1&nodo=30&nodo2=&tipo=5&id=2#> (Agosto 2011).

“Farnsworth House”; History. Disponível HTTP: <<http://www.farnsworthhouse.org/history.htm>> (Agosto 2011).

“Google Maps”; Aldeia da Palhota, Valada, Cartaxo. Disponível HTTP: <<http://maps.google.pt/>> (Julho 2011).

“Google Maps”; Escaroupim, Salvaterra de Magos. Disponível HTTP: <<http://maps.google.pt/>> (Julho 2011).

“Gudmundur Jonsson Arkitektkontor”; Projects; Building assignments; Norveg coast, cultural-center. Disponível HTTP: <<http://www.gudmundurjonsson.no/>> (Agosto 2011).

“Megastructure Reloaded”; Architects+Artists; Yona Friedman. Disponível HTTP: <<http://www.megastructure-reloaded.org/yona-friedman/>> (Agosto 2011).

“Mega Arquivo”; Cidades; A Cidade de Veneza, na Itália. Disponível HTTP:
<<http://megaarquivo.files.wordpress.com/2011/03/veneza-canal.jpg>> (Agosto 2011).

“Palhota Viva”; Actividades. Disponível HTTP: < <http://palhotaviva.blogspot.com/>> (Agosto 2011).

“Projecto Palhota Viva”; Associação de Defesa do Ambiente; Distrito de Santarém, Concelho de Cartaxo. Disponível HTTP:
< <http://museu.marinha.pt/NR/rdonlyres/645C0481-C099-4AC9-A901-237036969537/0/gammamuseucartaxo.pdf>> (Agosto 2011).

“Panoramio”; Mapa do Mundo; Colombia; Chocó; Quibdo; Casa paláfrica en el Barrio Kennedy. Disponível HTTP:
<<http://www.panoramio.com/photo/8679408>> (Maio 2011).

“Swissinfo”; especiais; património da Unesco na suíça; actualidade; Povoações lacustres, candidatas à chancela da UNESCO. (Publicado em 4 de Maio de 2010). Disponível HTTP:
<http://www.swissinfo.ch/por/Especiais/Patrimonio_da_Unesco_na_Suica/Atualidade/Povoacoes_lacustres_candidatas_a_chancela_da_UNESCO.html?cid=8670684> (Maio 2011).

TABORDA, Pedro - **Reposição da Casa-abrigo Eduardo Anahory: Arrábida, 1960**. Disponível HTTP:
<<http://infohabitar.blogspot.com/2007/11/reposio-da-casa-abrigo-eduardo-anahory.html>> (Agosto 2011).

“Utopies et avant-gardes”, Histoire des utopies et des avant-gardes en architecture et urbanisme de 1770 à 1970: réalités et impostures. Yona Friedman: ville spatiale pour Paris. Disponível HTTP:
<<http://utopies.skynetblogs.be/archive/2009/01/17/yonafriedmanville-spatiale-pour-paris.html>> (Agosto 2011).

“Urbarama, Atlas of Architecture”; Arquitectura del Mundo; Portugal; Braga; Gerez; Casa Adropeixe. Disponível HTTP:
<<http://es.urbarama.com/project/casa-adropeixe>> (Agosto 2011).

PUBLICAÇÕES

PEREIRA, Nuno Teotónio – **Recuperação do edificado rural. Aldeias do Xisto e do Vale do Lima. E também dos Avieiros**. Revista Pedra & Cal. Lisboa: GECORPA. ISSN: 1645-4863. Ano X, nº 39, 2008.

ANEXOS

4.1. FICHA DE UNIDADE CURRICULAR

Unidade curricular: Projecto Final de Arquitectura

Código:

Tipo: lectivo; Trabalho de Projecto

Nível: 2ºciclo

Ano curricular: 2010/2011

Semestre: Anual

N.º de créditos: 45 ECTS

Horas de trabalho total:

Horas de contacto:

Língua (s) de ensino: Português

Pré-requisitos: precedências requeridas: Projecto de Arquitectura II

Área científica: Arquitectura

Departamento: Departamento de Arquitectura e Urbanismo

Docentes: Paulo Tormenta Pinto (regente), Gonçalo Byrne, Ana Lúcia Barbosa, Ana Vaz Milheiro (Lab. THAU), Rosália Guerreiro (Lab. URB), Vasco Moreira Rato (Lab. TA), Nancy Dinis (Lab. DES); Pedro Costa (Lab. Economia);

Objectivos (conhecimentos a adquirir e competências a desenvolver):

Projecto Final de Arquitectura é a Unidade Curricular que encerra a formação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitectura, adquirindo, por isso, um papel de síntese na consolidação e aprofundamento das competências alcançadas pelos estudantes ao longo dos 4 anos anteriores.

Preconiza-se, nesta UC, o incentivo a cada vez maior autonomia, por parte dos estudantes, na resolução dos exercícios propostos e nas decisões de ordem conceptual que venham a adoptar.

Outro objectivo é a clarificação de um entendimento crítico da expressão da arquitectura definida e enquadrada na transversalidade dos vários saberes.

Programa:

Como base programática utilizaremos uma temática de fundo, que suportará a orientação dos diversos trabalhos a desenvolver ao longo do ano lectivo. Será a relação entre Arqueologia e o Turismo o tema central que desenvolveremos em 2010/2011.

O programa da UC de Projecto Final em Arquitectura consiste na elaboração de um Trabalho de Projecto, requisito obrigatório para a obtenção do grau de mestre. O Trabalho de Projecto é composto por duas vertentes: uma de âmbito projectual e outra de âmbito teórico.

Com o tema central, pretende-se explorar um paralelismo entre as ocupações ancestrais e os locais eleitos para o desenvolvimento de programas turísticos. Através dos achados arqueológicos abrem-se plataformas de estudos que permitem entender o modo como no passado se desencadeavam estratégias de ocupação do território, tendo como base a complexidade geo-morfológica dos locais e a sua relação com o mecanismos de exploração económica e/ou de subsistência.

Os achados arqueológicos abrem possibilidades de entendimento sobre os locais onde estes fragmentos se podem encontrar, dando pistas para um entendimento territorial. A relação arqueologia / território, está naturalmente associada às razões que levaram determinada comunidade a instalar-se em determinado lugar. O interesse destes locais pode facilmente associar-se a uma valorização dos sítios, útil à divulgação de programas turísticos. Ou seja pode estabelecer-se uma associação entre os locais demarcados de ocupação ancestral e os locais mais destacados turisticamente.

Considerando as temáticas que podem ser levantadas a propósitos do tema em estudo que servirão de suporte ao desenvolvimento dos trabalhos quer da vertente projectual, quer da vertente teórica:

- a) Território e Paisagem – A paisagem como desígnio do território / o território como suporte de um desígnio de paisagem. A [re] construção de uma ideia de paisagem e sua relação com o turismo. Binómio Território e Paisagem na apropriação turística paisagem como resultado de múltiplas intervenções no território, a pertinência da arquitectura na definição da paisagem;
- b) Património – A pertinência dos factos arquitectónicos que surgem como memória de anteriores processos de ocupação do solo. Nesta temática será possível debater a extensão do conceito de património e os antagonismos vulgarmente associados e este conceito;
- c) Fragmentos arqueológico: A matéria residual que se encontra em processo de fusão com o território abre-nos pistas para entender as técnicas de construção tradicionais e sua relação com elementos disponíveis no meio-físico;
- d) Sustentabilidade – Este campo de investigação é orientada para o debate contemporâneo sobre o ambiente. Propõe-se um percurso de pesquisa sobre o modo como podem as intervenções ajustar-se ao meio-físico.
- e) Mutações: reflexão sobre a transformação urbana, sobre o modo como pode ser interpretada a cidade contemporânea e como a arquitectura pode integrar-se nesse processo em constante metamorfose.

Vertente Projectual

É definida uma área de intervenção abrangente, na área de exploração do Tróia-Resort, designada no Plano de Urbanização de Tróia, como UNOP01 e UNOP04.

Durante a década de 60 a empresa Torralta SA empreendeu arrojado projecto de exploração turística da península de Troia. A areia branca das praias e proximidade com a capital, ajudaram a materializar um projecto imobiliário no sector do turismo de massas, inovador em Portugal. Os estudos ficaram a cargo do Atelier Conceição Silva, que implementou uma tipologia de ocupação do solo tendo como base na verticalização dos programas hoteleiros e de apartamentos. Os projectos desenvolvidos para o local vinham na senda de outros, desenvolvidos e em desenvolvimento, por aquele que era, possivelmente, na época, o escritório de arquitectura com maior capacidade de resposta a nível nacional. A investigação veiculada por Francisco Conceição Silva e pelos arquitectos que estiveram envolvidos no Atelier, passava por explorações dentro de lógicas próximas, às que Reyner Banham defendia, em 1966, como New Brutalism. No caso de Tróia é visível a expressividade, sempre aparente dos elementos estruturais, a sobreposição de percursos pedonais e a dimensão experimental das tipologias, entre outros critérios, que ampliam o interesse pela obra deste escritório que mobilizou uma personagens relevantes do panorama arquitectónico da época. No complexo de Tróia, o desejo de inovação e de qualidade, apesar da abertura às massas, era visível nos artefactos que complementavam o projecto urbano e de arquitectura, são eles os over-crafts que faziam a ligação entre o porto de Setúbal e a península e os autocarros concebidos pelo próprio atelier e a par com todo o mobiliário original desenvolvido quer para os apartamentos quer para as unidade hoteleiras, quer para os equipamentos de apoio. No projecto de Tróia da Torralta, destacavam-se os hotéis em torre com hall a toda a altura, os apartamentos em banda com acessos em ponte, as áreas lúdicas e comerciais em agrupamentos e as amplas piscinas construídas na proximidade das praias das quais se destaca a da Galé e Bico da Lulas (recentemente demolidas)

Com o fim do Estado Novo, a empresa Torralta - Club Internacional de Férias, entrou em decadência tendo sido nacionalizada ao abrigo das políticas de então. O desenvolvimento de projectos turísticos de massas realizados, sobretudo, a partir da década de 60, vieram a implementar-se em áreas pouco exploradas urbanisticamente, em proximidade com o mar, visto como o grande atractivo de época. O posicionamento estratégico desta península do Concelho de Grândola e deslumbramento do seu território, são relacionáveis com a atractividade que este mesmo território, do delta do Rio Sado, adquiriu desde o período paleolítico, como o demonstram os

achados líticos dessa época e provavelmente serviu de entreposto comercial aos fenícios ou a outros navegadores que, percorrendo a costa atlântica, se dirigiam para norte. A presença romana, é no entanto a mais visível tendo-se iniciado pelo século I dC, presença essa, que perdurou até ao século IV dC, sendo que até ao século VI dC, mesmo depois da queda do Império no Ocidente, o local continuou a ser utilizado por luso-romanos que se dedicavam à pesca.

Pensa-se que durante a ocupação romana, Tróia se constituía com uma ilha do Sado e que o seu acesso se fazia exclusivamente por via marítima e fluvial. A principal actividade que os romanos desenvolveram em Tróia está relacionada com a transformação conserveira de peixe. Das Ruínas que chegaram até aos nossos dias, são visíveis, no local, por uma extensão de cerca de 2 km, um conjunto alargado de tanques de salga (cetárias), uma necrópole, uns banhos públicos, e uma basílica paleocristã com 4 naves. São ainda visíveis no local, entre a areia das praias do Sado e a mata, estruturas edificadas com vários níveis construtivos, que organizam entre si estruturas urbanas. Os detalhes construtivos das ruínas são aparentes enriquecendo, do ponto de vista arquitectónico, a observação das ruínas, nas quais podemos ainda, em alguns casos verificar, a presença de revestimentos decorativos, como é o caso das paredes da antiga Basílica Paleocristã. As marés e a erosão vêm ao longo dos séculos delapidando as ruínas, cujo uma parte significativa se encontra submersa de areia e invadidas pela vegetação de pinheiros da REN reserva ecológica nacional. A área em questão, é definida como monumento nacional, e está inserida em área no-aedificandi, localizando-se junto ao campo de treino dos Fuzileiros a Nordeste da península.

Após a desafecção do local, no século VI, Surge nova ocupação nos finais do século XVI com a construção da capela de N.ª S.ª de Tróia. Segue-se a construções de estalagens, uma vez que a península era o início de uma estrada que se dirigia para sul. O palácio Sottomayor, com forte presença no local, foi construído por volta de 1920. Com a falência do projecto desenvolvimento turístico da Torralta, o local fica em parte abandonado com estruturas edificadas por acabar, prefigurando, durante, quase 3 décadas, também um estado ruinoso. é em 2005, após a aquisição de uma parte da península pelo grupo Sonae, que se inicia a exploração do local pela denominada empresa, Tróia-Resort. Para além de um inversão dos conceitos urbanísticos, que vêm sendo introduzidos, através do novo Plano de Urbanização de Tróia, procurou-se tem vindo a tentar-se uma inter-relação mais próxima e integrada, das ruínas romanas e do Resort no seu todo, procurando-se que o turismo cultural possa, por seu turno, associar-se às tipologias turísticas de vilegiatura contemporâneas.

Será pois o debate em torno do conceito de "património" que irá emergir no decurso da reflexão que se procurará introduzir pela via da experimentação projectual. A propósito deste tema procura-se o estabelecimento de um entendimento contemporâneo que permita ampliar a capacidade crítica dos alunos, na sua relação com o passado, com o território, e com as políticas orientadoras da gestão dos lugares.

Para tornar possível o desenvolvimento da pesquisa preconizada nesta FUC, serão distribuídos enunciados de projectos que visão a experimentação da arquitectónica, no binómio macro/micro escala, introduzindo-se um dialogo permanente entre aquilo que são as condições dos lugares, sedimentadas num conjunto amplo de factores e o rigor do detalhe rigoroso do traço do arquitecto.

Vertente Teórica

A vertente teórica da UC de Projecto Final de Arquitectura será desenvolvida, de acordo com a regulamentação expressa no REACC do DAU. Ao início do ano lectivo serão propostos 4/5 laboratórios de investigação, que colocarão linhas de pesquisa autónomas nas áreas científicas de História e Teoria da Arquitectura e do Urbanismo, de Urbanismo, de Economia , de Desenho e de Tecnologias de Arquitectura, cada uma destas áreas terá um docente responsável. Os diversos programas de investigação serão lançados na primeira semana lectiva, cabendo aos estudantes a escolha de uma das linhas de investigação.

Considerando a temática de fundo que orienta o programa desta Unidade Curricular, abrem-se possibilidades de investigação que serão especificadas e delineadas pelos docentes responsáveis de cada um dos laboratórios. Pretende-se deste modo que os trabalhos de teóricos possam assumir-se como instrumentos de aprofundamento dos conteúdos programáticos traçados, em Projecto Final de Arquitectura.

Bibliografia básica:

AA.VV. **Habitar em Colectivo** –ISCTE, Lisboa, 2009;

AA.VV. **Revista AV** - Pragmatismo e Paisagem, nº 91 de Setembro/ Outubro de 2001;

AA.VV. **Revista AV** - Casa, Cuerpo, Crisis, nº 104 de Dezembro de 2003;

AA.VV.- **Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**, coord. Correia, António Mendes, Lisboa /Rio de Janeiro, Editorial enciclopédia Lda, Volume XXXIII, pág. 40, 41, 1960.

BANHAM, Reyner, **The New Brutalism. Ethic or Aesthetic?** London: The Architectural Press, 1966

BUINHAS, Marco – **Gonçalo Byrne, Geografias Vivas**, Edições da Ordem dos Arquitectos Portugueses, Lisboa, 2006;

CASAL, Miléne Gil Duarte, "**Pinturas murais da Aula /Basilica de Tróia: exame técnico e estado de conservação**", in AA.VV **Património Estudos**, Lisboa, edição Ministério da Cultura e Instituto Português do Património Arquitectónica (MC/IPPAR), revista Nº5, pág.5 a 13, 2003.

CHOAY, Françoise – O Urbanismo, Utopias e Realidades - Uma Antologia, editora Perspectiva, São Paulo, 2002;

DOMINGUES, Álvaro - **Cidade e Democracia, 30 anos de transformação urbana em Portugal**, Universidade de Aveiro e Argumentum Edições, Estudos e Realizações, 2006;

MACHADO, Carlos, MONTEIRO, Ana Margarida, "Controlo de infestantes em monumentos arqueológicos – a estação arqueológica de Tróia", in AA.VV. **Património Estudos**, Lisboa, edição Ministério da Cultura e Instituto Português do Património Arquitectónica (MC/IPPAR), revista Nº4, pág.192 a 205, 2003.

MONTANER, Josep Maria – **Después del Movimiento Moderno – arquitectura de la segunda mitad del siglo**

XX, 2ª ed., Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1995;

MURPHY, John – **O Pragmatismo – de Pierce a Davidson**, Edições Asa, Porto 1993;

SOLÀ-MORALES, Ignasi - *Diferencias. Topografía De La Arquitectura Contemporánea*, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 1995;

SOLÀ-MORALES, Ignasi – *Territórios*, Editorial Gustavo Gili, S.A., Barcelona, 2006;

Bibliografia complementar:

BENEVOLO, Leonardo – *Historia de la Arquitectura Moderna*, 8ª edição, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2002.

BOSAL, Valeriano - *Historia de las Ideas Estéticas y de las Teorías Artísticas* Contemporáneas Volume I e II, 2ª ed., La Balsa de la Medusa, Visor, Madrid, 2000;

CALDEIRA CABRAL, Francisco e RIBEIRO TELLES, Gonçalo – *A Arvore em Portugal*, 2ª ed. Assírio & Alvim, Lisboa, 2005;

DELEUZE, Gilles - *Diferença e Repetição*, Relógio de D'Água, Lisboa, 2000;

DELEUZE, Gilles - *El Pliegue*, Ediciones Paidós, Barcelona, 1989;

HEREU, Pere; MONTANER, Josep M.; OLIVERAS, Jordi - *Textos de Arquitectura de la Modernidad*, Editorial Nerea, S. A., Madrid, 1994;

TAFURI, Manfredo – *The Sphere and the Labyrinth - Avant-Gardes and Architecture from Piranesi to the 1970s*, MIT Press, Massachusetts, 1987;

TRÍAS, Eugenio - *Lógica del Límite*, Ediciones Destino, Barcelona, 1991;

Processo de ensino-aprendizagem:

O modo como serão estruturadas as aulas e os exercícios seguirá o espírito do Processo de Bolonha, ou seja será incentivada a aquisição de competências, fundamentando a progressiva autonomia dos estudantes.

Será contudo fundamental, alicerçar-se um amplo debate sobre os trabalhos em curso, o qual será realizado nas horas lectivas da UC. Estão também previstos um conjunto de seminários temáticos que contribuirão para ampliar criticamente os conteúdos da UC.

Processo de avaliação:

Será atribuída uma classificação final (de 0 a 20 valores) no final do 2º semestre.

No final do 1º semestre será dada uma classificação intermédia.

As classificações a atribuir terão em linha de conta a qualidade dos trabalhos elaborados. Será dada uma atenção à assiduidade que entrará como parâmetro no processo de avaliação.

Todo o processo de avaliação final da UC de Projecto Final de Arquitectura esta explicitado do REACC

4.2. ENUNCIADOS DOS EXERCÍCIOS

TEMA I:

Exercício I - Trabalho Individual, 1º Semestre.

Tendo por base a área de intervenção estipulada na ficha de unidade curricular, localizada no Distrito de Setúbal, no Concelho de Grândola, especificamente na península de Tróia, propõe-se a elaboração de um exercício que permita o estabelecimento da relação entre a macro escala (análise estratégica do território) e a micro escala (intervenção arquitectónica detalhada).

O Plano de Ordenamento da Península de Tróia prevê quatro distintos núcleos, com vocações diferenciadas, inserindo-se a área de estudo, no designado NOP4, que inclui para além do sítio arqueológico um “eco-resort”. As ruínas romanas estão classificadas como Monumento Nacional (desde 1910) e encontram-se adjacentes a uma área classificada como Reserva Ecológica Nacional. No referido plano de ordenamento está previsto a edificação de um Centro de Interpretação e um Hotel de Charme com implantações coincidentes respectivamente com os actuais armazéns de arqueologia e com o designado “palácio” Sottomayor identificados em planta que se encontra no Anexo II. Para além destes projectos está também previsto a Valorização Paisagística das Ruínas Romanas encontrando-se esta obra parcialmente concluída, tendo sido parte do percurso de visita inaugurado no final do passado Julho.

Pretende-se que o discente realize uma leitura abrangente do território de intervenção, sujeito ao longo dos séculos a diferentes ocupações, com especial atenção para a ocupação romana e eleja a estratégia para a sua intervenção considerando os seguintes projectos.

Área de Intervenção:

Campo Arqueológico do Tróia-Resort

Metodologia:

1. Num primeiro momento, serão constituídos grupos de aproximadamente 5 estudantes;
2. A área de intervenção, previamente parcelada de acordo com planta anexa, será distribuída a cada um dos grupos.
3. Cada um dos elementos, de cada grupo, ficará individualmente afecto uma das parcelas, anteriormente designadas.
4. Individualmente, serão desenvolvidos projectos de valorização, arquitectónica e paisagística, de acordo com as parcelas previamente distribuídas.
5. Ficarão ainda a cargo de cada um dos elementos do grupo a realização de um projecto para um Centro de Interpretação de acordo com o Anexo I, a realizar em implantação coincidente com os actuais armazéns de arqueologia.

6. Ao mesmo tempo que são desenvolvidas as propostas individuais, deverá ser mantido um debate, no seio de cada um dos grupos, que permita desenvolver uma estratégia de harmonização das várias intervenções, e que possa contribuir para a realização de proposta geral de valorização do Campo Arqueológico de Tróia.

Parcelas da área de intervenção:

Parcela 1 - Núcleo industrial (1) /Templo paleocristão (2)

Parcela 2 - Sepulturas de mesa e sistema hidráulico (3) / Unidade Fabril (4)

Parcela 3 - Balneário (5) /Núcleo fabril (6) /Mausoléu (7)

Parcela 4 - Rua da Princesa (8)

Parcela 5 - Cetárias da orla costeira (9)

Entregas e Avaliação:

1ª Entrega intermédia: 2 de Novembro 2010

2ª Entrega intermédia: 2 de Dezembro 2010

Modelo de Apresentação

As apresentações finais serão realizadas por Grupo, sendo que, deverá apresentar-se a estratégia geral para a área de intervenção, bem como as propostas individuais de cada um dos elementos do que compõem o grupo.

Lisboa, 27 de Setembro 2010

ANEXO I:

Centro de Acolhimento e Interpretação do Sítio Arqueológico de Tróia

O Centro de Interpretação deverá integrar as seguintes componentes:

- Receber os visitantes da estação arqueológica;
- Acolher as actividades da equipa técnica de arqueologia;

Esta última área destina-se a acolher as actividades permanentes da equipa técnica responsável pelo desenvolvimento dos projectos de investigação arqueológica em Tróia bem como prever uma área de reserva do espólio arqueológico, com a possibilidade de ser eventualmente visitado.

O edifício na sua totalidade deverá apresentar uma área bruta total aproximada **AB=600,0 m²**

Programa de Espaços:

- 1-Átrio- recepção e informação
- 2-Exposição Permanente
- 3-Sala Polivalente- projecção /conferências/reuniões/exposições temporárias
- 4-Bar- cozinha/balcão/arrumos/espaco para mesas, ligação ao exterior
- 5-Instalações sanitárias visitantes
- 6-Arrumos- apoio exposição
- 7-Gabinete de Trabalho -3 gabinetes para duas pessoas
- 8-Laboratório- análises a materiais
- 9-Arquivo - documentos

10-Sala para Reserva - temporária

11-Oficina de Arqueologia

12-Instalações sanitárias funcionários e duche

13-Arrumos

14-Área técnica

Programa de Espaços Exteriores:

Ao nível dos Espaços Exteriores deverão ser contemplados de um modo geral o acesso pedonal e automóvel bem como área de estacionamento considerando os seguintes aspectos :

1-Acesso principal ao recinto

2-Estacionamento automóvel visitantes e funcionários

3-Estacionamento de camionetas de passageiros

4-Início do percurso arqueológico visitantes

5-Acesso à estação arqueológica funcionários

6- Acesso ao Centro de interpretação para visitantes e funcionários

7-Acesso automóvel eventual à Capela de N. Sr.^a de Tróia

8-Acesso pedonal à Capela de N. Sr.^a de Tróia

TEMA II

Exercício II - Trabalho de Grupo, 1º Semestre.

A península de Tróia, área de intervenção do Projecto Final definida na Ficha de Unidade Curricular, apresenta-se em plena transformação sendo o desenvolvimento local estruturado em torno do turismo.

Considerando a particularidade do território em causa, alvo de um Plano de Urbanização em curso, pretende-se com o Tema II a realização de um trabalho de reconhecimento do território.

O objectivo do Tema II, passa pela definição de um conceito síntese caracterizador de leitura e interpretação da área de estudo, capaz de suportar a localização coerente do projecto de um equipamento a desenvolver no 2º semestre ao abrigo do Tema III

1ª Fase - Reconhecimento do Território

Numa etapa preliminar de aprofundamento da estratégia de intervenção de um determinado território torna-se imprescindível o seu conhecimento.

Para esse efeito dever-se-á possuir a informação necessária para avaliar a potencialidade dos sítios e os conflitos existentes de modo a formular propostas.

O trabalho de grupo deverá proceder à recolha de informação, nomeadamente em áreas como:

- Caracterização biofísica da área de intervenção:- topografia, estrutura de espaços verdes, orografia e sistemas de drenagem natural; geologia - hidrologia; orientação e exposição solar.
- Evolução histórica da área de estudo:- caracterização do processo de formação do tecido edificado; recolha de plantas de várias épocas; monografias e descrições.
- Caracterização da mobilidade, potencialidades e estrangulamentos: caracterização de acessos, da rede viária; rede marítima/fluvial; Percursos pedonais, etc.
- Caracterização da estrutura edificada, da distribuição de funções e dos espaços públicos: - Tipologias de espaços públicos; Estruturas urbanas existentes; Edificado com valor histórico e arquitectónico; Edificado recente consolidado; Estado de conservação; Espaços vazios; Espaços públicos; Equipamentos públicos e privado, etc.
- Planos Urbanísticos condicionantes, projectos mais relevantes para a área de intervenção:- P.D.M.; P.P.; Condicionantes Urbanísticas; Loteamentos; projectos mais relevantes para a área de intervenção.

2 Fase - Programa/Conceito/Proposta

Na posse dos dados anteriormente recolhidos proceder-se-á à designação de um conceito síntese caracterizador de leitura e interpretação da área de estudo.

Entrega intermédia: 11 de Novembro (1ª fase)

Formato: caderno A3 e CD com o mesmo conteúdo.

Entrega Final: 31 de Janeiro de 2011

Formato: Caderno A3 (incluindo o memorando) e CD com Power Point.

Discussão e Apresentação do Trabalho: Semana de 7 a 11 de Fevereiro de 2011, em Power Point.

27 de Setembro 2010

TEMA III

Exercício III - Trabalho Individual, 2º Semestre.

Pretende-se que o trabalho de projecto do 2º semestre se estabeleça dentro do limite da designada UNOP04 integrada num Plano de Pormenor do Plano Geral da Península de Tróia.

Com o conhecimento efectivo desta área, promovido pelo trabalho desenvolvido em grupo, patente no Exercício II, para a qual foi realizado um reconhecimento do território, pretende-se que o aluno eleja o local de implantação para a nova intervenção.

Esta Unidade Operativa (UNOP04) caracteriza-se essencialmente pela presença da caldeira, virada ao rio Sado, pela integração na REN –Reserva Ecológica Nacional (onde está incluída a RNES - reserva natural do estuário do Sado) e pelas ruínas romanas classificadas como Monumento Nacional. O Plano de Pormenor prevê para esta área a construção dos seguintes elementos:- Centro de interpretação Arqueológico; Centro de interpretação Ambiental;- Hotel de Charme;- Ecoresort;- Serviços e área de acesso ao Cais dos Ferries.

Partimos de uma estratégia de realocização do Hotel de Charme, previsto no plano de pormenor junto das ruínas romanas, especificamente no Palácio Sotto-Mayor e edifícios adjacentes, para uma nova localização a definir dentro da (UNOP04).

Propõe-se a elaboração de um Hotel e SPA para o qual se disponibiliza o programa de espaços que se encontra em anexo.

Este novo projecto deverá constituir-se como um argumento integrador preconizando-se:

- O entendimento e interpretação de um território com características de paisagem natural, como veículo gerador de uma proposta de desenho e composição arquitectónica.
- A manipulação crítica do programa proposto para um “Hotel/SPA” como meio de invenção do edifício e do lugar.
- A utilização da linguagem arquitectónica como reflexo da expressão individual e da postura cultural do discente face a um território real e a um determinado programa.

O aluno deverá relacionar a estratégia definida no trabalho de grupo, com as propostas individuais decorrentes dos projectos desenvolvidos no Tema I, e integrar a opção de implantação do novo Hotel /SPA.

Cada aluno deverá sentir-se convidado, a partir deste novo exercício, a repensar o território em estudo, encarando o projecto como uma oportunidade para superar os limites colocados no Tema I e Tema II.

Apresentação Final de Júri:

Considerando este trabalho de projecto como a conclusão da investigação sobre a Península de Tróia, convém referir que para qualquer proposta, independentemente da proximidade ou não dos diversos projectos (Tema I e Tema III), deverá o aluno encontrar uma lógica conceptual que permita integrar todo o trabalho realizado ao longo do ano lectivo e que deverá ser explicita na apresentação final em júri.

7 de Fevereiro 2011

WORKSHOP

Ao Tema III associa-se um exercício de aquecimento composto por duas tarefas a desenvolver em grupo.

Tarefa 1

Título: *Imagem de mistério, com livro, cadeira e janela*

Deverá ser composta uma imagem de mistério, com livro, cadeira e janela. Sobre esta imagem deverá o grupo elaborar um texto com 1500 caracteres incluindo espaços (no máximo), que explicita e amplie o efeito de mistério associado à imagem. A imagem a apresentar deverá fazer parte de uma sequência de 10 imagens.

A entregar:

Impressão no formato A2 da imagem seleccionada, que deverá ser afixada na parede da sala de aula.

Caderno com formato 21x21 cm onde se inclui o texto, a imagem seleccionada, a sequência das 10 imagens. Deverá ainda ser reservada uma área do caderno para a demonstração do processo de realização das imagens.

Apresentação:

Digital tipo Power-point

Tarefa 2

Título: *Torre ou ponte construída com objectos comuns*

Deverá ser construída uma torre ou uma ponte com uma extensão de 1 metro (de altura ou de comprimento). Esta instalação deverá ser realizada apenas com um mesmo objecto repetido em assemblagem. Os objectos a utilizar devem ser de uso quotidiano, do tipo que se pode encontrar em qualquer supermercado, loja de chinês, ou na rua, etc. O objectivo é que este artefacto seja surpreendente e belo.

A entregar:

Impressão no formato A2 de fotografia especial da estrutura idealizada.

Desenhos em formato adequado representado exaustivamente o objecto à escala 1:1, plantas, secções e vistas.

Apresentação:

Directamente a partir dos objectos, na sala de aula

Entrega e apresentação:

Ambas tarefas em 17 de Fevereiro de 2011

4.3. ENUNCIADO DO LABORATÓRIO

Laboratório de Cultura Arquitectónica Contemporânea

Docente: Ana Vaz Milheiro

Ano lectivo: 2010/2011

Tema:

À procura do inquérito

50 anos sobre a publicação da Arquitectura Popular em Portugal

Apresentação:

O livro *Arquitectura Popular em Portugal* foi publicado em 1961 pelo Sindicato da Ordem dos Arquitectos. Corresponhia então à síntese da pesquisa realizada por seis equipas de arquitectos que desde 1955, após terem dividido o território continental em seis áreas regionais, se propuseram descrever a arquitectura de génese popular e espontânea que ocorria nesses locais. As equipas, formadas por três arquitectos, actuaram de forma bastante livre, aplicando diferentes metodologias de análise e cumprindo critérios também distintos nas suas descrições. Partilhavam contudo a ideia da importância da geografia, da geologia e do clima na realização dessa arquitectura popular, assim como das actividades económicas, nas tradições construtivas e das culturas próprias enquanto elementos definidores dessa mesma arquitectura.

A importância do inquérito na arquitectura portuguesa do finais dos anos de 1950 e durante toda a década seguinte é amplamente reconhecida e tem sido objecto de inúmeros trabalhos teóricos e de investigação. É igualmente conhecida a influência que o inquérito teve em trabalhos de arquitectos não portugueses, mas de matriz lusa, caso do Brasil. Assim, a propósito do aniversário da publicação do Inquérito, o tema geral proposto pelo laboratório de Cultura Arquitectónica Contemporânea do ano lectivo 2010/2011 é exactamente a publicação da *Arquitectura Popular em Portugal* e os seus arquitectos.

Metodologia:

Os trabalhos decorrem em duas fases.

1º semestre: os alunos organizam-se em três grupos de trabalho. Cada um trata de duas zonas do inquérito. Os grupos analisam ainda a bibliografia obrigatória, assente na leitura – para lá da própria *Arquitectura Popular em Portugal* –, de João Leal, Bernard Rudofsky e Hassan Fathy. Os levantamentos bibliográficos e documentais, registos fotográficos, recolha de entrevistas e outros, são iniciados aqui, ainda dentro de um espírito de grupo.

É produzido um relatório de grupo e três recensões.

2º semestre: cada aluno encontra a sua linha individual de pesquisa dentro do tema geral do inquérito. A pesquisa bibliográfica torna-se mas específica, assim como o levantamento dos casos de estudo. A análise é individual.

É produzido um trabalho final com cerca de 26 páginas dactilografadas. Documentação fotográfica, imagens, entrevistas, etc., são incluídos em anexo e não são contabilizados nas 26 páginas finais.

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:
Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

Laboratório de Cultura Arquitectónica Contemporânea
Orientadora: Dra. Ana Vaz Milheiro, Prof.^a Auxiliar
Discente: Vanessa Marques Ribeiro, n.º 26966

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS: Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

RESUMO

O Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa publicado com o título *Arquitectura Popular em Portugal*, em 1961, dá-nos a conhecer as diversas tradições arquitectónicas existentes há data no país. Um dos temas abordados e estudado pelos arquitectos Nuno Teotónio Pereira, António Pinto de Freitas e Francisco Silva Dias, é o das povoações de *Avieiros*, que se implantaram ao longo das bacias do rio Tejo e do rio Sado, constituídas por casas de madeira construídas sobre estacas que as protegiam da subida das águas. As populações que aqui residem dedicam-se à pesca e têm origem no litoral centro português, onde já eram elevadas estas construções de carácter palafítico. A utilização da palafita prende-se com razões de carácter funcional e ainda hoje é possível encontrar exemplos destas construções, tanto à beira-mar, como à beira-rio, erguidas com técnicas e materiais rudimentares, em estado de degradação ou renovação.

Numa primeira parte do trabalho, estudou-se esta arquitectura de origem popular (zonas de implantação, técnicas e materiais construtivos) e fez-se um levantamento de alguns exemplos que ainda se mantêm, incluindo as povoações mostradas no Inquérito. Numa fase seguinte, através da descrição de três casos de estudo, ficamos a conhecer mais pormenorizadamente as particularidades de cada um. Por fim, estabelece-se um paralelismo entre o seu uso na arquitectura moderna e contemporânea relacionando depois com a sua aplicação ou reinterpretação nos últimos anos e nos próximos.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitectura Popular Portuguesa; Palheiro; Palafita; Construção sobre estacas.

BUILDINGS ON STILTS:

From Survey on Regional Architecture to Contemporaneity.

ABSTRACT

The Portuguese Survey on Regional Architecture published in 1961, with the title “Arquitectura Popular em Portugal”, was a study of architectural traditions existing in the country at the date. One of the themes studied by the architects Nuno Teotónio Pereira, António Pinto de Freitas and Francisco Silva Dias was the *Avieiros* settlements. These settlements were implanted along the margins of Tagus and Sado rivers and consist on wooded houses built on stilts that protect them from the rising waters. They had origins in the Portuguese central coast where these constructions of stilt character were first built.

Using the stilt relates to reasons of functional character and we can still find examples of this constructions nowadays, either by the sea, as by the river, erected with rudimentary materials and techniques, in state of degradation or renewal.

The first part of the work consists on studying this architecture of popular genesis (implantation zones, techniques and materials) as well as some of the examples that still remain, including the settlements showed in the Survey. As the next step, we get to know more details and peculiarities of which example studied, by the description of three study cases. At last, is established a relation between the use of stilts on modern and contemporary architecture, and the application and reinterpretation of it on the last few years and on the next ones.

KEY-WORDS: Portuguese Popular Architecture; *Palheiro*; Stilts; Building on stilts.

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

[Do it. *Palafitta*, 'paus fixados'.] S.f. 1. Estacaria que sustenta as
habitações lacustres.

2. Designação comum a essas habitações.

ÍNDICE

1. APRESENTAÇÃO

1.1. Organização de Objectivos e Conteúdos	7
1.2. Enquadramento	8

2. EXEMPLOS DE ARQUITECTURA DE PALAFITAS EM PORTUGAL DESCRITAS NO *INQUÉRITO À ARQUITECTURA REGIONAL*

2.1. Denominação.....	13
2.2. Enquadramento Histórico e Geográfico	15
2.2.1. Palheiros do Litoral	21
2.2.2. Palheiros do Rio	23
2.3. Caracterização Formal	25
2.3.1. Implantação	25
2.3.2. Tipologia	28
2.3.3. Materiais	38
2.3.4. Sistema Construtivo.....	43

3. 50 ANOS DEPOIS DO *INQUÉRITO*

3.1. Índice dos Locais Visitados e Casos de Estudo.....	51
3.2. Palheiros do Litoral	53
3.2.1. Enquadramento e Situação Actual	54
3.2.2. Caso de Estudo	57

3.3. Palheiros do Rio.....	66
3.3.1. Enquadramento e Situação Actual	67
3.3.2. Caso de Estudo I	69
3.3.3. Caso de Estudo II	74
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	
4.1. Conclusão	78
5. APÊNDICE	
5.1. Palafita Reinterpretada	82
5.1.1. Antecedentes	82
5.1.2. Contemporaneidade	86
5.1.3. Dois exemplos em Portugal.....	88
6. FONTES	
6.1. Créditos de Imagens e Fotografias	92
6.2. Bibliografia	98
7. ANEXO	
7.1. Fotografias presentes no <i>Inquérito</i>	104
7.2. Registos Fotográficos dos Locais Visitados - Litoral	111
7.3. Registos Fotográficos dos Locais Visitados - Tejo.....	115
7.4. Entrevista Arq. Carlos Castanheira	120

1. APRESENTAÇÃO

1.1. ORGANIZAÇÃO DE OBJECTIVOS E CONTEÚDOS

O trabalho é distribuído por quatro capítulos organizados da seguinte forma:

- o primeiro, pretende ser uma breve apresentação do trabalho, onde se começa por fazer um enquadramento geral do tema escolhido, com base no seu carácter universal, e no estudo prévio do *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa*¹, publicado em 1961. Após o enquadramento, segue-se uma descrição dos objectivos que se pretendem alcançar com a elaboração deste trabalho.

- o segundo, é a parte em que o elemento arquitectónico em estudo constitui o foco principal. Começamos por assumir a denominação dada às construções visadas, de modo a possibilitar uma maior compreensão dos capítulos e subcapítulos seguintes. Posteriormente, é feito um enquadramento histórico e geográfico dos exemplos nomeados, acompanhado pelas imagens presentes no *Inquérito* que se relacionam com a descrição efectuada. O enquadramento histórico baseia-se em toda a informação recolhida na bibliografia que faz essa abordagem. O enquadramento geográfico baseia-se nos mapas tipológicos e de delimitação de zona (Zona 4, descrita no 2º. Volume²), que estão presentes no *Inquérito*. Finalizando o capítulo, faz-se a identificação das características físicas das edificações em estudo, entre elas, as tipologias e sistema construtivo, de modo a compreender, posteriormente, quais as mudanças ocorridas até ao presente.

¹ AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961).

² AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961).

- no terceiro capítulo, analisa-se um dos temas principais deste trabalho: a evolução das palafitas até à actualidade, tendo em conta as imagens e textos obtidos no *Inquérito* e noutros títulos presentes na bibliografia. Do mesmo, consta o mapeamento dos locais abordados e visitados na sequência da elaboração deste trabalho, seguindo-se um enquadramento da situação actual, tratado de forma mais detalhada nos casos de estudo escolhidos e identificados onde são apresentados levantamentos fotográficos que expõem as alterações ocorridas.

- no quarto, dedicado às considerações finais, realizamos uma correspondência entre o popular e o erudito, realçando a necessidade por parte da arquitectura erudita em recorrer à mesma linguagem intrínseca a esta tipologia de origem popular, referenciando a palafita como “espaço de habitar”, elevado do solo ou elevado sobre a água devido às circunstâncias físicas do lugar onde se implanta. Daremos realce às eventuais potencialidades na utilização desta tipologia construtiva na prática da arquitectura contemporânea.

- o quinto capítulo, aborda a palafita e sua utilização ou reinterpretação desde o século XX até à actualidade, dando ênfase às obras internacionais que marcaram o século anterior e a alguns dos projectos contemporâneos realizados nos últimos anos.



1. Palafita no Barrio Kennedy, Colômbia.



2. Palafita na Aldeia Avieira de Escaroupim. Salvaterra de Magos, Portugal.

1.2. ENQUADRAMENTO

As palafitas³ são edificações erguidas sobre estacas que surgem devido à necessidade das populações construírem sobre a água. Há indícios de tais construções desde os tempos neolíticos. No lago de Zurique, em Meilen, na Suíça, foram descobertas partes de um povoado cujas

³ A palavra *palafita* é empregue para designar construções sobre estacaria ou pilares, elevadas do solo.

construções pareciam assentar sobre estacaria constituída por troncos de árvores dispostos na vertical⁴. Estes são os primeiros vestígios de palafitas⁵. Foram descobertos no ano de 1854 e datam do período que oscila entre os anos 5000 a 1800 a.C.⁶. Estas povoações eram construídas sobre plataformas sustentadas por palafitas e interligadas por pontes e passadiços. O vale do Danúbio, rio europeu, também é rico em povoações lacustres de carácter palafítico⁷.

Podemos encontrar exemplos deste tipo de arquitectura vernácula pelos vários continentes. O seu carácter é sobretudo funcional: surge como protecção da subida das marés, mas também pelo facto de as suas populações utilizarem a água como meio de subsistência.

Na Europa encontraram-se exemplos, principalmente nas margens dos lagos e zonas marítimas. Entre eles temos o caso da Suíça já mencionado, mas também exemplos na Escócia, França, Áustria, Hungria, Irlanda, Alemanha (século XIII)⁸ e Itália, onde encontramos Veneza, exemplo de cidade palafítica que subsistiu ao longo dos anos. Começou por ser constituída por construções frágeis, mas ao longo do tempo foi-se consolidando, até ser hoje composta por edificações sólidas, assentes sobre estacaria colocada directamente dentro de água.⁹



3. Veneza, Itália.

⁴ PEIXOTO, Rocha, *Palheiros do Litoral*, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899). P. 80.

⁵ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria, *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 7.

⁶ "Swissinfo"; especiais; património da Unesco na suíça; actualidade; Povoações lacustres, candidatas à chancela da UNESCO. (Publicado em 4 de Maio de 2010). Disponível HTTP:

<[http://www.swissinfo.ch/por/Especiais/Patrimonio_da_Unesco_na_Suica/Atualidade/Povoacoes_lacustr es_candidatas_a_chancela_da_UNESCO.html?cid=8670684](http://www.swissinfo.ch/por/Especiais/Patrimonio_da_Unesco_na_Suica/Atualidade/Povoacoes_lacustr_es_candidatas_a_chancela_da_UNESCO.html?cid=8670684)> (Maio 2011).

⁷ PEIXOTO, Rocha, *Palheiros do Litoral*, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899). P. 82.

⁸ PEIXOTO, Rocha, *Palheiros do Litoral*, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899). P. 83.

⁹ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria, *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 10.



4. Ganvié, região oeste africana.



5. Colômbia.

Na Península Ibérica, onde temos o exemplo dos *hórreos*, em Espanha, e dos *espigueiros*, em Portugal. São pequenos celeiros, que se caracterizam pela sua construção em pedra ou madeira, assentes sobre densas colunas.

Cultural ties between northern Portugal and the rest of the country have never been as strong as with the neighboring Spanish province of Galicia. Not surprisingly, horreos have their perfect counterpart in the Portuguese espigueiros. In the rural community of Lindoso, where harvesting is a collective task, these granaries are the dominant feature.

They have been placed in a privileged position to take advantage of the winds (for ventilation) and to facilitate transferring the grain to the castle in case of invasion.¹⁰

Muitos dos exemplos são encontrados na zona intertropical do planeta (Trópico de Cancêr e Trópico de Capricórnio); pequenas aldeias nas Caraíbas; cidades no Pacífico asiático e povoações isoladas no oeste de África.

Na Ásia, temos exemplos de casas palafíticas na Malásia, Indonésia, Tailândia, Filipinas, sul da Índia¹¹, e ainda Nova Guiné e Cambodja¹².

No continente Africano, encontram-se menos exemplos desta tipologia, mas no Malawi, zona sul do continente, existem vestígios no lago *Pamalombe*. Foram também encontrados indícios nas ilhas do rio *Kubango*, em Angola. A título de curiosidade, é interessante saber que, em África, na zona oeste, existe uma cidade palafítica considerada uma espécie de Veneza africana, chamada *Ganvié*¹³.

No continente americano existem evidências de construção sobre palafitas desde 1550. Foram encontrados exemplos na Venezuela, na

¹⁰ RUDOSVKY, Bernard, *Architecture Without Architects: A Short Introduction to Non-pedigreed Architecture*. Albuquerque : University of New Mexico Press, 2003. P. 94.

¹¹ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana María, *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 10.

¹² PEIXOTO, Rocha, *Palheiros do Litoral*, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899). P. 83.

¹³ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana María, *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 11.

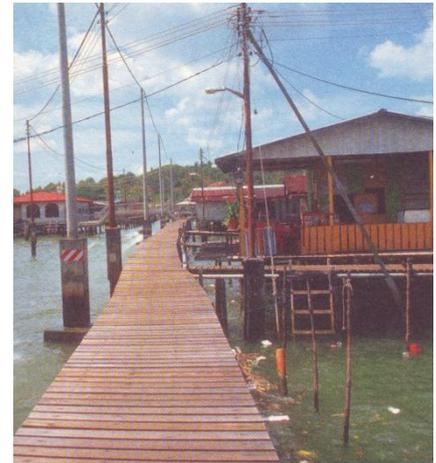
Colômbia ocidental, no Chile, na Argentina, no México, no Brasil, no Panamá e em Porto Rico¹⁴.

A similaridade construtiva e os lugares eleitos para implantação sugerem uma unidade étnica¹⁵. Estas comunidades de palafitas conservam factores culturais semelhantes, tanto nos materiais utilizados, como na importância da proximidade da água, fonte de alimento e meio de comunicação¹⁶.

Podemos, portanto, falar de certa universalidade no que diz respeito ao exercício desta arquitectura vernacular, adaptada a meios e situações especiais, seja o helvético a defender-se de um mamífero feroz, o habitante da *terramara* da Alta Itália evitando as inundações do pântano, o pescador do litoral português protegendo-se do movimento das areias das dunas¹⁷ ou o pescador do Tejo, na lezíria ribatejana, a defender-se das cheias sazonais do rio.

*Que as habitações sobre estacarias não são devidas ao génio próprio de um povo vê-se facilmente quando se atende à distribuição delas pelas paragens mais afastadas onde residem homens das mais diversas raças. Mas imaginá-las formas universais da casa e correspondentes a fases que atravessou a humanidade, desconhecendo ou negando a influência das circunstâncias locais, eis uma deplorável leviandade.*¹⁸

O processo construtivo destas tipologias populares ganhou forma de duas maneiras distintas por todo o mundo: umas, em que as estacas levantam os edifícios estabelecendo a sua própria estrutura; outras, em que as estacas levantam uma plataforma, onde depois irá ser erguido



6. Aldeia Kampung Ayer, ilha de Bornéu.

¹⁴ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria, *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 12-15.

¹⁵ PEIXOTO, Rocha, *Palheiros do Litoral*, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899). P. 83.

¹⁶ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria, *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 8.

¹⁷ PEIXOTO, Rocha, *Palheiros do Litoral*, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899). P. 84.

¹⁸ PEIXOTO, Rocha, *Palheiros do Litoral*, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899). P. 84.

um edifício de forma independente. Ou seja, na primeira situação, a estrutura em estacaria sustenta o chão e as paredes da casa (exemplo: casas palafíticas da Malásia). No segundo caso, a estrutura em estacaria sustenta apenas as plataformas onde depois são construídas as casas (exemplo: palafitas da Indonésia, Tailândia, Filipinas e sul da Índia). Este último sistema, é utilizado nas grandes aldeias, todas elas assentes sobre estacas, inclusive os espaços e zonas de circulação de carácter público. É disso exemplo a aldeia palafítica *Kampung Ayer*, onde residem cerca de 30 000 habitantes. Situa-se na ilha de Bornéu, na capital *Bandar Seri Begawan*, sultanato do Brunei, e concentra cerca de quatro mil edifícios, constituídos por habitações, mercados, mesquitas, centros médicos e escolas.¹⁹

A obra *Arquitectura Popular em Portugal* (1961), publicada há cinquenta anos após o processo denominado *Inquérito à Arquitectura Regional*, faz uma descrição do que era a arquitectura de génese popular e as suas diferentes tipologias, influenciadas pelas características do local onde se encontram. Após análise do *Inquérito*, mais precisamente, a Zona 4, correspondente à Estremadura e Beira Litoral, foi comum encontrar um tipo de construção particular, que tem como principal material a madeira e que apresenta as características das construções palafíticas descritas anteriormente. Assim, as palafitas descritas no *Inquérito* são a base de estudo deste trabalho.

¹⁹ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana María, *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 10.

2. EXEMPLOS DE ARQUITECTURA DE PALAFITAS EM PORTUGAL DESCRITOS NO INQUÉRITO À ARQUITECTURA POPULAR

2.1. DENOMINAÇÃO

O termo *palheiro* é a designação dada às construções de madeira de carácter palafítico encontradas no litoral português. Não se conhece a origem deste nome, mas poderá estar relacionado com a palha, material em tempos usado na sua construção²⁰. Rocha Peixoto, no seu artigo “Palheiros do Litoral”, refere-se a construções de madeira sobre estacas no litoral, como palheiros²¹. Também, Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano publicam em 1964, o seu estudo sobre estas construções com o título “Palheiros do Litoral Central Português” (1964)²², assim como no artigo “Palheiros e Barracos do Litoral”²³, publicado no ano seguinte. Na obra “Construções Primitivas em Portugal” (1988), é feita uma referência aos *palheiros de tabuado* como sendo uma barraca elevada sobre estacas, que teriam sido trazidos para as praias da Costa de Caparica pelos pescadores de Ílhavo, Murtosa e Ovar²⁴. Mário Moutinho referia-se a estas construções como *casas de madeira* ou *casas de madeira assentes em pilares*²⁵, não chegando a utilizar o termo *palheiros*.

²⁰MOUTINHO, Daniel Fernando Oliveira (2007) - *Edifícios de construção tradicional em madeira, o exemplo dos palheiros do litoral central português*. Prova Final para obtenção de licenciatura em Arquitectura, FAUP, [ano lectivo 2006/2007]. P. 7.

²¹ PEIXOTO, Rocha - *Palheiros do Litoral*, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899).

²² OLIVEIRA Ernesto; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964.

²³ OLIVEIRA, Ernesto - *Palheiros e Barracos do Litoral*, in *Geographica – Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa*, ano I, n.º 3, Julho de 1965.

²⁴ OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim - *Construções Primitivas em Portugal*. Edições D.Quixote, Lisboa, 1988. P. 247.

²⁵ MOUTINHO, Mário - *A Arquitectura Popular Portuguesa*. Editorial Estampa, Lisboa, 1979. P. 89.

No nosso estudo, optámos pelo nome *palheiros* para designar as construções palafíticas, devido ao consenso encontrado nas várias obras lidas. No entanto, não estamos a estudar exemplos presentes apenas no litoral, mas também as palafitas encontradas nas margens do rio Tejo, designadas por Mário Moutinho *casas de avieiros*²⁶, por Maria Salvado *casa Avieira*²⁷, ou somente *Avieiros*. O topónimo *Avieiros* estará relacionado com o facto de estas populações serem provenientes da Praia de Vieira de Leiria.²⁸ A casa Avieira, como iremos perceber nos próximos capítulos, é uma derivação do palheiro do litoral. Mário Moutinho faz essa referência:

*A “Casa de Madeira” que se encontra junto à costa, é de um só piso e de planta rectangular. Estas casas são construídas sobre estacaria (...) e aparece nas margens do rio Tejo sob o nome de “casa de avieiros”.*²⁹

Assim, na análise que iremos fazer dos *palheiros* como elemento arquitectónico, usaremos o mesmo topónimo, alterando apenas a denominação em função do local onde se inserem: *palheiros do rio* (margens ribeirinhas do rio Tejo) ou *palheiros do litoral* (orlas costeiras).

²⁶ Idem.

²⁷ SALVADO, Maria Adelaide Neto - *Os Avieiros nos finais da década de 50*. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P.34.

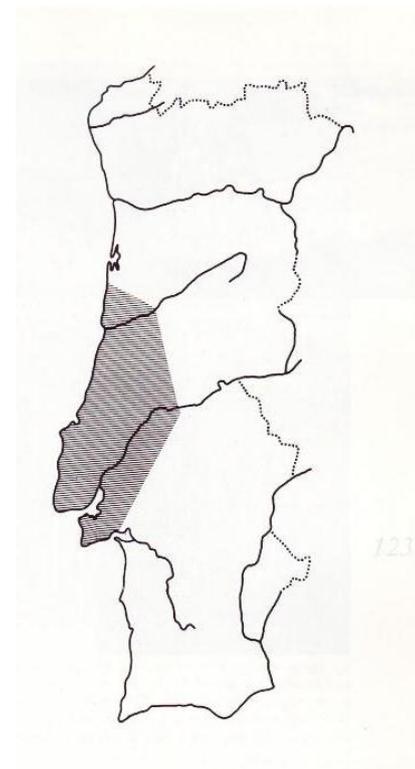
²⁸ GASPAR, Pedro Manuel dos Santos Lima ; PALLA, João - *Construções palafíticas da bacia do Tejo : levantamento e diagnóstico do património construído da cultura avieira*. Artitextos. Lisboa : CEFA ; CIAUD, 2009.

²⁹ MOUTINHO, Mário - *A Arquitectura Popular Portuguesa*. Editorial Estampa, Lisboa, 1979. P. 89.

2.2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

A localização das construções com origem popular e de carácter palafítico está representada no *Inquérito*, por um mapa tipológico da Zona 4. Esta zona corresponde às regiões da Estremadura, Ribatejo e Beira Litoral, e é delimitada pela costa e por uma linha quebrada com limites em Setúbal, Abrantes, Coimbra e Praia de Mira³⁰ (ver imagem 7). Os primeiros exemplos de palheiros no litoral, datam do século XIII³¹, mas as primeiras migrações para as margens do Tejo, das populações aqui residentes, iniciam-se no século XVIII³². Eram originárias da zona de Aveiro (mais precisamente de Ovar, Ílhavo e Murtoza) e faziam a sua actividade nas praias do litoral, desde Espinho até Vieira de Leiria, construindo ali os seus aglomerados³³. Tal deveu-se ao facto de as condições para a prática da pesca na ria de Aveiro se terem degradado, migrando os pescadores para o litoral.

Mais tarde, a utilização da *arte xávega*, técnica de pesca por arrasto, introduzida a partir do século XVIII pela chegada de galegos e catalães, veio impulsionar o desenvolvimento económico dos pescadores que residiam no litoral centro³⁴, potenciando a edificação de palheiros em madeira sobre estacaria, oferecendo sob os mesmos, locais de arrumos que serviam de apoio às exigências desta prática.



7. Inquérito. Mapa representando a delimitação da zona 4.

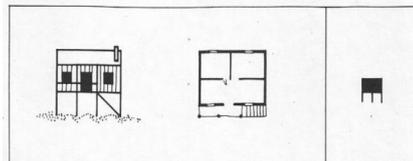
³⁰ AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 123.

³¹ MOUTINHO, Daniel Fernando Oliveira (2007) - *Edifícios de construção tradicional em madeira, o exemplo dos palheiros do litoral central português*. Prova Final para obtenção de licenciatura em Arquitectura, FAUP, [ano lectivo 2006/2007]. P. 23.

³² GASPAR, Pedro Manuel dos Santos Lima; PALLA, João - *Construções palafíticas da bacia do Tejo : levantamento e diagnóstico do património construído da cultura aveiro*. Artitextos. Lisboa : CEFA ; CIAUD, 2009.

³³ MOUTINHO, Daniel Fernando Oliveira (2007) - *Edifícios de construção tradicional em madeira, o exemplo dos palheiros do litoral central português*. Prova Final para obtenção de licenciatura em Arquitectura, FAUP, [ano lectivo 2006/2007]. P. 27.

³⁴ MOUTINHO, Daniel Fernando Oliveira (2007) - *Edifícios de construção tradicional em madeira, o exemplo dos palheiros do litoral central português*. Prova Final para obtenção de licenciatura em Arquitectura, FAUP, [ano lectivo 2006/2007]. P. 27.



construções em madeira, sobre estacaria; cobertura de telha; geralmente um piso

8. Mapa tipológico da zona 4 (Estremadura e Beira Litoral) e legenda respectiva às construções em estudo.

A utilização de estacas tinha como objectivo a protecção destes aglomerados do movimento das areias e das águas revoltas do mar. A escolha da madeira como material de eleição, estará relacionada com a proximidade do Pinhal de Leiria, facilitando a sua aquisição.

A actividade piscatória desenvolvia-se nos meses de Verão, quando o mar permitia. Nos meses de Inverno, as condições tornavam-se muito difíceis, principalmente devido às condições do mar. Nessas alturas tudo mudava. Os locais deixavam de ser frequentados por banhistas ou outros, não se fazendo negócios, tão importantes para a subsistência das famílias³⁵. Ao se confrontarem com esta realidade, os pescadores passaram a procurar noutros locais, diferentes géneros de pesca, conjugando esta com a agricultura. Deslocaram-se então, até às margens do rio Tejo e do rio Sado, trabalhando na pesca e nos arrozais.

A bacia do Tejo começou a receber o primeiro fluxo de migrações, em meados do século XVIII, originárias de Ovar³⁶. Esta migração deu origem a uma nova população a que se deu o nome de *Varinos*. Instalaram-se nas margens do rio Tejo, dedicando-se à pesca do sável³⁷ e influenciando outros a seguirem os seus passos. Instalaram-se nestas margens os originários de Murtosa, conhecidos por *Murtoseiros* e em meados do século XIX, os naturais de Vieira de Leiria (Praia da Vieira), denominados *Avieiros*³⁸. O que começou por ser uma actividade sazonal, transformou-se para alguns em situação definitiva. Assim, surgiu a necessidade de habitação permanente e quando as condições económicas o permitiram, compraram madeira construindo aos poucos as suas casas, à imagem daquelas onde sempre viveram. A construção

³⁵ Os banhistas que passam aqui o Verão em palheiros alugados pelos pescadores.

³⁶ GASPAR, Pedro Manuel dos Santos Lima; PALLA, João - *Construções palafíticas da bacia do Tejo : levantamento e diagnóstico do património construído da cultura avieira*. Artitextos. Lisboa : CEFA ; CIAUD, 2009.

³⁷ Peixe que sobe o rio sazonalmente para aí desovar.

³⁸ GASPAR, Pedro Manuel dos Santos Lima; PALLA, João - *Construções palafíticas da bacia do Tejo : levantamento e diagnóstico do património construído da cultura avieira*. Artitextos. Lisboa : CEFA ; CIAUD, 2009.

em madeira sobre estacaria parecia estar deslocada da lezíria onde as árvores eram raras. Esta construção não era usada no Ribatejo. As casas sempre térreas, em nada se assemelhavam às casas dos Avieiros, mesmo nos locais onde a estacaria poderia ser útil. Eram constituídas com telhados de duas águas, paredes muito caiadas e lareira erguida do solo. Contudo, as casas do litoral centro do país, em madeira e sobre estacas, com a mesma escada exterior e varanda, pareciam ser úteis e necessárias devido às cheias sazonais do rio. Eram estas as casas onde sempre tinham vivido e por isso erguê-las nas margens do Tejo, parecia natural³⁹.

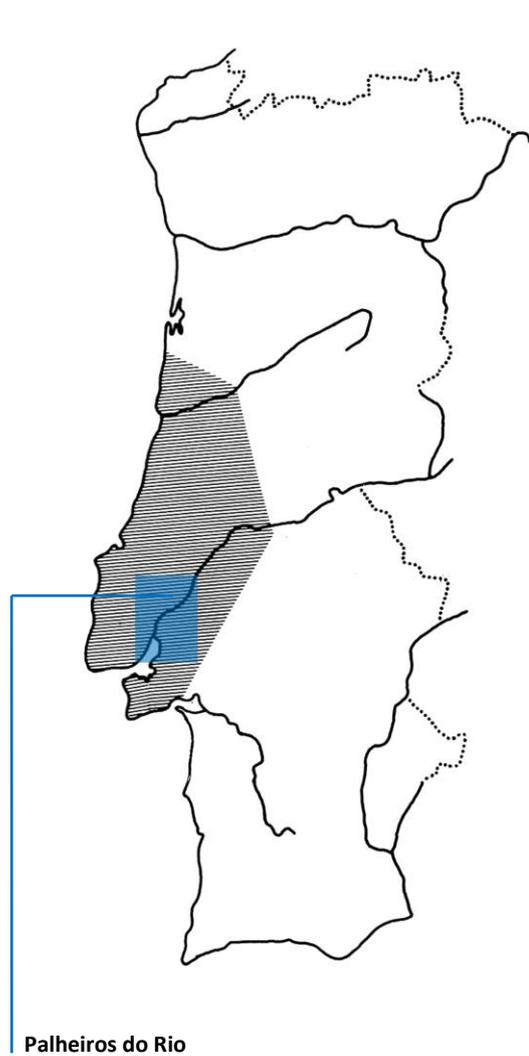
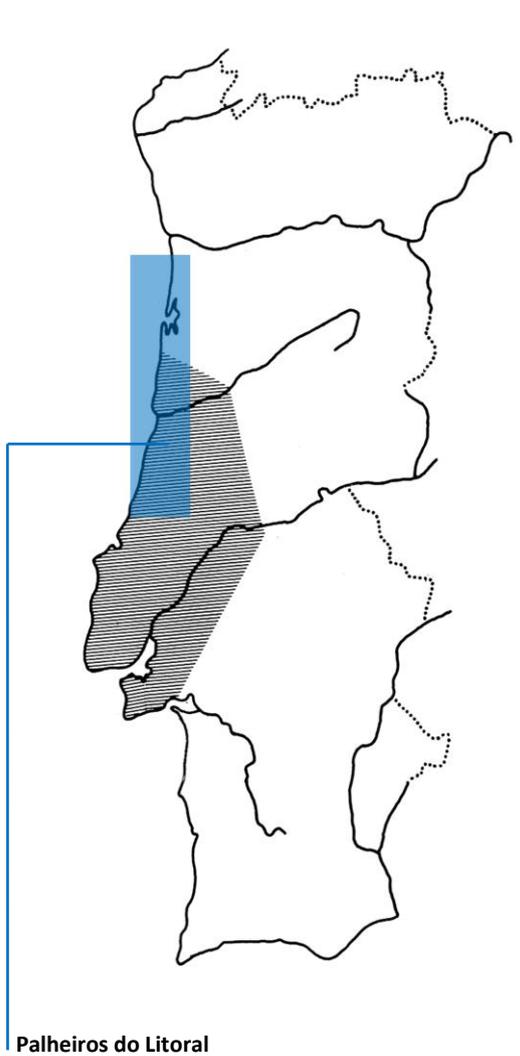
Não foi portanto a Borda-d'água que imprimiu qualquer característica à casa dos avieiros, antes parece terem sido estes que inseriram na região do Tejo um cunho muito particular, trazendo da sua praia distante um tipo de casa que se integra perfeitamente no meio natural e se adapta às condições de vida na Borda-d'água.⁴⁰

³⁹ SALVADO, Maria Adelaide Neto - *Os Avieiros nos finais da década de 50*. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P.37-39.

⁴⁰ SALVADO, Maria Adelaide Neto - *Os Avieiros nos finais da década de 50*. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P.39.

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

[mapa base retirado do *Inquérito*, que representa a delimitação da Zona 4]





9. Inquérito: Palheiro em Vieira de Leiria.

2.2.1. PALHEIROS DO LITORAL

*Como vive esta gente? Vive com simplicidade nos Palheiros, casa ideal para pescadores... É construída sobre espeques na areia, com tábuas de pinho e um forro por dentro aplainado (...) cheiram que consolam, quando novas, a resina, a árvore descascada e a monte; ressoam como um velho búzio e são leves, agasalhadas, transparentes (...) por dentro conservam uma frescura extraordinária, e quando se abre uma janela, abre-se para o infinito...*⁴¹

Os palheiros de base em palafita referidos no *Inquérito*, encontram-se no litoral central português, desde Espinho até à Praia de Vieira de Leiria numa extensão com cerca de cem quilómetros. Esta zona costeira caracteriza-se por ser uma faixa linear de areias quaternárias, sem acidentes geográficos, baías ou qualquer tipo de reentrâncias que pudessem servir de abrigo aos pescadores e suas embarcações, face vagas violentas que rebentam nestas areias⁴². Esta paisagem estende-se para o interior, constituindo uma zona de dunas estéreis, fixadas com a plantação de pinheiros (Pinhal de Leiria), e é caracterizada pelo uso da madeira como material de eleição.

*(...) essencial e muitas vezes único de construção das casas, que são chamadas palheiros, e que na maioria dos casos, têm aspecto de características construções palafíticas, assim apetrechadas contra a invasão das areias que o vento arrasta.*⁴³



10. Mapa do litoral central português

⁴¹ BRANDÃO, Raul - *Os Pescadores*. Porto Editora. Porto, 2004.

⁴² OLIVEIRA Ernesto; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P.9.

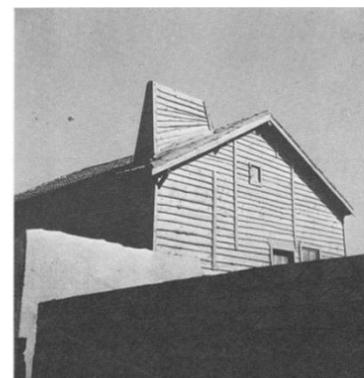
⁴³ OLIVEIRA Ernesto; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P.10.

As povoações que aqui viviam dedicavam-se à *arte xávega* e edificavam as suas habitações em madeira que possuíam uma estreita relação com esta actividade. Entre lanços de areia completamente desertos surgiram pequenos aglomerados de casario escuro, os palheiros de madeira. Estas construções implantaram-se no areal de forma dispersa ou linear originando arruamentos mais ou menos regulares⁴⁴. As casas erguiam-se geralmente no alto de uma duna que acompanhava a orla costeira.

Diante do mar, só uma construção transitória, uma barraca, é que fica bem.

Raul Brandão⁴⁵

Ainda hoje encontramos exemplos destes palheiros, uns em degradação e devolutos, outros mantidos e habitados. No entanto, com o passar dos anos, toda a envolvente física se alterou e o seu aspecto primitivo⁴⁶ também, mas não perdendo, na maior parte dos casos, os elementos e traços que os diferencia.



11. Inquérito: Praia da Vieira, Vieira de Leiria.

⁴⁴ OLIVEIRA Ernesto; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P.10.

⁴⁵ Idem. P. 9.

⁴⁶ Primitivo quer designar original, de origem, sem alterações.



12. Uma das imagens dos palheiros de Mira presentes em “Autobiografia Científica” de Rossi.

É importante referir a alusão do arquitecto Aldo Rossi (1931-1997) a estas construções portuguesas, em particular os palheiros da Praia de Mira, mencionados na sua obra *Autobiografia Científica* (1981).

Rossi refere-se aos palheiros como “pequenas casas inocentes” produto de gestos repetidos, antigos e familiares, comportando-se como pequenos hangares para barcos⁴⁷. A sua visão é de efemeridade, associada às alterações resultantes da sua manutenção, adaptabilidade e envelhecimento, visíveis no material de que são feitos, a madeira, o que lhes dava um carácter transitório. O autor refere-se à cor destas edificações dizendo ser aquela que resulta de corpos abandonados pelo mar depois de anos, séculos, sobre a praia: uma madeira de tons cinzentos devido ao contacto com o sal marinho.

⁴⁷ ROSSI, Aldo - *Autobiographie Scientifique*. Trad. de l'italien par Catherine Peyre. Paris: Parenthèses, 1988. (1^a ed.: 1981). P. 48.

2.2.2. PALHEIROS DO RIO

As povoações dos avieiros, entre outras, foram das mais duramente atingidas pelas cheias do Tejo, consequentes da especial constituição da sua bacia hidrográfica e dos seus afluentes, sobretudo do Zêzere. As barragens, regularizando o curso destes rios, atenuaram ou eliminaram estas calamidades. As casas dos avieiros, construídas em madeira, segundo a técnica da região e donde emigraram, eram montadas, preventivamente, sobre a estacaria que as protegia da devastação das águas transbordantes.⁴⁸

Os palheiros construídos ao longo das margens do rio Tejo representam uma tipologia arquitectónica edificada por uma população vinda do litoral central do país, principalmente da Praia da Vieira, em Vieira de Leiria. Conhecidos por *Avieiros*, começaram, como já referimos, há décadas atrás, migrações frequentes do litoral centro do país para o rio Tejo. Estas migrações eram realizadas todos os anos, na época de inverno, quando era mais difícil o mar oferecer-lhes o necessário para subsistir.



13. Mapeamento das Aldeias Avieiras do Tejo.

⁴⁸ AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 166.



14. Quinta do Alqueidão, Porto da Palha, Azambuja. Imagem de um palheiro do rio. *Arquitectura Popular em Portugal* (1961)

Dedicavam-se, à pesca nas margens do Tejo, recorrendo à agricultura, como recurso complementar.

Quando chegados a estas novas zonas, instalavam-se em barcos, ancorados na margem do rio e, na Primavera, regressavam aos locais de origem, no litoral. Entretanto, com o correr dos tempos e talvez devido às dificuldades que implicavam as constantes mudanças de local, foram-se fixando nas margens do rio, construindo, quando as suas economias o permitiam, estruturas palafíticas, idênticas às que habitavam na terra de origem. Estes palheiros foram sendo implantados ao longo do Tejo, surgindo núcleos populacionais. As famílias com melhores condições económicas, construíam as suas casas ao “rés-do-solo”, em caniço e quando podiam compravam madeira para, aos poucos, construírem as suas casas à imagem das que habitavam no litoral.

Havia, ainda, os que por ainda não terem economias, continuaram a viver, por mais algum tempo, nos seus barcos, denominados bateiras, agrupados em pequenos núcleos mesmo à beira da água. Estes barcos utilizados na pesca, eram também utilizados como casa de família. Muitos destes agregados familiares possuíam duas bateiras, uma para habitação, outra para navegar. A bateira “habitação” ia à água apenas quando a família se deslocava, devido ao carácter migratório dos pescadores.

Por necessidade, os barcos velhos e inúteis para navegar, eram utilizados como habitação. Para tal, eram mantidos direitos através de estacas espetadas contra o casco⁴⁹.

⁴⁹ OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim - *Construções Primitivas em Portugal*. Edições D.Quixote, Lisboa, 1988. P. 284.

2.3. CARACTERIZAÇÃO FORMAL

2.3.1. IMPLANTAÇÃO

A construção em madeira possui uma estratégia estrutural e uma organização formal simples. Apesar de (...) adoptar particularidades inerentes ao local, às necessidades ou aos hábitos.⁵⁰

Palheiros do Litoral

O aparecimento destas construções em madeira não foi espontâneo, uma vez que existiam no interior do país, exemplares idênticos.

(...) a cabana, o cabanal, a choça, o sequeiro, o canastro/espigueiro, a palhoça, a casota, o saleiro e o próprio palheiro que já existia como habitação ou com outras funções previamente à ocupação do litoral.⁵¹

No entanto, as construções do litoral não eram tão “avançadas” como as do interior, devido à ocupação de carácter efémero, à dureza ambiental, às dificuldades de transporte e à pobreza destas populações.

A ocupação inicial tinha um carácter predominantemente precário, efémero e distante relativamente à povoação base. Inicialmente era determinado o local tendo em conta o acesso ao mar, a rebentação e as correntes marítimas⁵².

A costa do litoral central português é marcada por grandes dunas de areia. Encontramos no Inquérito uma descrição detalhada:

⁵⁰ AA.VV. - *As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea*. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2010. Catálogos FIA. P. 53.

⁵¹ Idem. P. 49.

⁵² Idem. P. 49-50.

As areias, que o vento sopra da costa baixa setentrional, invadem uma área que penetra quilómetros para o interior. Onde esta invasão não se dá, a natureza do solo uniformiza-se com ela. O burgau⁵³ e a terra arenosa consentem uma vegetação rasteira e odorosa de urzes⁵⁴, rosmaninho ou flores de S. João, entre as grandes manchas do pinhal verde-negro que imprimem carácter à região.⁵⁵

Na praia, não existe demarcação de propriedade e sendo assim, a sua implantação é aleatória e isolada, evoluindo nos assentamentos dunares. No século XIX, estes assentamentos passam a estabelecer-se de forma linear, alinhando-se nas dunas, paralelos à orla costeira, possivelmente por necessidade de protecção dos ventos e areia, ou mesmo, utilizando organização idêntica à dos aglomerados populacionais de origem⁵⁶.

⁵³ Cascalho, misturado com areia grossa.

⁵⁴ Nome de várias plantas arbustivas ericáceas.

⁵⁵ AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 125.

⁵⁶ AA.VV. - *As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea*. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2010. Catálogos FIA. P. 53.

Palheiros do Rio

A fixação definitiva destas populações só aconteceu anos depois das sucessivas migrações entre o litoral e as zonas ribeirinhas. Os *Avieiros* começaram a construir com carácter definitivo nas partes altas das margens do rio Tejo, fixando-se de forma permanente⁵⁷. Estas construções bastante precárias, serviam para arrumar os utensílios de pesca, mas também como espaço de abrigo para toda a família e tinham o mesmo aspecto dos palheiros do litoral português. As palafitas começaram por ser erguidas utilizando apenas o caniço, material que crescia em abundância nesta zona. Quando a situação económica o permitia, adquiriam madeira e, aos poucos, iam erguendo as suas casas, tábua por tábua⁵⁸.

⁵⁷ GASPAR, Pedro Manuel dos Santos Lima; PALLA, João - *Construções palafíticas da bacia do Tejo : levantamento e diagnóstico do património construído da cultura avieira*. Artitextos. Lisboa : CEFA ; CIAUD, 2009.

⁵⁸ SALVADO, Maria Adelaide Neto - *Os Avieiros nos finais da década de 50*. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P. 33.

2.3.2. TIPOLOGIAS

A planimetria destas construções é invariavelmente rectangular – nas mais pequenas, quase quadrangular – adaptada à habitação de uma pessoa ou de uma família, ou a uma função específica ou conjunto de funções correlacionadas economicamente.⁵⁹

Cobertura

As coberturas eram de duas águas formando beirais, com empenas triangulares. Quando o alinhamento era assumido através destas, a implantação deixava sempre uma viela entre as construções. Esta viela garantia o escoamento das águas pluviais e possibilitava a iluminação e ventilação no interior. Quando o alinhamento era assumido pelo beiral, por vezes partilhavam-se as paredes laterais, uniformizando beiral, cumeeira e declive da cobertura⁶⁰.

Alçado

O alçado era simples, com os vãos imprescindíveis, ou mesmo sem vãos num dos alçados. Numa fase inicial, a disposição era aleatória, mas numa fase posterior, os vãos eram dispostos alternadamente num sistema ternário (janela, porta, janela), quaternário (porta, janela, porta, janela), ou simplesmente aleatório. Nos casos em que os beirais estão virados para a rua, o alçado torna-se mais complexo, com alpendre, beiral saliente e varanda com acesso exterior⁶¹.

⁵⁹ AA.VV. - *As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea*. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2010. Catálogos FIA. P. 53.

⁶⁰ Idem. P. 54.

⁶¹ AA.VV. - *As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea*. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2010. Catálogos FIA. P. 54.

Fundações

Quando o terreno era firme, as estacas eram de mera fundação, não se evidenciando acima do solo, mas é difícil ter certezas, porque devido ao assoreamento, encontram-se hoje ao nível do solo, quando podia não ser essa a situação original. Se o local apresentava a possibilidade de ser invadido por água ou areia, estas estacas elevavam-se, subindo o primeiro pavimento⁶².

Nas zonas ribeirinhas, estas construções adoptavam o carácter de palafita, mesmo não estando dentro de água, abrigando-se da eventual subida do nível das águas, o que podia acontecer nas mudanças de estação (Março e Setembro). Actualmente, esta subida do nível da água não acontece devido à existência de barragens.

Nas zonas dunares do litoral, a altura das estacas era maior, chegando a atingir três metros de altura (Tocha) ou mesmo seis metros (Vieira de Leiria). Esta elevação evitava o soterramento provocado pelas areias movidas pelo vento e também a possibilidade de as vagas do mar invernosos afectarem os palheiros⁶³.

Quando livre da água ou do vento, devido às alterações na morfologia do território, o espaço sob o pavimento, onde se encontravam as estacas, deixava de ter a sua função, sendo fechado e passando a ser utilizado para arrumação dos utensílios de pesca⁶⁴. O encerramento deste espaço é a alteração mais significativa neste sistema construtivo. Com esta alteração, começam a ser usados outros materiais que não a madeira. A

⁶² AA.VV. - *As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea*. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2010. Catálogos FIA. P. 54.

⁶³ Idem.

⁶⁴ Idem.

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

madeira foi o material escolhido de início, mas logo que possível, recorrem às alvenarias de tijolo ou de betão. O sistema passa a ser misto, madeira e alvenaria, e afasta-se cada vez mais do seu carácter inicial⁶⁵.

⁶⁵ AA.VV. - *As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea*. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2010. Catálogos FIA. P. 54.

TIPOLOGIAS Palheiros do Litoral

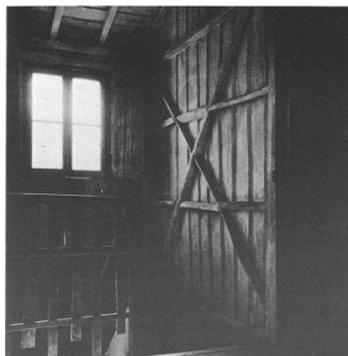
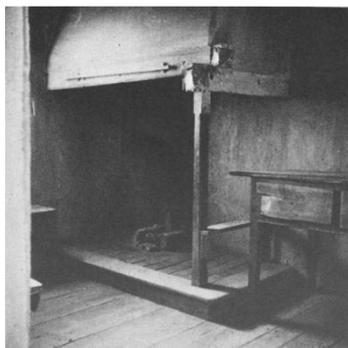
Na obra de E. Veiga Oliveira e F. Galhano, encontramos um estudo bastante completo destas edificações e sua tipologia. Grande parte da descrição tipológica que se segue tem por base a investigação realizada por estes autores, publicada em 1964, com a denominação “Palheiros do Litoral Central Português” e em 1992 em “Arquitectura Tradicional Portuguesa”.

A norte do Douro, temos exemplos de construção em madeira, denominados “barracos”, que serviam de abrigo e habitação temporária a pescadores, cabaneiros e sargaceiros e que mais tarde foram substituídos por casas de pedra, com carácter definitivo. A sul do Douro, surge o palheiro de tabuado, de planta rectangular, assente sob pilares de pedra (exemplo de Esmoriz), ou sob estacaria de madeira, nos casos onde existia movimentação das dunas. Estes palheiros caracterizavam-se pela utilização de telhados de duas águas, com uma das empenas sobre a rua. A cobertura começou por ser feita em colmo, passando mais tarde a telha. O tabuado de madeira, disposto na vertical ou na horizontal, é normalmente pintado de vermelho. As juntas são pintadas de branco ou outra cor, assim como as caixilharias e molduras, pintadas de branco ou azul, contrastando com o fundo escuro. Alguns exemplos tinham dois ou mais pisos acima da estacaria, exibindo na fachada uma varanda corrida onde se situava a porta que dava acesso a uma escada exterior. O espaço térreo, constituído apenas pela estacaria, era por vezes aproveitado para arrumação de objectos ligados à vida marítima.

No palheiro, a zona habitável encontrava-se no primeiro piso, com acesso por uma escada ou rampa exterior (habitualmente os palheiros eram apenas compostos por um piso, no entanto encontramos casos com mais pisos, por exemplo, na praia de Mira, em Aveiro). A área de



15. Inquérito: vista exterior e interior de um palheiro. Praia de Pedrogão. Leiria.



16. Inquérito: vista interior de um palheiro. Praia de Pedrogão. Leiria.

entrada albergava a cozinha e a sala comum, sem qualquer tipo de separação física. Deste espaço comum acedia-se às alcovas, espaços para dormir, de reduzida dimensão. O lume era feito na cozinha, numa caixa de barro ou de areia, normalmente encostada à parede, com telhas a proteger a madeira. Quando existia, a latrina situava-se entre a estacaria, ao nível do rés-do-chão, onde se localizava o espaço de arrumação.

Nesta região, o litoral, era bastante desprotegido, pelo que, as dunas varridas por ventos vindos do mar, arrastavam para o interior massas consideráveis de areia, às vezes por diversos quilómetros. Para contrariar este efeito, foram plantados pinheiros bravos e arbustos que fixaram tais dunas. Isto fez com que a tipologia dos palheiros sofresse algumas alterações, uma vez já não se justificava uma construção elevada do solo, devido à movimentação de areias. O crescimento dos aglomerados populacionais, também contribuiu para as alterações referidas, pois as casas protegiam-se umas às outras das intempéries, tornando dispensável a estacaria aberta e permitindo o seu revestimento até ao solo para efeitos de aproveitamento de espaço. Assim, surgiram modelos fechados até ao nível do rés-do-chão, que serviam como zona de arrumação e mais recentemente, como garagem.

Com o passar dos tempos, a vinda de veraneantes para estes locais, trouxe outras realidades. Estes, recusando a madeira como material de construção, edificaram as suas casas em alvenaria, cuja aquisição foi facilitada pela abertura de novas vias de comunicação, que permitiram a entrada de materiais de construção, mais baratos que a madeira.

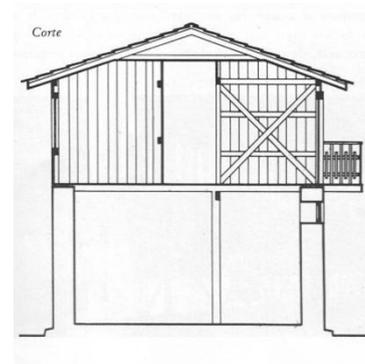
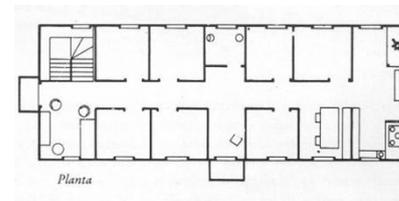
Estas mudanças sociais e económicas contribuíram para a degradação e desaparecimento de muitos dos palheiros do litoral.

Os camponeses do interior que, no Verão, vêm a banhos a Pedrógão, à Praia da Vieira, aos Palheiros da Tocha ou de Mira, encontram para os alojar pequenas

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

*casas unifamiliares de madeira ou modestas pensões. (...) Os quartos abrem-se para um e outro lado do corredor que uma pequena sala quebra a meio, frente às rudimentares instalações sanitárias. No fundo, ocupando a parte poente de um módulo, abre-se a sala de refeições que uma cantareira separa da cozinha, (...) as chaminés, o pequeno alçapão por onde se lança o lixo para o piso inferior, que serve de arrecadação, (...).*⁶⁶



17. Inquérito: Planta e corte de um palheiro. Praia de Pedrógão.

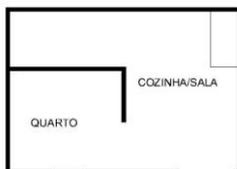
⁶⁶ AA.VV. - *Arquitetura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 185.

Plantas-Tipo

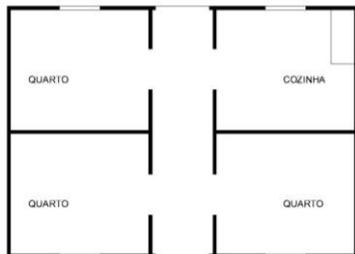


"A traça mantém-se simples, alinhando-se as saletas da frente ao fundo, bipartindo-se uma ou outra do interior, comunicando-se por vezes mutuamente e dando todas, dum lado, ao corredor comum, de fora a fora."⁶⁷

EXEMPLO I. Planta de um Palheiro em Buarcos, Figueira da Foz. Desenhado a partir dos registos do autor Rocha Peixoto em *Palheiros do Litoral* (1899).



"Nos pequenos, parece haver geralmente uma divisória formando dois compartimentos, dispostos de modo variável."⁶⁸



"Nos palheiros de dimensões medianas, a divisão hoje mais vulgar mostra um corredor que atravessa a casa a meio do seu comprimento, com dois compartimentos para cada lado, sendo um deles a cozinha virada para o lado da terra."⁶⁹

EXEMPLO II. Plantas de dois exemplos de Palheiros na Tocha, Cantanhede. Desenhado a partir dos registos dos autores E. V. Oliveira e F. Galhano em *Palheiros do Litoral Central Português* (1964).

⁶⁷ PEIXOTO, Rocha - *Palheiros do Litoral*, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899). P.79.

⁶⁸ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P. 68.

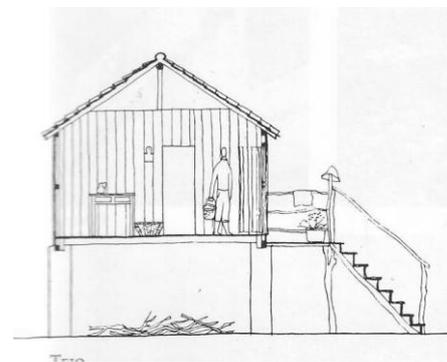
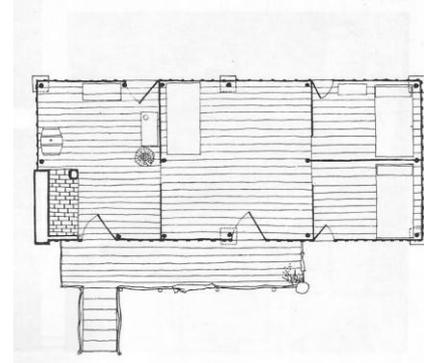
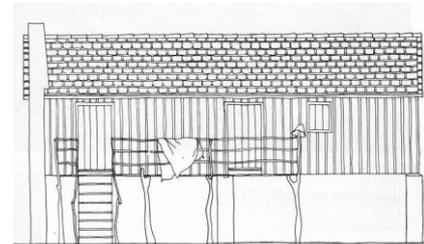
⁶⁹ Idem.

TIPOLOGIAS Palheiros do Rio

A descrição que se segue tem por base uma investigação sobre as aldeias avieiras e suas tipologias, realizada por Maria Salvado, autora do livro “Os Avieiros nos Finais da Década de 50”.

A tipologia era, de uma forma geral, de pequenas dimensões, pintada com cores vivas (azul, vermelho, verde). Como já referido, as suas formas estão relacionadas com a zona de origem destas populações, pelo que eram idênticas aos palheiros encontrados no litoral.

As casas são de construção muito simples, de pequenas dimensões e assentes sobre uma estacaria de troncos de árvores, pilares de cimento ou de tijolo com reboco. A cobertura de duas águas, é de telha ou de caniço. As janelas são habitualmente duas na fachada principal, com a porta a meio. A porta conduz a uma varanda de madeira que, como a casa, assenta sobre estacas. O acesso é feito por um lanço de escadas exterior, também em madeira, que se liga à varanda. O interior é composto por três divisões. A mais ampla, onde se situa a lareira, muito baixa e feita de tijolos, rodeada por um pequeno estrado de madeira – o *banco*. As restantes divisões são quartos muito reduzidos. A divisão entre os quartos é feita com tabiques que não chegam a tocar no tecto. Na maior parte das casas, os tabiques são forrados com papéis coloridos. O acesso à sala não tem qualquer tipo de porta, apenas uma cortina de ramagens de cores vivas. Por vezes, os tabiques servem de divisão entre os quartos, sendo a divisão entre estes e a sala feita por cortinas. Em alguns casos, os tabiques são forrados, surgindo na parte superior o sótão, utilizado para arrumar as redes de pesca. A lareira é muitas vezes dispensada, fazendo-se as refeições no exterior, junto à casa, num anexo em madeira e coberto de telha, zinco ou caniço.



18. Inquérito: Planta, Corte e Alçado de um palheiro na Quinta de Alqueidão, Azambuja.

Plantas-Tipo

"O acesso faz-se por escadas exteriores também de madeira, de degraus desconjuntados, que se ligam às varandas para onde se abrem as portas.

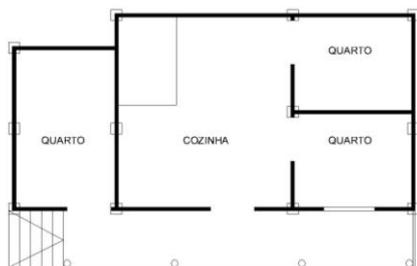
Pelo interior, seja uma família numerosa ou pequena, há sempre três divisões: uma mais espaçosa, onde a um canto se vê uma lareira muito baixa a poucos centímetros do chão (...) e outras duas divisões, muito mais pequenas, que fazem de quarto (...)."⁷⁰



EXEMPLO I. Planta de um Palheiro em Caneiras, Santarém. Desenhado a partir dos registos da autora Maria Salvado em *Os Avieiros nos finais da*



19. Palheiro em Caneiras correspondente à planta ao lado.



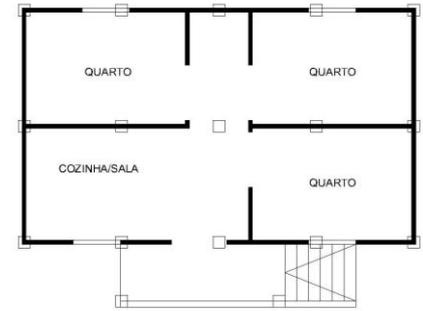
II. Planta de um Palheiro, com marcação da estacaria, em Caneiras, Santarém. Desenhado a partir dos registos do autor Mário Moutinho em *A Arquitectura Popular Portuguesa* (1979).

⁷⁰ SALVADO, Maria Adelaide Neto - *Os Avieiros nos finais da década de 50*. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P. 52.

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

III. Planta de um Palheiro, com marcação da estacaria, na povoação de Faias, Benfica do Ribatejo. Desenhado depois de visita ao local.



"Faias: conjunto de duas casas em palafita, uma delas em ruínas; os antigos habitantes deste assentamento foram habitar para Benfica do Ribatejo e para Azeitada; existem testemunhos de que havia mais barracas, mas das quais não se encontram actualmente quaisquer vestígios (...)." ⁷¹

20. Palheiro na Povoação de Faias, Benfica do Ribatejo.

⁷¹ GASPAR, Pedro Manuel dos Santos Lima; PALLA, João - *Construções palafíticas da bacia do Tejo: levantamento e diagnóstico do património construído da cultura avieira*. Artitextos. Lisboa : CEFA ; CIAUD, 2009.

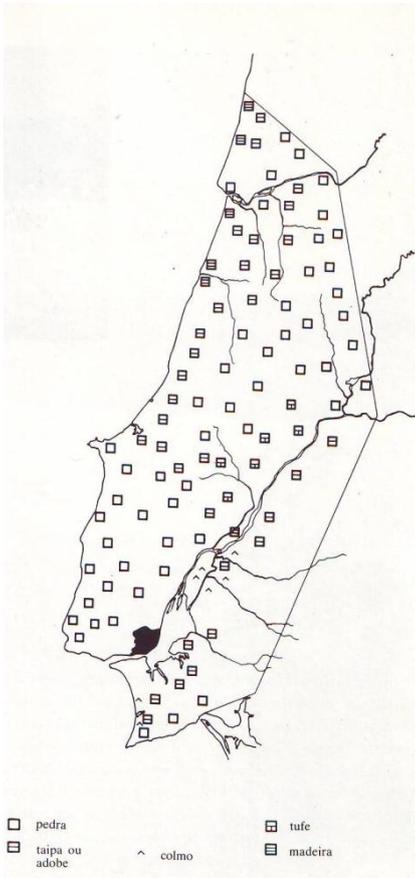
2.3.3. MATERIAIS

A construção de madeira, além de ser imposta pela presença do pinhal, está certa para as condições naturais da região – funciona de maneira correcta em relação ao chão arenoso e à humidade que o ar do mar traz consigo.⁷²

MATERIAIS Palheiros do Litoral

A falta de pedra e de barros para adobes nesta região aliada à dificuldade de transporte nos areais, foi a principal razão para a utilização da madeira, que requer uma quantidade menor e é mais leve do que a pedra⁷³. Além disso, os palheiros encontravam-se implantados nas dunas, tendo muito perto enormes extensões de pinheiros, que forneciam a madeira. O pinho, em contacto com o ar salino, torna-se mais resistente. As casas, mesmo quando tinham mais de um piso, eram construídas, na sua totalidade, com madeira desde as estacas, paredes e até a cobertura (por curiosidade, de notar que desde finais do século XIX, que se substituiu a madeira por telha, único material que vinha de fora). A facilidade em obter madeira e o seu baixo custo, relacionado com a proximidade para a obtenção, levou à sua generalização.

Para o recurso à madeira como material construtivo, existem também razões culturais: o prolongamento de tradições anteriores. A pedra e o adobe, estáveis e sólidos para o lavrador; a madeira, extensão do barco para o pescador.



21. Inquérito: mapeamento dos materiais.

⁷² AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 181.

⁷³ OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P. 12.

Os sistemas construtivos em madeira⁷⁴, já eram bastante utilizados em Portugal, predominantes em aglomerados e conjuntos de edifícios ou de forma pontual.

O revestimento exterior destas construções era feito com tabuado de madeira aparelhado ou não. A madeira era *trincada* quando colocada em posição horizontal e aplicada com sobreposição das peças ou *justaposta* quando colocada em posição vertical. O remate era feito exteriormente por uma ripa, tanto na posição trincada como na justaposta. De referir que, na posição *trincada* tal remate só era utilizado quando os edifícios eram de maior dimensão ou quando as tábuas tinham menor comprimento. Uma junta vertical cobria os topos das tábuas em posição horizontal. Quanto à posição *justaposta*, a colocação das tábuas em posição vertical, implicava o uso de um forro, com uma ligeira sobreposição lateral de peças idênticas, onde uma tábua mais saliente era pregada sobre duas peças já colocadas. Este processo requeria peças de melhor qualidade.

O tabuado de madeira era pintado de preto (*negro-de-fumo*⁷⁵) ou de vermelho (*roxo-rei*⁷⁶), cujos materiais colorantes eram diluídos em óleo, geralmente de peixe. Durante a aplicação juntava-se a areia batida pelo vento. Estas cores nunca ficavam uniformes devido às diferentes diluições que geravam cambiantes de cinza e de vermelho acastanhado. As peças de remate podiam ser pintadas de cores contrastantes.

Este tipo de pintura é mais tarde abandonado, passando as tábuas a ser pintadas, de forma alternada, com duas cores (preto e vermelho). Já no século XX, surgem cores e combinações de cores mais arrojadas: verde e amarelo, azul e creme. No entanto, estas cores eram bastante ténues. Com a introdução do branco, já no final do primeiro quartel do século



22. Palheiro na Tocha. Exemplo com os dois tipos de revestimento mostrados em baixo.



23. Revestimentos.

⁷⁴ Único material utilizado (fundações, alçados e cobertura).

⁷⁵ Espécie de fuligem produzida por resinas queimadas, e que serve para diversos usos nas artes.

⁷⁶ Pó com que se prepara uma cor vermelho-escura.



24. Palheiros na Tocha. Esquemas de cores.

XX, introduziu-se o uso de tonalidades mais vivas como o vermelho, o azul e o verde, ainda hoje utilizadas, mesmo no sistema misto de madeira e alvenaria.

Na cobertura era utilizado o método de tabuado trincado tal como no revestimento exterior das paredes. Estes materiais eram alvo de constante manutenção e, quando necessário, substituídos. A substituição do tabuado de madeira por telha cerâmica de *meia-cana* e mais tarde *marselha*, ocorria sempre que havia condições económicas para o efeito.

Nalgumas povoações das proximidades do pinhal de Leiria a construção de casas de madeira, ou mesmo a reparação das já existentes, está proibida. (...) Proibida a reparação com madeira, a casa arruína-se, mesmo que lá continue a viver gente, ou começa a substituição do paramento que se vira à rua por outro de blocos de cimento ou de adobe, embora muitas vezes as construções primitivas se conservem por trás dessa falsa fachada de influência citadina. É errado supor que os materiais tradicionais são incompatíveis com a habilidade das construções. Uma casa bem construída, de taipa ou madeira, pode satisfazer, se possuir equipamento e se não lhe for negada a conservação.⁷⁷

Em alguns casos, as estacas em madeira foram substituídas por estacas em pedra, muretes, ou socos em alvenaria, estes últimos utilizados mais recentemente quando se fazia a passagem do sistema puro em madeira para o sistema misto em madeira e alvenaria. No entanto, a utilização da madeira (estável em atmosfera húmida e salina), era a mais adequada ao tipo de solo dunar, muito mole nos estratos superficiais, pelo que a cravação de estacas tornava-se mais fácil do que em alvenaria⁷⁸.

⁷⁷ AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 186.

⁷⁸ AA.VV. - *As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea*. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2010. Catálogos FIA. P. 52.

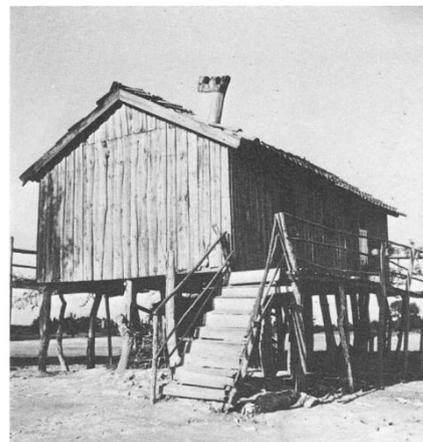
MATERIAIS Palheiros do Rio

Tinham grande semelhança com os palheiros do centro litoral, por serem também o seu local de origem, as casas onde estas populações sempre tinham vivido.

No entanto, para além de ser o material mais barato, existe uma outra razão para a construção ser em madeira: nem a Capitania do Porto de Lisboa, nem a Hidráulica⁷⁹, permitiam a construção com outro tipo de material. A adaptação ao novo contexto geográfico é bem ilustrada pela edificação na Palhota, onde os troncos de oliveira eram utilizados como suporte da edificação⁸⁰.

A estacaria alta era constituída por troncos toscos de árvores, pilares de cimento ou tijolos com reboco, estes numa fase posterior. Os telhados, numa primeira fase, eram de caniço passando mais tarde a telha. Tal como a casa, a varanda e escadas que lhe davam acesso eram de madeira. Também as casas eram de diferentes materiais: paredes de madeira, zinco e folha⁸¹. No interior as divisões eram separadas por paredes de tabique.

Nos palheiros do rio, a construção em madeira, tão característica no litoral, vai dando lugar a outros materiais, que começaram a estar disponíveis com mais facilidade, devido, principalmente, à evolução dos meios de comunicação, já referido. Estas alterações seriam já habituais na década de 50 do século XX (altura em que é elaborado o *Inquérito*).



25. Inquérito: Quinta do Alqueidão, Porto da Palha, Azambuja. Exemplo de estacaria de troncos de árvore e exemplo de estacaria de tijolo com reboco.

⁷⁹ Antiga D.S.H.T. (Direcção de Serviços de Hidráulica do Tejo). Actualmente os mesmos serviços competem ao PCCRL (Projecto de Controlo de Cheias da Região de Lisboa), departamento do Instituto da Água. O P.C.C.R.L. veio substituir não só a D.S.H.T. mas também a D.G.R.N. (Direcção Geral de Recursos Naturais)

⁸⁰ CALOR, Inês Alhandra - *Técnicas Construtivas Avieiras. Tradição e inovação no sistema palafítico.*

Arquitectos sem Fronteiras Portugal. Disponível HTTP: <<http://revistas.ulusofona.pt/>> (Agosto 2011).

⁸¹ SALVADO, Maria Adelaide Neto - *Os Avieiros nos finais da década de 50.* Castelo Branco: [s. n.], 1985. P. 33.



26. Escarpim. Contraplacado de madeira.



27. Aldeia do Lezirão. Chapa ondulada que deixa à vista os pilares de betão.



28. Escarpim. Pilares em alvenaria de tijolo.

Quanto aos revestimentos, embora ainda se encontrem muitos exemplos em tabuado de madeira, existia uma grande variedade de materiais que continuavam a ser de carácter pobre. É recorrente ver-se, nos exemplos que ainda prevalecem, uma mistura de diferentes materiais no revestimento da mesma casa. Uma das opções habituais que, não sendo tão característica como o tabuado de madeira, mas que conseguia, ainda assim, uma homogeneidade formal, era o contraplacado de madeira, por vezes aplicado numa espécie de “patch work”⁸².

Nas construções palafíticas do Tejo, tal como acabou por acontecer no litoral e salvo raras excepções, as estacas de madeira foram substituídas por pilares de betão armado ou de alvenaria de tijolo. No entanto, a estrutura do corpo do edifício continuava a ser, na sua maioria, de madeira.

⁸² CALOR, Inês Alhandra - *Técnicas Construtivas Avieiras. Tradição e inovação no sistema palafítico*. Arquitectos sem Fronteiras Portugal. Disponível HTTP: <<http://revistas.ulusofona.pt/>> (Agosto 2011).

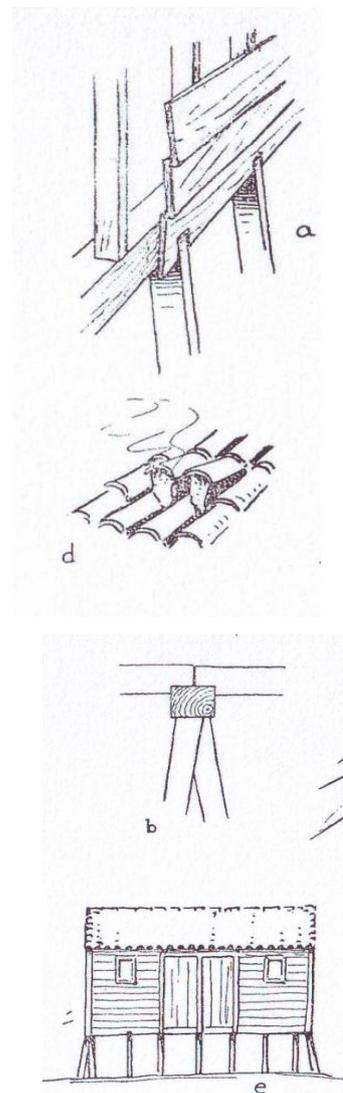
2.3.4. SISTEMA CONSTRUTIVO

SISTEMA CONSTRUTIVO Palheiros do Litoral

As peças de elevação ou estacas, eram bastante compridas e tinham uma secção circular que davam um carácter palafítico à construção. Nos casos mais evoluídos construtivamente, a secção das estacas era rectangular, uniformizando-se com a própria construção.

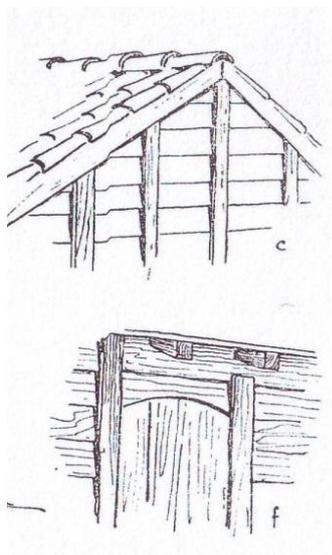
Neste sistema, a evolução da fundação era diferente da evolução da elevação. A fundação apresentava sub-sistemas de *pau-a-pique* e *independente*⁸³.

“Pau-a-pique”: os elementos de elevação vertical eram cravados fortemente no solo, recorrendo-se a uma escavação e posterior aterro. A uma altura considerada adequada, as peças verticais eram tornadas solidárias com o recurso a um conjunto de vigas onde iria assentar o pavimento elevado em relação ao solo. Mais acima, as peças eram ligadas, da mesma forma, por um conjunto de vigas superiores. Nas edificações de menor dimensão, as tábuas de madeira do revestimento exterior, eram pregadas em todos as estacas verticais fortalecendo o sistema, mas nos de maior dimensão, as tábuas eram pregadas apenas entre duas estacas, formando um remate, que seria depois colmatado com uma junta exterior em posição vertical.



29. Pormenores palheiros da Tocha.

⁸³ AAVV, *As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea*. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2010. Catálogos FIA. P. 58.



30. Pormenores palheiros da Tocha.



31. Palheiro degradado na Costa de Lavos. Sistema entramado sobre sistema enfunecado.

“Independente”: a fundação é individualizada. Após a escavação do poço de fundação são colocadas estacas que posteriormente são aterradas e unificadas superiormente por uma peça horizontal formando linha (união das estacas colineares), quatro peças formando um perímetro ou várias peças ortogonais formando uma grade.

Relativamente à elevação das paredes são considerados quatro sistemas diferentes. No *sistema simples*, a elevação é feita sem qualquer reforço, aparelhamento ou encaixamento, evoluindo para a utilização de frechal⁸⁴ inferior e superior; no *sistema tarugado*, além dos frechais inferior e superior, são colocadas peças horizontais entre as peças de elevação vertical, simplesmente entaladas e pregadas; no *sistema enfunecado*⁸⁵, são aplicadas sistematicamente pequenas escoras oblíquas em todas as paredes; no *sistema entramado*, são colocadas peças horizontais pregadas às peças verticais de elevação, tornando a parede bastante rígida.

⁸⁴Viga de madeira que corre sobre a última fiada de uma parede e na qual assentam as pontas dos vigamentos, os barrotes de um telhado ou as linhas de uma asna. In *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura*, 1996.

⁸⁵O funeco é uma pequena escora pregada a um frechal e a um dos postes formando um pequeno triângulo que estabiliza a estrutura da parede. In *As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea*, 2010.

E. Veiga de Oliveira e F. Galhano e os cinco tipos de fundações⁸⁶

E. Veiga de Oliveira e F. Galhano, fizeram um estudo aprofundado dos palheiros, localizados entre Espinho e Vieira de Leiria, na obra “Palheiros do Litoral Central Português” de 1964. Estes autores, encontraram características particulares em determinadas localidades, apesar da uniformidade existente entre elas. Sendo assim, realizaram uma classificação dos diferentes tipos de fundações, tendo em conta os aspectos formais e construtivos.

1. “Tipo Furadouro”

Entre a Praia de Espinho e São Jacinto:

- Sistema construtivo *pau-a-pique*, com tabuado até ao solo;
- Estacaria em troncos de pinho, mais tarde de carvalho, enterrada directamente na areia;
- Planta quadrangular.

2. “Tipo Mira”

Entre a Costa Nova e Leirosa:

- Sistema de estacaria *independente*, com caixilho ou grade⁸⁷: estrutura de barrotes⁸⁸ que se ergue sobre uma grade de linhas⁸⁹, que por sua vez assenta em estacas enterradas no solo;
- Revestimento exterior em tabuado de madeira disposto na horizontal.



32. Tipo Mira. Palheiros na Tocha.



33. Inquérito: Tipo Vieira. Palheiro na Praia da Vieira.

⁸⁶ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964.

⁸⁷ Conjunto de barras ou ripas dispostas com uma certa sistematização, definindo espaços regulares. In *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura*, 1996. Neste caso, formam a base do palheiro assente sobre estacas.

⁸⁸ Viga ou trave de madeira, grossa, que sustenta as tábuas do soalho, ripado ou tecto. In *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura*, 1996.

⁸⁹ Elemento horizontal de uma asna. In *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura*, 1996. Neste caso corresponde também à trave horizontal constituinte do caixilho, no qual assenta o soalho.

3. “Tipo Vieira”

Em Pedrógão e Praia da Vieira:

- Sistema construtivo *pau-a-pique*, com exemplos de tabuado até ao solo ou exemplos de cariz palafítico com as estacas visíveis;
- Estrutura semelhante ao “Tipo Furadouro”, mas diferente no sistema de prumos, que existiam apenas nos cantos, um a meio de cada lado e um no canto inferior;
- A estrutura era reforçada por barrotes na horizontal;
- Revestimento exterior, em tabuado de madeira disposto na vertical e pregado sobre os barrotes;
- Linha pelo exterior;
- O aspecto palafítico devia-se à interrupção do revestimento exterior na linha distanciada do solo.



34. Tipo Esmoriz. Palheiro em Esmoriz.

4. “Tipo Esmoriz”

Em Esmoriz e Cortegaça;

- Aspecto palafítico, sobre estacaria, e sistema de vigas;
- Assentava sobre uma dupla grade (a primeira composta por duas ou três vigas assentes em moirões⁹⁰; a segunda, assentava na primeira, recebendo o soalho e toda a estrutura do edifício);
- Revestimento exterior com tabuado na vertical com mata-juntas;
- O “Tipo Esmoriz”, segundo os autores, surgiu em finais do século XIX, inventado por um carpinteiro local.

5. “Palheiros sobre muros”

Evolução tipológica das fundações em todo o litoral central;

- Fundações constituídas por muros de betão ou tijolo com reboco;
- A alvenaria era utilizada para fechar o espaço entre as estacas, utilizado como arrumação.

⁹⁰ Estacas em granito, numa fase inicial, e em betão armado, numa fase posterior, onde assentam as vigas que recebem a grade de linhas. Moirão é uma designação local, utilizada pelos autores E. Veiga Oliveira e F. Galhano para definir os palheiros de Esmoriz e Cortegaça “Palheiros assentes sobre moirões”.

As três fases evolutivas

Daniel Moutinho⁹¹ documenta as soluções construtivas encontradas em mais de uma centena de palheiros, ainda existentes à data do inventário, nas povoações da *Zona da Xávega* e propõe uma categorização de todos os elementos construtivos dos palheiros. No que diz respeito ao embasamento, distinguem-se três estádios, baseados na evolução temporal: *Estádio Primitivo*, *Estádio Intermédio* e *Estádio Final*.

1. “Estádio Primitivo”

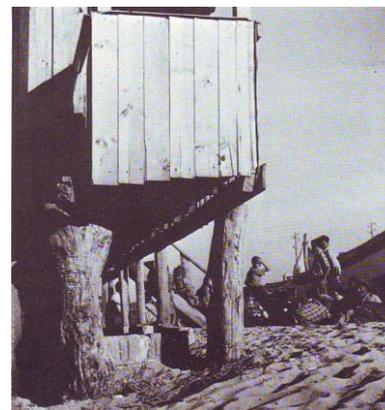
Entre os finais do século XVI e finais do século XIX, estes palheiros foram edificados directamente em cima do solo e provocando a acumulação de areias que arrastadas pelo vento, se depositavam nas paredes exteriores.

2. “Estádio Intermédio”

Entre os finais do século XIX e meados do século XX, estes palheiros, já com aspecto palafítico, foram edificados com elevação em relação ao solo, resolvendo o problema da acumulação de areias arrastadas pelo vento. As estacas tinham dimensões variáveis entre o solo e o piso (de um metro até à altura de um piso) possibilitando o abrigo dos barcos.

3. “Estádio Final”

Consiste, numa fase posterior, em alterações nas fundações dos palheiros do *Estádio Intermédio*, em que a zona de estacaria é completamente fechada.



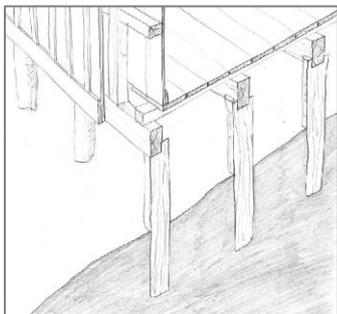
35. Inquérito. Estádio intermédio.



36. Estádio final. Tocha.

⁹¹ MOUTINHO, Daniel Fernando Oliveira (2007). *Edifícios de construção tradicional em madeira, o exemplo dos palheiros do litoral central português*. Prova Final para obtenção de licenciatura em Arquitectura, FAUP, [ano lectivo 2006/2007]. P. 43.

Palheiro sobre estacas

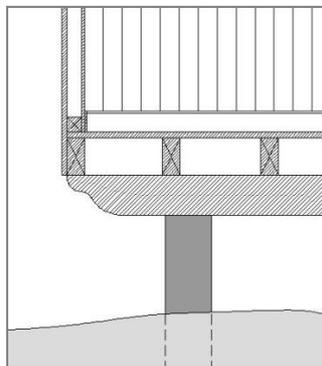


Desenho de Daniel Moutinho a partir dos registos de E. Veiga Oliveira e F. Galhano.



37. Exemplo na Praia da Tocha. Estrutura em madeira igual à do desenho supra, no entanto, as fundações terão sido alteradas para alvenaria.

Palheiro sobre moirões

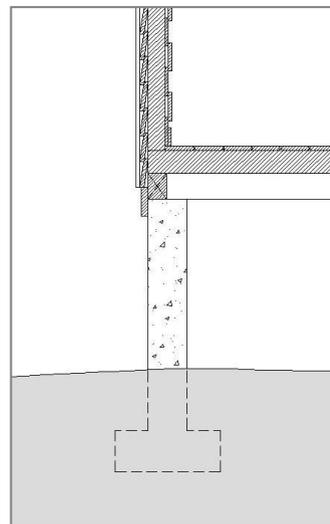


Desenho realizado a partir dos registos de Daniel Moutinho.



38. Palheiros em Esmoriz sobre moirões.

Palheiro sobre pilares



Desenho realizado a partir dos registos de Daniel Moutinho.



39. Três exemplos na Praia da Tocha.

SISTEMA CONSTRUTIVO Palheiros do Rio

Originalmente constituídos por paredes e coberturas feitas de caniço disposto de forma entrelaçada, formavam uma estrutura autoportante, que depois assentava sobre uma base em estrado de madeira, estando esta assente sobre estacas de madeira enterradas no lodo. Com o passar dos anos, estas características foram-se perdendo, devido à necessidade de maior conforto e durabilidade, dando lugar a construções que mantinham a mesma matriz, mas diferente materialidade: paredes e cobertura em madeira e telha, e estacas em alvenaria ou betão.

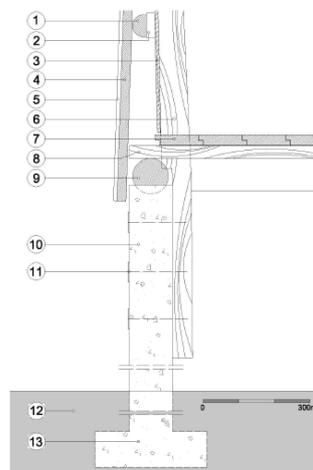
Inês Alhandra Calor refere, na sua dissertação, a existência de algumas particularidades encontradas nas casas dos Avieiros, que não encontramos no litoral. Numa análise pormenorizada feita pela autora, encontramos o seguinte exemplo, com características idênticas à dos palheiros do litoral: a sobreposição dos elementos estruturais nos pilares em que a viga perimetral do sobrado assenta sobre o pilar, a viga de soalho assenta sobre a viga perimetral e, por sua vez, o prumo assenta sobre a viga de soalho. Tal disposição permite uma independência estrutural entre os pilares e a estrutura da barraca, representando uma mais-valia se for necessário proceder à sua deslocação⁹².

Outros dois exemplos (imagens 40 e 41) analisados pela autora, apresentam a particularidade de o prumo (barrote) vertical ser paralelo ao pilar, situação da qual não se encontra qualquer referência, pelo que se pressupõe ser uma inovação dos pescadores Avieiros⁹³.



Pormenor tipo n.º 2
Legenda:

1. Travessanho
2. Calço
3. Forro interior contraplacado
4. Tabuado Vertical Exterior
5. Ripa Mata-Juntas
6. Prumo
7. Soalho macheado
8. Viga de Soalho
9. Viga perimetral do sobrado
10. Pilar de betão armado
11. Grampos de fixação metálicos



40. Palheiro na Povoação de Cucos e respectivo pormenor construtivo.

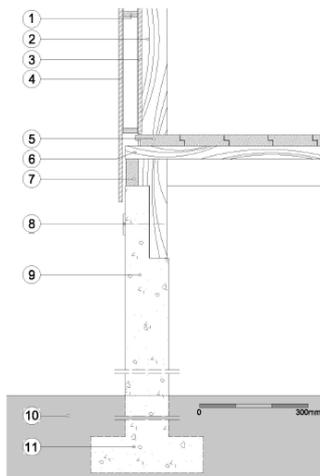
⁹² CALOR, Inês Alhandra - *Técnicas Construtivas Avieiras. Tradição e inovação no sistema palafítico*. Arquitectos sem Fronteiras Portugal. Disponível HTTP: <<http://revistas.ulusofona.pt/>> (Agosto 2011).

⁹³ CALOR, Inês Alhandra - *Técnicas Construtivas Avieiras. Tradição e inovação no sistema palafítico*. Arquitectos sem Fronteiras Portugal. Disponível HTTP: <<http://revistas.ulusofona.pt/>> (Agosto 2011).



Pormenor tipo n.º 3
Legenda:

1. Estrutura de suporte do contraplacado
2. Prumo
3. Revestimento exterior contraplacado
4. Revestimento exterior contraplacado
5. Soalho machedado
6. Viga de soalho
7. Viga perimetral de soalho
8. Grampos de fixação metálicos
9. Pilar de betão armado
10. Solo
11. Sapata



41. Palheiro na Povoação de Faias e respectivo pormenor construtivo.

3. 50 ANOS DEPOIS DO INQUÉRITO

3.1. ÍNDICE DOS LOCAIS VISITADOS E CASOS DE ESTUDO

Palheiros do Litoral

EXEMPLOS PRESENTES NO INQUÉRITO:

[por ordem de aparência]

PRAIA DE MIRA, Mira, Coimbra

PRAIA DA TOCHA, Cantanhede, Coimbra

ARMAZÉNS NA FOZ DO RIO MONDEGO, Figueira da Foz, Coimbra

PRAIA DE VIEIRA, Vieira de Leiria, Leiria

PRAIA DA COSTA DE LAVOS, Figueira da Foz, Coimbra

PRAIA DE PEDROGÃO, Pedrógão, Coimbra

LOCAIS VISITADOS:

[de Norte para Sul]

PRAIA DE ESMORIZ, Esmoriz, Ovar, Aveiro

PRAIA DA TOCHA, Tocha, Cantanhede, Coimbra

PRAIA DE QUIAIOS, Quaios, Figueira da Foz, Coimbra

ARMAZÉNS NA FOZ DO RIO MONDEGO, Figueira da Foz, Coimbra

PRAIA DA COSTA DE LAVOS, Figueira da Foz, Coimbra

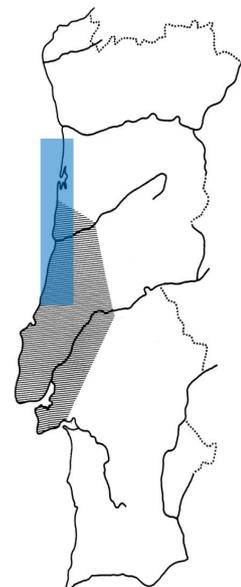
PRAIA DE PEDROGÃO, Pedrógão, Coimbra

PRAIA DE VIEIRA, Vieira de Leiria, Leiria

CASOS DE ESTUDO:

I. **PRAIA DA TOCHA**, Tocha, Cantanhede, Coimbra

II. **PRAIA DE ESMORIZ**, Esmoriz, Ovar, Aveiro



Palheiros do Rio

EXEMPLOS PRESENTES NO INQUÉRITO:

[por ordem de aparência]

QUINTA DO ALQUEIDÃO, Azambuja, Lisboa

ALDEIA DA PALHOTA, Valada, Cartaxo, Santarém

LOCAIS VISITADOS:

[de Norte para Sul]

CUCOS E FAIAS, Benfica do Ribatejo, Almeirim, Santarém

ALDEIA DA PALHOTA, Valada, Cartaxo, Santarém

ALDEIA DE ESCAROUPIM, Salvaterra de Magos, Santarém

ALDEIA DO PEIXE, Benavente, Santarém

ALDEIA DO LEZIRÃO, Azambuja, Lisboa

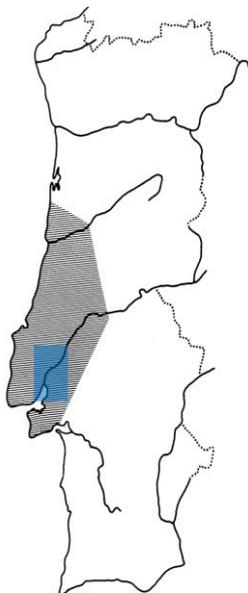
CAIS PALAFITICO DA PÓVOA DE SANTA IRIA, Vila Franca de Xira,
Lisboa

CASOS DE ESTUDO:

I. **ALDEIA DA PALHOTA**, Valada, Cartaxo, Santarém

II. **ALDEIA DE ESCAROUPIM**, Salvaterra de Magos, Santarém

III. **CUCOS E FAIAS**, Benfica do Ribatejo, Almeirim, Santarém



3.2. PALHEIROS DO LITORAL

Locais visitados:



3.2.1. ENQUADRAMENTO E SITUAÇÃO ACTUAL

Há cinquenta anos, altura em que é publicado a *Arquitectura Popular em Portugal* (1961), o litoral central português era habitado na sua grande maioria por pescadores desenvolvendo ali a sua actividade. No *Inquérito* encontramos a descrição desta realidade:

Na parte setentrional da Zona, os aglomerados de casas de madeira dos pescadores opõem-se ao carácter fechado e branco das povoações do Sul. A cal é incapaz de adoçar as arestas vivas da madeira, os balanços e os espaços recolhidos são mais fáceis de conseguir e a vida da população exige um vaivém contínuo de casa para a rua, para o mar, para a faina, à partida e à chegada das embarcações. A vida passa-se em frente da casa.⁹⁴

As praias, caracterizadas pelas suas dunas de areia e vastos pinhais nas proximidades, eram pontuadas por aglomerados mais ou menos densos de palheiros que serviam, também, como habitação dos pescadores.

Cinquenta anos passados, ainda encontramos exemplos destas edificações de origem popular. Muitas das populações mostram preocupação em mantê-los, talvez pela história que consigo transportam, mas também pelo seu carácter cultural e turístico. Uns habitados, na sua maioria de forma sazonal, outros encontram-se devolutos ou abandonados. Na verdade, a nossa pesquisa de campo ofereceu-nos as mais variadas situações no que respeita à conservação dos mesmos. Uns apresentam-se em ruínas, outros degradados e outros em fase de reconstrução ou já reconstruídos, o que muito nos agradou. É importante referir que, quando falamos de reconstrução, não estamos a falar de um restauro do edifício procurando a sua pureza original, mas sim uma preocupação em manter o seu aspecto inicial,

⁹⁴ AA.VV. - *Arquitectura Popular em Portugal*, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 147.

mas utilizando métodos construtivos que permitem maior conforto face às necessidades que a vida moderna impõe.

A utilização da madeira obriga a manutenções periódicas, e traz consigo uma ideia de material efémero, pelo que, muitos dos palheiros reconstruídos têm agora estacaria noutro material, que não requer tanta manutenção. Em alguns casos observados, foi possível perceber a colocação de novo tabuado de madeira nas fachadas, mantendo o seu aspecto original, o que não deixamos de felicitar.

A maior alteração que terá ocorrido nestas praias terá sido a sua urbanização. Onde antes apenas existia areal, encontramos o alcatrão e o empedrado dos arruamentos. Em alguns casos, as estacas estão lá mas estão menos visíveis, devido à regularização dos terrenos.

Para além disto, surge um novo edificado e uma matriz urbana que coabita com os palheiros. Em algumas das praias, as novas construções são na sua maioria de carácter unifamiliar, noutros casos (aquele em que se dá o desaparecimento dos palheiros), os edifícios são de carácter colectivo, implantados de forma regular e formando arruamentos perpendiculares e paralelos à grande avenida que dá acesso à praia. Os palheiros tornam-se assim, parte integrante da “nova” malha urbana. Torna-se interessante perceber a tentativa em recriar a imagem de Palheiro em construções recentes, com alterações relativamente aos originais, mas denotando o desejo de manter a história desta arquitectura de origem popular. A estacaria em madeira praticamente desapareceu, dando origem a palheiros com estacaria em pedra, betão ou alvenaria de tijolo. É evidente o contraste de cores e materiais presentes nos remanescentes, com estacaria em tons de cinzento ou com reboco branco. Onde anteriormente se encontrava a estacaria, passou a existir zona térrea fechada, com os mesmos tons (aproveitamento para arrumos e garagem).

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

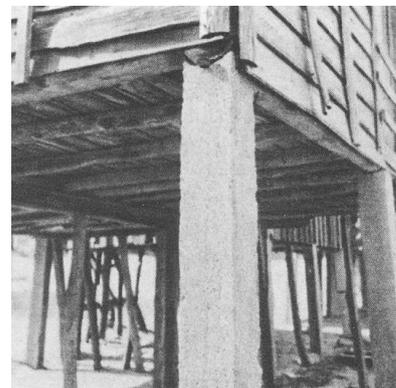
Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

Visualmente a diferença de materiais e cores é bastante forte, entre o que é a casa forrada a tabuado de madeira e as suas fundações em branco, bastante marcadas.

3.2.2. CASO DE ESTUDO: PALHEIROS DA TOCHA, PRAIA DA TOCHA, CANTANHEDE

O conjunto dos Palheiros da Tocha está situado na Praia da Tocha, em Cantanhede, na região centro, entre as praias de Mira e Quiaios. Por volta do século XVIII, início do século XIX, apareceram os primeiros povoadores, verdadeiros colonos, pescadores oriundos do litoral Norte (Ovar, Murtosa e Ílhavo) que, na procura de novas praias para a prática da pesca, aqui terão permanecido, trazendo consigo a tradição e o saber da construção em madeira, incluindo a construção palafítica. Estas edificações não eram só de estrutura palafítica, com grade assente sobre estacas independentes. Estas estacas encontravam-se à vista, ao contrário, por exemplo, do que acontecia em Mira, onde a estacaria era revestida até ao solo, criando um piso térreo fechado. Por todo o litoral, os palheiros de aspecto palafítico acabaram por desaparecer (a estacaria é fechada com tabuado e mais tarde com outros materiais), mas a Tocha pode ser encarada como uma excepção, existindo a vontade de manter esse carácter palafítico.

Aqui as casas eram de tamanho diminuto – as mais pequenas chegavam a ter cerca de cinco metros quadrados de área - e o pé direito, desde o soalho ao frechal, era normalmente de dois metros de altura. Encontravam-se alinhadas em arruamentos largos de areia, paralelos ao mar, em níveis consecutivos da duna. Isoladas umas das outras, voltavam as empenas, geralmente sem janelas, para as casas vizinhas. As aberturas eram feitas na fachada que correspondia à frente da casa, à face da rua, sob o beiral. A porta situava-se a meio da fachada, com uma janela de cada lado, mas nos exemplos de dimensão mais reduzida, podíamos encontrar uma porta e uma janela ou apenas uma porta. Na encosta da duna virada para o



42. Inquérito: Palheiros da Tocha.



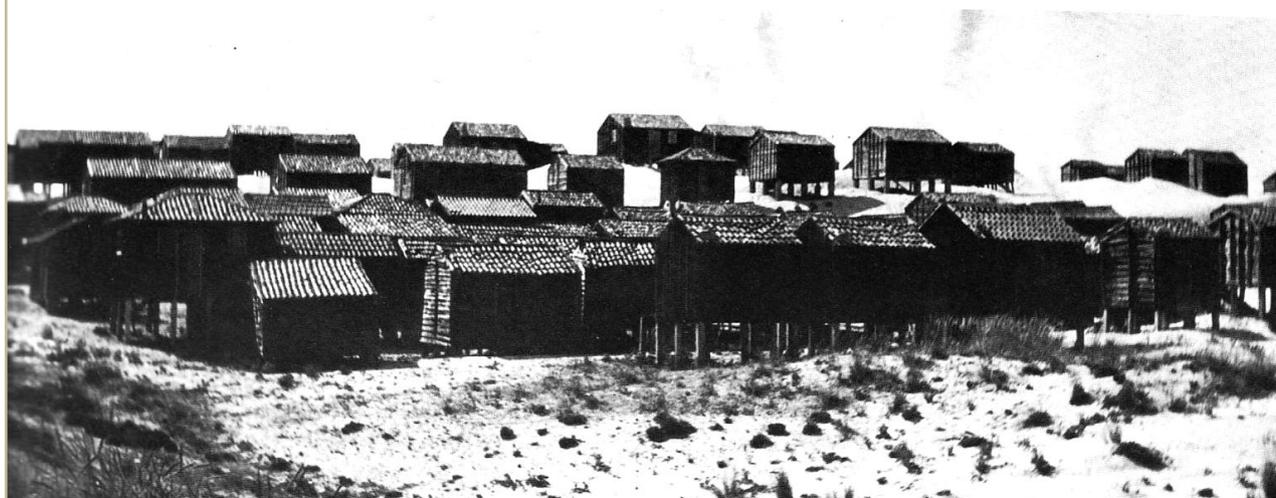
43. Inquérito: Palheiro na Praia da Tocha.

mar, era frequente verem-se aberturas nas duas fachadas opostas. As janelas muitas das vezes reduziam-se a postigos muito diminutos, colados à porta. Em algumas situações, normalmente resultantes de uma partilha entre herdeiros, os palheiros eram/são divididos ao meio, constituindo duas habitações com as respectivas portas coladas uma à outra.

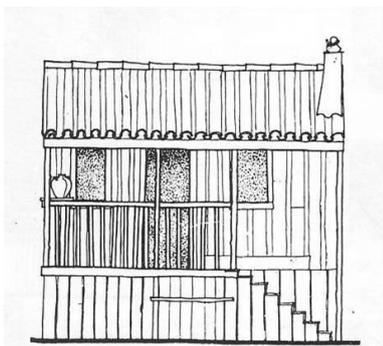
Os únicos motivos decorativos existentes nos palheiros localizavam-se no pormenor da porta, por vezes arqueada no topo – a tábu horizontal de revestimento acima da porta é serrada em arco - e a pintura, utilizando-se duas cores, geralmente negro, com as guarnições em branco. Os palheiros eram tradicionalmente pintados com óleo queimado, bastante eficiente como protector da madeira. Este óleo dava uma tonalidade negra à madeira, o que sempre distinguiu os palheiros da Tocha dos restantes. De notar que os palheiros de dimensões mais reduzidas não eram pintados.

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade



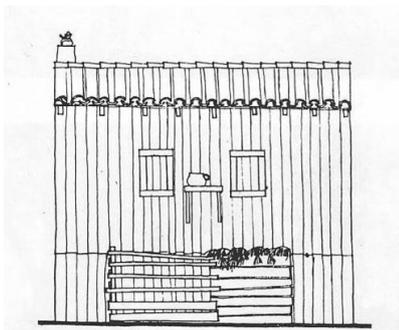
44. Inquérito: Palheiros da Tocha.



A estacaria de madeira na Tocha era disposta de forma inclinada para o exterior, dando maior estabilidade ao palheiro. Este pormenor requereu a abertura, na primeira tábuas horizontal de revestimento que recobre a trave, de rasgos para saída das estacas.

Já no passado século, durante a década de sessenta, são visíveis alterações ao nível dos materiais e tecnologia:

Agora muitas estacas são de adobes e principalmente de cimento. Também as traves a meio do palheiro, nas quais se apoiam as vigas do soalho, são sustentadas por estacas inclinadas, uma num sentido, outra no outro. O emprego de pilares de cimento está agora muito em Vouga mantendo a tradicional inclinação.⁹⁵



45. Inquérito: Alçados registados pelos autores.

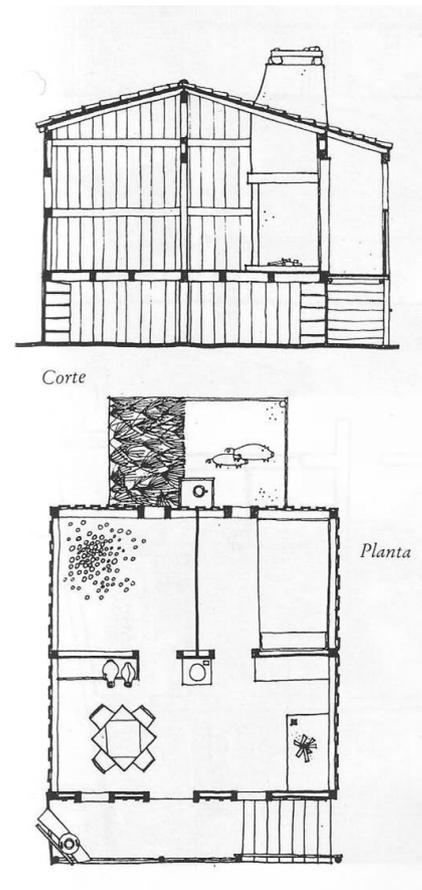
Nos casos mais antigos, o revestimento é de tabuado de madeira disposto na horizontal de forma sobreposta (trincado), com tábuas na vertical, onde é necessário vedar o encontro com o tabuado horizontal. Estas tábuas verticais são geralmente afastadas sessenta centímetros umas das outras, segurando melhor o revestimento, tanto nas empenas como nas fachadas. Mais tarde, o sistema de tabuado passa a ser disposto na vertical com mata-juntas (justaposto). Neste caso, as juntas eram colmatadas por ripas, pintadas, muitas das vezes, com cores diferentes. As coberturas dos Palheiros da Tocha são de duas águas, pouco inclinadas, de telha caleira, em que o remate nas empenas não tem qualquer tipo de saliência.

⁹⁵ OLIVEIRA Ernesto; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P. 67.

Relativamente ao seu interior, os palheiros maiores possuíam um corredor que atravessava a casa e a partir desse corredor tinha-se acesso a quatro compartimentos – dois para cada lado – sendo um deles a cozinha virada para terra. Nos palheiros mais pequenos, era feita uma divisória permitindo dois espaços, divisória essa que não tinha uma disposição tipo, diferindo de exemplo para exemplo. No seu interior não existia qualquer tipo de forro, excepto nalguns casos em que os quartos eram forrados, para evitar que o vento entrasse pelas frestas do tabuado. A telha da cobertura era, por regra, vista do interior. Na cozinha havia o *borralho*, uma caixa de madeira assente no chão, cheia de barro, situada a um canto da divisão e que correspondia à esquina da casa. Não existia chaminé, apenas duas telhas levantadas e só em alguns casos. Os sanitários, tal como os conhecemos, não existiam. Resumiam-se a um pequeno cubículo, na varanda ou no interior, com um cano de tábuas que mergulhava no areal.

O acesso às portas dependia do nível das dunas, por vezes de grande amplitude. Era feito através de rampas ou escadas, em ambos os casos com inclinação, tendo em conta a altura da duna. As varandas eram frequentes nas fachadas viradas para o mar ou duna, umas com acesso à porta de entrada utilizando uma escada exterior, outras com acesso apenas do interior.

Nas casas construídas na ladeira da duna, a entrada é geralmente pelo lado de cima, onde o soalho menos se eleva da areia. No outro lado, virado ao mar, a porta ou abre para uma varanda comprida com ou sem escada de acesso exterior, ou fica mesmo sem qualquer guarda ou varandim a resguardá-la.⁹⁶



46. Inquérito: Corte e planta registados pelos autores.

⁹⁶ OLIVEIRA Ernesto; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P. 69.

Os Palheiros da Tocha tinham um carácter palafítico, que não se encontrava noutros palheiros do litoral, principalmente porque o espaço onde se encontrava a estacaria estava aberto e eram as estacas, umas mais baixas, outras tão altas que podiam atingir os dois metros, que davam a estas edificações o seu cariz singular.

Nos meses de Verão os palheiros passavam para a mão dos banhistas, sem qualquer alteração no aspecto do aglomerado.

(...) por outro lado, ainda em 1960 assistimos à edificação, no alto da duna, de um novo palheiro sobre estacaria, atestando a fidelidade do povo à sua forma tradicional de construir.⁹⁷

Nos anos mais ou menos recentes, tem-se verificado o interesse na aquisição de palheiros pertencentes a pescadores e a sua adaptação a casas de veraneio, tendo os novos locatários o cuidado de conservar as características palafíticas, alterando, quando da realização de obras, a escolha de materiais, principalmente nas fundações, conforme referido anteriormente. Seguem-se três exemplos encontrados nesta localidade, que representam as diferentes tipologias.

⁹⁷ OLIVEIRA Ernesto; GALHANO, Fernando - *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P. 70.

Actualidade EXEMPLOS-TIPO 1



FUNDAÇÕES:
SOBRE PILARES EM BETÃO

PAREDES EXTERIORES:
TABUADO DE MADEIRA DISPOSTO NA VERTICAL COM MATAJUNTAS

COBERTURA:
DUAS ÁGUAS. TELHA *LUSA*

ESTADO DE CONSERVAÇÃO:
HABITADO. RECONSTRUÍDO.

Actualidade EXEMPLOS-TIPO 2



FUNDAÇÕES:
SOBRE MUROS DE ALVENARIA DE TIJOLO REBOCADO

PAREDES EXTERIORES:
**SISTEMA JUSTAPOSTO.TABUADO DE MADEIRA DISPOSTO NA VERTICAL
COM MATA-JUNTAS.**

COBERTURA:
DUAS ÁGUAS. TELHA MARSELHA

ESTADO DE CONSERVAÇÃO:
HABITADO. NECESSITA MANUTENÇÃO.

Actualidade EXEMPLOS-TIPO 3



FUNDAÇÕES:
SOBRE PILARES EM BETÃO

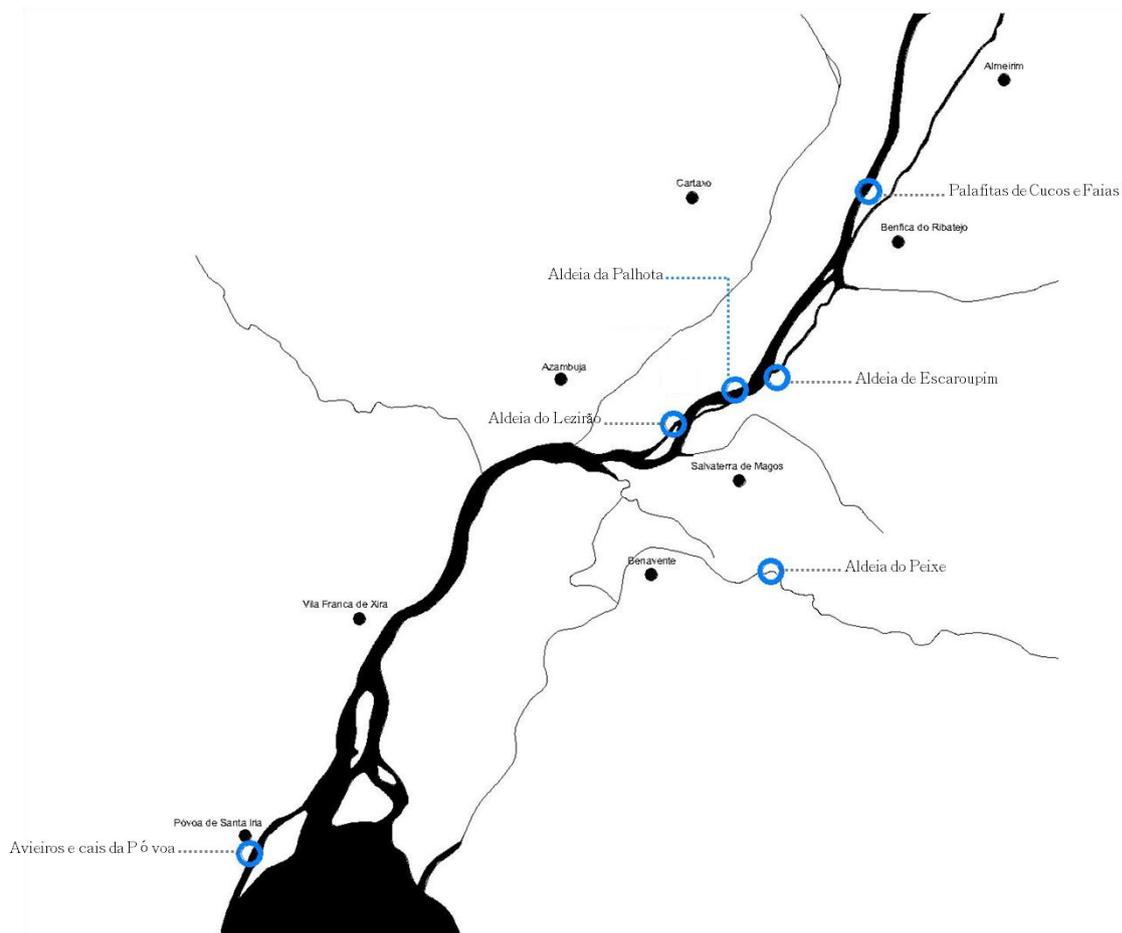
PAREDES EXTERIORES:
1º EXEMPLO EM TABUADO TRINCADO (HORIZONTAL)
2º EXEMPLO EM TABUADO JUSTAPOSTO (VERTICAL)

COBERTURA:
DUAS ÁGUAS. TELHA LUSA.

ESTADO DE CONSERVAÇÃO:
HABITADO. RECONSTRUÍDO E COM MANUTENÇÃO REGULAR.

3.3. PALHEIROS DO RIO

Locais visitados:



3.3.1. ENQUADRAMENTO E SITUAÇÃO ACTUAL

A grande diferença relativamente aos palheiros do litoral prende-se como o contexto físico que, neste caso, não sofreu tantas alterações.

Os exemplos que sobreviveram até hoje foram, na sua maioria, remodelados ou reconstruídos, tanto os do litoral como os das zonas ribeirinhas. As alterações mais visíveis prendem-se com a utilização de novos materiais, principalmente na cobertura, com a colocação de telha, e nas fundações, com a utilização de alvenaria de betão ou tijolo. Tal como aconteceu no litoral, as comunidades *Avieiras* do Tejo fizeram o aproveitamento da zona térrea. Onde antes havia um espaço aberto ocupado por estacas, passou a ser uma zona fechada destinada à arrumação, antes localizada no sótão sendo agora reaproveitado, fazendo novas divisões e destinando-as a zonas de dormir.

Actualmente existem uma série de programas com vista a manter o património dos *Avieiros* do Tejo. Um deles, o projecto “Palhota Viva”, criado em 1988, pela Associação de Defesa do Ambiente, tem como objectivo a recuperação e preservação do património construído e ambiental da Palhota, no concelho do Cartaxo, onde existe a única aldeia *Avieira* que ainda mantém as suas características. Em 1988, esta aldeia foi classificada como “Património de Interesse Regional”. Nessa altura foi adquirida a casa de um pescador, com a intenção de a transformar na “Casa do Avieiro”, para funcionar como centro de acolhimento ou casa-abrigo.

A Palhota é considerada a aldeia palafítica mais bem conservada de todas as que foram construídas pelos pescadores oriundos de Vieira de Leiria e que ainda existem nas margens do Tejo, desde a Chamusca até à Vala do Carregado⁹⁸. Existe, por isso, uma série de actividades



47. Aldeia da Palhota: vista geral da zona ribeirinha e “Casa do Avieiro” do projecto “Palhota Viva” onde chegou a viver Alves Redol.

⁹⁸ “Projecto Palhota Viva”; Associação de Defesa do Ambiente; Distrito de Santarém, Concelho de Cartaxo. Disponível HTTP: <<http://museu.marinha.pt/NR/rdonlyres/645C0481-C099-4AC9-A901-237036969537/0/gammamuseucartaxo.pdf>> (Agosto 2011).



48. Escaroupim: Vista da zona ribeirinha; Casa-Museu e novas casas de apoio aos pescadores.

turísticas: visitas à aldeia; alojamento na “Casa do Avieiro”; passeios de canoa, bicicleta e barco; safaris fotográficos e oficinas de arte⁹⁹.

Também a Aldeia de Escaroupim tem apostado no turismo, com um parque de campismo à beira-rio, actividades na água, uma “Casa-Museu Típica Avieira” e novas instalações de apoio aos pescadores que tentam recriar a tipologia da casa *Avieira*, verificando-se o interesse em manter a tradição.

Um dos autores do *Inquérito* que estudou particularmente a Zona 4 (Estremadura, Ribatejo e Beira Litoral), o arquitecto Nuno Teotónio Pereira, fez uma pequena alusão aos *Avieiros* na actualidade, num artigo que redigiu, em 2008, para a publicação “Pedra & Cal”¹⁰⁰. Denominado “Recuperação do edificado rural. Aldeias do Xisto e do Vale do Lima. E também dos Avieiros”, o artigo refere duas experiências, no âmbito da reabilitação e revitalização do edificado em meio rural, que têm sido desenvolvidas ao longo dos últimos anos nas Aldeias do Xisto e Vale do Lima. O mesmo programa ou idêntico estava, nessa altura, a ser pensado para futura aplicação em 14 Aldeias Avieiras do Tejo e do Sado. A metodologia utilizada nestas aldeias e que poderia, eventualmente, vir a ser utilizada nas *Aldeias Avieiras*, obedeceria a critérios rigorosos: o diagnóstico de anomalias construtivas, a execução de levantamentos e o estudo de soluções a adoptar para cada caso¹⁰¹. O mesmo programa também visava a requalificação dos espaços públicos envolventes, a valorização de itinerários de interesse histórico-turístico e outras iniciativas de carácter social e económico¹⁰².

⁹⁹ “Palhota Viva”; Actividades. Disponível HTTP: < <http://palhotaviva.blogspot.com/> > (Agosto 2011).

¹⁰⁰ Revista da Conservação do Património Arquitectónico e da Reabilitação do Edificado.

¹⁰¹ PEREIRA, Nuno Teotónio – *Recuperação do edificado rural. Aldeias do Xisto e do Vale do Lima. E também dos Avieiros*. Revista Pedra & Cal. Lisboa: GECORPA. ISSN: 1645-4863. Ano X, nº 39, 2008.

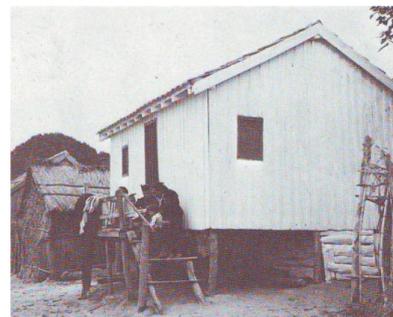
¹⁰² PEREIRA, Nuno Teotónio – *Recuperação do edificado rural. Aldeias do Xisto e do Vale do Lima. E também dos Avieiros*. Revista Pedra & Cal. Lisboa: GECORPA. ISSN: 1645-4863. Ano X, nº 39, 2008.

3.3.2. CASO DE ESTUDO I: ALDEIA DA PALHOTA, VALADA, CARTAXO

Esta aldeia, que é fugazmente referida no *Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa* através de uma simples fotografia, é considerada um dos melhores exemplos no que respeita aos assentamentos avieiros. O povoado da Palhota, situado na freguesia de Valada, concelho do Cartaxo, tem um carácter tipicamente piscatório. Chegou a ali viver, durante alguns meses, Alves Redol, escritor neo-realista (1911-1969), vivência que se traduz na sua obra «Avieiros», publicada em 1942.

Era uma aldeia palafítica por razões funcionais: na época das cheias, o leito do rio Tejo aumentava inundando os terrenos em redor, daí a necessidade de elevar as casas.

Os pescadores que para aqui vieram, nos finais do século XIX, início do século XX, procuravam melhores condições de vida e eram, na sua maioria, oriundos da Praia da Vieira, no concelho da Marinha Grande. Vinham, como já foi referido, na altura do Inverno, devido às más condições ali existentes para a faina da pesca. Na Palhota, as condições para a prática da pesca eram as ideais. Assim, passaram a efectuar deslocações sazonais. No Inverno, iam para o rio Tejo e no Verão regressavam ao mar. No entanto, com o passar dos anos, foram-se instalando com as famílias definitivamente. Primeiro vivendo nos seus barcos e depois, autorizada a construção de casas, começaram a fixar-se nas margens do rio Tejo, iniciando a edificação de casas de madeira sobre estacaria, à imagem das existentes na Praia da Vieira. As estacas que no litoral serviam de protecção ao movimento das areias das dunas seriam a protecção contra as cheias do rio.



49. Inquérito: Aldeia da Palhota.



50. Aldeia da Palhota 50 anos depois.

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

Em frente do Reguengo, para lá da lezíria imensa, junto ao Tejo que se adivinha por uma mancha azul, erguem-se as casas dos pescadores da Palhota. (...) a aldeia avieira tipo.¹⁰³

A Palhota, aldeia de pequenas dimensões, é constituída por vinte e duas casas. Dezanove delas são de origem palafítica, dispostas, na sua maioria, de frente para o Tejo de forma alinhada.

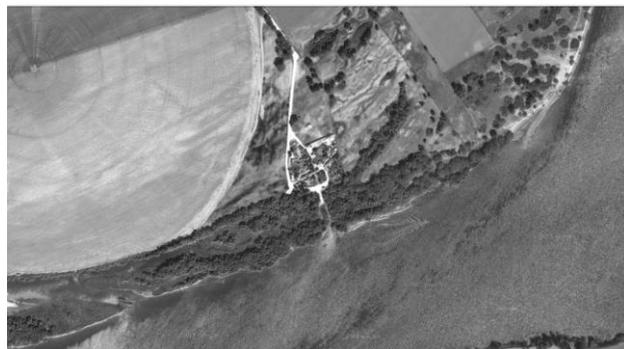


51. Aldeia da Palhota 50 anos depois.

¹⁰³ SALVADO, Maria Adelaide Neto - *Os Avieiros nos finais da década de 50*. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P. 46.

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

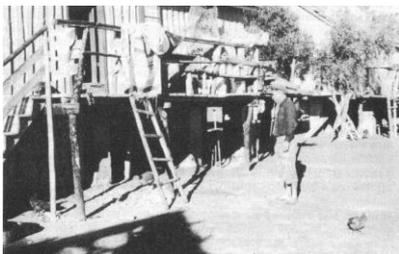
Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade



52. Aldeia Avieira da Palhota. Ortofoto.

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

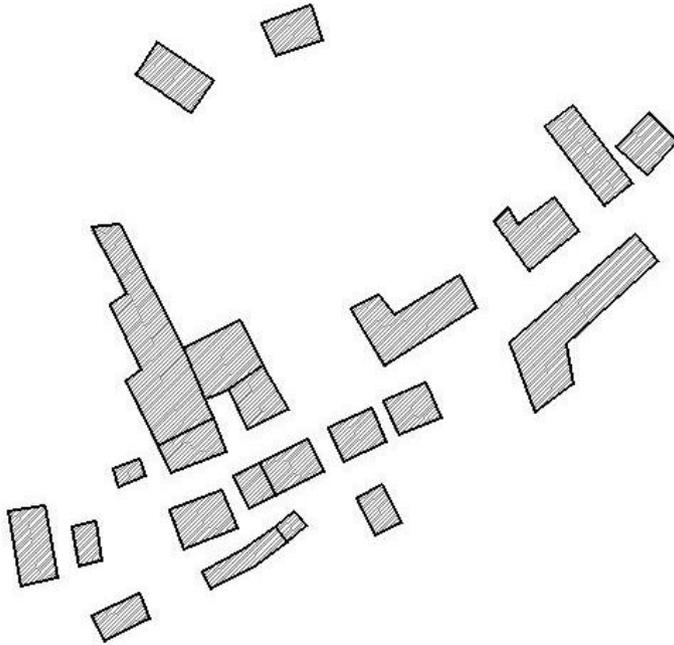
Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade



53. Aldeia da Palhota, nos finais da década de 50.

Todas as casas são cobertas de telha e todas têm chaminés de alvenaria (originalmente não teriam). Não existem cozinhas exteriores, sendo as refeições preparadas no interior. Na maioria dos casos, a zona de estacaria é forrada por tapumes de madeira, aproveitando este espaço como zona de arrumação, como acontece em praticamente todas as aldeias.

É visível a alteração da estacaria. Inicialmente em madeira passa a pilares de tijolo rebocado ou betão, visíveis mesmo quando este espaço é fechado.



54. Planta de Localização. Aldeia da Palhota. Escala 1:1000.

3.3.3. CASO DE ESTUDO II: ESCAROUPIM, SALVATERRA DE MAGOS



55. Escaroupim, nos finais da década de 50.



56. Escaroupim. Ortofoto.

Na margem oposta do rio Tejo, em frente à Aldeia da Palhota (segundo mapa à esquerda) encontra-se a Aldeia de Escaroupim, no concelho de Salvaterra de Magos. Não tendo sido publicada no *Inquérito* é, no entanto, um interessante caso de estudo, não só por manter a maioria das suas casas e características de origem, mas também pelos seus habitantes construírem as casas sobre estacaria por razões estéticas. Aqui, devido à morfologia do terreno, apenas algumas construções corriam o risco de serem inundadas pelas cheias, mas na sua maioria, isso não era problema, por se encontrarem a cotas mais altas. Daí, é interessante perceber que existe a preocupação de manter uma imagem uniforme em toda a aldeia, utilizando a palafita, mesmo quando não existe essa necessidade.

A aldeia fica junto ao Tejo, num terreno que se eleva subtilmente desde a margem até ao local onde se encontram as casas. A estrada que nos conduz até aqui, praticamente perpendicular à margem ribeirinha (como acontece em praticamente todos os assentamentos *Avieiros*), termina a meio de um arruamento disposto perpendicularmente a esta, paralelo à margem ribeirinha. É ao longo deste arruamento que se erguem as casas palafíticas dos avieiros. Na obra “Os Avieiros nos finais da década de cinquenta” (1985), são descritas duas unidades distintas, divididas pela via de acesso à aldeia:

Do lado de Salvaterra, em terrenos que pertencem à Hidráulica, ficam sete casas formando uma única fila, todas de madeira sobre estacas, com varandas e escadas exteriores. Aqui chegam as águas das cheias em invernos rigorosos e a construção sobre estacas é pois útil e vantajosa.

Do outro lado, separadas por uma rua larga (...) erguem-se trinta e duas casas também de madeira (...). Apenas oito se levantam sobre estacas, a maior parte das vezes muito baixas, que sugerem uma simples preocupação decorativa. (...)

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

*deste lado da aldeia, ao contrário do que acontece no outro, não chegam nunca as águas das cheias (...).*¹⁰⁴

Neste aglomerado, é possível verificar um carácter quase urbano, principalmente no lado norte, onde se erguem a maior parte das casas, separadas por uma rua larga, como descrito anteriormente. Outra característica desta aldeia é o de estas edificações não se encontrarem viradas para o rio, mas sim para o interior, de forma alinhada e viradas para a rua.

Aqui, a madeira era o material mais utilizado na estrutura e nas fachadas, como é típico nestas construções, apresentando as fachadas das casas o tabuado disposto na vertical. As coberturas de duas águas, antes forradas a caniço, deram lugar às telhas. As chaminés são raras e quando existem apresentam-se em alvenaria de tijolo.

O carácter palafítico é encontrado no lado sul da aldeia, onde chegam as águas na altura das cheias. No lado norte, esse carácter foi mantido apenas num dos lados da rua, o lado que se encontra mais perto do rio. Aqui a estacaria terá entre vinte a sessenta centímetros, bastante mais baixa em comparação com outros casos já descritos.



57. Escaroupim, nos finais da década de 50.



58. Escaroupim, 50 anos depois.

¹⁰⁴ SALVADO, Maria Adelaide Neto - *Os Avieiros nos finais da década de 50*. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P. 40-41.

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

Verificou-se que, quando existia estacaria, o acesso às casas era feito por escadas em madeira, dando acesso a um patamar exterior, no mesmo material. As casas não se encontravam “coladas” umas às outras, existia sempre uma pequena ruela que as separava e que dava acesso a logradouros que correspondiam às traseiras destas. Foi este o cenário encontrado em visita ao local, por sinal muito aprazível.



61. Escarpim, 50 anos depois.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1. Conclusão

Os palheiros representam uma relação impar entre a arquitectura e o lugar. Na sua génese, foi factor importante a satisfação de necessidades que, nos dias de hoje, se encontram ultrapassadas, face ao desenvolvimento e modernização dos estilos de vida das populações. No entanto, estas edificações transportam consigo uma história cheia de tradições, com uma materialidade e uma forma de construir próprias, que devem ser analisadas, mantidas, e porque não, serem factores de influência na prática da arquitectura erudita como já verificámos nos exemplos descritos antes. O entendimento da arquitectura popular pode ser uma base importante na prática da arquitectura formal. As obras de origem popular conservam um valor intuitivo, e têm como principal objectivo, a solvência das necessidades de determinadas povoações, retratando valores locais ou regionais, e evidenciando práticas típicas de uma cultura ou povoação. Esta arquitectura representa um elevado valor técnico e estético, surgindo intimamente ligada ao território e às populações que a edificam e lá vivem transmitindo conhecimentos de geração em geração, prolongando identidades, que não devem ser descuradas na realização da arquitectura de génese erudita, mantendo assim o cariz próprio de cada lugar. As construções vernáculas parecem ser parte da paisagem, muito pela escolha de materiais locais que se confundem com a envolvente, contudo, a tipologia palafítica aqui estudada não apresenta essa característica, contrastando com a envolvente. Será útil continuar a aprender com a arquitectura vernácula no sentido de resolver problemas relacionados com a integração de uma obra na paisagem. As soluções encontradas pelas povoações são

importantes fontes de conhecimento face às dificuldades encontradas na resolução de um projecto, servindo de base para futuras interpretações.

Pergunta: porque não adaptar a tipologia palafítica de origem vernácula, às necessidades, tecnologias e conceitos actuais, pelas muitas soluções que oferece?

São várias as potencialidades encontradas nas palafitas. Resolvem necessidades práticas inerentes ao contexto físico, como as variações do nível do mar ou possíveis inundações; reflectem também uma tradição, integrando-se na arquitectura contemporânea. Têm um carácter ecológico, podendo ser utilizadas em zonas com terrenos delicados, protegendo a natureza existente, não sendo necessária a impermeabilização do solo. As palafitas conferem facilidade de construção sobre terrenos pouco estáveis (palheiros do litoral sobre areia), húmidos (os palheiros do rio sobre lodo), ou em locais sinuosos onde o solo é irregular e inclinado (“Casa na Arrábida” – 1960 - , Eduardo Anahory). Quando implantadas sobre a água, transmitem um carácter flutuante.

As palafitas utilizadas em programas de habitação oferecem a sensação de viver no limite, entre três ambientes normalmente separados: terra, água e céu.

É também um regresso às origens, no que diz respeito ao material de fundação escolhido nos projectos contemporâneos, a madeira. Podemos por isso, referir a adaptabilidade das construções palafíticas aos novos tempos, dominando aqui o seu carácter intemporal.

É importante a reinterpretação formal nos locais onde esta tipologia foi tradição, perpetuando e fortalecendo costumes, adaptando-a, de acordo com novos conceitos, à imagem dos nossos dias, evitando a estagnação.

Pelas suas características funcionais, as palafitas continuarão a ser fontes de inspiração na arquitectura contemporânea. Hoje em dia, muitas

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

obras recorrem a este tipo de tipologia, seja numa construção sobre água, num terreno rochoso e acidentado ou mesmo num espaço urbano compacto, empregando novos tipos de materiais e respeitando o lugar, aplicando critérios de projecto que visem a redução do impacto ambiental das construções, através da aplicação de novas soluções construtivas com formas arquitectónicas inovadoras.

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

5. APÊNDICE

5.1. PALAFITA REINTERPRETADA

Pelas suas características funcionais, as palafitas foram, directa ou indirectamente, fontes de inspiração na arquitectura do século XX, na actualidade, e eventualmente continuarão a sê-lo no futuro. Hoje em dia, muitos projectos de arquitectura contemporânea recorrem a este tipo de tipologia, seja numa construção sobre água, num terreno rochoso e acidentado ou mesmo num espaço urbano compacto, empregando diferentes tipos de materiais e respeitando o lugar.

5.1.1. Antecedentes

O uso da palafita tem evoluído ao longo dos tempos e os exemplos de arquitectura vernácula influenciaram a arquitectura do século XX. A. Bahamón e A. M. Alvarez¹⁰⁵ consideram ser necessário mencionar duas obras importantes do século XX, como herdeiras parciais desta arquitectura popular que conta com um grande número de exemplos em todo mundo, como referido no primeiro capítulo. A primeira, a “Casa Farnsworth” construída entre 1945 e 1951 em Illinois, nos Estados Unidos da América, foi desenhada por Mies van der Rohe e está implantada sobre o terreno por meio de *pilotis* elevando-se sobre este. O motivo porque isto acontece não difere daquele que encontramos nos palheiros do rio Tejo: deve-se ao facto de a zona ficar coberta de água todas as primaveras devido à subida das águas do rio Fox.



62. Casa Farnsworth, 1951. Mies van der Rohe

¹⁰⁵ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria - *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 21.

Alvo de restauros, de modo a manter o seu aspecto original, o primeiro em 1972 e o segundo realizado em 1996, após uma inundação ter destruído o interior - mesmo construída de forma a evitá-lo, a urbanização dos espaços envolventes provocaram níveis de cheia mais elevados nas últimas décadas¹⁰⁶. A “Casa Farnsworth” assenta em alicerces de aço, a 1,60 metros do solo, tanto para evitar possíveis inundações, como para ser perceptível o seu pavimento completamente horizontal, a partir do exterior.¹⁰⁷

É interessante verificar que, no espaço temporal em que se descobriam em Portugal, através do *Inquérito*, as palafitas de génese vernacular – entre 1955 e 1961 –, Mies van der Rohe já tinha usado a mesma tipologia na sua obra – entre 1945 e 1951 – que constituiu um grande marco da arquitectura moderna.

Outra obra que os mesmos autores referem, como herdeira da arquitectura informal sobre palafitas, é a “Tallon House”, situada na Irlanda e construída em 1970. Esta casa desenhada por Ronnie Tallon, para si próprio, assenta no terreno elevada sobre pilares, também pela necessidade de protecção de uma possível inundação¹⁰⁸.

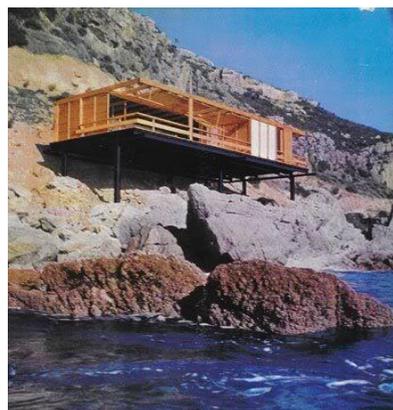


63. Tallon House, 1970. Ronald Tallon.

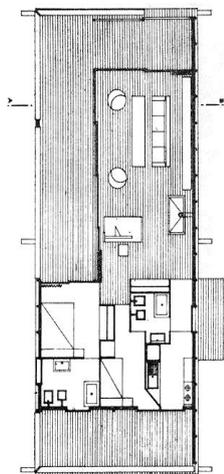
¹⁰⁶ “Farnsworth House”; History. Disponível HTTP: <<http://www.farnsworthhouse.org/history.htm>> (Agosto 2011).

¹⁰⁷ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria - *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 22.

¹⁰⁸ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria - *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 23.



64. Casa-Abrigo na Arrábida, 1960.
Eduardo Anahory.



65. Casa-Abrigo
na Arrábida, 1960.
Eduardo Anahory.
Planta.

Em Portugal, temos o exemplo da “Casa de Fim de Semana”, desenhada pelo arquitecto Eduardo Anahory e terminada no ano de 1960. Localizada em Alportuche, na Serra da Arrábida, encontra-se sobre um terreno rochoso e sinuoso em declive. A proposta que realizou adaptou-se ao local através de uma tipologia em palafita, não afectando a natureza do mesmo e assumindo o seu carácter irregular. O arquitecto Pedro Tabor da realizou um artigo¹⁰⁹ sobre a obra de Anahory, editado em 2007 no blog “Infohabitar” do Grupo Habitar. A Casa-Abrigo na Arrábida é um dos temas abordados:

O processo de edificação foi executado em 90 dias, por um sistema estrutural leve em perfis de ferro que suportam a edificação de um estrado de madeira. Acima deste plano horizontal, ergue-se a construção em sistema de painéis de aglomerado de cortiça revestidos a contraplacado de “mutene”, nas áreas habitáveis e a plástico nas casas de banho, aparafusados em porticados de pilares e vigas de madeira; a cobertura é igualmente executada com painéis de aglomerado de cortiça (10 cm de espessura) isolada com pintura betuminosa. O sistema de caixilharias é em madeira de casquinha, de correr, abrindo o espaço interno para a magnífica varanda; as persianas, em madeira de casquinha, são projectantes, comandadas pelo interior, formando brise-soleil orientáveis graças ao engenho simples de cabos e roldanas de barco, permitindo o fecho da casa.¹¹⁰

¹⁰⁹ TABORDA, Pedro - *Reposição da Casa-abrigo Eduardo Anahory: Arrábida, 1960*. Disponível HTTP: <<http://infohabitar.blogspot.com/2007/11/reposio-da-casa-abrigo-eduardo-anahory.html>> (Agosto 2011).

¹¹⁰ Idem.

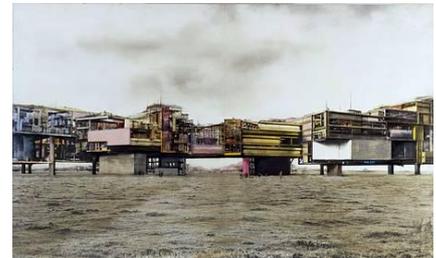
Megaestruturas

Os movimentos megaestruturalistas (décadas de 50 e 60), não parecem ter qualquer relação directa com a arquitectura vernacular, pretendem antes romper com tudo o que os precede. No entanto, alguns dos seus autores, entre eles, Constant e Yona Friedman, propõem espaços urbanos, que de alguma forma nos levam ao imaginário vernacular das cidades ou aldeias palafíticas.

Constant publica os primeiros estudos sobre a Cidade Situacionista, designada “Nova Babilónia” (1957-1970), onde descreve a ideia de um novo urbanismo sobre pilares:

*(...) lançamos a imagem da cidade coberta, onde o traçado urbano das vias expressas e dos prédios separados foi substituído por uma construção espacial contínua, alteada do solo, (...)*¹¹¹

Nesta cidade, a sua produção e transportes por meios mecânicos encontram-se ao nível do terreno, no entanto, toda a vida social desenvolve-se sem impedimentos, dentro de uma vasta construção que se levanta sobre *pilotis*¹¹².



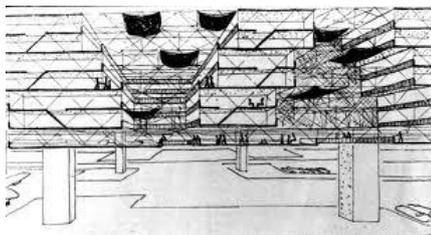
66. “Nova Babilónia”, Constant.



67. Yona Friedman, “La Ville Spatiale”, 1960.

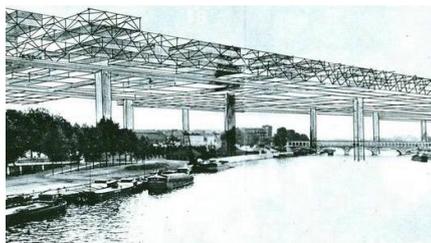
¹¹¹ CONSTANT –“Outra cidade para outra vida”. IS (Internacional Situacionista), nº 3, Dezembro de 1959. Disponível HTTP: <<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbetes=357>> (Agosto 2011).

¹¹²COLQUHOUN, Alan - *La Arquitectura Moderna: Una Historia Desapasionada*. Tradução de Jorge Sainz. Editorial Gustavo Gili. Barcelona, 2005. P. 228.



Yona Friedman, no seu projecto “O Urbanismo Espacial” (1960-1962) propõe uma estrutura tridimensional, metálica e de vários pisos, suspensa sobre de grandes pilares, por acima de Paris ou Manhattan, onde o nível do solo é reservado aos transportes e parques¹¹³.

5.1.2. Contemporaneidade



68 e 69. Yona Friedman, “La Ville Spatiale”, 1960.

Os edifícios palafíticos contemporâneos, mantêm o cunho dos exemplos vernáculos no que respeita à construção, utilizando materiais que respeitam o ambiente, à posição das estruturas sobre a água e a disposição das edificações em aglomerados urbanos¹¹⁴.

A. Bahamón e A. M. Álvarez fazem um apanhado de vários exemplos contemporâneos de carácter palafítico. Decidimos mencionar, a seguir, aqueles que, de alguma forma, se identificam com as palafitas de origem popular, pela relação com o contexto envolvente, mas também pelos materiais usados, identificando os motivos pelos quais se elevam sobre pilares.

¹¹³ COLQUHOUN, Alan - *La Arquitectura Moderna: Una Historia Desapasionada*. Tradução de Jorge Sainz. Editorial Gustavo Gili. Barcelona, 2005. P. 227.

¹¹⁴ BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria - *Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea*. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 23.

1. Equipamento na Praia dos Caneiros, 2004

Caneiros, Portugal

Cooptar Arquitectos

Fundações: pilares, vigas e montantes em madeira

- A altura do piso em relação ao nível do solo, corresponde às linhas de orientação do Plano de Ordenamento da Orla Costeira para o Oeste algarvio, assim como ao estudo geotécnico do terreno;
- Ergue-se sobre estacas, criando uma ligação visual e física entre a cota superior da falésia e a cota inferior da praia;
- A utilização da madeira sobrepõe-se aos restantes materiais.



70.

2. Centro Cultural da Costa da Noruega, 2004

Rørvik, Noruega

Gudmundur Jonsson Arkitektkontor

Fundações: pilares de betão armado reforçado, que erguem o edifício entre 1,5 e 3 m acima do nível do mar

- O método construtivo das palafitas tradicionais foi fonte de inspiração;
- Construído com o objectivo de realçar o passado de uma população, estreitamente ligada ao mar.



71.

3. Casa do Lago, 2004

Çanakkale, Turquia

Boran Ekinci Architects

Fundações: pilares de aço

- Situada nas margens de um lago artificial, é autónoma, sustentável e amiga do ambiente;
- Estrutura em aço, e poucos pontos de contacto com o terreno;
- Independente do contexto, mas perfeitamente integrado nele;
- Os pilares erguem a construção para preservar a natureza envolvente.



72.



73.

4. Octospider, 2003

Banguecoque, Tailândia

Exposure Architects

Fundações: pilares de betão armado (cozinha e refeitórios);
pilares de aço (rampa)

- Estrutura de vias pedonais – rampa - e de edifícios – cozinha e refeitórios -, que se interligam, sobre pilares, acima da água;
- Ergue-se oito metros acima do nível do mar.

NOTA: É interessante fazer um paralelismo entre este exemplo e os cais palafíticos das aldeias avieiras.



74.

5. Museu Nórdico da Aquarela, 2000

Skärhamn, Suécia

Niels Bruun & Henrik Corfitsen Arkitekter

Fundações: pilares de secção quadrada em betão armado
(museu); **tubos de aço com betão armado** (estúdios)

- Um museu e cinco estúdios para artistas;
- Estrutura de pilares, permitindo a livre circulação das correntes de água sob o edifício;
- Prudente, ao encaixar uma nova construção num ambiente natural, mas exigente.

5.1.3. Dois exemplos em Portugal

Não é frequente em Portugal a opção por esta tipologia. No entanto, na tentativa de identificar projectos contemporâneos portugueses que recorressem às palafitas, para além do exemplo já abordado (Praia dos Caneiros) e após alguma pesquisa, são aqui descritos exemplos interessantes que, de alguma forma, nos remetem para um novo pensamento e uma nova interpretação das tipologias palafíticas.

1. Casa Adpropeixe, 2005-2008

Vilar da Veiga, Terras de Bouro, Gerês, Portugal
Carlos Castanheira e Clara Bastai, Arquitectos, Lda.

Fundações: pilares de madeira

A ideia, óbvia, estava ali.

A chegada por cima, a elevação do volume da habitação da cota da plataforma de modo que o prazer de alcance de vista estivesse sempre presente, utilização da área, plana, da plataforma, para apoio e circulação.

A casa, ou o volume habitável, está elevado do solo por cinquenta e dois pilares de madeira, num emaranhado ordenado e construtivo.

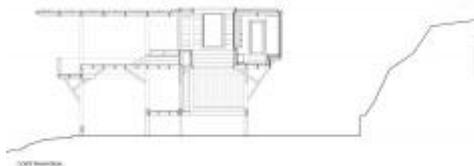
A Casa de Adpropeixe é um mirante habitável, elevado do solo mas ligado ao local e neste inserido.

Carlos Castanheira in

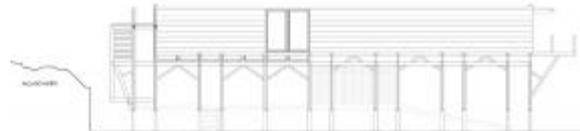
<http://www.carloscastanheira.pt/pt/arquitectura/projectos/c-asa-a-dpropeixe>



75.



76.





2. Cocoon Eco Design Lodges, 2010

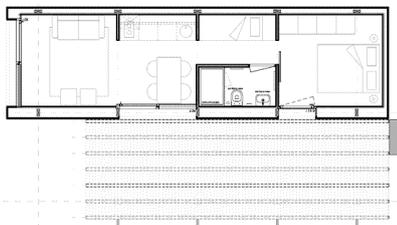
Comporta, Alçácer do Sal, Portugal

Arquiporto: Alexandre Teixeira da Silva + Miguel Ribeiro de Sousa

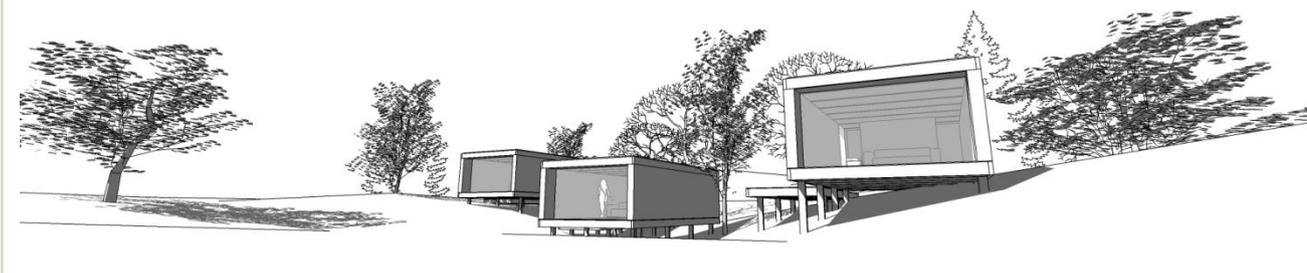
Fundações: pilares de madeira



Empreendimento com preocupações ecológicas, o Cocoon Eco Design Lodges é constituído por 30 casas de madeira, de carácter modular¹¹⁵ (empresa Modular System). Diferente dos habituais empreendimentos turísticos, principalmente pela utilização da madeira e pelo assentamento em estacaria do mesmo material, relaciona-se com o lago, como espaço central.



77.



¹¹⁵ "Cocoon Eco Design Lodges"; Cocoon Lodges. Disponível HTTP: <<http://www.cocoonlodges.com/>> (Agosto 2011).

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

FONTES

6. FONTES

6.1. CRÉDITOS DE IMAGENS E FOTOGRAFIAS

NOTA: As imagens cuja numeração não é apresentada são da minha autoria e foram registadas durante os meses de Junho, Julho e Agosto de 2011.

1. “Panoramio”; Mapa do Mundo; Colombia; Chocó; Quibdo; Casa palafítica en el Barrio Kennedy. Disponível HTTP: <<http://www.panoramio.com/photo/8679408>> (Maio 2011).

3. “Mega Arquivo”; Cidades; A Cidade de Veneza, na Itália. Disponível HTTP: <<http://megaarquivo.files.wordpress.com/2011/03/veneza-canal.jpg>> (Agosto 2011).

4. BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria - **Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea**. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 11.

5. BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria - **Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea**. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 21.

6. BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria - **Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea**. Argumentum, Lisboa, 2009. P. 11.

7. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 123.

8. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 212-213.

9. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 147.

10. OLIVEIRA Ernesto; GALHANO, Fernando - **Palheiros do Litoral Central Português**. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P. 10.

11. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 148; 183.

12. ROSSI, Aldo - **Autobiographie Scientifique**. Trad. de l'italien par Catherine Peyre. Paris: Parenthèses, 1988. P. 48.
13. SALVADO, Maria Adelaide Neto - **Os Avieiros nos finais da década de 50**. Castelo Branco: [s. n.], 1985. (Mapa em anexo).
14. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 166.
15. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 184.
16. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 184.
17. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 185.
18. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 167.
19. MOUTINHO, Mário - **A Arquitectura Popular Portuguesa**. Editorial Estampa, Lisboa, 1979. P. 97.
21. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 172.
25. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 166-167.
29. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - **Palheiros do Litoral Central Português**. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P. 67.

30. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - Palheiros do Litoral Central Português. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964. P. 67.

33. AA.VV. – Arquitectura Popular em Portugal, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura". 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 214.

35. AA.VV. – Arquitectura Popular em Portugal, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura". 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 183.

40. CALOR, Inês Alhandra - Técnicas Construtivas Avieiras. Tradição e inovação no sistema palafítico. Arquitectos sem Fronteiras Portugal. Disponível HTTP: <<http://revistas.ulusofona.pt/>> (Agosto 2011).

41. CALOR, Inês Alhandra - Técnicas Construtivas Avieiras. Tradição e inovação no sistema palafítico. Arquitectos sem Fronteiras Portugal. Disponível HTTP: <<http://revistas.ulusofona.pt/>> (Agosto 2011).

42. AA.VV. – Arquitectura Popular em Portugal, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura". 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 193; 207.

43. AA.VV. – Arquitectura Popular em Portugal, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura". 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 214.

44. AA.VV. – Arquitectura Popular em Portugal, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura". 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 141; 215.

45. AA.VV. – Arquitectura Popular em Portugal, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura". 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 215.

46. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 215.
49. AA.VV. – **Arquitectura Popular em Portugal**, Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura”. 3.ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961). P. 166.
52. “Google Maps”; Aldeia da Palhota, Valada, Cartaxo. Disponível HTTP: <<http://maps.google.pt/>> (Julho 2011).
53. SALVADO, Maria Adelaide Neto - **Os Avieiros nos finais da década de 50**. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P. 37.
54. “Câmara Municipal do Cartaxo”; Serviços Online; Mapas Online; Plantas de Localização. Disponível HTTP: <<http://websig.cm-cartaxo.pt/index.php?module=plantas>> (Agosto 2011)
55. SALVADO, Maria Adelaide Neto - **Os Avieiros nos finais da década de 50**. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P. 41-42.
56. “Google Maps”; Escaroupim, Salvaterra de Magos. Disponível HTTP: <<http://maps.google.pt/>> (Julho 2011).
57. SALVADO, Maria Adelaide Neto - **Os Avieiros nos finais da década de 50**. Castelo Branco: [s. n.], 1985. P. 42-43.
60. “Câmara Municipal de Salvaterra de Magos”; Serviços Online; Mapas Online; Plantas de Localização. Disponível HTTP: <<http://websig.cmsalvaterrademagos.pt/index.php?module=plantas>> (Agosto 2011).
62. “Farnsworth House”; History. Disponível HTTP: <<http://www.farnsworthhouse.org/history.htm>> (Agosto 2011).
63. DAVIES, Colin - **Key Houses of the Twentieth Century: Plans, Sections and Elevations**. Laurence King, 2006. P. 152.
64. TABORDA, Pedro - **Reposição da Casa-abrigo Eduardo Anahory: Arrábida, 1960**. Disponível HTTP: <<http://infohabitar.blogspot.com/2007/11/reposio-da-casa-abrigo-eduardo-anahory.html>> (Agosto 2011).

65. TABORDA, Pedro - Reposição da Casa-abrigo Eduardo Anahory: Arrábida, 1960. Disponível HTTP:

<<http://infohabitar.blogspot.com/2007/11/reposio-da-casa-abrigo-eduardo-anahory.html>> (Agosto 2011).

66. COLQUHOUN, Alan - La Arquitectura Moderna: Una Historia

Desapasionada. Tradução de Jorge Sainz. Editorial Gustavo Gili. Barcelona, 2005. P. 228.

67. “Megastructure Reloaded”; Architects+Artists; Yona Friedman. Disponível

HTTP: <<http://www.megastructure-reloaded.org/yona-friedman/>> (Agosto 2011).

68. COLQUHOUN, Alan - La Arquitectura Moderna: Una Historia

Desapasionada. Tradução de Jorge Sainz. Editorial Gustavo Gili. Barcelona, 2005. P. 227.

69. “Utopies et avant-gardes”, Histoire des utopies et des avant-gardes en architecture et urbanisme de 1770 à 1970: réalités et impostures. Yona Friedman: ville spatiale pour Paris. Disponível HTTP:

<<http://utopies.skynetblogs.be/archive/2009/01/17/yona-friedman-ville-spatiale-pour-paris.html>> (Agosto 2011).

70. “DARCO Magazine”; DARCO Magazine 16; COOPTAR, Edifícios Praia dos

Caneiros, 2006, Algarve, Portugal. Disponível HTTP: <<http://d-arco.blogspot.com/2009/01/cooptaredifcios-praia-dos.html>> (Agosto 2011).

71. “Gudmundur Jonsson Arkitektkontor”; Projects; Building assignments; Norveg coast, cultural-center. Disponível HTTP: <<http://www.gudmundurjonsson.no/>> (Agosto 2011).

72. “Boran Ekinci Architects”; Projects. Disponível HTTP:

<<http://www.boranekekincimimarlik.com/>> (Agosto 2011).

73. “ Exposure Architects”; Projects; Facilities; Octospider. Disponível HTTP:

<http://www.exposurearchitects.com/10projects/10projects_dett.asp?t=1&nodo=30&nodo2=&tipo=5&id=2#> (Agosto 2011).

74. “Architonic”; Projects; Architecture; Museums; Niels Bruun, Nordis

Watercolour Museum. Disponível HTTP: <<http://www.architonic.com/aisht/nordic-watercolour-museum-niels-bruun/5100112>> (Agosto 2011).

75. “Castanheira & Bastai”; Arquitectura; Projectos; Casa Adpropeixe. Disponível

HTTP: <<http://www.carloscastanheira.pt/pt/arquitectura/projectos/c-asa-a-dpropeixe>> (Agosto 2011).

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

76. “Urbarama, Atlas of Architecture”; Arquitectura del Mundo; Portugal; Braga; Gerez; Casa Adpropeixe. Disponível HTTP:
<<http://es.urbarama.com/project/casa-adpropeixe>> (Agosto 2011).

77. “Cocoon Eco Design Lodges”; Cocoon Lodges. Disponível HTTP:
<<http://www.cocoonlodges.com/>> (Agosto 2011).

6.2. BIBLIOGRAFIA

AA.VV. - **Arquitectura Popular em Portugal**, 3ª ed., vol. 2. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988. (1ª ed.: 1961).

AA.VV. - **As Idades da Construção: Técnicas e saberes da construção tradicional e sua aplicação à arquitectura contemporânea**. Instituto do Emprego e Formação Profissional, 2010. Catálogos FIA.

BAHAMÓN, Alejandro, ÁLVAREZ, Ana Maria - **Palafita: da Arquitectura Vernácula à Contemporânea**. Argumentum, Lisboa, 2009.

BRANDÃO, Raul - **Os Pescadores**. Porto Editora. Porto, 2004.

CALOR, Inês Alhandra - **Técnicas Construtivas Avieiras. Tradição e inovação no sistema palafítico**. Arquitectos sem Fronteiras Portugal. Disponível HTTP: <<http://revistas.ulusofona.pt/>> (Agosto 2011).

COLQUHOUN, Alan - **La Arquitectura Moderna: Una Historia Desapasionada**. Tradução de Jorge Sainz. Editorial Gustavo Gili. Barcelona, 2005.

DAVIES, Colin - **Key Houses of the Twentieth Century: Plans, Sections and Elevations**. Laurence King, 2006.

GASPAR, Pedro Manuel dos Santos Lima; PALLA, João - **Construções palafíticas da bacia do Tejo: levantamento e diagnóstico do património construído da cultura avieira**. Artitextos. Lisboa : CEFA ; CIAUD, 2009.

LEAL, João - **Etnografias portuguesas (1870-1970): cultura popular e identidade nacional**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

MOUTINHO, Daniel Fernando Oliveira (2007) - **Edifícios de construção tradicional em madeira, o exemplo dos palheiros do litoral central português**. Prova Final para obtenção de licenciatura em Arquitectura, FAUP, [ano lectivo 2006/2007].

MOUTINHO, Mário - **A Arquitectura Popular Portuguesa**. Editorial Estampa, Lisboa, 1979.

OLIVEIRA Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. Publicações D. Quixote, Lisboa, 1998.

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de - **Palheiros e Barracos do Litoral**, in *Geographica – Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa*, ano I, n.º 3, Julho de 1965.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando - **Palheiros do Litoral Central Português**. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; PEREIRA, Benjamim - **Construções Primitivas em Portugal**. Edições D.Quixote, Lisboa, 1988.

PEIXOTO, Rocha - **Palheiros do Litoral**, in *Portugal de Perto, Etnografia Portuguesa, Obra Etnográfica Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990. (1ª ed.:1899).

REDOL, Alves - **Avieiros**. Lisboa, 1942.

RODRIGUES, Maria João Madeira, SOUSA, Pedro Fialho de, BONIFÁCIO, Horácio Manuel Pereira - **Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura**. Quimera Editores, 1996.

ROSSI, Aldo - **Autobiographie Scientifique**. Trad. de l'italien par Catherine Peyre. Paris: Parenthèses, 1988.

RUDOSVKY, Bernard - **Architecture Without Architects: A Short Introduction to Non-pedigreed Architecture**. Albuquerque : University of New Mexico Press, 2003.

SALVADO, Maria Adelaide Neto - **Os Avieiros nos finais da década de 50**. Castelo Branco: [s. n.], 1985.

VASCONCELOS, Humberto, MARTINS, Jorge - **Avieiros: os últimos pescadores do Tejo**. Cartaxo: Palhota Viva, 1997.

Documentos electrónicos

“Architonic”; Projects; Architecture; Museums; Niels Bruun, Nordis Watercolour Museum. Disponível HTTP: <<http://www.architonic.com/aisht/nordic-watercolour-museum-niels-bruun/5100112>> (Agosto 2011).

“Boran Ekinci Architects”; Projects. Disponível HTTP: <<http://www.boranekekincimimarlik.com/>> (Agosto 2011).

CALOR, Inês Alhandra - **Técnicas Construtivas Avieiras. Tradição e inovação no sistema palafítico**. Arquitectos sem Fronteiras Portugal. Disponível HTTP: <<http://revistas.ulusofona.pt/>> (Agosto 2011).

“Câmara Municipal de Salvaterra de Magos”; Serviços Online; Mapas Online; Plantas de Localização. Disponível HTTP: <<http://websig.cmsalvaterrademagos.pt/index.php?module=plantas>> (Agosto 2011).

“Castanheira & Bastai”; Arquitectura; Projectos; Casa Adpropeixe. Disponível HTTP: <<http://www.carloscastanheira.pt/pt/arquitectura/projectos/c-asa-adpropeixe>> (Agosto 2011).

“Câmara Municipal do Cartaxo”; Serviços Online; Mapas Online; Plantas de Localização. Disponível HTTP: <<http://websig.cm-cartaxo.pt/index.php?module=plantas>> (Agosto 2011).

“Cocoon Eco Design Lodges”; Cocoon Lodges. Disponível HTTP: <<http://www.cocoonlodges.com/>> (Agosto 2011).

CONSTANT – “Outra cidade para outra vida”. IS (Internacional Situacionista), nº 3, Dezembro de 1959. Disponível HTTP: <<http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/apresentacao.php?idVerbetes=357>> (Agosto 2011).

“DARCO Magazine”; DARCO Magazine 16; COOPTAR, Edifícios Praia dos Caneiros, 2006, Algarve, Portugal. Disponível HTTP: <<http://d-arco.blogspot.com/2009/01/cooptaredifcios-praia-dos.html>> (Agosto 2011).

“Exposure Architects”; Projects; Facilities; Octospider. Disponível HTTP: <http://www.exposurearchitects.com/10projects/10projects_dett.asp?t=1&nodo=30&nodo2=&tipo=5&id=2#> (Agosto 2011).

“Farnsworth House”; History. Disponível HTTP: <<http://www.farnsworthhouse.org/history.htm>> (Agosto 2011).

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

“Google Maps”; Aldeia da Palhota, Valada, Cartaxo. Disponível HTTP: <<http://maps.google.pt/>> (Julho 2011).

“Google Maps”; Escaroupim, Salvaterra de Magos. Disponível HTTP: <<http://maps.google.pt/>> (Julho 2011).

“Gudmundur Jonsson Arkitektkontor”; Projects; Building assignments; Norveg coast, cultural-center. Disponível HTTP: <<http://www.gudmundurjonsson.no/>> (Agosto 2011).

“Megastructure Reloaded”; Architects+Artists; Yona Friedman. Disponível HTTP: <<http://www.megastructure-reloaded.org/yona-friedman/>> (Agosto 2011).

“Mega Arquivo”; Cidades; A Cidade de Veneza, na Itália. Disponível HTTP: <<http://megaarquivo.files.wordpress.com/2011/03/veneza-canal.jpg>> (Agosto 2011).

“Palhota Viva”; Actividades. Disponível HTTP: <<http://palhotaviva.blogspot.com/>> (Agosto 2011).

“Projecto Palhota Viva”; Associação de Defesa do Ambiente; Distrito de Santarém, Concelho de Cartaxo. Disponível HTTP: <<http://museu.marinha.pt/NR/rdonlyres/645C0481-C099-4AC9-A901-237036969537/0/gammamuseucartaxo.pdf>> (Agosto 2011).

“Panoramio”; Mapa do Mundo; Colombia; Chocó; Quibdo; Casa palafítica en el Barrio Kennedy. Disponível HTTP: <<http://www.panoramio.com/photo/8679408>> (Maio 2011).

“Swissinfo”; especiais; património da Unesco na suíça; actualidade; Povoações lacustres, candidatas à chancela da UNESCO. (Publicado em 4 de Maio de 2010). Disponível HTTP: <http://www.swissinfo.ch/por/Especiais/Patrimonio_da_Unesco_na_Suica/Atualidade/Povoacoes_lacustres,_candidatas_a_chancela_da_UNESCO.html?cid=8670684> (Maio 2011).

TABORDA, Pedro - **Reposição da Casa-abrigo Eduardo Anahory: Arrábida, 1960.** Disponível HTTP: <<http://infohabitar.blogspot.com/2007/11/reposio-da-casa-abrigo-eduardo-anahory.html>> (Agosto 2011).

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

“Utopies et avant-gardes”, Histoire des utopies et des avant-gardes en architecture et urbanisme de 1770 à 1970: réalités et impostures. Yona Friedman: ville spatiale pour Paris. Disponível HTTP: <<http://utopies.skynetblogs.be/archive/2009/01/17/yona-friedman-ville-spatiale-pour-paris.html>> (Agosto 2011).

“Urbarama, Atlas of Architecture”; Arquitectura del Mundo; Portugal; Braga; Gerez; Casa Adpropeixe. Disponível HTTP: <<http://es.urbarama.com/project/casa-adpropeixe>> (Agosto 2011).

Publicações

PEREIRA, Nuno Teotónio – **Recuperação do edificado rural. Aldeias do Xisto e do Vale do Lima. E também dos Avieiros.** Revista Pedra & Cal. Lisboa: GECORPA. ISSN: 1645-4863. Ano X, nº 39, 2008.

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

ANEXO

7. ANEXO

7.1. FOTOGRAFIAS – INQUÉRITO À ARQUITECTURA REGIONAL (1961)



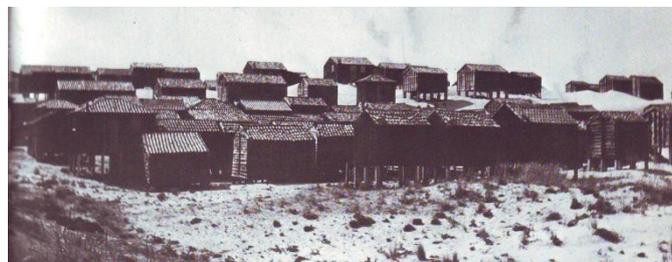
Palheiros da Tocha. Página 125.



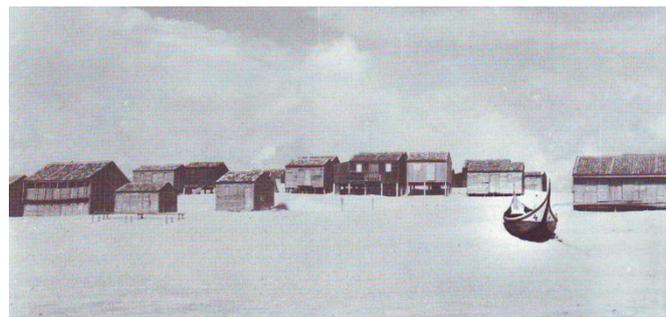
Praia de Vieira. Página 147.



Armazéns na Foz do Mondego. Página 139.



Palheiros da Tocha. Página 141.



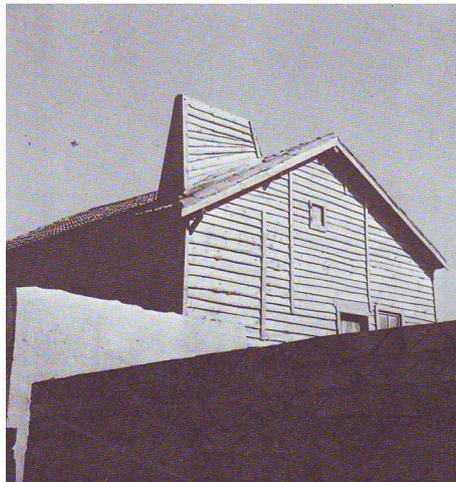
Palheiros da Tocha. Página 215.

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

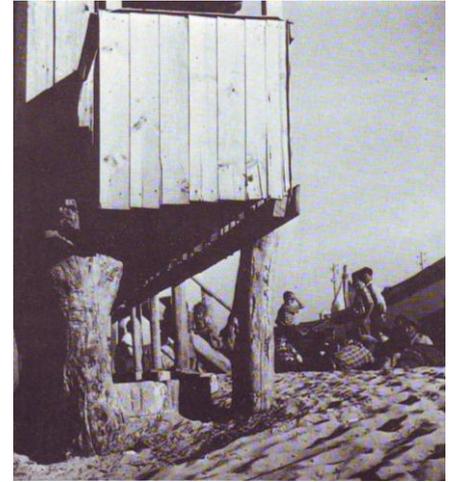
Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade



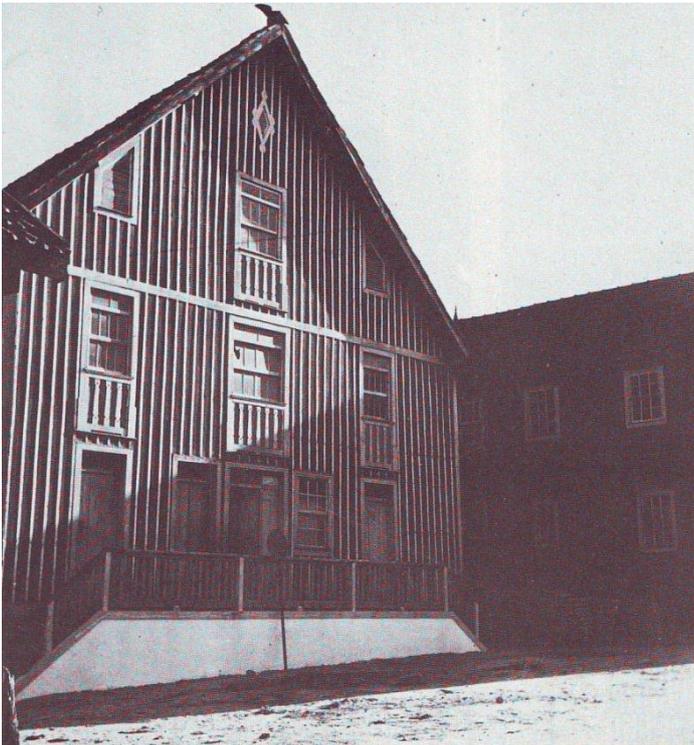
Praia de Vieira. Página 148.



Costa dos Lavos. Página 183.

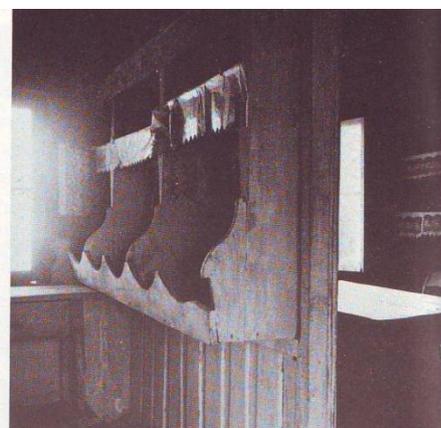
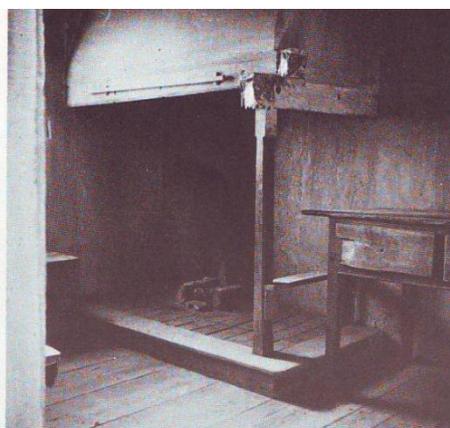
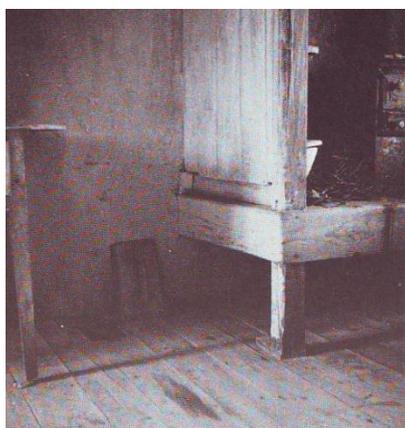


Praia de Vieira. Página 183.

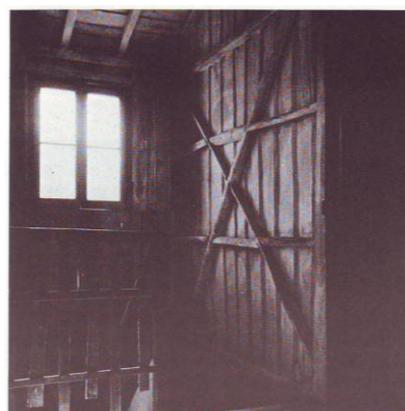


Praia de Mira. Página 186.

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:
Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade



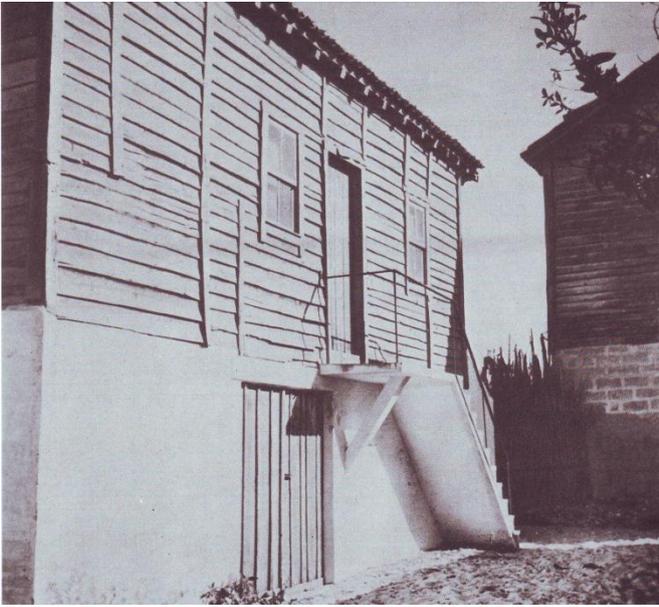
Praia de Pedrógão. Página 184.



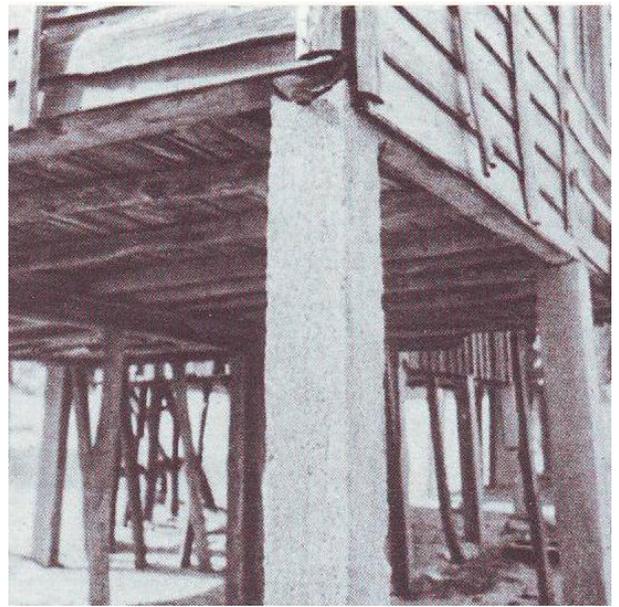
Praia de Pedrógão. Página 185.

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

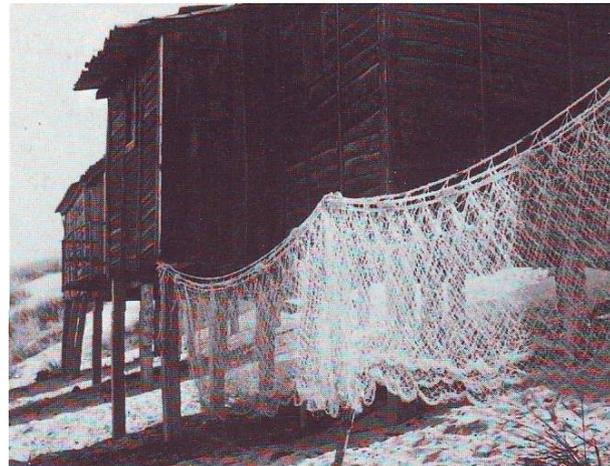
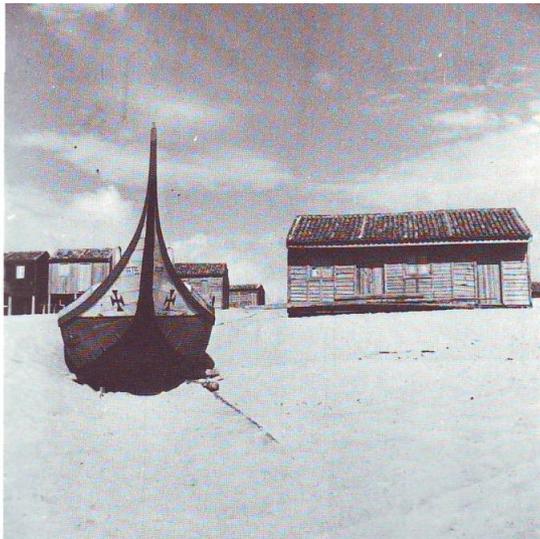
Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade



Praia de Pedrógão. Página 193.



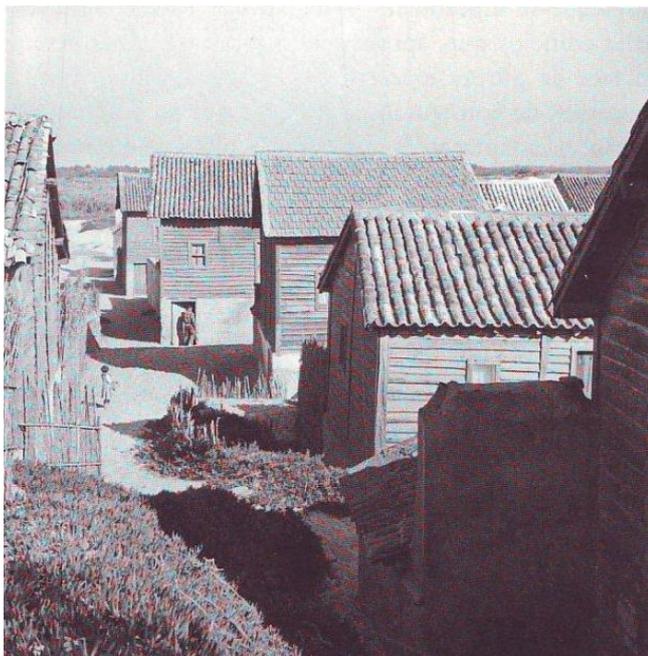
Palheiros da Tocha. Página 193.



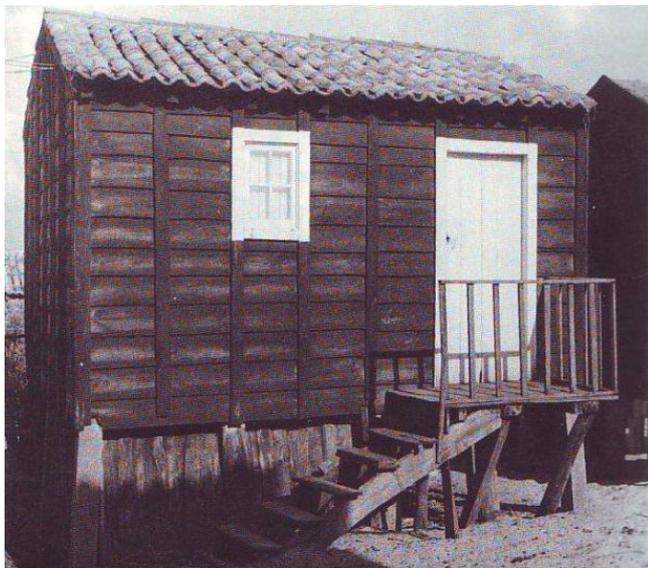
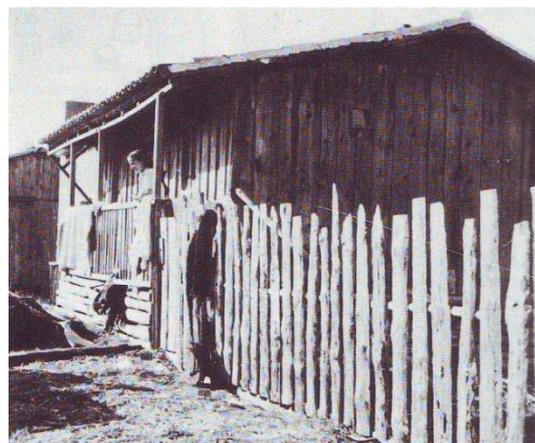
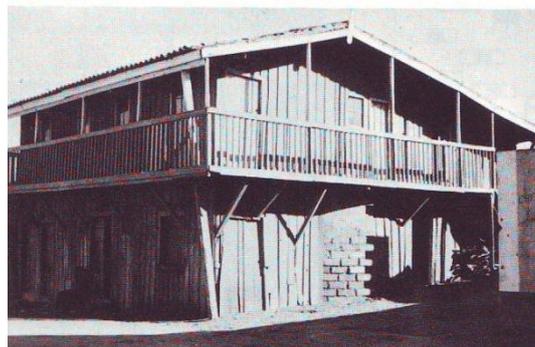
Palheiros da Tocha. Página 207.

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade



Costa dos Lavos. Página 214.



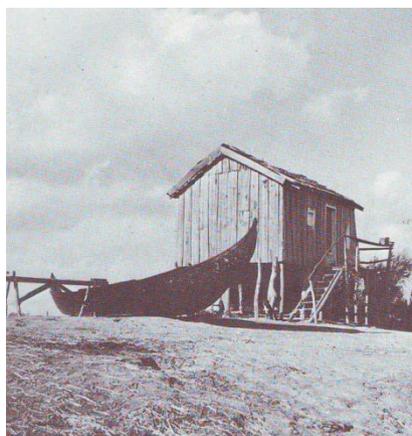
Palheiros da Tocha. Página 214.



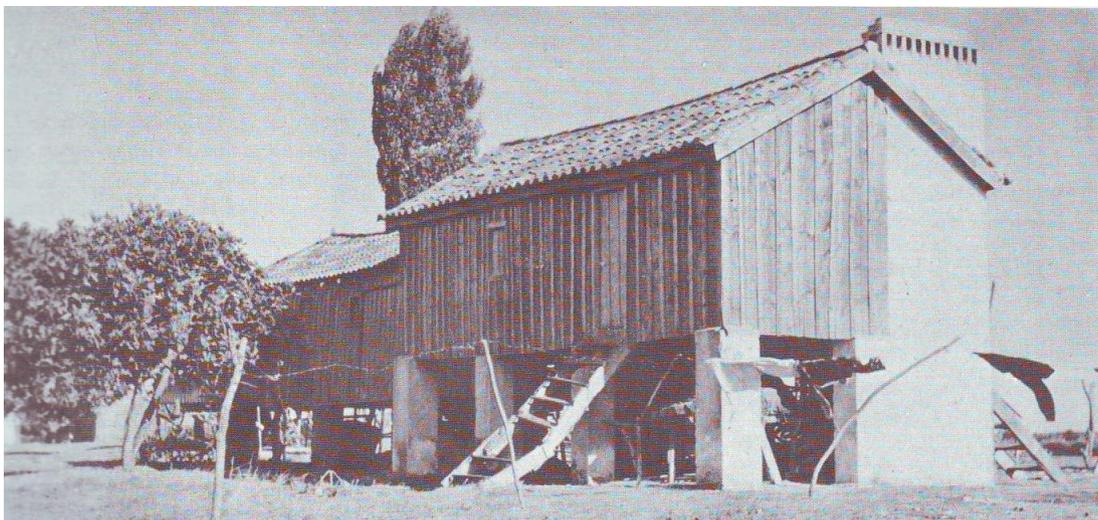
Praia de Vieira. Página 214.

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade



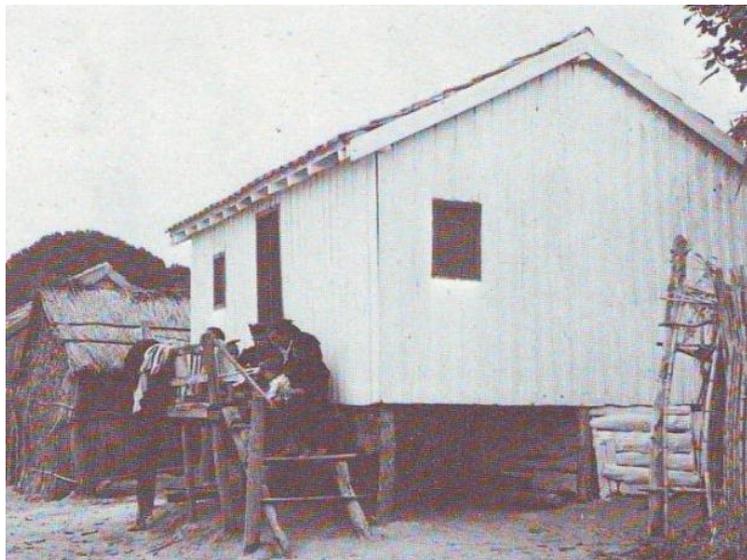
Quinta de Alqueidão - Tejo. Página 166.



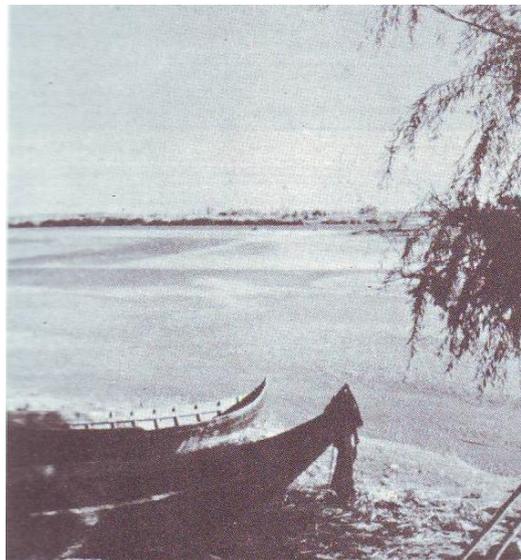
Quinta de Alqueidão - Tejo. Página 167.

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade



Palhota - Tejo. Página 166.



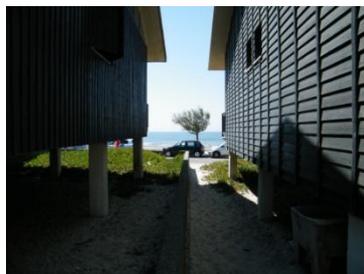
Tejo. Página 167.

7.2. LOCAIS VISITADOS - Litoral

Esmoriz



Praia da Tocha



Foz do Mondego



Costa de Lavos



Praia de Pedrógão



7.3. LOCAIS VISITADOS - Tejo

Povoação de Cucos



Povoação de Faias



Aldeia de Escaroupim



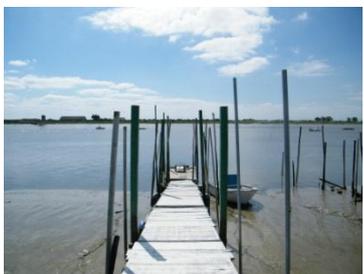
Aldeia da Palhota



Aldeia do Lezirão



Avieiros e Cais da Póvoa



7.4. ENTREVISTA – Arquitecto Carlos Castanheira

Seguem-se algumas questões relativas ao projecto no Gerês, a "Casa Adropeixe", que têm como tema principal a relação entre o uso da palafita e a arquitectura contemporânea.

1. As palafitas foram fonte de inspiração para este projecto? Se não, é possível fazer uma analogia entre o seu projecto e as palafitas?

É óbvio que conheço bem projectos que usaram e usam palafitas como suporte. Em quase todos os casos estas palafitas encontram-se em âmbito mais ou menos aquático.

No caso da Casa de Adropeixe o uso de "palafitas" também surgiu de uma necessidade. Não porque o meio aquático era muito presente mas pela simples razão de que da cota do terreno existente não era possível ver o "ambiente aquático" na albufeira da Caniçada. A razão principal da vontade do cliente em fazer casa naquele lugar era a presença e o usufruto da água. Não projecto utilizando imagens ou modelos de uso directo. Preocupo-me em saber e conhecer muito de modo que com essas ferramentas me seja possível construir algo que não necessita de ser original.

2. Considera importante o estudo da arquitectura popular como fonte de inspiração?

Como referi anteriormente, preocupo-me em conhecer. Como me interessa muito as construções que utilizam e sobretudo utilizaram madeira, automaticamente tenho que analisar a arquitectura vernacular sobretudo porque usam tecnologias de grande qualidade onde não há lugar a excessos, onde há um grande conhecimento e respeito pelos materiais. Nos últimos anos a madeira teve um descrédito relativamente a outros materiais ditos perenes e solução para todos os problemas da construção. A História diz que não é assim.

3. Quais os motivos que levaram à elevação da casa sobre pilares?

Como já referi o terreno onde poderíamos construir, um velho campo de ténis, tinha/tem uma implantação que não permite a vista sobre o espelho de água. O acesso faz-se subindo o monte, desde a estrada do Gerês, voltando a descer até perto do velho campo de ténis. A diferença de cota entre o velho campo de ténis e o pequeno largo onde termina o caminho era muito grande. A minha proposta foi de elevar o volume da casa de modo que este ficasse entre as duas cotas que condicionavam o projecto. O cliente gostou e aprovou.

4. Encontra potencialidades na utilização de palafitas?

Todas as construções deveriam ser sobre "palafitas"! A elevação da construção é fundamental para a garantia de uma boa ventilação e logo a garantia de uma construção saudável e com reduzidos problemas patológicos. Obviamente estas "palafitas" podem ser reduzidas a uma dimensão quase imperceptível, mas que deveriam ser elevadas deveriam. Para além disso e no caso da Casa de Adropeixe o volume está definido e sem que seja esse o desejo ou necessidade do proprietário, é sempre possível uma ampliação sem que muito fique alterado.

CONSTRUÇÕES SOBRE PALAFITAS:

Do Inquérito à Arquitectura Regional à Contemporaneidade

Setembro, 2011